



# **ADEMIR ROSA**

**Paixão pela arte, paixão pela vida**

PEDRO UCZAI (Org.)





*“Nunca se pensava que a cultura  
poderia transformar a cabeça de  
alguém. Mas é um engano. Pode-se  
fazer leituras incríveis através da  
literatura, da poesia, do teatro, da  
música... Precisamos ser  
diferentes.”*

Ademir Rosa - 1995

**Organizador**

Pedro Uczai

**Edição**

Adriane Canan

**Produção**

Santina Marafon

Edilma Guimarães Rosa

**Revisão**

Giovanni Secco

**Capa**

Cristiane Cardoso

*Sobre foto de Ademir Rosa em 1977. Foto do arquivo pessoal de Ademir.*

**Tratamento de imagens**

Léia Mendes Cook

**Projeto gráfico e editoração**

Cristiane Cardoso

**Digitação**

Isabel de Oliveira Duarte

Luci Melo Machado Filha

**Impressão e acabamento**

Gráfica Imprimax

**Fotos**

Não conseguimos identificar a autoria de muitas das fotos utilizadas no livro, cedidas pela esposa de Ademir Rosa. Constarão nos créditos como pertencentes ao arquivo pessoal de Ademir Rosa. As demais estarão devidamente identificadas.

**1ª Edição**  
**Março de 2007**

# **ADEMIR ROSA**

**Paixão pela arte, paixão pela vida**

**Pedro Uczai**

Organizador

1ª EDIÇÃO

Florianópolis, março de 2007

A231 Ademir Rosa : paixão pela arte, paixão pela  
vida / Pedro Uczai (Org.).-- 1. ed.--  
Florianópolis : [s.n.], 2007.  
347 p.

1. Rosa, Ademir – Biografia. 2. Teatro.  
I. Uczai, Pedro. II. Título

CDD – 927.92028

Ficha catalográfica elaborada por Terezinha A. Loch CRB 14/705

# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>1º Ato - Fragmentos de uma trajetória</b>	
Ademir: ator .....	17
<i>Ademir Rosa e o Grupo Armação - Por Édio Nunes .....</i>	18
<i>Ademir Rosa: ator como poucos - Por Zeula Soares .....</i>	33
<i>Saudades daquele tempo - Por Paulo R. Rocha .....</i>	40
<i>Ademir e a criação de O Dromedário Loquaz - Por Eve Nunes .....</i>	42
<i>Um discurso para Ademir - Por Piero Falci .....</i>	44
Edilma Guimarães Rosa, a grande companheira .....	48
<i>Vivíamos juntos seus personagens - Por Edilma Guimarães Rosa .....</i>	49
A travessia da ponte, os medos, os amigos .....	67
<i>A estrela vermelha chegou ao céu - Por Augusto Sousa .....</i>	69
<i>Ele adorava "Sonho de Valsa" - Por Elizabeth Farias .....</i>	70
<i>Ao Ademir, rosa.</i>	
<i>De: Dino, companheiro de estrada - Por Dinivaldo Gilioli .....</i>	72
<i>Ademir: marxismo cheio de poesia - Por Márlcio Silveira da Silva .....</i>	73
<i>Obrigado, Ademir! - Por Zeca Nunes Pires .....</i>	75
Pioneiro no PT .....	78
<i>Paixão pela arte, pela luta e pela vida - Por Murilo Silva .....</i>	79
<i>Ademir Rosa é o pôr-do-sol</i>	
<i>no Koxixo's da Beira Mar - Por Ideli Salvatti .....</i>	81



Um armazém chamado Estrela .....	83
<i>Do Núcleo de Base do PT no bairro do Estreito</i>	
<i>até o Armazém Estrela na campanha de TV - Por Nazário Belli .....</i>	84
11 anos do PT .....	88
<i>Ademir Rosa – Um cidadão</i>	
<i>da Arte-Militante - Por Francisco Veríssimo .....</i>	89
Sempre militante da cultura .....	95
<i>O Rosa do povo - Por Antônio Cunha .....</i>	96
Luta pela terra .....	98
<i>Meu caro Ademir, sua indignação</i>	
<i>está nos fazendo falta - Por João Pedro Stédile .....</i>	102
1994 - O sindicalista desabafa .....	105
<i>O Sindicalista - Por Hélio Silva .....</i>	107
A Estória .....	120
<i>Memória emotiva: Ademir Rosa</i>	
<i>na pele feminina - Por Carmen Lúcia Fossari .....</i>	122
<i>Ademir Einstein, ator do coração alegórico - Por Fátima Lima .....</i>	128
1995 - Sempre estudante .....	133
<i>Dom Quixote sobre o moinho</i>	
<i>acadêmico - Por Janine Koneski de Abreu .....</i>	135
<i>Lembranças de um</i>	
<i>“ator garimpeiro” - Por Valmor Níni Beltrame .....</i>	142
1996 - Eleições em Florianópolis .....	147

## **2º Ato - Ademir, nas próprias palavras**

Ator-militante ou militante-ator? .....	151
<i>Teatro didático de Bertolt Brecht na preparação do ator:     minha experiência em Florianópolis – Por Ademir Rosa (1995) .....</i>	157

## **3º Ato - O Autor**

Ademir: autor .....	167
<i>A Estória .....</i>	169
<i>Os Lobos .....</i>	193
<i>O Dia em que os Porcos Comerão Sal .....</i>	221
<i>Fragmentos .....</i>	259
<i>O Que a Vida Fez de Mim, de Nós .....</i>	287
<i>Terra de Animação .....</i>	325

## **4º Ato - Paixão pela arte**

Um ator, muitos personagens .....	339
-----------------------------------	-----

## **5º Ato - Time do coração**

Na concentração .....	345
-----------------------	-----



## *Introdução*

Tempo presente. A história de Ademir Rosa exige o uso do tempo presente e da narrativa não-linear, assim como um bom texto escrito para o teatro, que, mesmo levado aos palcos em períodos históricos distintos, permanece sempre atual (como tantos que ele teve em mãos e através dos quais se transformou em personagem!). Este livro é uma construção coletiva que pretende falar de um homem com ideais, sonhos e fé na luta por um projeto de sociedade justa e fraterna que nunca perderão a atualidade. É um livro que não trata da perda, mas da permanência, do carinho e da luta.

Amigo intenso, ator apaixonado, humanista irredutível, militante aguerrido, sindicalista, autor. Filho, irmão, marido, vizinho, medroso, desafiador, bem humorado, filósofo do cotidiano, encenqueiro, defensor da justiça, jogador de futebol do Unidos do Campeche. Vários e um só homem. Ademir está presente. Nem fraco, nem forte. Intenso. A não-presença, dez anos depois de sua morte, ocorrida em 1997, depois de três anos de luta contra o câncer, é apenas física.

Quem conviveu com ele, como contam os amigos, a esposa Edilma, os familiares, sabe que a qualquer momento ele pode aparecer numa intervenção questionadora, talvez do tipo:

– Que tempo é este que estamos vivendo? Que rumo estamos tomando?

## Introdução

Ou, irônico e sagaz, brincando com a vida, respondendo a algum desprevenido:

- Que bronzeado, Ademir! Muita praia?
- Não, ponto de ônibus mesmo.

Que bom que Ademir possa nos proporcionar uma reflexão sobre seus atos, suas posições, seus medos, suas paixões, seu bom humor. Que bom se, a partir desta reflexão, voltarmos o olhar para nós mesmos, para o momento atual, para os papéis de cada um.

Ele deixou marcas profundas.

Seja nos palcos, nas ruas, em cima da carroceria de um caminhão ou nas romarias da terra como ator, a grande paixão de sua vida.

Seja na militância no Partido dos Trabalhadores, onde sempre se destacou pela atuação veemente, pioneiro que foi na fundação do PT em Santa Catarina.

Seja como sociólogo ou como professor, homenageado por uma turma em 1988, dividindo espaço no convite de formatura com os desenhos de Henfil e com os dizeres “Homenageamos, pois, todos aqueles que, no decorrer de suas vidas, não se vergam diante do opressor, nem dos obstáculos, pois acreditam na justiça e na vida. Julgamos que estes são os imprescindíveis”.

Seja no sindicalismo, onde, representando os companheiros trabalhadores da Previdência, deixou sua marca, como relata Hélio Sérgio Silva no Jornal do Sindprevs/SC de 1997: “Sindicalista sempre, provocava do riso à reflexão nas assembleias da categoria. Sempre teve uma visão de base mesmo enquanto dirigente, o que lhe trouxe algumas



Ademir Rosa em Blumenau, num banco de praça com um amigo, antes da peça *Está Lá Fora um Inspetor*.

incompreensões”.<sup>1</sup>

Seja como amigo e vizinho, sempre querendo todos em volta, por perto, avesso que era ao individualismo.

A expropriação da memória é uma das mais terríveis agressões que a “história oficial” nos impõe. Por isso, refletir e teorizar sobre experiências construídas, sem a pretensão de erguer bustos para heróis, mas com a sensibilidade da partilha, é um caminho importante para novos valores e projetos. Imprescindíveis, sempre, os que se contrapõem ao *status quo*.

Quando, em 1997, a partir de uma idéia amadurecida entre amigos, companheiros, colegas de teatro, apresentamos na Assembléia Legislativa

<sup>1</sup> Jornal do Sindprevs/SC, número 12, abril de 1997.

## **Introdução**

um projeto para dar ao Teatro do Centro Integrado de Cultura o nome de Ademir Rosa, houve o questionamento: talvez Ademir não gostasse da homenagem, pois se sentia bem mesmo era em espaços alternativos. Mas, no consenso, decidimos por lutar pela aprovação do projeto, pois o nome de Ademir naquele espaço representava, e representa, uma conquista da categoria e uma maneira especial de pensar a cultura.

Neste livro, escrito a muitas mãos, resultado de pesquisas, de conversas entre tantas e tantas pessoas, alguns destes momentos da vida de Ademir estão presentes. Ênfase: presentes não só no sentido literal, mas simbólico, idealista, de conceito atual. A esposa, Edilma, os amigos tantos do Ademir, familiares, companheiros do PT, colegas de aula, do sindicalismo, do futebol, da vida, enfim, têm aqui um pedacinho de história, em cada um dos atos deste companheiro. Seus escritos, as peças e filmes de que participou, entrevistas, fotos que registram cada ato, como em um espetáculo de teatro. Ademir Rosa, companheiro, presente!

*Pedro Uczai*

# 1º ATO

**Fragmentos de uma trajetória**





## Ademir: ator

Estamos em Florianópolis, no final dos anos 1960. O Brasil vive um dos momentos mais duros da repressão. Na capital catarinense, a travessia do Continente até a Ilha ainda se faz pela Ponte Hercílio Luz. Um grupo de jovens, moradores do Estreito, quase todos estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, tem em comum a necessidade de buscar alternativas de diversão, de estudo, de inserção cultural. Ademir Rosa faz parte desse grupo. Ele e o irmão, Aristeu. São moços e querem expressar idéias, sentimentos. É nesse momento que, reunidos no espaço proporcionado pelo Serviço Social da Indústria – SESI, eles começam a experimentar o teatro. Para Ademir, a descoberta de um amor para toda a vida: atuar.

Nasce o ator Ademir Rosa.

ARQUIVO PESSOAL



Grupo de atores do SESI, em Arcozelo, Rio de Janeiro, para a apresentação da peça *O Santo Inquirito* no Festival de Teatro Estudantil. No chão, à esquerda, Ademir Rosa.

## ***Ademir Rosa e o Grupo Armação***

Por  
ÉDIO NUNES

À época, Odília Carreirão Ortiga, que fora diretora do extinto Teatro Universitário de Santa Catarina – TUSC, havia sido contratada para liderar o grupo de teatro do Serviço Social do Comércio – SESC e agregou diversos atores, entre eles Édio Nunes, Zeula Soares, Fernando Luiz Andrade e Celso Nunes Nascimento.

Recebeu convite para montar uma peça pelo Serviço Social da Indústria – SESI e levou-nos junto, integrando-nos a um grupo de jovens que se dispunha a fazer teatro. Era final dos anos 60, e eu, do “alto” dos meus 25 anos, me encontrei com aqueles meninos ao redor dos 20, todos praticamente sem qualquer experiência teatral, mas imbuídos de muita vontade, disposição e disciplina.

Conheci então o Aristeu, o Ronaldo, o Edson “Magrão”, o Nazareno e o Ademir, os que a memória me permite recordar. Entre eles destacou-se logo o Ademir, sem dúvida e imediatamente reconhecido pela Odília como o mais talentoso.

Iniciava-se, então, uma relação que, felizmente, extrapolou os limites do palco e me permitiu uma verdadeira parceria de vida. Eu tenho o prazer de ter sido, talvez, o maior parceiro teatral do Ademir.

Esta primeira montagem que fizemos juntos no SESI acabou estreando em 1969, mantendo-se ainda em 1970: *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes; ele era Augusto Coutinho, eu, o Padre Bernardo.

Naquela época, o Embaixador Paschoal Carlos Magno, uma espécie de Ministro da Cultura do Brasil “oficioso”, produzia em Arcozelo, no Rio de Janeiro, um festival de teatro estudantil e percorria o Brasil selecionando as peças que o integrariam. *O Santo Inquérito* foi selecionado e nós fomos apresentá-lo. Para nossa surpresa e angústia da di-

ARQUIVO PESSOAL



Ademir careca,  
vítima do trote  
do vestibular.



1972: surge pela primeira vez o nome Grupo Armação, em torno da montagem da peça *Contestado*, de Romário Borelli, com direção de Augusto Sousa.

retora, o Ademir apareceu careca, pois havia sido aprovado no vestibular e submetido ao trote tradicional. Como “solução” ele trouxe uma peruca horrorosa, que, entendia ele, supriria a calvície temporária. Felizmente seu talento interpretativo superou a descaracterização física do personagem.

Eu dei uma parada temporária na minha atividade teatral, mas o Ademir assumiu com vigor sua nova faceta. Passou a integrar um grupo junto à Universidade enquanto eu me dedicava à atividade desportiva.

Em 1972 surge, pela primeira vez, o nome Grupo Armação. Foi uma tentativa de profissionalização do teatro em Santa Catarina, em torno da montagem de *Contestado*, de Romário Borelli, com direção de Augusto Sousa. O Ademir compôs o elenco, na qualidade de ator substituto, e tem seu nome incluído entre os primeiros que compuseram esse tradicional grupo teatral.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Interessante transcrever texto de Maura Soares, de seu trabalho “O Teatro no Contexto da História Catarinense - *Contestado*”, a respeito da trajetória da peça.

“Ademir Rosa, que substituiu um dos atores da peça, relembra sua passagem pelo elenco. Disse-nos que participou da montagem realizada no Teatro Trapiche, com temporada longa, em se tratando de grupo de teatro florianopolitano, que, em geral, as peças locais não duravam muito tempo em cartaz tal a ausência de público para prestigiar as coisas da terra. Depois do Trapiche foram feitas apresentações no Teatro Álvaro de Carvalho -TAC.

Episódio marcante, ele relata, sobre um fim de semana (duas apresentações), que o grupo faria em Rio do Sul - terra do autor - e Blumenau.

A chuva caía torrencialmente e só metade do elenco se apresentou. Fizeram o espetáculo sem as presenças do autor, que estava em São Paulo, e do diretor, que, igualmente com outros do elenco, não compareceu para a viagem a Rio do Sul, local da primeira montagem. Atritos entre o diretor Augusto Sousa e o autor Borelli já se faziam sentir; fato esse que motivou o seu não-comparecimento, tanto em Rio do Sul quanto em Blumenau.

Partiram, então, para Blumenau, ainda sob forte chuva. Na rodoviária de Blumenau, famintos, sonados e, evidentemente, sem dinheiro, o grupo era a expressão do desânimo.

Cada um dos atores carregava seu mosquetão - elemento de cena -, tendo sido, na ocasião, confundidos com jagunços (tal os andrajos da trupe), que até assustaram os usuários da rodoviária, na madrugada.

O espetáculo foi amplamente divulgado pela imprensa (o Jornal de Santa Catarina fez matéria de página inteira) e - informa Ademir - com 75% da capacidade do Teatro Carlos Gomes vendida.

Mas o espetáculo não aconteceu em Blumenau. Sem os músicos, só com a metade do elenco, chuva torrencial, desanimados, não havia clima para espetáculo algum. Cada qual tratou, então, às suas expensas, de retornar a Florianópolis.”



Reencontramo-nos em 1974, novamente com a direção de Odília Carreirão Ortiga, no desenvolvimento de um projeto de montagem do texto *Está Lá Fora Um Inspetor*, de J. B. Priestley. Odília não se manteve no comando do projeto, e o Ademir trouxe Jason César para assumir a direção do trabalho.

Nessa época eu era muito amigo de Antônio Carlos Lehmkuhl, então Diretor Cultural do Clube Recreativo 6 de Janeiro e meu companheiro de Secretaria da Fazenda. Ele foi sensibilizado pela idéia de o Clube assumir a produção da peça, que passou a ter a simpatia do Presidente Lúcio Martins. Estreamos a peça naquele ano, sob a égide do Clube 6, e projetamos nova temporada para 1975. O elenco era composto de Ademir Rosa, José Carlos Ramos, Zeula Soares, Édio Nunes, José Antônio Simal, Maria Lizete e Soila Jane Pegoraro.

*Está Lá Fora Um Inspetor*, de J. B. Priestley, com direção de Jason César. Montagem de 1974, com Ademir Rosa, Édio Nunes, Zeula Soares, José Carlos Ramos, José A. Simal, Maria Lizete, Maria Luíza de Fávéri e Soila Jane Pegoraro.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Entretanto, alteração na Diretoria do Clube 6 determinou o cancelamento do projeto de teatro e ficamos sem a cobertura do clube para a continuidade da temporada.

Resolvemos encarar a criação de uma companhia própria. Como o Ademir havia participado da temporada de *Contestado*, sugeriu que a denominação da nova entidade abrigasse o nome de Grupo Armação.

O Augusto Sousa, que estava de volta a Florianópolis, foi contatado e não ofertou nenhuma objeção quanto à utilização do nome Grupo Armação. Sugeriu, contudo, que se mantivesse contato com o Romário Borelli, que também não se opôs ao pretendido.

A nova temporada de *Está Lá Fora Um Inspetor*, realizada no Teatro Álvaro de Carvalho, já continha a referência de ser uma produção do Grupo Armação. O elenco se manteve, exceção à Maria Lizete, substituída por Maria Luíza de Fáveri, remanescente da montagem de *Contestado*.

Esse espetáculo guarda um incidente/acidente que demonstra bem o caráter profissional do Ademir. O Teatro Álvaro de Carvalho possui um túnel (acesso de serviço) que faz a ligação entre seu "hall" de entrada e o palco. O personagem do Ademir - Eric, filho do casal proprietário de determinada indústria -, após participação normal no 1º ato da peça, retornava somente no encerramento do 2º ato, semibêbado e aparentando certo desgaste físico. O Ademir ficava, então, na escada do túnel, exercitando-se num subir e descer, até o momento de sua entrada em cena. Para surpresa nossa, que estávamos em cena, em determinada apresentação ele surge com a cabeça coberta por um grande curativo. Soubemos, então, que no seu exercício ele batera com a cabeça no teto do túnel, gerando um grande sangramento, e fora medicado superficialmente na farmácia que havia nos fundos do Teatro. O espetáculo continuou e ao longo do 3º ato percebíamos o sangue escorrendo de sua cabeça. Ele participou normalmente do espetáculo até o seu encerramento. Logo que fechou o pano, levamos o Ademir à emergência do Hospital de Caridade e ele teve que levar 12 pontos na cabeça, o que provava a gravidade de seu ferimento.

Oficialmente, o Grupo Armação foi criado em 11 de agosto de 1975,



ARQUIVO PESSOAL

num casarão localizado na Rua Esteves Júnior, em frente à antiga Faculdade de Direito, hoje já demolido. Lá funcionava uma pensão para estudantes, entre eles alguns dos fundadores do Grupo Armação.

Estavam presentes e assinaram a ata de fundação Ademir Rosa, Édio Nunes, Zeula Soares, Beto Westphal, Chico De Nez, José Augusto Simal, Zica Vieira, Maria Luiza De Fáveri, Soila Jane Pegoraro, José Pio Borges, Márcio Schütz, José Carlos Ramos, Maura Soares e Jane Bertola. A primeira Diretoria foi eleita e empossada com o mandato de dois anos, cabendo a Presidência a Ademir Rosa.

O projeto seguinte e imediato foi a montagem do texto *Caminho de Volta*, de Consuelo de Castro, que havia ofertado à autora o prêmio "Molière". Esse texto nos foi sugerido pelo Beto Westphal, através de uma indicação da Vera Collaço. Sua montagem foi um verdadeiro exercício de resistência física.

O Augusto Sousa reencontrara um antigo teatro no Educandário 25 de Novembro (ex-Abrigo de Menores), localizado no bairro da Agrônômica, pró-

*Caminho de Volta*, de Consuelo de Castro, com direção de Augusto Sousa. A montagem veio logo após a criação oficial do Grupo Armação, em 11 de agosto de 1975. Ademir era "Cabecinha de Ouro".



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

ximo à residência do Governador. Toda noite, entre segunda e sexta-feira, lá íamos nós, Zeula Soares, José Carlos Ramos, Édio Nunes, Ademir Rosa e Waldir Brazil (que estreava no Grupo Armação) ensaiar até a madrugada, enquanto o Zica Vieira e o Beto Maciel trabalhavam na implantação da parte elétrica.



*Caminho de Volta.*

O espetáculo aconteceu, manteve-se em temporada e depois foi apresentado no Teatro Álvaro de Carvalho. A última apresentação ocorreu em Brusque e ali aconteceu um dos momentos mágicos que o teatro oferta. Sem podermos ter ensaiado após um razoável tempo de paralisação, pois o Ademir estava fazendo pós-graduação no Rio Grande do Sul, enquanto nos preparávamos para a apresentação fomos “bater texto”, expressão usada para lembrarmos o texto da peça. Sem exceção, todos nós estávamos claudicantes e com esquecimentos diversos do texto. A apresentação, contudo, ocorreu normalmente, sem nenhum deslize, e foi uma das

melhores encenações que fizemos de *Caminho de Volta*.

*Caminho de Volta* foi apresentado na temporada 1975/76, época em que a censura era exercitada com rigor e discricionariamente. Tínhamos que submeter o texto à censura em Brasília e após análise, que poderia determinar cortes e determinava a faixa etária para a qual o espetáculo

poderia ser apresentado, éramos obrigados, às vésperas da estréia, a fazer um ensaio para a censura local.

Enquanto rolava o ensaio, o Ademir, assustadíssimo, quando fora de cena, reclamava que o “censor” (um funcionário administrativo da Polícia Federal) não tirava os olhos dele e entendia que isso pudesse ter a ver com suas convicções político-ideológicas. Para surpresa nossa e alívio do Ademir, ao encerramento do ensaio, o pseudocensor vira-se para ele e afirma indagando: “Eu te conheço. Tu não jogas futebol?”. E a uma resposta afirmativa do Ademir, ele complementa: “Eu estava te reconhecendo. Uma vez, tu não fizeste um gol do meio do campo, lá no Corinthians do Pantanal?”. O Ademir concordou e ainda passou a se sentir como um novo Pelé.

O personagem defendido pelo Ademir, Cabecinha de Ouro, um marqueteiro genial e problemático, foi um dos grandes trabalhos de sua carreira.

Sua próxima participação direta em um trabalho do Grupo Armação veio a ocorrer com a montagem de *Clitemnestra Vive*, de Marcos Caroli Rezende, um profissional do Rio de Janeiro que cursava pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, numa área de ciências físicas, mas que também exercitava seu lado humanista no campo da literatura. Ele participou de um concurso de textos teatrais no Sul do país, promovido pelo então Serviço Nacional de Teatro – SNT, e foi premiado. Uma parte do prêmio era voltada para a montagem do espetáculo. Ele nos escolheu por já conhecer nossos trabalhos anteriores. A direção foi de Augusto Sousa.

O elenco era grande e composto de Albertina Prates, Cida Poeta, Chico De Nez, Waldir Brazil, Zica Vieira, Ricardo Goulart, José Carlos Ramos, Marise Maravalhas, Nádia Garcia, Marilene Pereira, Eliane Pereira, Mirdney Jensen, Jane Mara da Costa e Rosilda do Carmo Irmani, sob a direção de Augusto Sousa. Após uma razoável temporada, que incluiu Florianópolis (TAC), Criciúma, Blumenau e Curitiba (PR), o espetáculo foi selecionado para compor o 1º Projeto Mambembão, promoção do SNT, que consistia na apresentação de grupos das mais diversas par-

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

tes do Brasil, no eixo Rio/São Paulo.

Um dos atores que compunha o grupo de corifeus, José Carlos Ramos, não pôde viajar por problemas profissionais, e o Ademir substituiu-o naquelas apresentações; uma semana no Rio de Janeiro e outra em São Paulo, isso no mês de janeiro de 1978.

O espetáculo seguinte do Armação, *Um Grito Parado no Ar*, de Gianfrancesco Guarnieri, contou com a participação do Ademir, mas também sem que ele constasse do elenco originalmente escolhido pelo diretor. Era a primeira incursão do Paulo Rocha no Grupo Armação. Escolhemos o texto e o convidamos para a direção do espetáculo. O Paulo aceitou e pediu liberdade para efetuar a composição do elenco.

*Clitemnestra Vive*, de Marcos Caroli Rezende, novamente com direção de Augusto Sousa, entre 1977/1978, foi selecionado e participou do 1º Projeto Mambembão, promovido pelo Serviço Nacional de Teatro - SNT. Ademir substituiu o ator José Carlos Ramos em apresentações em São Paulo e no Rio de Janeiro.



ARQUIVO PESSOAL

Até a definição final do elenco, entretanto, foram várias as alterações; inicialmente o Paulo elencou para o espetáculo o seguinte grupo de atores: Zeula Soares, Ivonita Souza, Beto Westphal, Édio Nunes, Waldir Brazil e Eliete Souza. Ao longo dos ensaios foram sendo feitas adequações, por opção da direção ou por problemas pessoais dos atores.

Ivonita foi substituída por Cida Poeta, que mais tarde deu lugar a Marise Maravalhas; na ausência de Waldir Brazil, assumiu Zica Vieira; e a lacuna de Beto Westphal inicialmente foi suprida por José Carlos Ramos e finalmente por Ademir Rosa. Com tantas alterações, o elenco de estréia estava composto de Édio Nunes, Zeula Soares, Marise Maravalhas, Ademir Rosa, Zica Vieira e Eliete Souza. Embora tendo sido o último a ingressar no elen-

ARQUIVO PESSOAL



*Um Grito Parado no Ar, de Gianfrancesco Guarnieri; montagem do Grupo Armação, em 1978, com direção de Paulo Rocha. O personagem "Augusto", interpretado por Ademir Rosa, era um dos destaques.*

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

co, o personagem Augusto, representado pelo Ademir, era um dos destaques da montagem.

Essa montagem guarda uma passagem, no mínimo, interessante: numa das apresentações programadas dentro da temporada no Teatro Álvaro de Carvalho, presentes todos os atores, técnicos e público, o teatro se manteve fechado em razão da ausência do funcionário que detinha a chave da sua porta central. O espetáculo foi cancelado e o Ademir, logicamente furioso, fez uma chamada para o jornal O Estado, que compareceu ao local e divulgou o fato. O diretor, nosso amigo, que só soube do acontecido no dia seguinte, ficou inicialmente magoado conosco pela divulgação ocorrida, mas, posteriormente, entendeu que aquilo era, efetivamente, uma interessante matéria jornalística.

Guarnieri voltou a ser o autor do espetáculo seguinte do Armação. *Eles Não Usam Black-Tie* foi o texto escolhido para a temporada 1979/80, por sugestão do Ademir, sem que ele participasse do elenco.

Também em 1980 o grupo viria a montar *Oração Para um Pé-de-Chinelo*, texto de Plínio Marcos. A montagem foi uma indicação do Ademir, que queria ver em cena personagens marginalizados. O elenco era composto por ele, Zica Vieira e Lillian Dell'Antonio, atriz que o Ademir descobrira e trouxera para o Armação quando da montagem de *Eles Não Usam Black-Tie*, e tinha a direção de Nelson Machado.

Com *Oração Para Um Pé-de-Chinelo*, o Ademir recebeu o troféu "Bastidores" de 1980, na categoria de melhor ator. Essa premiação havia sido instituída em 1978 pelo produtor cultural Valdir Dutra e objetivava premiar e incentivar o teatro de Florianópolis.

O Ademir, então, procura novos espaços e deixa o Grupo Armação. É um dos líderes de um novo movimento que cria o Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz, que, sob a direção artística de Isnard Azevedo, viria a se caracterizar pela busca de espaços alternativos para as suas apresentações. A estréia do "Dromedário" ocorreria em 1981, com a peça *A Importância de Estar de Acordo*, de Bertolt Brecht. No elenco, além do Ademir, estavam Piero Falci, Lillian Dell'Antonio e Jane Goeth.

A história dos dois grupos, contudo, viria a efetivar uma constante parceria, consubstanciada na troca e utilização de atores e técnicos ao longo de suas existências.

O retorno oficial do Ademir a uma produção do Grupo Armação dar-se-ia somente em 1986, quando da montagem de *O Inspetor Geral*, comédia clássica de Nicolai Gogol, levada à cena sob a direção de Norton Makowiecky.

A dificuldade para a formação do elenco foi grande; eram dezesseis personagens, e até a fixação final dos atores muitas substituições ocorreram. Uma delas, de repercussão talvez maior, decorreu da desistência, por motivos particulares, de Waldir Brazil, que representaria o personagem Anton Antonovitch Skoznik-Dmukhanovski, o Governador de uma pequena cidade no interior da Rússia. A estréia já não estava tão distante, e o personagem enfocado é um dos protagonistas da peça.

ARQUIVO PESSOAL



Elenco da peça *Um Grito Parado no Ar*, de 1978; Ademir Rosa, Zeula Soares, Édio Nunes, Eliete Souza, Zica Vieira e Marize Maravalhas.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

O Ademir atendeu a um apelo nosso e imediatamente assumiu a substituição, com seus tradicionais talento e garra, participando de toda a temporada do espetáculo, inclusive no Festival Brasileiro de Teatro de São José do Rio Preto. Nesse festival, Ademir e a atriz Sandra Ouriques só puderam chegar poucas horas antes da nossa apresentação, em razão de atraso do ônibus que os levaria até lá, já que, por razões funcionais, não puderam viajar antecipadamente com o grupo.

O elenco da peça era composto de Ademir Rosa, Moacyr Martins, Pig Lunelli, Tarcísio Agostin, Sandra Ouriques, Berna Sant'Anna, Rosana Stopassolli, Jonira Ramos, Chico De Nez, Domingos Pereira, Édio Nunes, Kiko Teixeira e Zeula Soares, os três últimos dobrando personagens, diante da dificuldade em se formar o elenco.

Em 1986 o Grupo Armação viria a obter, por concessão de uso (comodato), um imóvel situado na Praça XV de Novembro, centro histórico de Florianópolis. O imóvel fora desapropriado pelo Governo do Estado para fins culturais e cedido ao Grupo Armação "para guarda de seu acervo".

O grupo entendeu, contudo, que a localização do imóvel determinava um uso mais nobre e, dentro de suas possibilidades e limitações, resolveu transformar o local em um novo espaço cultural da cidade. Iniciou por denominar o espaço como "Casa do Teatro" e resolveu adequá-lo para um teatro de bolso.

O espaço, antes de ser cedido ao Grupo Armação, abrigava um restaurante/bar e da sua estrutura física interna constava, evidentemente, um balcão. O texto escolhido pelo grupo, em 1988, foi *Os Órfãos de Jânio*, de Millôr Fernandes, que fazia uma análise crítica do Brasil pós-renúncia de Jânio Quadros, e a ação da peça era sediada em um bar.

A direção do espetáculo coube novamente a Paulo Rocha, que, aliando sua condição de diretor de teatro à sua formação profissional em arquitetura, adequou o espaço ao tema proposto, contando com os trabalhos cenográficos de Neno Brazil.

O espetáculo estreou em 1988, contando no elenco com o próprio Paulo Rocha, além de Juval Nahas, Zeula Soares, Albertina Prates, Ariane Ewald e Édio Nunes. Mais uma vez, por desistência de um dos atores - Juval

Nahas -, contamos com a presença do Ademir, que passou a integrar o elenco e participar de uma das mais longas temporadas que o Armação desenvolveu. A peça foi apresentada até 1990, inclusive sendo adaptada para espaços maiores, como o palco do Teatro Álvaro de Carvalho.

Ainda em 1990, haveria a montagem de um espetáculo que, se na época não foi montado como produção do Grupo Armação, hoje integra o currículo da entidade, em face do envolvimento dos seus integrantes, praticamente todos pertencentes aos quadros do grupo: *PT - 11 Anos*, de autoria de Chico Veríssimo, com direção de Ademir Rosa, contava, em doses de emoção e humor, a trajetória do Partido dos Trabalhadores em Santa Catarina.

No elenco, além do Chico e do Ademir, estavam Zeula Soares, Zica Vieira, Sandra Ouriques, Édio Nunes, Antônio Cunha e Miriam W. Cunha.

A peça foi apresentada no Teatro da Universidade Federal de Santa Catarina, durante um congresso estadual partidário e, posteriormente, em Caçador.

Em 1995, terminaria a participação do Ademir como ator do Grupo Armação. Sob a direção de Carmen Fossari e numa produção conjunta com o Grupo Pesquisa Teatro Novo, encenamos *A Estória*, texto do próprio Ademir, que compunha o elenco juntamente com Édio Nunes, fechando, no Grupo Armação, uma longa e prazerosa parceria.

Os ensaios ocorriam pelo período matinal, no Teatro da Universidade Federal de Santa Catarina (Igrejinha), e num determinado dia suspendemos momentaneamente os trabalhos para, maravilhados, assistirmos, na praça da Trindade, a um eclipse total do Sol, creio que o último integralmente visto em nossa cidade.

A atuação do Ademir representando um personagem "mulher" foi magnífica e de extrema dignidade, conseguindo fugir de um arquétipo vulgar que poderia facilmente ocorrer.

O espetáculo foi apresentado no Museu de Arte de Santa Catarina - MASC, na sala climatizada Harry Lãus, sendo a primeira interação entre teatro e museu que ocorreu naquele espaço.

Merece registro um fato acontecido: havíamos contratado para fazer a



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

assessoria de comunicação do projeto a jornalista Tayana Cardoso de Oliveira, profissional de competência comprovada. Ela conseguiu um feito que, na minha história teatral, não tem paralelo: uma coletiva para o lançamento da peça, em que se fizeram presentes todos os veículos da mídia impressa e televisiva da cidade. A coletiva ocorria no próprio espaço cênico da peça, ou seja, a Sala Harry Laus. Ao longo da entrevista caiu uma chuva torrencial, que inundou várias áreas do Centro Integrado de Cultura – CIC, mostrando as deficiências físicas daquele local. A nossa coletiva, então, serviu para gerar outra matéria, de grande repercussão na ocasião.

Ainda em vida, o Ademir pretendeu efetivar a montagem de mais um dos seus trabalhos autorais. *Os Lobos* enfocava, em princípio, dois personagens, que seríamos eu, Édio Nunes, e Waldir Brazil. O texto fazia referências a situações familiares que nos identificavam com os personagens, da mesma forma que incluía o Augusto Sousa como o diretor. Era uma “brincadeira” do autor que homenageava três amigos que compartilharam por tanto tempo a mesma atividade e se conheceram praticamente dentro do Grupo Armação.

Começamos os ensaios, mas, por um desses caprichos do destino, não conseguimos efetivar a montagem. Ficou aquele sabor de desconforto e de dívida para com o amigo. Felizmente, essa dívida viria a ser saldada e, em 1998, sob a direção de Nivaldo Mattos e contando no elenco com Waldir Brazil e Zica Vieira, o Grupo Armação, com a concepção cênica de Neno Brazil, adaptava os fundos de sua casa, agregados ao quintal da casa do Círculo Italo-Brasileiro, criando um novo espaço cultural na cidade e desenvolvendo uma temporada razoavelmente longa de *Os Lobos*, de Ademir Rosa.

Eu teria, ainda, uma última atividade que caracterizaria a nossa parceria teatral. Numa missa realizada em sua homenagem, após seu falecimento, o Grupo A apresentou, no adro da Catedral Metropolitana, o último trabalho que contou com a participação do ator Ademir Rosa, *O Trem da História*, de Márlio Silveira da Silva, com direção de Fátima Lima. Coube-me substituir meu amigo/irmão no personagem “Cantador”, o último de sua rica trajetória teatral.

## ***Ademir Rosa: ator como poucos***

As pessoas que freqüentam o teatro do Centro Integrado de Cultura depararam-se com o nome impresso na parede: Teatro Ademir Rosa.

Por  
ZEULA SOARES

Não sabe a maioria dessas pessoas que a classe teatral teve que lutar para prestar homenagem a um de seus mais talentosos atores.

Foram várias incursões em gabinetes de políticos e reuniões para defesa do projeto que, ao seu final, foi vitorioso para nós que convivemos com Ademir e nos privamos de sua amizade.

Conhecendo-o bem, certamente não seria de seu agrado que um teatro “elitista”, como ele o considerava, recebesse seu nome. Certamente teria ficado muito mais feliz vendo seu nome impresso em um teatro menor, de periferia, mais próximo do povo que ele sempre enaltecia. Mas a homenagem precisava ser feita. E nós a fizemos.

Conheci o Ademir quando participei da montagem da peça *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Era um belo jovem, com uma vontade enorme de mostrar seu talento artístico. Sua figura esguia, sua tez morena, se sobressaia na camisa branca de mangas bufantes, com babados nos punhos. Era um suplício para ele. Apesar de sua vontade de atuar, não queria ser confundido com um “dandy” e vivia reclamando: “Vão pensar que sou bicha”. Mas vestia-se com a roupa do personagem e aceitava a brincadeira de outros atores que, como eu, já tinham mais experiência no ramo. Como todo jovem que entra em contato com pessoas mais experientes, Ademir mostrava-se tímido quando tinha que fazer uma cena em que acariciava meus cabelos, que à época eram muito longos. A diretora, Odília Carreirão Ortiga, para forçá-lo a fazer a cena, vivia dizendo: “Ademir, aproveita. Não vês que a Zeula gastou um vidro de shampoo para deixar o cabelo perfumado? Pega nos cabelos dela, cheira, faz um carinho”. Com certa relutância ele seguia as ordens da diretora. Nessa peça, seu irmão Aristeu, de saudosa memória, também atuou. Creio que foi sua única incursão nos palcos. Não lembro se ele fez outros trabalhos em teatro.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

A partir daquela encenação, Ademir não parou mais de fazer teatro. Era parte de sua vida. Onde quer que estivesse, dava um jeito de encenar um texto.

Tempos muito difíceis aqueles. Vivíamos a experiência de uma ditadura que punia com rigor qualquer manifestação artística considerada “subversiva”. Recentemente tomei conhecimento de que a peça acima mencionada foi alvo de muitas incursões do pessoal do SESI, que a patrocinava, aos órgãos da repressão. Fiquei sabendo que eles queriam proibir a encenação e só com muita conversa e provas de que a instituição patrocinadora não era contrária ao regime vigente foi que permitiram a montagem do espetáculo.

Em outras peças durante esse período, o grupo tinha que solicitar autorização para montar determinado espetáculo. Os textos tinham carimbo da censura e um ensaio geral especial era acompanhado por dois censores: um para olhar a encenação e verificar se os movimentos não tinham caráter subversivo, e outro, de texto na mão, cortando cada palavra desconhecida ou palavrão que o texto contivesse. Hoje, lembrando o fato, fazemos piada, mas, na época, ficávamos muito nervosos, pois não sabíamos se o espetáculo ensaiado durante tanto tempo poderia ser apresentado.

Quanto ao Ademir, era impressionante vê-lo em cena. Ele levava tão a sério sua performance que, certa feita, quando estávamos apresentando *Está Lá Fora Um Inspetor*, de J. B. Priestley, no Teatro Álvaro de Carvalho, num intervalo de cena dele, foi fazer laboratório no corredor que existe na lateral do teatro, abaixo do palco. Ele deveria voltar com ar cansado e embriagado. Para minha surpresa, no momento certo, ele entrou em cena com um curativo enorme na cabeça, com restos de sangue ainda escorrendo pela face. Quase desmaiei de susto. Eu fazia o papel de mãe dele. Soube depois que Ademir, ao pular no corredor, bateu com a cabeça na viga de sustentação, de cimento, causando-lhe um enorme corte. Foi socorrido por funcionários e pelo pessoal que fazia contra-regra e levado para uma farmácia localizada no prédio atrás do TAC. Só ao final do espetáculo foi fazer o tratamento adequado em hospital.

Em outra ocasião, na peça *Caminho de Volta*, outro exemplo do jovem

Ademir que respeitava seus colegas. Nós (ele e eu) deveríamos fazer uma cena de amor. Ambos éramos personagens que trabalhavam numa agência de publicidade e tínhamos um envolvimento amoroso. Na cena em questão, nós estávamos brigados, e eu, de porre, fazia um discurso sobre a vida e declamava Augusto dos Anjos. Ao final do texto, Ademir entrava em cena, tentava me recuperar da bebedeira e fazer a reconciliação. Aca-bávamos no chão do palco e ele se deitava sobre mim. Ficava tão nervoso que se o iluminador demorasse um segundo a mais para apagar as luzes ele sussurrava: "Desculpa, Zeula, mas esse cara tá de sacanagem. Já devia ter apagado a luz".

Assim era o Ademir. Respeitoso. Passional. Intenso. Vivia brigando com o mundo por justiça.

Quando achou que o Grupo Armação, que ajudou a fundar, não estava correspondendo aos anseios políticos que ele queria ver nas peças, juntou-se a outros atores e criou outro grupo: O Dromedário Loquaz. E assim ficou ele, entre os dois grupos, fazendo teatro, participando de peças que, no seu entender, tinham algo a dizer em termos de ideologia política e social.

Em determinado momento, Ademir partiu para outra aventura. Deixou Santa Catarina e foi para Alagoas. Antes teve uma participação frustrante no Rio Grande do Sul. Ademir voltou de Alagoas um homem diferente. Apaixonou-se. Casou com Edilma e tentou afastar-se do teatro e das artes em geral. Por pouco tempo.

Logo estava ele fazendo sua arte, no seu local de trabalho, no Grupo Armação, na rua. Onde houvesse a possibilidade de mostrar seu talento, lá estava ele.

Um de seus trabalhos mais marcantes, no Grupo Armação, foi o de um jornalista político com histórico de tortura durante o período de ditadura, na peça *Os Órfãos de Jânio*, de Millôr Fernandes. A identidade que deu ao personagem foi tão brilhante que parecia ter sido ele, Ademir, o próprio torturado.

Também sabia ser comediante. Na peça *O Inspetor Geral*, de Nicolai Gogol, ele interpretava um governador muito engraçado e corrupto. Seu jeito estabanado, com braços muito longos, e seu corpo esguio fizeram dele uma

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

figura ímpar. Governo de corruptos, como mostra a peça, Ademir brincou de fazer teatro. Denunciava o que considerava uma prática comum nos governos brasileiros e, ao mesmo tempo, divertia o público com sua maneira de atuar.

Ademir também escreveu textos para teatro.

Um trabalho que mostrou seu grande talento foi a peça *A Estória*, de sua autoria, em que faz o papel feminino com absoluta integridade. A peça, encenada com a parceria Grupo Armação/Grupo Pesquisa Teatro Novo, foi montada num lugar alternativo, parecendo-se com ele, que gostava de inovar.

O último texto, ainda inédito, ele o dedicou a mim e gostaria que Édio Nunes e eu a representássemos. Com jocosidade ele escreveu de próprio punho ao final da peça: "Para La Zoares".

Não conseguimos encená-la. Já doente, Ademir me deu o texto com título provisório *O Que a Vida Fez de Mim, de Nós*, dizendo que queria melhorar sua saúde um pouco para corrigir alguns pontos da peça. Gostaria de vê-la encenada. Nas vezes em que fui visitá-lo ele dizia que queria rever a peça e talvez melhorar o texto afirmando que ainda não estava bom, que era um primeiro tratamento.

Infelizmente, não deu tempo de fazer os arranjos que ele queria, e eu não tive a oportunidade de fazer com que o texto fosse encenado.

Outra peça de sua autoria foi encenada, *Os Lobos*, numa montagem que o homenageava, pois já não estava mais entre nós.

Minha memória me trai um pouco e eu não consigo rever todos os momentos em que desfrutei a companhia de Ademir. Lembro, porém, que ele era sempre intenso em seus pronunciamentos. Irritava-se e "explodia" quando tomava conhecimento de algum fato político imoral ou de alguma injustiça praticada.

Tinha o outro lado, que deve ser ressaltado. O respeito pelo ator Waldir Brazil. Era o único do grupo que o chamava de "Seu Brazil", mesmo sendo amigo e participando de inúmeras situações informais com ele. Quando alguém brincava sobre isso ele dizia: "É o respeito, é o respeito".

Particpei com Ademir, como atriz, da montagem de algumas peças: *O Santo Inquérito*, *Está Lá Fora Um Inspetor*, *Caminho de Volta*, *Um Grito*



1988: Os órfãos de Jânio, de Millôr Fernandes, com direção de Paulo Rocha. Primeira montagem a utilizar o espaço da "Casa do Teatro", no Centro de Florianópolis.

*Parado no Ar*, *O Inspetor Geral* e *Os Órfãos de Jânio*. E, em duas montagens, *Clitemnestra Vive* e *A Estória*, na retaguarda, nos bastidores, dando suporte às montagens.

Além desses, trabalhei como atriz em duas peças dirigidas pelo Ademir: *PT - 11 anos*, de autoria de Chiquinho Veríssimo, em comemoração aos 11 anos de seu partido de alma e coração, e *Hoje Eu Não Faço Nada*, uma encenação de teatro de rua, com o Grupo O Dromedário Loquaz, homenageando o Dia Internacional da Mulher.

Falando com minha irmã Maura Soares, ela lembrou de fatos sobre o Ademir que valem a pena citar e que estão publicados na Revista *ÁGORA*, ano X, n. 20-21, da Associação dos Amigos do Arquivo Público do Estado, com a qual

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

colabora. No artigo ela conta que Ademir falou sobre sua participação no espetáculo *Contestado*, de Romário Borelli, substituindo outro ator e que fez uma longa temporada no Teatro Trapiche (antigo Miramar, que já não existe mais) e depois no Teatro Álvaro de Carvalho. Com essa peça viajou para Rio do Sul e Blumenau. Essa viagem foi desastrosa para todos, pois chovia torrencialmente, e a metade do elenco, juntamente com o diretor e o autor da peça, não compareceu. A apresentação em Rio do Sul foi feita com a metade do elenco mesmo. Partiram para Blumenau, sem dinheiro, cansados e ainda sob forte chuva. Na rodoviária foram confundidos com jagunços, assustando os usuários, já que estavam cansados, desanimados, famintos e com os mosquetões que usavam em cena. Apesar de estarem com 75% da capacidade do Teatro Carlos Gomes vendida, o espetáculo não se realizou, havendo a devolução dos ingressos.

No camarim da "Casa do Teatro": preparação dos atores para *Os Órfãos de Jânio*, em 1988. Édio Nunes e Chico De Nez em primeiro plano.



ARQUIVO PESSOAL

Além de metade do elenco, os músicos também não apareceram e não havia possibilidade de encenar o espetáculo.

Outra história lembrada por Maura diz respeito ao Troféu Bastidores, cujo artigo “Troféu Bastidores – Um prêmio para a arte”, de sua autoria, foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª fase, n. 16, ano 1997.

Esse troféu foi instituído por Valdir Dutra para premiar os melhores do teatro e existiu de 1978 a 1992. Ademir recebeu o troféu de melhor ator nos anos de 1980, 1983 e 1985.

Fundador do Partido dos Trabalhadores, como se sabe, quando seu partido estava criando raízes em Santa Catarina, o Ademir, ao receber seu troféu de melhor ator, em 1985, subiu ao palco do Teatro Álvaro de Carvalho e, em vez de fazer um discurso de agradecimento, levantou o troféu bem alto e bradou: “E viva o PT!”

Esse é o Ademir que eu lembro: um ser intenso, irreverente, amigo, coerente em suas convicções político-partidárias e sociais. Um ator como poucos, que conseguia transformar o personagem nele próprio, Ademir, tal a intensidade que dava às caracterizações. Um amigo para ser lembrado. Sempre. Com grande saudade.



## ***Saudades daquele tempo***

Por PAULO  
R. ROCHA

Minha convivência teatral com Ademir Rosa se deu através de duas montagens. Nosso primeiro trabalho foi em *Um Grito Parado no Ar*. Meu início na função de direção no Grupo Armação. Desde as primeiras reuniões para a montagem do elenco, eu estava querendo contar com Ademir para o papel de Augusto. O personagem, um ator jovem, contestador, brincalhão e carinhoso tinha muito a ver com a personalidade do Ademir. Mandei vários convites através dos amigos, mas ele não se interessou pelo trabalho. Nem quis ler o texto. Estava estudando Marx. Tive e tenho minhas dúvidas. Ele pode ter sido tudo, menos um teórico. Estudar não era o seu forte. Disse-me que estava dando um tempo para o teatro.

Iniciamos os trabalhos com Beto Westphal no papel de Augusto. Também foi outra peleja convencê-lo a pisar nos palcos. Beto vinha fazendo um bom trabalho como diretor, mas não queria saber de estar sob o foco dos refletores. Os exercícios de formação dos personagens já iam avançados, quando Beto desistiu da peça.

Mais uma vez um convite ao Ademir, desta vez mais insistente, com empenho de quase todo o elenco. Ademir consentiu em vir participar de um laboratório. Não sei ao certo o que fez ele se interessar pela montagem. Só sei que abraçou o projeto com tal empenho que os ensaios cresceram, dando novo ânimo ao nosso pessoal.

Surpreendi-me com Ademir. Nunca tinha trabalhado com ele, só o conhecia dos palcos e encontros, e principalmente das histórias que ouvia. Confesso que a imagem que eu tinha dele era de um bom ator, mas displicente e implicante com seus colegas de palco. Não foi nada disso que se apresentou para mim. O que vi desde o início foi um ator pouco disciplinado, mas obediente, participativo e criativo. Seu trabalho no *Grito* foi brilhante.

Tempos depois, quando ele já estava doente, me encontrava com ele quase que diariamente. Almoçávamos no mesmo restaurante, o Vida, na

Visconde de Ouro Preto. Naqueles dias recordávamos bons momentos. Ali ele reconhecia o papel de Augusto como um dos seus melhores trabalhos, assim como o depressivo jornalista Carlos de *Os Órfãos de Jânio*. Não sei se ele dizia isso para me agradar, afinal só nós dois sentávamos à mesa, e ele sempre foi muito generoso com os amigos. O fato é que me honrava muito, visto que ele tinha interpretado muitos papéis com outros diretores.

Eu, como pai-coruja, me agrado um tanto destes dois trabalhos. Augusto e Carlos foram duas boas criações de meu amigo Ademir. Em *Os Órfãos de Jânio*, a história para convencê-lo a participar da montagem foi quase igual a do *Grito*. A peça iniciou-se com Juval fazendo o papel de Carlos. Juval estava muito bem no papel e quando tivemos que substituí-lo, por sua vontade, eu não acreditava que pudéssemos fazê-lo à altura. Aconteceu que Ademir, embora trazendo uma forma diferente de interpretar, fez um trabalho equilibrado, com a excelência do desempenho de Zeula, Édio, Albertina e Ariane.

Tenho saudades desse tempo.

ARQUIVO PESSOAL



Antes de entrar em cena em *Os Órfãos de Jânio*: Ademir sendo maquiado por Eliete Souza. Paulo Rocha, Zeula Soares e Albertina Prates se preparando.

## ***Ademir e a criação de O Dromedário Loquaz***

Por EVE NUNES Era um tempo em que Ademir buscava mais ousadia do teatro. O Armação estava parado, direcionado ao tradicional, e ele queria atrevimento, contestação. Então, juntou cerca de dezesseis pessoas, entre atores e diretores, interessadas em montar *Os Fuzis da Senhora Carrar*, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht. O texto, que já havia sido encenado em 1958 pela Cia. Teatro Arena, trabalhava a significação da mulher no contexto político da época.

Estes se reuniam, faziam laboratório e discutiam possibilidades sem jamais concretizarem a peça. Aos poucos, o grupo de quase dezesseis passou a ser de cinco integrantes. Além de Ademir, restaram Piero Falci, Lílian Dell'Antonio, Jane Goeth e Isnard Azevedo. Surgia aí o Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.

Segundo um depoimento de Piero Falci para o jornal O Estado em outubro de 1981 (citado na tese de Olívia Camboim Romano, sobre O Dromedário), o nome do grupo indica:

"[...] espírito dos cinco atores que o compõem e, principalmente, com os objetivos que foram projetados, [...pois] o Dromedário é um animal grande e forte e que vive em lugares de acesso difícil e com problemas para a sua sobrevivência. E a função do teatro é também levar as pessoas a lugares que não fazem parte da rotina diária [...]. Além disso, o animal é muito resistente à fome e à sede, e o grupo também tem consciência das dificuldades que vai enfrentar – precisando, por isso, de muita persistência e capacidade para vencer. Por outro lado, a palavra "Loquaz" reflete as intenções do grupo, pela sua própria significação."

*Os Fuzis da Senhora Carrar* nunca aconteceu no Dromedário. Entretanto, outro texto de Brecht marcaria o início da trajetória do grupo. *A Importância de Estar de Acordo*, apresentado em 1981. Dirigida por Isnard, a peça, encenada em um primeiro momento no Prédio da Alfândega, determinou duas das características mais marcantes do grupo: a escolha por

espaços cênicos alternativos e cenários fantásticos.

Além da inovação que o espaço cênico representava, *A Importância de Estar de Acordo* também interagiu em tempo real com a realidade política que o país vivia na época. Manchetes e notícias de jornal, atualizadas diariamente, eram escolhidas pelos integrantes do grupo e lidas para o público sedento da novidade.

Desse modo, o Dromedário Loquaz rompeu com os padrões teatrais da antiga Florianópolis, fazendo de seu nome um sinônimo de ousadia.

Com *A Importância de Estar de Acordo*, o Dromedário recebeu o Troféu Bastidores como Grupo Revelação, participou da XV Mostra Catarinense de Teatro Amador e representou Santa Catarina no Projeto Mambembá de 1981.

ARQUIVO PESSOAL



Cena da peça *A Importância de Estar de Acordo*.

## ***Um discurso para Ademir***

Por PIERO FALCI Aqui vai o discurso que não fiz, mas poderia ter feito, na entrega do prêmio de melhor ator, categoria Teatro Adulto, de Florianópolis, em 1983.

Conheci o Ademir Rosa em 79 ou 80, quando trabalhamos juntos na periferia da cidade, na implantação de uma associação de lavadeiras, luta essa que tive de abandonar a meio caminho, mas que o Ademir levou valentemente até o fim.

Conheci primeiro o Ademir sociólogo que o Ademir ator.

Quase todos que fazem teatro nesta cidade mantêm um emprego de onde retiram a subsistência do corpo, para, através do teatro, alimentar o espírito.

Nossos caminhos se cruzaram novamente lá pelo final do primeiro semestre de 81, quando nos reunimos para fundar O Dromedário Loquaz. Desde lá estivemos juntos em *A Importância de Estar de Acordo*, no *Nó Cego* e em *¿Qué se Pasa, Che?*. Apenas dos *Exercícios, Jogos e Cenas*, o Ademir não participou, devido ao seu envolvimento, ao trabalho político e partidário nas eleições de 82.

O Dromedário, segundo uma definição enciclopédica, é um animal do deserto, grande e forte, capaz de viver muito tempo com suas próprias energias e capaz também de levar os homens a locais onde outros meios de transporte não conseguiriam levá-los.

Essa imagem nos permite fazer um paralelo com a própria situação que nós, que fazemos teatro, estamos vivendo atualmente.

Somos todos dromedários atravessando um enorme deserto, tão árido quanto a insensibilidade de uma população moldada no hedonismo, egoísmo e consumismo, uma população à qual não foi dada a chance de desenvolver sensibilidades artísticas ou envolvimento com a cultura maiores. Por ser tão inóspito esse deserto, é que temos que nos alimentar de nossas próprias reservas, tal qual o dromedário, com a obrigação de trans-

# DROMEDÁRIO LOQUAZ

Apresenta

## ¿QUÉ SE PASA CHE?

de CARLOS CARVALHO

Direção : ISNARD AZEVEDO

Setembro: 7 a 18

Teatro Alvaro de Carvalho - 21,00 hs.

24 e 25 - Teatro da UFSC - 21,00 hs\*



Elenco : Ademir Rosa, César Refosco, José Pio Borges, Marjorie Costa, Piero Falci, Silvio Mantovani, Tânia Kuhnen.

Convidados : Roberto Kessler, Waldir Brasil.

Cenários e Figurinos: I.M. Azevedo

Iluminação: Falcão

Músicos : Edson, Márcio, Marcos

Eu sou de um país onde, agora Guevara haverá de sofrer outras mortes. Cada um resolverá sua morte agora: aquele que se alegrou já é poeira miserável; aquele que chorou, que reflita; aquele que esqueceu, que esqueça; ou que lembre; e aquele que lembrou só tem o direito de lembrar. O Comandante Guevara entrou na morte por sua conta, mas vocês o que haverão de fazer com essa morte?

■ Uma viagem circence pela memória ■

## **1º ATO** Fragmentos de uma trajetória

portar essas pessoas a algum local onde seja possível perfurar a casca e fazê-las perceber, mesmo que num relance, aquela sensação que nos leva a realizar que somos alguma coisa a mais do que meros animais. O Ademir é um bom dromedário. Do Ademir admiro a combatividade, que demonstra tanto nas suas atividades como sociólogo quanto nas suas lides teatrais.

Movem-no a persistência e a entrega a essas causas quase perdidas, a promoção de uma sociedade mais justa. Algo entre um D. Quixote, cavaleiro solitário e sonhador utópico, e um Robin Hood, na defesa dos menos favorecidos. Sei que talvez ele preferisse uma comparação com Zapata ou Guevara, seres reais, e não personagens da ficção. Porém, o espírito é o mesmo.

Todo final de temporada o Ademir pensa em abandonar a luta. Muito esforço empregado, pouco retorno obtido. Todo final de temporada o Ademir jura que essa peça é a última, que vai largar o teatro. A gente escuta e não dá bola, porque sabe que ele nunca vai deixar. É a história da cachaça, vício corrosivo, mas que não se consegue abandonar; ou da mulher do bêbado, que de tanto apanhar acaba gostando. Sei que, tal qual o Dromedário, o jeito é voltar-se para dentro de si mesmo em busca de novas energias.

Do Ademir admiro o quanto ele é pacato e teimoso. Pacato porque dá um boi para não entrar na briga e teimoso, turrão e obstinado para não sair dela.

Sei da sua seriedade na busca do seu desenvolvimento no segmento da arte em que escolheu atuar, sempre preocupado com o seu crescimento como ator e com o estudo da arte da interpretação. Sei também do seu compromisso com a cultura nacional, na fuga de qualquer tipo de dominação externa, valores que pacientemente tem procurado nos transmitir.

Tenho aprendido muito com o Ademir. Considero-me feliz de ter a oportunidade de conviver com ele. E é por isso que me sinto extrema-

mente feliz e honrado de passar este troféu Bastidores, de melhor ator de Florianópolis em 1983, na categoria Teatro Adulto, para meu amigo ADEMIR ROSA.

Parabéns! Pra ti e pra Edilma.

Ademir, taí o discurso que eu faria e que não fiz. Vai como mensagem de fim de ano. Pela ordem: Feliz Natal, Feliz Aniversário e em 84 vamos à luta, sem frescura, que tamos ficando velhos pra perder tempo.

Florianópolis, dezembro de 1995.



## **Edilma Guimarães Rosa, a grande companheira**

Edilma é a esposa amiga, parceira, que aprende a dividir espaço com o teatro, com a militância, com os amigos. Edilma ele conhece no Nordeste, nos anos 70, quando viaja por lá. E manda bilhete para o amigo em Florianópolis dizendo: “Acho que teu amigo vai retornar casado”.

Edilma acompanha todos os passos dele.

O casamento no civil, na casa da família de Edilma, a companheira de todas as horas.



ARQUIVO PESSOAL

## ***Vivíamos juntos seus personagens***

Conheci o Ademir no meio do mato, numa fazenda que ficava próxima à cidade de Campo Alegre, interior de Alagoas, no final de dezembro de 1974. Ele estava participando do Projeto Rondon com uma equipe do Rio Grande do Sul, na qual era o único “catarina”. Eu tinha 17 anos. Era pleno verão, fazia um calor infernal e nos banhávamos numa bica com água bem fresquinha. Ele me pedia muito para tirar uma foto minha de lembrança. Eu tinha muita vergonha e me escondia dele. Era um bichinho, de tão tímida. Como ele já tinha feito amizade com meu primo, fomos nos conhecendo melhor e comecei a achá-lo interessante. Apesar de vê-lo como um gigante para mim, pois era muito alto, achava-o bonito de rosto. Além disso, era culto e conversávamos sobre tudo. Eu era um pouco revoltada com as injustiças, as diferenças sociais e econômicas do Brasil. Ele idem.

Estava perdido, pois não sabia o que fazer como sociólogo ali, com tanta miséria e coronelismo. Fazer assistencialismo não era sua política, mas podia ser preso se tentasse “bançar o engraçadinho”. Vivíamos numa ditadura militar sem direito a nos expressar politicamente. Ele resolveu seu problema com o que mais gostava de fazer: teatro. Montou o texto *Quem Casa Quer Casa*, do dramaturgo Martins Pena. Dirigiu e atuou com alguns jovens da comunidade que nunca tinham encenado. Ficou superfeliz com

Por EDILMA  
GUIMARÃES  
ROSA



ARQUIVO PESSOAL

Ademir Rosa na  
década de 70.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

o sucesso da peça na cidade. Imaginem, era a primeira vez que os moradores estavam vendo uma peça de teatro. E o mais divertido foi que no texto há um personagem com uma disfunção da fala conhecida como “gagueira”. Coincidentemente, o prefeito da cidade também tinha esse problema. A platéia achava, por ignorância quanto ao texto, que aquilo era uma sátira a ele e formou-se um grande “bochicho” na cidade, obrigando o Ademir a, no dia seguinte, ir até a Prefeitura e resolver o mal-entendido com o prefeito.

Um mês se passou. Estava na reta final do projeto, todos chorando, levando e deixando muitas saudades para um povo que nunca teve tanto carinho e atenção a sua saúde e lazer. Eu e o Ademir ficamos nos correspondendo durante uns dois anos, era carta que vinha e carta que ia, toda semana, cartas que não acabavam mais, até o dia em que decidimos dar fim ao romance ou casar. Minha família não acreditava que eu teria coragem de vir embora. Nossa família era grande, nós éramos dez irmãos, eu era uma das mais novas. Estava decidida a fazer minha vida e a sair de casa. Por sorte minha, eles admiravam bastante a figura do Ademir, uma pessoa que demonstrava muita humildade e bondade com todos. Eles se espantavam pelo fato de que o Ademir queria dividir os trabalhos domésticos, sempre ajudando a lavar louça, a ralar o coco para a peixada, dizendo sempre: “Não sou aleijado, minhas mãos não vão cair e, além do mais, não é justo só vocês trabalharem. Vocês fazem a comida e ainda têm que lavar as louças. O certo é dividir os trabalhos”. Minha mãe e irmãs não queriam deixá-lo ajudar, mas no final já estavam gostando da idéia. Quem não gostou nada disso foram os homens da casa, principalmente meus irmãos. Meu irmão mais velho dizia bem sério: “Que é isso cara, você não precisa ajudar, aqui tem um monte de mulheres para fazer isso”. Só sei que o Ademir revolucionou alguns costumes e hábitos machistas lá em casa e por onde passou. Era um grande defensor das mulheres.

Enfim, dois anos depois, decidimos fazer a loucura de casar. Era muita coragem mesmo, pois, além de não termos onde morar, nós não

tínhamos emprego. Eu ainda era estudante, e ele iria se inscrever para dar aulas na UFSC e em escolas. Vivemos os primeiros meses na casa de seus pais. Sua família me recebeu com uma festa, juntamente com os amigos deles. Fui aceita como uma nova filha, assim me falou seu pai, o Sr. Eloi, um aposentado do INSS, bem informado, bem humorado, ex-combatente da Aeronáutica, que se gabava por ter participado da guerra. Só que o Ademir duvidava de tanta valentia. A guerra logo tinha acabado para tanta participação. A “gozação” era que, de fato, Dona Eli, sua mãe, uma senhora batalhadora, de pulso firme, filha de militar, era quem dava as ordens na casa. Ai de quem saísse da linha... Porém, tinha um humor aguçado, que o filho herdou. Acho que o Ademir aprendeu a encenar com ela. Ela sempre fez rirem muito as amigas de seu grupo no bairro Estreito, de cujas atividades participa até hoje. É uma comédia, quando não está chorando pela dura perda de seus três filhos e, por último, do marido. Desde o início admirei a sua garra. Quan-

“Bodas de Ouro” dos pais de Ademir, na Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Estreito.





Ademir pegando goiaba no quintal de sua casa, no bairro Estreito, em Florianópolis.

do cheguei aqui, ela viu que eu tinha muito a aprender para ser uma “boa dona de casa”. Procurava me ensinar com detalhes a limpeza da casa e a ajudar na cozinha. Queria me ensinar tricô, mas fui uma péssima aluna: levei mais de um ano para fazer um par de meias para mim, o que serve de gozação até hoje.

Além de seus pais, passaram a ser a minha segunda família seus cinco irmãos. Líbia era muito engraçada, preocupada com sua idade avançada. Mais tarde casou com o Carlos, apelidado por nós e nossos amigos de

“Gardelón” (um argentino caricaturizado, personificado por Jô Soares, à época). Foi com ele morar na Argentina. Logo tiveram filhos. O primeiro, Daniel, afilhado do Ademir, enchia o padrinho de orgulho ao cantar as músicas de Martinho da Vila, Chico Buarque e Luiz Melodia, em “portunhol”; o segundo, Marcelo, me enviou recentemente uma foto sua, que me deixou muito emocionada, com uma tatuagem no peito com os três homens que ele amava muito e que partiram: seu tio Ademir, seu avô Eloi e seu pai Carlos.

Lili, quando cheguei, já era casada com o Lauro. Ele é uma pessoa muito séria, e o Ademir adorava fazê-lo rir, imitando gays. Já tinham um filho, o Fabiano. Em seguida nasceram o Marcelo e a Heliana, que vivia pendurada no pescoço do tio. Lauro era gerente de um banco lá em Laguna e apoiou a apresentação de *Um Grito Parado no Ar*, do Grupo Arma-

ção na cidade. A apresentação foi organizada pelo ator e diretor Nivaldo Matos, natural de Laguna, ocupando aí um cargo na Secretaria de Cultura. Após a peça, Lauro e Lili ofereceram um jantar especial para o elenco, um gesto carinhoso que foi muito marcante para o Ademir e para os amigos do Grupo.

A Fátima foi uma grande incentivadora do nosso casamento. Juntamente com os papéis necessários para o casamento, enviados para Alagoas, mandou também uma carta em que fazia propaganda do irmão: "Não é por ser meu irmão, mas ele é um cara muito legal". Mais tarde ela me confessou que foi a pedido dele próprio. Era muito vaidosa e, quando jovens, tentava arrumar os cabelos cacheados do Ademir, esticando-os com meia fina, como elas faziam na época, pois cabelos lisos estavam na moda. Ele adorava o efeito final porque parecia que seus cabelos aumentavam de volume e escondiam a calvície precoce.

Fátima se casou com o Jorge e tiveram uma filha, a nossa afilhada Flávia, que pelo exemplo do padrinho, hoje quer fazer teatro.

O irmão caçula, Almir, que é quase da minha idade, foi meu colega na disciplina de Economia Brasileira, na UFSC. Bons tempos de Universidade... Almir hoje é casado com a Eliana e tem uma filha muito carinhosa, a Annelise.

O Aristeu era o mais velho dos irmãos. Muito responsável, ficou preocupado com a decisão do irmão em se casar sem ter emprego, nem onde



ARQUIVO PESSOAL

Ademir e seus irmãos, na infância, no Estreito, parte continental da Capital Catarinense.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

morar. Com Aristeu, Ademir dividia o interesse pela política e pelo teatro. Ademir sentiu muito a sua morte precoce, em um acidente de avião. Estendeu essa amizade à viúva Roberta, uma mulher de pulso firme, que educou sozinha as duas filhas, Fernanda e Letícia, se fazendo sempre presente na ausência do irmão, dando muito carinho e atenção a elas, sempre que podia.

Não poderia esquecer seus tios e primos, que tinham um carinho muito grande por ele.

Após os dois meses em que vivemos na casa dos seus pais, sua mãe, para nos ajudar, emprestou uma casa que tinham, para morarmos até comprarmos a nossa. Até que isso acontecesse, se passaram uns seis anos de trabalho árduo, principalmente do Ademir. Financiamos nosso primeiro apartamento em São José. Vivíamos estudando e trabalhando, como a maioria dos batalhadores deste planeta.

Era uma época de “abertura”. Existia muita sede de participação política. Eram muitos encontros estudantis, quase 24 horas de atividades

Ademir na  
praia do  
Balneário,  
no Estreito.  
Na época  
bastante  
freqüentada  
pela  
comunida-  
de, mesmo  
já poluída.



culturais e políticas. Havia muitas reuniões e muitos ensaios de teatro, diariamente. Éramos uma juventude politizada. Vivíamos numa constante badalação, participávamos de muitos grupos, não parávamos em casa. Acompanhava-o em tudo e decidi cursar Ciências Sociais, tudo para ficarmos mais unidos, pois ele já era sociólogo e eu queria entender melhor as questões sociais que nos inquietavam.

E logo aconteceu o inconscientemente esperado por mim, pois afinal vinha de uma educação machista e estava faltando o herdeiro (só de dívidas, como brincávamos na época). Sem planejar, fiquei grávida. Meus estudos foram interrompidos, ficamos preocupados. Não era o momento, queríamos dar uma condição de vida melhor para nossos filhos, afinal éramos bem conscientes. Mas, como se dá jeito em tudo, curtimos à nossa maneira e tive uma ótima gravidez, aparentemente bem saudável. Modéstia à parte, fiquei bonitinha, bem gordinha, e as senhoras minhas vizinhas adoravam me ver grávida, pois, segundo elas, eu parecia ainda uma menina.

Mas logo nos três primeiros meses, houve em Florianópolis, muitos devem lembrar, um surto da rubéola, uma virose que ameaçava principalmente as gestantes nos primeiros meses de gestação. Meu bebê nasceu na maternidade Carmela Dutra, no dia 14 de abril de 1979, de parto normal. Quase morri, pois o bebê tinha problema cardíaco e não tinha força para nascer. E na época, cesária era para rico. Minha mãe ao meu lado, uma mulher forte, que teve 14 partos, me dava segurança. Eu lhe perguntava como ela tinha conseguido ter tantos filhos com tamanho sofrimento. Ela me respondia: “Mas os meus não eram tão difíceis. Já estou ficando preocupada com esta demora. Se precisar, eu mesma faço este parto, não vou te deixar morrer”. Depois de muito esforço consegui dar à luz.

Que emoção! Hoje penso que é um dos momentos mais felizes de uma mulher. Comecei a escutar o chorinho do bebê e falarem: “É um menino”. Eu olhei para ele e achei que se parecia com o pai. Só que estava de olhos fechados, e eu cansada do esforço.



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Lembro bem que o Ademir me aguardava na saída da sala de parto e me abraçava feliz. Eu dizia para ele: "Visse? É um menino!" Demos o nome de Vladimir, que lembrava o nome do Ademir e, principalmente, em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, que deixou muita gente chocada, revoltada com a repressão militar.

Só no outro dia é que fiquei sabendo do problema do bebê e que precisava ficar na incubadora. O Ademir me olhava com uma carinha de tristeza e minha mãe já nos consolava dizendo que poderíamos ter outros filhos. Entendi tudo e fiquei quieta. Fui para casa sem o bebê, e ele faleceu quatro dias depois do nascimento. Ficamos traumatizados e não queríamos mais ter filho. Era assim que pensávamos.

Mas o lugar do filho que não vimos crescer foi ocupado pelos tantos filhos de amigos, vizinhos e pelos tantos sobrinhos e afilhados. Até em Maceió temos uma sobrinha e afilhada, que se chama Taís. O Ademir adorava crianças, que se encantavam com seu jeito solto, descontraído, extrovertido, e com seu humor divertido.

Ele normalmente era bem humorado, já se acordava fazendo brincadeiras e com muita disposição. Um dia ele me falou: "Agora é uma moda, todo mundo tem crises existenciais, só eu que não tenho essas coisas, não é mesmo?" E começamos a rir, porque não tinha nada a ver com ele, que amava viver. Eu o admirava muito. Ele procurava conviver com todos e tudo. Tinha muita energia, sempre a mil, se destacava com sua garra, seu caráter e sua personalidade forte. Sua presença era marcante em qualquer lugar, pelo seu comportamento, pela sua humildade, honestidade e seriedade no que fazia, até por suas brigas em defesa de uma maioria. Ele tinha um rosto bonito, mas não gostava da cara lisa. Ele dizia que parecia rosto de moça. Ele não teve dúvidas em aderir à barba, como era a moda dos revolucionários, a qual manteve por quase toda sua vida. Começou a contrariar muita gente, assumindo seu jeito rebelde e descontraído de se arrumar. Ele se sentia à vontade, livre, e gostava de ser bem natural.

Gostava de participar dos campeonatos de futebol e de fazer festas,

tanto no Sindprevs, de cuja direção participou, como no Campeche, onde tínhamos uma casinha de praia em que cabiam todos os amigos. Nesta casa inventou de fazer uma "Festa Junina" com nossos amigos e vizinhos, o Ronaldo e a Claudete. No ano seguinte, a festa já era conhecida pelos vizinhos mais distantes. No último ano teve até o "boi-de-mamão", a "Maricota", muita comida e música. No final da festa já estávamos programando como seria a do próximo ano, pois estava ficando famosa na comunidade.

Seu maior lazer era o futebol aos domingos. Seu pai o incentivou a jogar. Conta o irmão Almir que o pai deles deu o nome do sogro flamenguista, Aristeu, ao primeiro filho, tradição das famílias naquela época. No entanto, para provocá-lo, deu aos filhos que nasceram depois nomes de jogadores do Vasco. Assim, o seu nome era uma homenagem ao famoso Ademir de Menezes, do Vasco. Nem o pai, nem alguns amigos o consideravam um bom jogador, mas tinha altura e corria muito em campo, além de descontraír a turma. Jogava no Unidos Futebol Clube do Campeche, ao lado de nossa casa. Sempre que fazia um gol imitava os jogadores famosos, sambando, se ajoelhando, fazendo piruetas pelo campo, uma criança feliz, uma comédia. Além disso, ia lá em casa me beijar e oferecer o gol. Conta o Almir que, enquanto isso, os jogadores ficavam no campo esperando por ele e rindo muito. Quando tinha futebol, ele não podia passear comigo. Então, para me agradar, acordava cedo e me levava o café na cama e me dizia: "Vamos para a rua, o dia está lindo, com um sol brilhando". Abria a janela para eu ver. Claro que ele queria mesmo era alongar o dia e dar conta de tudo. Ficava um pouco comigo e em seguida ia ajudar aos seus amiguinhos, como ele se referia, na arrumação do campo, em colocar a rede e a cal na grama.

Como sociólogo, o Ademir participou de vários projetos de pesquisa, sendo os mais conhecidos o das barragens realizado pela Eletrosul e o da Associação das Lavadeiras do Itacorubi, realizado pelo Sine. Ele foi professor de História em várias escolas e em curso pré-vestibular; foi

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

ARQUIVO PESSOAL



O gosto pelo futebol começou cedo.

professor de Sociologia Geral e Sociologia Rural na UFSC, sempre convidado pela respeitada professora Zuleika Lenzi. Ganhou o nome de uma turma de formandos em Sociologia e medalhas em turmas de outros cursos. Foi professor no Colégio Ivo Silveira, na Palhoça, e lá a gurizada o adorava, pois chegavam a levá-lo para suas casas para conhecer suas famílias. Ganhava cestas de verduras, principalmente beterraba, porque ele gostava. Tinham um time de futebol, e os alunos o apelidaram de “Beterraba”. Era assim por todo lugar que passava. Passou no concurso público para sociólogo do Centro de Reabi-

litação do INSS. Liderava as greves e ali esquentavam muitas discussões políticas com alguns colegas que reagiam ao movimento.

Mas sua verdadeira paixão era o teatro. Sua mãe conta que, desde cedo, ainda solteiro, pedia para que ela passasse sua roupa a ferro para sair. Ele se vestia, ficava lendo um texto e terminava dormindo, amassando toda a roupa.

Um dia, quando já estava doente, ele comentou: “Já observou que nós dois trabalhamos com portadores de deficiências, só coisas tristes”. Eu falei: “Mas eu gosto do meu trabalho”. E ele falou: “Pelo menos um dos dois é feliz. Eu não agüento mais receber ‘NÃO!’ dos empresários quando vou pedir emprego para os trabalhadores reabilitados. Um país deste que não tem emprego nem para os considerados normais, o que eu quero com este meu trabalho, meu Deus?” Então sugeri a ele deixar o seu trabalho, alugarmos o apartamento no Centro da cidade e morarmos



Ademir com o time de jogadores veteranos do Unidos Futebol Clube do Campeche.

no Campeche, para que ele passasse a fazer só teatro, do que ele mais gostava. E ele respondeu rapidamente: “E eu vou ser gigolô? Era o que faltava, porque viver de teatro não dá, vamos morrer de fome”.

A época era muito difícil para o teatro local, pouco prestigiado. Tínhamos pouco público, o que o deixava muito triste. Ele sempre reclamava que não gostava quando era reconhecido como sociólogo e dizia que queria era ser reconhecido como ator.

Ele levava alegria aonde ia e as pessoas gostavam do jeito dele, sempre representando ou imitando alguém engraçado.

No Iatel – Instituto de Audição e Terapia da Linguagem, entidade de

cunho filantrópico que atende portadores de deficiências da audição, da fala, da voz e da linguagem –, meus colegas, um deles deficiente auditivo, adoravam o Ademir, pela sua forma de se comunicar, de se expressar e por seu humor divertido. Minhas amigas o tratavam carinhosamente de “Mi”, como eu o chamava intimamente. Ele era muito querido.

Às vezes, quando vejo o personagem Augustinho (Pedro Cardoso), da Grande Família, me lembro dele, pelo seu jeito engraçado. Talvez até porque ele me dissesse que considerava o Pedro Cardoso um grande ator, já naquela época, em que não era tão conhecido na TV, apenas no teatro. Parece que passou sua vida toda a encenar. Até no INSS dava um jeito de fazer teatro, nem que fosse nas festas de final de ano. Botava os colegas para atuarem com ele, se divertiam. As colegas Rosângela e Marilene falam que o Ademir era um artista naquilo que fazia, no cotidiano. Ele aproveitava para dramatizar até quando brigava. Era visto pela colega Lourdes como uma pessoa insatisfeita com algumas condições e situações sociais e que achava que tinha adoecido por ser uma pessoa revoltada. Contam que ele simulava *striptease* na faculdade para elas rirem. Sobre ele professor, dizia: “Acho que os alunos gostam de mim. Também preparo bem as aulas e procuro dar uma boa aula, além de fazer dramatização. Os alunos ficam bem sérios prestando atenção”.

Atuou no Sindprevs e, também aí, como era de se esperar, na área de Cultura e Esportes. Assim que entrou, aprovou, com os demais diretores, um convênio com o Cine Desterro do CIC, onde os associados ganhavam um desconto na entrada para qualquer filme. Acho que ele foi um dos que mais aproveitou, pois estávamos sempre lá assistindo aos filmes. Começou a contratar os grupos de teatro para fazerem apresentações na sede esportiva, em Ponta das Canas, que hoje tem o nome de Complexo Esportivo Ademir Rosa. Eu me emociono em ver este reconhecimento da pessoa especial e realmente muito querida que ele foi.

Além de ser um excelente ator, escreveu alguns textos. Um deles, Os



Ademir com os cabelos alisados pela irmã Fátima.

*Lobos*, foi produzido pelo Neno Brazil e dirigido pelo Nivaldo Matos, com competência e dedicação, mesmo já estando bem doente. Nivaldo era uma pessoa muito especial, bem irreverente e que nos deu muitas alegrias.

Mais tarde cursei Fonoaudiologia e passei a trabalhar nessa área, em função da minha identificação com a longa experiência de trabalho no latel. Eu admirava muito sua impostação vocal. Nunca o vi disfônico. Ele realmente tinha uma qualidade vocal muito boa, às vezes exagerava um pouco na articulação, pois adorava dramatizar. Eu assistia à maioria dos ensaios de teatro, gostava de vê-lo construindo os personagens. Ele e outros atores daqui tinham feito muitos cursos de dramatização e impostação vocal, com grandes profissionais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Eles eram bem preparados para encenar.

Em casa, ele gostava que eu lhe tomasse o ponto, ou seja, ver se ele estava com o texto decorado. Isso acontecia sempre que montava um espetáculo. Por sorte, ele também era muito bom de decorar texto. Havia fala dele que era uma página inteira e ele não esquecia uma pala-

vra. Às vezes, para brincar, eu o reprovava e o fazia repetir porque trocava uma palavra por uma outra sinônima. Ele logo gritava: "Ei! Já quer botar defeito, assim não vale. O ator pode trocar a palavra desde que não altere o sentido do texto e foi o que eu fiz. Não é para você se preocupar com este detalhe". E assim eu vivia os personagens dele em casa. Chegava até a confundí-lo com o personagem que estava estudando. Foi o primeiro ator aqui na cidade a representar uma mulher e um dos primeiros a fazer cenas de nu. Ele gostava de ousar, enfrentar papéis diferentes, levar o público a debater.

Acabava sendo muito prazeroso, pois sempre tinha um personagem diferente para discutirmos e com o qual aprendíamos as várias facetas da vida humana. Brincávamos e ríamos muito quando estávamos juntos. Aprendi com ele a ser um pouco espirituosa no meu dia-a-dia.

Ele viveu intensamente. Vivia cada dia como se fosse o último de sua vida, se doava muito em tudo o que fazia, mas cuidou pouco dele, da sua saúde e do seu corpo de uma forma disciplinada. Mantinha uma aparente saúde, uma energia invejável, sempre com as bochechas rosadas. E na correria da vida, um dia ele apareceu com uma leve dor no peito, coisa que ele nunca tinha. Na terceira vez em que reclamou da dor foi o dia em que ele passou mal, bem no dia em que ele teria a pré-estréia do filme *Alva Paixão*. Ele era tão responsável que, mesmo passando mal, estava preocupado com os amigos que esperavam por ele para abrir a sala da projeção. A partir desse dia começou a luta contra o câncer de estômago. Fez uma cirurgia e ainda viveu mais dois anos e meio.

Logo após a cirurgia, sua voz começou a falhar, chegou até a ficar afônico. Eu fiquei apavorada, pois previa que a cirurgia ia interferir na sua vida teatral, e ele logo se entristeceu e olhou para mim espantado e indignado: "Você vê, a minha voz nunca ficou assim". Associou a falha vocal ao seu problema de saúde. Ele estava mais sensível e emocionado. Naquele momento ele tinha que usar de técnicas e manobras fonoaudiológicas para a voz não falhar e melhorou muito.



Ademar na Serra do Rio do Rastro: último passeio com os amigos.

Ficamos arrasados com sua doença, mas ainda com muitas esperanças. Certo dia, voltou muito impressionado do velório de um companheiro de partido nosso, um professor da Engenharia, que faleceu muito jovem. Fez um bonito discurso diante da mulher e dos filhos, que choravam abraçados. Disse: “Na minha morte não vou ter filhos para chorar, mas o choro dos amigos será facultativo”.

Ele tocava a vida um pouco triste, pois não tinha mais aquela energia que tinha antes. Não deixou de jogar futebol, de fazer teatro, cinema, campanha política e várias outras atividades. Mesmo doente, tinha muita vontade de viver. Ficou revoltado por ficar doente tão novo e num momento em que estava cheio de idéias para pôr em prática. No auge de sua criatividade, tinha que parar. Mas não perdia a espírituosidade. Sempre que vinha uma dor, ele tinha uma gracinha para fazer, como se fosse amenizá-la.



Tinha um sorriso na madrugada, no meio de um gemido. Despedia-se dos objetos e móveis da casa, ia passando a mão em tudo o que via pela frente, nas paredes, parecia uma cena de teatro. Passava sua mão nos livros, abria-os e fechava-os, dizendo: “Doe tudo para a biblioteca do Ceart, na Udesc. Vai servir para outras pessoas”. Eram em torno de 130 obras de teatro, obras completas do Brecht e de outros dramaturgos famosos, nacionais e do teatro universal. Era apaixonado por livros, principalmente sobre teatro. Sempre que podia, comprava. Era o seu melhor presente.

Despediu-se com saudades dos amigos. Uma semana antes de sua morte dizia: “Meus amigos, ai, meus amigos, eu vou ter saudades dos meus amigos”. Para mim esta foi uma cena muito emocionante, ali eu via um ator encenando a sua morte. O impressionante foi nos últimos dias, quando ele teve um sonho que o deixou muito ruim e pediu-me para chamar a psicóloga para conversar. Eles conversaram muito sozinhos e passaram-se os dias até sua morte. Logo após seu velório, a psicóloga me procurou e bem curiosa me pediu em detalhes que eu contasse como foi lá no cemitério. Procurei contar um pouco e ela foi me indagando cada vez mais até que parou e olhou para mim com espanto e me falou: “Bem igual ao sonho que ele teve e me descreveu. Estou impressionada”.

Tivemos muitas pessoas que estiveram presentes até seus últimos dias ao nosso lado, nos ajudando, mostrando o quanto ele tinha e deixou de amigos. Fiquei extremamente grata a todas elas. Desejo-lhes muita luz em seus caminhos. Foi imprescindível o carinho e a atenção dos médicos Dr. Damerl – um grande cirurgião, que com suas mãos iluminadas deu mais dois anos de vida ao Ademir – e Dr. Luiz Alberto da Silveira, oncologista, que de certa forma amenizou o sofrimento dele, passando muita tranqüilidade e paz espiritual. Não poderiam ser outros médicos para cuidar do Ademir e fazê-lo sentir-se mais seguro. Casualmente, o Dr. Damerl tinha sido amigo da juventude da sua mãe. E o Dr. Luiz Alberto tinha sido amigo da juventude do Aristeu, seu irmão

mais velho. Os enfermeiros e auxiliares que cuidaram e entraram no seu clima espiritualoso trocavam também indicação de leituras e livros com ele. Os familiares, que juntamente aos amigos, iam nos visitar, levar suas esperanças, seus sorrisos de força, e demonstraram coragem nos acompanhando nesta luta contra o câncer. Nossas amigas, que faziam massagens em suas costas para aliviar a dor, levavam remédios, faziam companhia nas sessões de quimioterapia e faziam sopas especiais com algas, etc., feitas com muito carinho e muita energia para fortalecer o amigo querido naquele momento tão difícil. Os amigos, irmão e cunhados que se revezavam nas noites frias de hospital. E o nosso querido Padre Wilson Grow, que nos acompanhava na parte espiritual. Minha irmã Eluzanira, que veio de tão longe – Maceió – para cuidar do cunhado querido e me dar força, em nome da nossa família. A Annelise, sua sobrinha, não se cansava de dar beijinhos até nos seus pés, para ele ficar bom, e ele achava um barato o jeitinho dela. Já a Flávia, nossa afilhada, se assustava com a sua fisionomia e não queria se aproximar dele. Ele dizia para não deixar que ela o visse naquela situação, para fazer com que ela guardasse uma lembrança melhor dele. Na sua despedida com uma das filhas do Aristeu, disse sorridente: “Eu vou me encontrar com o seu pai”.

Não saberia como agradecer a tantos amigos e familiares. Mas creio que o Ademir fez isso por nós. Era de praxe ele agradecer com os olhinhos brilhando a todos que iam lá visitar, dando-lhes os últimos momentos de prazer e segurança, que fizeram com que ele partisse em paz, sentindo sua missão cumprida.

Nossa paixão foi eterna enquanto durou, vivemos um para o outro, éramos amigos, namorados, marido e mulher. Como em todo relacionamento, tivemos nossos atritos, mas tivemos que superar conversando sempre, cedendo, tendo paciência, tolerância e muito respeito um pelo outro. Este é o segredo de uma vida a dois e duradoura. Fomos muito felizes. Poderia ter durado mais, com certeza.

A nossa despedida foi em casa. Comigo ele foi de uma grandeza sem

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

fim. Com todo o sofrimento, ainda se preocupava comigo, pedindo a todos para cuidarem de mim. Pediu que eu procurasse um novo amor e não ficasse sozinha, que era muito ruim. Ele me surpreendia o tempo todo, até conseguiu se esforçar pela última vez, correspondendo ao meu beijo, elevando a cabeça do travesseiro. Mais uma vez ele me deu uma esperança de vida e partimos para o hospital, já quase sem vida. Ademir foi em paz. Com certeza deve estar com o Sr. Brazil, com o Nivaldo Matos e outros amigos fazendo teatro nesse lugar desconhecido.

Ademir e Edilma às margens do Rio São Francisco, na cidade de Penedo, em Alagoas.



ARQUIVO PESSOAL

## A travessia da ponte, os medos, os amigos

Contam os amigos que Ademir é sempre muito intenso, inteiro em cada coisa que faz. Sempre. E os amigos o conhecem bem: expressão enorme de talento, humanismo, intensidade. Ah... E medroso também! – contam. Ademir tem medo de andar de avião, coisa que durou para sempre. Ele nunca viajou de avião, nem para espetáculos, nem de férias, nem mais tarde, para visitar os parentes da esposa, no Nordeste. Ademir também tem medo de atravessar a Ponte Hercílio Luz a pé, de

Ademir com amigos no Rio de Janeiro. O irmão Aristeu aparece ao fundo.

ARQUIVO PESSOAL



madrugada, voltando lá da Trindade, da Festa da Laranja, no final dos anos 60.

Na mesma época, membros do grupo, entre eles o irmão Aristeu, colaboram com a vinda do então presidente da União Nacional dos Estudantes, José Genoíno, para encontro com estudantes em Florianópolis. Eles escondem o presidente da UNE. São os anos de repressão.

A amizade de quem atravessava junto a ponte de madrugada, em grupo, dura para sempre. Ronaldo Andrade, Maurílio Furtado (Lona), Jaime Pozi, Flávio (Psicodélico), Nazareno Rosa, Ari Belli, Edson Vieira (Magrão), Moacir Valgas, Mauro Brinhosa, Aristeu Rosa, Lili Rosa, Moacir D'Alcorrégio foram os amigos que participaram do “Grupo de Jovens 22 de setembro” no SESI.

Na fala de Edilma, a esposa de Ademir: “A coisa da amizade era muito forte, ele brigava por causa dos amigos, a convivência da juventude foi muito intensa”. Durou tanto que Ademir muda-se para o Campeche e continua vizinho do amigo do Estreito, que também se transfere. Edilma conta que “não se sabia onde era a casa de um e a casa do outro”. A maneira de ser, a coisa de saber de todos, o jeito “manezinho” de viver e se relacionar é dele. É a presença do Ademir.

## ***A estrela vermelha chegou ao céu***

Paixão pela mudança, fosse ela política ou estética, mas que fossem coisas nossas. Ademir Rosa soube colocar sua voz angustiante à procura de uma realidade visceral que indicasse uma metáfora antropológica com reuniões partidárias realizadas nos escombros do cais do porto desta cidade de Desterro.

Por AUGUSTO  
SOUSA

Como poeta escreveu textos contundentes sobre ceticismo e paixão. Enquanto ator fez parte da dramaturgia com participação em várias peças nos seus momentos mais inspirados, em que manifestava suas perplexidades na tragédia e na comédia.

Um amigo fiel, que freqüentava lugares públicos, para representar, misturando-se ao povo com textos que apontavam de forma contundente as realidades incômodas da nossa sociedade.

Tive o privilégio de conviver com este ser humano de várias facetas surpreendentes, utilizando sua versatilidade teatral para fazer com uma doce ironia momentos de descontração e gargalhadas que explodiam nos bares da cidade.

Era louco por uma discussão de futebol. Aí, sim, o papo virava para a descontraída sacanagem, porque ele, infelizmente, sabia jogar como todo brasileiro, só de boca, mas graças ao nosso atraso tecnológico não temos registradas as tentativas de nosso atleta em imagem. É muito lamentável porque as estripulias que ele fazia com as expressões corporais, que mais parecia um bailarino, eram um divertimento à parte nos campos de futebol do Campeche, praia de seus companheiros de pesca.

E foi assim que, enquanto procurava as ideologias de forma e conteúdo na cátedra de sociólogo, nos labirintos das artes cênicas e no convívio com os amigos, e principalmente entre as pessoas mais simples, o foco de luz foi se apagando sobre a existência de sua figura esguia no palco da vida e escondendo-se atrás de uma cortina da ribalta que lentamente encerrou o espetáculo desse lúdico pierrô.

### *Ele adorava “Sonho de Valsa”*

Por ELIZABETH  
FARIAS

Era suave e áspero como o bombom. Alto e magro, sentava com as longas pernas, de forma desengonçada, nas cadeiras das salas de aula da UFSC. Ria com aquele sorriso entre o ingênuo e o sarcástico. Por vezes emitia um grito de revolta no meio de uma aula com a frase: “Eu queria mesmo era ser motorista de caminhão!”.

Fazia parte de minha equipe na terceira fase, hum... namorava uma bela moça da quarta fase. Já estávamos no curso de Ciências Sociais. Certa segunda-feira, chegou cedo na sala, eu e ele, somente. Lamuriou-se, pois sabia, em sendo ela eleita “misse” no fim de semana anterior, que tinha perdido a namorada. Arredio em termos de intimidade, espantei-me com a confissão. Logo depois, chega um colega com o jornal e a foto da “misse” na primeira página, querendo comentar a notícia. Ele, indignado, pediu silêncio ao colega, e o colega, também indignado, em um lance incrível perguntou: –“Qual é? Até parece que a mulher é tua”. Eu ia responder afirmativamente para “salvar” o orgulho do amigo. Ele percebeu e deu-me um olhar expressivo, como dizendo: “Deixa pra lá”. Discreto.

Fomos amigos durante todo o restante do percurso em que lhe foi dado viver e ouviria dele apenas mais duas confidências de cunho pessoal. Foi também em 1973, quando me fez estudar com ele diálogos de uma peça de teatro, o descobrimento da paixão/sofrimento dele por esta arte. Foi exigente, pediu minha total atenção ao texto. Desde então, exceto quando em viagem, assisti a todas as peças em que atuou.

O golpe militar no Chile foi em setembro de 1973. Nós – cerca de onze alunos e alunas – formávamos a primeira turma do curso de Ciências Sociais e ele resolveu discutir, em plena vigência do Decreto 477 e na parte posterior do antigo Centro de Estudos Básicos (atual Centro de Comunicação e Expressão), com um dos nossos professores. Praticamente toda a turma ficou apreensiva por alguns dias esperando o pior...mas nada sucedeu. Ficava desesperado com observações políticas de certos mestres e nesses momentos enrolava os cabelos longos nos dedos e arrancava ou quebrava alguns dos já parcos fios.

Confidenciou-me um dia: “Eu adoro Sonho de Valsa!” No aniversário dei de presente um quilo do chocolate. Deixou para abrir o pacote depois...

Na última fase fiz estágio com ele, que escreveu uma palavra no quadro enquanto ministrava sua primeira aula como estagiário. Os alunos observaram que a palavra estava escrita de forma errônea e ele, o mais depressa possível, falou: “Muito bem, eu fiz de propósito para ver se vocês estavam prestando atenção!”.

Dizia com o maior orgulho: “Sou filho de seu fulano de tal, motorista do SAMDU, a senhora não conhece não?”

Fizemos trabalho de campo juntos, aplicação de questionário no sul do Estado. Sério no horário de trabalho e brincalhão na janta, relaxava. Nós dois, “tripeiros”, colocávamos em dia as informações dos cotidianos das pessoas que conhecíamos em comum. Nunca ouvi um comentário malicioso da parte dele, como mulher. Era maravilhoso e ficava muito envergonhado com meus arruobos de amizade. Generoso: em sendo covarde a amiga, veio depois, em sonhos, despedir-se...

Elenco da peça *¿Qué Se Pasa Che?*, de Carlos Carvalho, montagem de O Dromedário Loquaz, de 1983; Marjorie Costa, Ademir Rosa, José Pio Borges, Tânia Kuhnen, César Refosco, Piero Falci, Silvio Mantovani. Convidados: Roberto Kessler e Waldir Brazil. A direção do espetáculo é de Isnard Azevedo (no centro da foto).

RENATO GAMA





***Ao Ademir, rosa***  
***De Dino, companheiro de estrada***

Por DINOVALDO  
GILIOLI

**A**rquétipo sinestesia ar rarefeito labirinto de palavras

**D**onde saem cobras lagartos pensamentos jurássicos

**E**squisitices literárias egos inflados orkut big brother

**M**aneira mais fácil de apare**S**er?

**I**r além de si trapacear a vida

**R**eiterar valores dantes naufragados

**R**emédio sem bula muralha de espuma

**O**bsessão em ob**T**er adquirir consumir

**S**arcófagos de plástico castelos de papel

**A** vida ávida por viver.

## ***Ademir: marxismo cheio de poesia***

Conheci o senhor Ademir Rosa na minha adolescência. Ele era professor estagiário, de História, no Colégio de Aplicação, onde eu estudava. De cara, todos nós notamos que ele tinha algo diferente, e o mais marcante naquele momento era que, durante a aula, bonachão, liberal, jovial, ele nos enchia de oportunidade para uma boa zoeira. E assim levávamos a aula, na brincadeira, conversa e bagunça, digamos, aquelas atitudes sórdidas de adolescentes bagunceiros.

Mas o interessante é que depois da aula nos sentávamos todos em sua volta, e como um guru, um profeta, ele nos dava sua aula de história, com sua visão pessoal, e hoje reconheço, bem marxista, que pra nós, nos idos de 1977, era algo supremamente novo.

Ele era muito teatral. Seus olhos, braços e corpo longo, a mover em gestos, contavam histórias.

Certa vez, depois de uma prova sobre o Japão, estava eu, no ardor da adolescência, no pátio do colégio beijando a minha primeira namorada, Edelzuíte, se chamava ela, quando lá veio o Ademir, para surpresa minha, me perguntar o que eu exatamente queria dizer com uma expressão que usei na prova. Isso me surpreendeu muito, sob o sol da tarde juvenil. Que professor faria isso? Vir a perguntar a um aluno, pedir um esclarecimento, procurar entender?

Ademir era um doce.

Fazia ele parte do mesmo grupo de teatro que minha professora de educação artística e, por isso, fui vê-lo no teatro. O tempo já me levou da memória o nome da tal professora, da tal peça, mas a imagem do Ademir no palco sempre me ficou na mente. O escuro da cena e sua voz forte e bonita soando pelo teatro, com seus temas libertários.

Eu, que sempre fui dado a escrever poemas, em 1978, através dele, dei uma guinada na minha poesia. Novamente sob o sol estudantil, já na faculdade, ele me falava da necessidade de voltar a criação para o social, pela luta do povo, pela libertação ideológica. Ademir era um marxista, mas seu marxismo era cheio de poesia.

Por MÁRLIO  
SILVEIRA  
DA SILVA

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Anos foram-se e vieram, e a vida me levava e me trazia. Até que, finalmente, fui morar na casa onde Ademir tinha morado na sua infância e adolescência. Era uma casa grande e cheia de quartos no Estreito. Nessa casa, seguindo a moda da época, tive meu filho, que nasceu ali, sobre aquele chão de madeira, num parto natural. Exatamente hoje, este filho faz 24 anos.

Saí da casa sob uma enchente torrencial, com água na altura de um metro dentro de casa. Até hoje, devo o aluguel daquele último mês, pois saí com uma mão na frente e outra atrás.

Eram tempos de teatro somente. Peças de bonecos para ganhar dinheiro e muita luta, como artistas navegando na tempestade na economia brasileira.

O Brasil me cansou a paciência quando um filho meu morreu num hospital por infecção hospitalar. A partir desse momento resolvi emigrar. Mas a minha alma do teatro sempre ficou em Floripa, junto com o Grupo A. Voltei então para uma temporada de quatro meses para ajudar na montagem de um texto meu, *Quatro*, no qual Ademir era para trabalhar.

Havia um personagem que sempre me trazia Ademir à mente: sua voz, seu jeito, sua sensualidade. Mas, infelizmente, nessa época ele já estava tomado pela doença que o levou. Nos reuníamos no seu apartamento e ríamos da história da vida, e por dentro chorávamos da história da morte que ali se passava, no corpo dele.

Ele acreditava piamente que iria sobreviver, e eu me continha para não jogar sobre ele minha descrença. Já acostumado à Holanda calvinista, da eutanásia, eu achava que seria mais fácil para ele aceitar logo e partir em paz. Mas ouvi dizer que ele lutou até o último momento, e que no último momento ele chamava por seus amigos.

Eu estava longe, mas devo ter ouvido seu chamado, dentro das noites da minha solidão européia.

Até hoje Ademir vive como um símbolo e um mito vivo na minha mente. Das coisas que aprendi com ele e das coisas que ele mudou na minha vida. Dos cruzamentos do destino que tivemos. Éramos feitos da mesma matéria.

## ***Obrigado, Ademir!***

Acho que o Ademir foi mais meu amigo do que ele imaginou ser. Sempre queria confiar alguns detalhes da nossa grande amizade, mas ele não permitia. Não concedia, pois sempre tinha que me contar coisas boas, projetos, sonhos que ele estava por imaginar...

Então eu me resignava diante de tanta empolgação e acabava ficando na minha imaginação. Poxa, como esse Ademir tem prazer e força de viver, como ele me ajuda com esse astral pra cima. Sempre dizendo que tudo vai dar certo, que não podemos esmorecer... queria que um dia eu pudesse dizer isso para ele, como ele me ajudou com aquele grande astral, e, na verdade, até hoje ajuda. Quando estou meio mal, penso nele, no Waldir e no Édio, aí a festa está completa e o meu astral com certeza bem melhor. São pessoas assim que marcam de forma inesque-

Por ZECA  
NUNES PIRES

ARQUIVO PESSOAL



Cena do filme  
*PSW - Uma  
Crônica  
Subversiva.*

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

cível nossa vida, de pessoas assim que o mundo precisa cada vez mais.

Tínhamos várias relações de encontro, a primeira pela arte que nos unia, a segunda, a política, que sempre acabávamos discutindo e aceitando algumas diferenças, e a proximidade com o meu sogro de então, o professor Valmir Martins, nosso amigo em comum. Tomamos muitas caninhas no Arantes e viajamos a Mercúrio várias noites, como era bom.

Naquela época não tínhamos a preocupação dos atuais patrulheiros da arte, que nada fazem a não ser tentar que a gente se paralise. Mas não vão conseguir, não é mesmo, Ademir! Isso ninguém vai tirar de nós.

Ademir, te chamei para a Assembléia Legislativa do filme Paulo Wright, foste com toda aquela força contida, mas nem tanto, aflorando com todos os sentimentos da época. Pena que assistimos pouco a esse filme, mas

Ademir Rosa e  
Waldir Brazil  
em cena do  
filme *Manhã*,  
de Zeca Pires  
e Norberto  
Depizzolati, de  
1989.

ARQUIVO PESSOAL



em compensação curtimos muito os momentos com o Antônio Fagundes, eu, tu, Hércules, Juval, Zica, Ricardo Goulart, Waldir Brazil, e todo o nosso time estava lá, sem falhar. Nossos sonhos eram intermináveis e tu com aquela capacidade de tornar realidade cada sonho. Se não fosse no concreto, seria no nosso imaginário, eu curti adoidado. Aprendi muito com o Ademir a enfrentar as adversidades na produção cultural na província – tomara que ele leia esta carta. Anos depois resolvemos fazer o *Manhã* lá em Anitápolis. Foram 10 dias trancados lá na serra com 80% dos dias de filmagem com muita chuva. Mas teu humor me consolava e me dava energia, sem que tu soubesses. Muitas vezes fizeste eu ir à frente, que era um papel quase de herói, sacrifício (no sentido de fazer sagrado) era nossa missão. Como foi bom o jantar no seu Aldo (que deve estar fazendo um churrasco aí em cima para ti), como rimos. Ainda temos algumas imagens daquele jantar. Eras um padre danadinho, a noite na casa da viúva.

Adorei o *Manhã*, e hoje tenho certeza de que uma equipe com o astral como aquele é 75% de um filme bem-sucedido. E *Manhã* foi um filme bem-sucedido, muito por causa da tua contagiante alegria em trabalhar no cinema, em fazer arte.

Estejas ondes estiveres, gostaria que ficasses sabendo destas minhas confissões, o quanto foste importante para mim, e certamente para a arte catariense. Obrigado, Ademir!

Intervalo das  
filmagens de  
*Manhã*, em  
1989.



## Pioneiro no PT

Ademir é fundador do PT em Santa Catarina. “Nasceu o PT em 1980. Eu sou um dos remanescentes, um dos pioneiros das reuniões do PT em Santa Catarina. Participei da direção. Na época, a militância me fez parar um pouco com o teatro. Era tempo de construção do partido, de agitação política”, conta em entrevista ao Jornal do PT de Florianópolis, em 1995. Sempre com posições fortes, Ademir marca sua militância e sua vida dentro do partido. Na mesma

entrevista, há 12 anos, ele diz: “Nunca se pensava que a cultura poderia transformar a cabeça de alguém. Mas é um engano. Pode-se fazer leituras incríveis através da literatura, da poesia, do teatro, da música. O PT deve se deter a isso, deve trabalhar a questão cultural como prática diária, ou a gente vai acabar virando qualquer outra coisa como qualquer outro partido. Precisamos ser diferentes”.

ARQUIVO PESSOAL



1985. Ademir recebe o Troféu Bastidores de Melhor Ator do Ano, no palco do Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, e grita: “E viva o PT”.

## ***Paixão pela arte, pela luta e pela vida***

Sociólogo, ator e militante político, Ademir ultrapassou muito jovem o limite do horizonte, no dia 28 de fevereiro de 1997, nos deixando muita saudade. Prefiro, como Schopenhauer, comparar a morte ao pôr-do-sol, que quando se despede já está nascendo em outro horizonte. Independentemente das crenças, dúvidas e certezas, a luz de Ademir Rosa sempre estará brilhando em nossa memória. Toda boa noite precisa de um bom dia. No limite do horizonte, onde jaz um pôr-de-sol, o crepúsculo que se despede é o mesmo que se anuncia. Lembrar de Ademir é iluminar um rosto destacado no cenário que nunca se arruma.

Apaixonado, irreverente e feliz, Ademir seguiu sua vida sempre esperando o melhor das pessoas. Um militante admirado e brincalhão, que externava freqüentemente sua impaciência com a demora das coisas. Voluntarista como poucos, verbalizava com poesia e às vezes com truculência sua paixão pela

Por MURILO  
SILVA

ARQUIVO PESSOAL



Ademir participa ativamente da Campanha para Prefeito de Florianópolis, em 1982.



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

política e sua razão pela justiça. Um guerrilheiro na arte e na política. Com sua alma e sua arma, convidava-nos com vigor e entusiasmo para as batalhas da vida. Quando se decepcionava com algum companheiro, rasgava a garganta com sua voz grave e marcante: “Pelego!”. Mas logo também perdoava. Ademir me disse certa vez que sentia saudades quando o PT de Florianópolis cabia num fusquinha. Contrariado com as “reunites agudas” do partido, nas plenárias ficava numa coxia imaginária soprando falas e aguardando o momento de atuar. Quando assumia o microfone, armava uma metralhadora de palavras, quase sempre para atingir o alvo preferido: o estreitismo das correntes do partido. “Vamos parar com essas picuinhas, porra!”. Lá vinha o Ademir de novo para sacudir o PT, que naquela época já cabia numa Kombi.

Numa tarde de 1994, na Fundação Franklin Cascaes, encontro o Ademir à procura de ingressos para o Festival Isnard Azevedo de Teatro. Queria comprar para todas as noites. Eu, que trabalhava na instituição e possuía diversos deles para algumas personalidades, prontamente lhe ofereci as cortesias. Ele, com sincera modéstia, tentou recusar: “Não é melhor guardá-los para alguém mais importante?”. Numa das últimas vezes em que estive com ele, já bastante doente, sentado numa pedra na Ponta do Sambaquí, seu sorriso tomou conta de um rosto preparado para o choro, embalando palavras saudosistas de homenagem à vida. Interrompido por uma lágrima, enxugou rapidamente o rosto magro e aparou uma gota inexistente, levantando-se apressadamente com a desculpa de que já estava chovendo.

Um sentinela na política e na arte, tinha postura altiva e estatura acima da média. Uma torre de pedra que na intimidade se descobria feita de açúcar. Pele morena com bochechas às vezes rosadas, seu rosto dócil, metade coberto por barba preta e depois um pouco branca, descortinava a imagem de um bizarro Dom Quixote, às vezes de um bravo Che Guevara, outras de um maluco Raul Seixas, mas eu sempre preferi a imagem de um profeta manezinho.

Lá está ele, no pôr-do-sol, no limite do horizonte, brilhando em nossa memória, como uma centelha viva e esperançosa, anunciando o fim e o início dos dias. Iluminando rostos, cenários, talentos, lembranças, idéias e admirações, Ademir atua, Ademir vive.

## ***Ademir Rosa é o pôr-do-sol no Koxixo's da Beira Mar***

Por IDELI  
SALVATTI

É lá que eu fui me sentar depois do enterro dele, no Cemitério da Paz, para pensar na vida e na morte. E reacodar a alma.

Ademir Rosa é o pôr-do-sol no Koxixo's da Beira Mar, na Floripa que ele amava de paixão. E o pôr-do-sol representa bem o Ademir. É algo vital que vai de repente.

Vai e não deveria ter ido, de tão luminoso, lindo.

Vai e, teimosamente, irradia, irradia, mesmo quando não se pode mais vê-lo no horizonte.

Ademir Rosa tem marcas fortes, apesar de sua figura doce e longa. Ele era alegria de fazer. Seja no sindicato, ele no Sindiprevs, eu no Sinte, onde tivemos a oportunidade de compartilhar ações e planos, na desafiante tarefa de construir, reconstruir o movimento sindical dos servidores públicos, que a lei ditatorial proibia e nós teimávamos em encarar.

Ademir também era o Campeche com seu “manezês”, esse tom chiado de falar tão típico que ele parodiava do Chiquinho da Palhoça, colocando o necessário e obrigatório tom local em tudo o que fazia. É “aterrar” a ação sempre.

No PT, como meu companheiro sempre, onde sua militância era pauta da pela alegria, pelas encenações, pela criatividade do “Armazém Estrela”, no primeiro programa de TV em campanha eleitoral. Não posso deixar de citar que foi ele quem fez as minhas campanhas, com criatividade e prazer.

Era a mesma alegria e entusiasmo que eu encontrava incorporados no Ademir Rosa, vestido de mulher, nos blocos de sujos, no Carnaval da Praça XV.

A visão era esta: só vale fazer com alegria. O Ademir fazia a alegria.

E nestes anos que se seguiram ao pôr-do-sol do Ademir, quando

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Comício da campanha presidencial em Florianópolis. Ademir era o apresentador, de boné, ao lado de Lula.

cada vez mais se faz necessário operar a política como centro da vida, absorvente, quase automaticamente, é que faz falta a alegria de fazer do Ademir.

A sua fixação pelo teatro era outra tônica da alegria e de fazer política, intrínsecos, teatro e política. Ele fazia mais política com a arte do que o teatro da nossa política, em boa parte das vezes.

Ademir é isto: pôr-do-sol e alegria de fazer.

ARQUIVO PESSOAL



## Um armazém chamado “Estrela”

1986. Eleições. Novos tempos. Necessidade de novas linguagens para disputar o projeto de sociedade com as oligarquias catarinenses. A criatividade vence os obstáculos da falta de dinheiro, de equipamentos. Ademir conta em entrevista de 1995: “Tínhamos que fazer o programa de TV do partido e tínhamos que ser diferentes. Eram só dois minutos na telinha e disputávamos as eleições com cartas já marcadas pelos candidatos dos outros partidos. Reunimo-nos na minha casa e bolamos a idéia de fazer um comerciante – que seria o âncora – para o desfile dos candidatos. Daí surgiu o armazém e eu era o dono. Só que para ter voz ativa no programa a Justiça Eleitoral exigia que a pessoa fosse candidato. Acabei me candidatando a deputado estadual, com número e tudo, mas não fiz campanha e nem votei em mim. Recebi uns 400 votos, por incrível que pareça”.

ARQUIVO PESSOAL



Ademir no Armazém Estrela: programa que marcou pela criatividade.

## ***Do Núcleo de Base do PT no bairro do Estreito até o Armazém Estrela na campanha de TV***

Por  
NAZÁRIO  
BELLI

A partir das reuniões convocadas pelo Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores – PT, em Florianópolis, em 1980, tirou-se como pressuposto para atuação política do PT e seus militantes a organização a partir dos núcleos de base. Em nosso caso, nossa atuação se limitou ao continente, nos bairros do Estreito e Coloninha, pois nesse mesmo momento outros núcleos se formavam no continente. Citamos o núcleo de Coqueiros, de onde os companheiros João Custódio (Zica) e Marilene Pereira vinham para nos auxiliar na construção do nosso núcleo do Estreito. No bairro de Capoeiras, também alguns companheiros se organizavam e construíram o seu núcleo de base, não esquecendo do empenho político do companheiro Pedro Leonete (em memória), do Glauco, Aninha, Fernando e outros de quem no momento não me lembro.

Sendo vizinho do Ademir, conheci uma pessoa desde cedo inquieta e radicalmente contra as injustiças sociais, um sonhador. Falava-nos de outro mundo, de igualdade e justiça social.

Vascaíno convicto, escutava os jogos de seu time no rádio em casa. Vez por outra escutávamos emputecidos com o tento do time adversário.

Sempre cabeludo, o “magrão”, como era conhecido pela galera do Estreito, tinha um tipo fino e esguio e, confesso, algumas vezes se encrencou em algumas peladas. Nada comparado às suas brigas políticas.

Lembro, em um mês de dezembro, década de 70, por volta da meia-noite: o “magrão” subia a rua Antonieta de Barros, rumo a sua casa, vinha dos ensaios da sua amada Escola de Samba Filhos do Continente. Outra paixão foi sair na bateria dessa escola. Algumas vezes, uma parada para conversar e uns “tragos” conosco, antes de continuar as pernadas Antonieta acima.

Foi a partir de um convite do Ademir que comecei a participar, primeiramente, das reuniões do Diretório Municipal, na maioria das vezes coordenadas pelo professor e historiador Valmir Martins, responsável pela pre-

sença do Ademir no PT. As reuniões eram realizadas na sede, situada na rua Conselheiro Mafra, e as Plenárias realizadas na sede da União Catarinense dos Estudantes – UCE.

Assim, eu juntamente com o Ademir, o João Custódio, o Maurílio e suas companheiras começamos as primeiras reuniões e encontros do nosso núcleo de base. Nos primeiros encontros estruturamos o núcleo e passamos a discutir o programa, o manifesto e o estatuto do partido, onde tirávamos posições e em inflamados debates internos, na plenária, eram feitas as nossas intervenções. O objetivo desses documentos era estimular a energia política em cada companheiro filiado, a fim de prepará-los para a atuação político-partidária. Os primeiros encontros do grupo variavam de local, geralmente na casa ou no fundo de quintal de algum companheiro, pois havia receio e algum temor político de retrocesso e volta brutal da ditadura que ainda estava no poder. Nesse período nos organizávamos com faixas e panfletos do partido, em todas as manifestações populares, levando ao público o conhecimento de um novo partido de massas, alternativa de poder, contrapondo-se aos tradicionais partidos. Denunciávamos a ditadura e seus presos políticos. Tínhamos um núcleo vivo e atuante, talvez o mais organizado na sua militância política. Os supermercados, as igrejas e grandes lojas no Estreito eram algumas vezes visitados com nossa militância, com cartazes em murais, panfletos, mosquitinhos. Qualquer forma de nos fazer chegar à população usávamos, inclusive com incursões noturnas, pichando muros, atividade na qual ficávamos um pouco amedrontados pela possibilidade da presença da polícia. Nas ruas ouvia-se falar no PT. Ouviu-se mais quando começou a primeira campanha de filiação. Nesse tempo já se somavam a nós os irmãos Márcia e Humberto Monn, o estudante de economia e futuro deputado estadual Afrânio Boppré, Seu Dimercino Furtado (em memória), carinhosamente chamado Seu Demézio, que foi na época o recordista de filiações, o Ronaldo Andrade e sua companheira Claudete, o Alvim e meus irmãos Paulo Belli Filho e Sávio Belli.

Nossa primeira campanha de filiação foi muito expansiva. Visitamos muitas famílias nos bairros do Estreito, Coloninha, Jardim Atlântico e Morro da Caixa,

este último às margens da avenida Ivo Silveira. Conseguimos com a militância voluntária de cada companheiro a almejada legalização do partido, fato que nós atribuímos à responsabilidade de nossos voluntariados. Organizados em nosso núcleo e com a primeira eleição em nossas portas, discutíamos, debatíamos e nos contrariávamos; nós, puros, ingênuos e com muitos sonhos. Sabíamos das mutretagens, do assistencialismo e da velha politicagem que iríamos enfrentar, inclusive em nosso bairro, tínhamos consciência de que esse momento para nós era o de contato da população brasileira com algo novo, politicamente forte, na militância mostrar aos trabalhadores que com a organização popular era possível mudar o Brasil, entretanto era necessário fazer-se conhecido. E assim nos preparávamos para enfrentar a primeira eleição do PT, um novo partido legalizado. Nosso núcleo, depois de alguns debates, decidiu lançar como candidato a vereador o Sr. Demézio, uma pessoa muito simpática e respeitada no bairro. Assim era conhecido o Sr. Dimercino Furtado. A partir desse período tivemos outras atividades em nosso núcleo, porém a forte influência das tendências que atuam internamente dentro do PT até hoje tirou, ao meu ver, a pureza da representatividade democrática do partido através das bases. Hoje o que resta no PT é a discussão das facções na ânsia de alcançar o poder interno.

Ademir Rosa, superligado ao teatro, principal paixão de sua vida, atuava com presença marcante nas campanhas do PT. Fazendo teatro de rua, apresentações dos candidatos em palanques, participando em programas televisivos, de rádio, era um soldado, um obreiro do partido. Nos trabalhos de campanha política ficou conhecido em todo o estado, com o seu personagem "Seu Fagundes", menção ao dono de uma mercearia que recebia todos os candidatos do PT, discutindo com cada um o seu programa político, de uma forma bem criativa. Nessas cenas tínhamos a participação da companheira e atriz Marise Veríssimo. Nessa eleição houve votos até para o "Seu Fagundes", considerados nulos com certeza. Continuou sua participação como ator, ajudando sempre em campanhas eleitorais do PT. Na eleição seguinte para governo do estado, tendo que cumprir com obrigações legais do Tribunal Regional Eleitoral - TRE, o Ademir lançou-se candidato a deputado estadual a pedido do partido, para apresentar os candidatos

do PT na televisão e no rádio. Nessa eleição foi proibido a artistas fazer propagandas políticas. Usando seu talento artístico para o PT, surpreendentemente, por umas duas vezes, quando o Ademir aparecia para apresentar os candidatos, havia uma pequena placa na sua frente anunciando: “Ademir Rosa – Deputado Estadual”, mas em nenhum momento o Ademir pediu voto, pois estava claro que ele era apenas um apresentador, um ator disfarçado em candidato. Para surpresa geral, o Ademir teve mais votos que alguns candidatos que fizeram campanha. Ele riu um monte, pois nem ele votou nele. Isso mostra como éramos sérios, haja vista que sua participação era a de fazer crescer o partido com sua militância fiel e exemplar a todos os petistas. O fato veio confirmar o grande ator que ele era. Ele estava à disposição do PT, do mundo. Eu o conheci bem antes do PT. Todos em nosso bairro o estimavam, tinha um contato carinhoso com todos. Era de longas conversas ao cair da tarde, mesmo após nossas peladas, regadas a algumas “birritas”. Alcançávamos facilmente a noite na escuta do bom humor, no trocadilho das idéias, no convívio às vezes quase diário com esse grande brasileiro, que nos brindou com sua presença humanista e libertária em vida. E agora na sua ausência ficamos, pois, com a boa lembrança do “magrão”.

Aniversário de Ademir confunde-se com comemoração do PT.





## **11 anos do PT**

1991. O PT completa 11 anos. Em Santa Catarina, a partir de um texto de Chico Veríssimo intitulado “Da história da democracia brasileira, 11 anos pertencem a nós”, Ademir participa de um espetáculo que homenageia o partido. O convite traz um trecho de um texto que diz: “O 1º Congresso do PT surgiu com uma grande proposta: o partido se abrir para a sociedade. Construir um novo modo de fazer política, uma nova forma de organização partidária e, fundamentalmente, propor à sociedade um projeto alternativo para o país. Recuperar a garra, a convicção, a paixão, enfim, o modo petista de sentir e fazer as coisas, de olhar e entender o mundo e aqueles que o transformam. Que tal a gente fazer isso brincando... com arte... com liberdade... sem medo de ser feliz?”

*PT - 11  
anos, com  
texto de  
Chiquinho  
Veríssimo.*



ARQUIVO PESSOAL

## ***Ademir Rosa – Um Cidadão da Arte-Militante***

Inicialmente um pedido de desculpas à Edilma e ao Pedro Uczai, pela demora deste texto. Confesso que fiz dezenas de tentativas de iniciá-lo e terminá-lo, mas não conseguia passar da segunda linha. Um nó na garganta, o cérebro travava e explodia umedecendo e avermelhando os olhos, paralisando braços e mãos. Confesso que este texto está saindo graças à guerra que a Edilma travou comigo, insistindo, incentivando, estimulando e cobrando.

Por FRANCISCO  
VERÍSSIMO

Perdão também porque o texto não conseguiu se enquadrar nos princípios da boa literatura, especialmente no tocante a textos biográficos. Preciso me preocupar com a necessidade do “princípio, meio e fim”? Com o Ademir essa coisa certinha não funcionava muito bem. O Ademir era tensão permanente, o ponto de chegada era ao mesmo tempo o ponto de partida, conflito, história em mudança, ansiedade, tudo pra hoje. Pro Ademir subir num palco com Brecht ou num palanque com o Lula, ou ainda romper a cerca de um latifúndio com o João Pedro Stédile eram cenas de um mesmo ato, emoções de um mesmo enredo escrito pela história e que ele não queria perder um segundo sequer. Aliás, resumia seu sentido de viver numa frase repetida com frequência: *Precisamos mudar essa História*. E falava da nossa história, da história de sua geração, que viu muitos de seus sonhos se perderem sob os coturnos dos anos 60 e 70.

Juntar arte com política e militância social e vice-versa, viver como se tudo tivesse uma única razão de ser e ao mesmo tempo cada uma com seus objetivos e estratégias foi sua arte maior. Não é fácil. Uns não conseguem separar uma coisa da outra e outros não conseguem juntar coisa com coisa. Ademir apresentava e animava os comícios do Lula no estado, depois de ter participado da fundação do PT de Santa Catarina. Fazia isso nas primeiras campanhas, quando ainda não havia os apresentadores profissionais, contratados e pagos. Foi eleito o melhor ator de teatro do estado por diversas vezes com peças como *Nó Cego*, de Carlos Vereza, e era o ator preferido do diretor Isnard Azevedo para montar Brecht. Esteve junto

**1º ATO** Fragmentos de uma trajetória

Ademir em *Nó Cego*, do Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.



ARQUIVO PESSOAL

com os trabalhadores rurais sem terra, desde antes da fundação do MST. Sociólogo com paixão pela sociologia rural, conseguia como ninguém entrar nos sonhos dos trabalhadores rurais e vivenciá-los como sendo também os seus. O belo Vale do Rio Tijucas foi um dos seus laboratórios.

Formado por Tijucas, Canelinha, São João Batista e Nova Trento, o Vale foi privilegiado por uma das ações mais fantásticas e mais libertadoras da vida do Ademir. Final dos anos 70, início dos anos 80, não havia nem CUT nem PT, e Madre Paulina ainda era apenas a fundadora de uma congregação religiosa, e foi lá com a Comissão Pastoral da Terra que Ademir denunciou e desbaratou uma máfia de exploração de trabalho escravo, uma quadrilha de gatos que trazia trabalhadores enjaulados do norte do Paraná para morrerem nos canaviais e fazendas de reflorestamento de eucalipto, pertencentes à USATI – a poderosa usina de açúcar, da religiosa e tradicional família Gomes, fechada tempos depois com a mancha da escravidão, reconhecida por seus diretores em nota pública e com pedido de perdão à sociedade.

Seu José, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tijucas, hoje com mais de 80 anos de idade, lembra dessa época e dos versos de cordel que o Ademir lia para os pequenos proprietários rurais, plantadores de cana-de-açúcar:

*O meu recado é sincero  
Não procuro fazer o mal  
E se dirige para todos  
Os que são trabalhador rural.  
Para os fornecedores da usina  
Meu recado é especial.*

*Vou direto ao assunto  
Que já tá cheirando mal  
A usina pega nossa cana  
E da nota nem sinal...*

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

*Ainda que mal pergunte:  
Isso não será ilegal?*

Por causa de seu bom humor, do seu *ser-festeiro*, herança de Dona Eli e de Seu Elói, lá na Rua do Fato, no Estreito do Desterro, eu costumava lhe dizer que viveria 200 anos. Foi sua marca registrada no jornalzinho da Comissão Pastoral da Terra a edição do Horóscopo do Agricultor: “Você agricultor que é de touro e planta fumo no sul de nosso Estado, os astros lhe dizem que a situação não lhe é muito favorável. A plantação foi boa, São Pedro ajudou, mas as empresas querem pagar o mesmo preço da tonelada que pagaram na safra passada. E na AFUBRA continua a mesma pelegada... Segundo seu astro ascendente a saída pra você de touro é juntar todo mundo no caminhão e acampar na frente das empresas em Blumenau e em Rio do Sul na frente da AFUBRA”. “Aos suinocultores do signo de capricórnio um recado: Não acreditem nessa febre suína. Palavras do Fritsch lá da Diocese de Chapecó...”

A ditadura militar impôs a várias gerações situações esdrúxulas, deprimentes, tais como a censura, a castração das liberdades democráticas como o direito da livre organização, etc. E foi também na legislação eleitoral que o ridículo e o casuísmo autoritário se fizeram presentes. Nas eleições de 1982 o voto vinculado, de vereador a governador, tinha que ser do mesmo partido. Mas foi nas eleições de 1986 que os militares e seus civis legisladores nos pegaram pelo pé. Responsável pelos nossos programas de TV, Ademir criou em estúdio um cenário do cotidiano, um armazém popular por onde passariam os candidatos e os eleitores, comprando pão, leite e conversando sobre as eleições. Ali nossos candidatos se apresentariam numa conversa solta com eleitores, clientes do “Armazém Estrela”, de propriedade de “Seu Fagundes”, que era o próprio... Montado o elenco, seu Fagundes e “os eleitores” Nelson Mota, Marise, Eliana, Rosa (\*), enfim, na maioria mulheres, começaram os ensaios quando saiu a legislação eleitoral: *Só poderia aparecer nos programas de TV quem fosse candi-*

---

(\*) Rosa Cristina Mendes, também falecida prematuramente em 1998, aos 36 anos. Uma guerreira que deixou seu nome no movimento de mulheres e na história do PT de Florianópolis.

dato. E agora? Registrar todo mundo no TRE. Como naquela época sempre sobravam vagas na nominata dos candidatos do PT, até porque éramos poucos e não nos coligávamos com ninguém, foi fácil resolver o problema. Assim, o Ademir, além de Seu Fagundes, virou candidato a deputado estadual, *para não ser eleito*, uma vez que seu objetivo era eleger seus clientes do Armazém Estrela. Mesmo assim, não sabemos como, fez exatos 464 votos.

Na arte, na cultura, por estar de bem com a vida e feliz por fazer o que mais gostava, o teatro, Ademir e sua turma de “teatreiros” enfrentavam e derrotavam a ditadura e seus temidos agentes federais: os censores militares. Peço licença ao Édio Nunes e à Zeula Soares para destacar esse episódio, único em nossa história. Além de ser obrigado a avisar a polícia que você deseja montar uma peça de teatro, comunicar que os ensaios vão ocorrer em tais dias e horas e em determinado local, a polícia exigia cópia do texto, carimbava página por página e depois dava, ou não, autorização para os ensaios, que deviam ser acompanhados pelo censor. E mais: você era obrigado a pegar o censor em casa e levá-lo de volta depois dos ensaios. Não creio que tenha havido outro caso semelhante no país ou no mundo. Você é obrigado a buscar seu carrasco na sua casa para que ele possa subir ao palco com você e lhe cortar sua voz. Era preciso muita resistência. E um detalhe: o Grupo Armação ensaiava num teatro junto ao antigo “Abrigo de Menores”, na Agronômica, em Florianópolis. O censor morava em Barreiros, São José, depois da Escola de Aprendizes Marinheiros.

Nos cadastros do Serviço de Censura da Polícia Federal encontramos a seguinte ficha:

*“Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço o assentamento da peça intitulada ESTÁ LÁ FORA UM INSPETOR, original de J. B. PRIESTLEY, produção do GRUPO DE TEATRO AMADOR DO CLUBE “SEIS DE JANEIRO” – SC, requerida por ADEMIR ROSA, tendo sido censurada em 30 de maio de 1974 e recebido a seguinte classificação: PROI-*

## **1º ATO** Fragmentos de uma trajetória

*BIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP". Brasília, 05 de junho de 1974. Assinado, Wilson de Queiroz Garcia, Chefe do Serviço de Censura.*

Passados 10 anos de seu falecimento, Ademir é constantemente lembrado e sua ausência ainda é sentida. No último comício da campanha eleitoral de 2006, realizado no Largo da Alfândega, em Florianópolis, quando se consolidou a aliança PT/PP, com o palanque formado por José de Alencar, Vice-Presidente da República, Esperidião Amin, José Fritsch, Angela Amin, Luci, Ideli e tantos outros, a Eliane Schmidt, ao lado do Eurides Mescolotto, me cochichou ao ouvido: "Tem uma pessoa que teria que estar aqui hoje".

## **Sempre militante da cultura**

Militante da questão cultural, Ademir luta dentro do partido por uma nova visão para o setor. Em 1992 assina um documento, escrito em São José, relatando a experiência do Seminário Nacional do Partido dos Trabalhadores para a discussão sobre cultura. Pontua: “Politicamente a discussão centrou no desafio que nos é colocado no sentido de se contrapor a chamada ‘cultura de massa’, entendida essencialmente como reprodutora e animadora do senso comum, alienante, sem raiz, que discrimina, distorce e cria novos valores. O desafio é imenso, pois se internamente a cultura petista ainda não passou de algumas luzes, palcos e artistas famosos, participando de atos públicos ou animando comícios, imaginamos a tarefa em se tratando do ‘público externo’ a ‘massa’ [...]. O PT e o seu projeto cultural não pode reiterar o senso comum que permeia a sociedade. Nos cabe o trabalho do pensamento e da crítica, da reflexão sobre a prática social”.

Membro da Comissão de Cultura da Frente Popular, no início da década de 90, quando a Frente administrava a capital catarinense, assinou documento intitulado “A situação da Fundação Franklin Cascaes exige mudanças”. Lia-se: “Reafirmamos a necessidade de realização de um seminário de cultura onde o movimento cultural possa, de fato, interferir nas diretrizes gerais da política cultural do município. Só assim, no nosso entendimento, a política cultural de Florianópolis contemplará a dimensão democrática, popular e progressista que a Frente Popular quer implantar na administração de Florianópolis”.



## ***O Rosa do povo***

Por ANTÔNIO  
CUNHA

homenagem a  
Ademir Rosa,  
proferida na  
abertura do  
Seminário  
América  
Construindo o  
Socialismo,  
Florianópolis/SC,  
05/07/2001.

O que dizer de um homem como Ademir Rosa que já não tenha sido dito, e, muito provavelmente, com mais consistência? Sobre Ademir Rosa disse ele próprio, em sua arte, em sua militância, em sua maneira de nos arrebatar com a sua simples presença. Ele era assim mesmo: arrebataador, visceral, desconcertantemente pleno em sua veracidade. Possuía a complexidade comezinha de uma tempestade: instantes de gravidade, instantes de calma, instantes de claro, instantes de escuro, instantes de fogo, instantes de água. Não que tantos outros não os tenham tido. É que em Ademir esses estados ganhavam um realce a mais, talvez por conta da sua predisposição à vida. E como amava a vida! E como amava vivê-la! Defendeu-a incontinente. Por conta disso, creio, foi feliz. Tinha muito ainda por fazer. Na arte, na militância, na vida.

A história do teatro catarinense nos últimos trinta anos, de certa forma, se confunde com a história do próprio Ademir. Participou de todos os seus melhores momentos, fosse fundando grupos, fosse atuando nos palcos ou em qualquer outro espaço possível. Foi ator em vinte e três peças de teatro, em seis filmes para cinema, além de trabalhos para televisão e vídeo.

Ao nos deixar, Ademir encontrava-se excitado por uma nova experiência em sua carreira, a de dramaturgo, tendo escrito cinco peças, duas delas (*A Estória* e *Os Lobos*) encenadas pelo Grupo Armação, que ajudou a fundar em 1975 e do qual foi o primeiro presidente. Foi na arte, em especial na arte de representar, que Ademir encontrou a sua forma maior de expressão. Foi onde ele pôde ser por inteiro, como todo ator, embora se dividindo em mil facetas.

Mas o seu talento não se restringiu aos palcos ou às telas de cinema e televisão. Ele o exerceu também



na efervescência das lutas democráticas, animando os companheiros que se acostumaram a marchar pelas ruas da cidade sob o incentivo de sua voz instigadora ao auto-falante. Não havia diferença entre o artista e o militante. A paixão era a mesma. Com a mesma paixão que fundou grupos de teatro, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores em Florianópolis, lecionou Sociologia Rural na UFSC (quando eu tive a satisfação de ser ao mesmo tempo seu amigo e aluno) e atuou como jogador no seu querido Unidos Futebol Clube do Campeche.

Paixão maior mesmo somente pela companheira Edilma, o que não se constitui necessariamente num mérito, pois gostar de Edilma não exige de ninguém qualquer esforço.

À primeira vista, Ademir passava a imagem daquele militante arraigado, movido a rompantes de idealismo. Assim era em termos, pois possuía uma sólida base acadêmica. Talvez uma das tristezas que tenha levado consigo tenha sido o fato de ter assistido, embora convicto do contrário, ao anúncio do “fim do socialismo”. Deve estar satisfeito ao ver que a sua convicção tinha fundamento. O socialismo permanece tão vivo quanto ele em nossos corações.

Gostaria de terminar com uma citação do dramaturgo Ademir Rosa, tirada de sua peça *A Estória*, encenada por ele e pelo seu grande amigo Édio Nunes em 1995, sob a direção de Carmen Fossari: “Eu mentia quando dizia que não tinha opinião sobre mim mesmo. Estou muito ciente do meu estilo e do alcance do meu estilo. Meu coração é de um tirano e meu braço de um carrasco. A única coisa que temo é o fracasso dos meus planos, a pobreza dos meus dramas e o caos em minhas tramas”. Sem temores, companheiro! Sem temores! Os seus planos continuam os nossos planos, os seus dramas continuam os nossos dramas, e as suas tramas continuam as nossas tramas. E a luta? Bem, a luta continua!

Ademir em *Acorda Raimundo*, na Praça da Alfândega, em Florianópolis, numa apresentação no Dia Internacional da Mulher.



## Luta pela Terra

Anos 90, 8ª Romaria da Terra promovida pela Comissão Pastoral da Terra – CPT. Um caminhão está estacionado no Aterro da Baía Sul, na Capital de Santa Catarina. Milhares de pessoas estão em volta. Elas representam quase todo o Estado. Carregam bandeiras, símbolos, sementes. Olham atentas à encenação que está sendo realizada na carroceria do veículo. Lá em cima, Ademir Rosa é mais um migrante expulso da cidade. Lá em cima, ele fala de abandono, de falta de condições, da tristeza da família. Lá embaixo, a multidão reflete. Ademir é presença constante nas romarias.

Ademir, com o Grupo A de Teatro, em Fraiburgo, apresentando *O Trem da História*, texto de Málio Silveira da Silva, com direção de Fátima Lima. Era a Romaria da Terra de 1996, da Comissão Pastoral da Terra – CPT.



ARQUIVO PESSOAL



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Ademir tem uma relação muito forte com a Comissão Pastoral da Terra e com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. No Jornal Cheiro de Terra, número 105, de 1996, encontramos: “Muitas foram as vezes que Ademir Rosa entrou na Secretaria da CPT. Com seu jeito alegre e brincalhão, quase sempre chegava imitando algum personagem ou ‘pegando no pé’ de alguém [...]. O companheiro Ademir deu sua última contribuição à CPT-SC na 11ª Romaria da Terra, sendo o narrador da peça *O Trem da História*. Mesmo sob as fortes chuvas que caíram durante a Romaria ele não ‘arredou o pé’ e seguiu firme a apresentação da peça teatral”.

E sobre o fato de, como ator, interpretar a realidade, ele mesmo fala



ao Jornal do PT em 1995: “É um teatro para as pessoas terem uma visão maior de mundo, para mostrar o possível da realidade. É um tipo de trabalho que eu faria sempre”.

Num trecho de um roteiro, escrito à mão, com o título de “MST”, Ademir também mostra sua reflexão:

**CENA 1:** *Crescente. Todas as cenas serão realizadas em cima de um caminhão, carroceria e capô.*

*Os trabalhadores, na carroceria, começam a se despedir de seus amigos, familiares. Alegria, choro, esperanças, rezas, alguma praga de bêbado, chimarrão de mão em mão. Faixas, bandeiras. Cantam canções que falam sobre a terra, de ganhar o fruto bendito. Caminhão desloca-se. Estão com luzes apagadas. De repente, um imenso clarão em direção ao caminhão. É a reação do proprietário, com uma única e contundente pergunta.*

**Proprietário**

- O que vocês estão querendo aqui?

*Eco. Paira um imenso e significativo silêncio.*

## ***Meu caro Ademir, sua indignação está nos fazendo falta***

Por JOÃO PEDRO STÉDILE  
Conheci o Ademir lá pelos idos de 1976, quando ele foi fazer mestrado em Sociologia Rural na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Éramos colegas em algumas matérias comuns que havia na Economia Rural. Logo nos identificamos e construímos uma longa amizade, que perpassou os anos e foi se mesclando com nossas famílias.

E desde logo, todos seus colegas passaram a admirá-lo, pois se surpreendiam com seus projetos de teatro, já que, pelo racionalismo acadêmico daqueles tempos, todos queriam ser professores universitários, como uma elite acima da vida comum. E ele dizia querer ser apenas ator e sociólogo. Assim, ajudou também a educar melhor aqueles que éramos seus colegas, nos convidando para suas peças... e nos envolvendo nos saraus culturais.

Em geral passávamos as férias juntos, em sua casa no Campeche, onde ele foi vendo nossos filhos crescerem e com eles brincando e convivendo. Logo o apelidaram carinhosamente de “carequinha”.

Tenho muitas saudades do Ademir. Fomos grandes amigos. Sempre conversávamos muito, de cultura, da vida e, sobretudo, de política. Marcou-me sempre no Ademir sua indignação. Sua revolta diante das injustiças que via na sua ilha, na política catarinense e, sobretudo, no nosso Brasil. Uma indignação não contida. Tinha de expressá-la, em qualquer ambiente. Enfrentamos juntos os anos duros da ditadura militar. Nunca me esqueço quando num belo dia, aí pelas 13 horas, ele me chamou por telefone no meu trabalho em Porto Alegre e exultante me contou que havia participado naquele dia de uma manifestação no calçadão de Floripa contra o general Figueiredo, então Presidente de Plantão, e felizardo me antecipava que a manifestação tinha sido tão contundente que um motorista de táxi deu uns tapas no general. Era o começo do fim da ditadura. Quando o general-presidente leva até um tapa de alguém do povo, é de fato o sinal do fim da ditadura.

E, assim, pude conviver com ele, ao longo de mais de 20 anos, até que o maldito câncer o levou, injustamente.

Ademir ficava puto da cara com todo tipo de desvio. Não era um socialista doutrinário, sectário, chato. Era uma pessoa profundamente comprometida com os valores das pessoas e da sociedade que representam o verdadeiro socialismo. Solidário, justo e simples. Como todo mundo poderia ser.

E, mais além da política e dos compromissos pessoais que teve com seu sindicato, com a fundação da CUT, com a fundação do PT, com o apoio que sempre deu para a Comissão Pastoral da Terra e para a construção do MST, era uma pessoa profundamente comprometida com o uso da arte, em especial do teatro, para conscientizar as pessoas e fazer política com a arte. É claro que não devemos fazer comparações. Mas o Ademir encarnou o verdadeiro espírito brechtiano do teatro. Usar a arte para conscientizar as pessoas de sua realidade e motivá-las a transformá-la. Encarnava o teatro com

ARQUIVO PESSOAL



Ademir no II Congresso Nacional do MST.



uma paixão descabida. Esquecia-se de tudo e de todos quando estava ensaiando. Lembro-me muito bem como abraçou apaixonado a oportunidade de fazer uma ponta num filme sobre a vida do Paulo Wright, dirigente da AP-ML, catarinense de nascimento, torturado e assassinado pela ditadura militar. Envolveu-se no projeto como se fosse a forma de ele também querer ajudar a encontrar os restos de Paulo, até hoje desaparecido. Assim era a sensibilidade do Ademir e como a colocava na arte.

Merecidamente a imprensa o consagrou por vários anos como o melhor ator da temporada.

Amava também apaixonadamente o modo de vida com seu povo “mané-da-ilha”. Várias vezes tentei levá-lo para fazer doutorado no México, onde tinha contatos e amigos na UNAM. Sempre recusou com uma desculpa esfarrapada: dizia que não agüentaria viajar de avião. Mas, no fundo, eu sabia, ele não conseguiria ficar tanto tempo longe de sua terrinha, de seu povo, de seus amigos... Não conseguia separar-se de ser mané.

Mesmo com tantos envolvimento políticos, sindicais e culturais, ele encarnava tudo isso com naturalidade, que não o afastava da vida comum, de homem do povo. Particpei algumas vezes, quando estava de férias, do seu time de futebol do Campeche, onde ele corria pela ponta esquerda e disputava cada bola como se fosse a final da Copa do Mundo. Percebia como os outros jogadores, “manés-da-ilha”, o tratavam com orgulho, como se fosse um deles que tinha dado certo na vida, que aparecia na televisão, que era ator, mas estava lá com eles, de chuteira velha, furada e dizendo palavrão todo o tempo. O apelidaram carinhosamente de “Petê”, em referência às tantas vezes que o Ademir participava dos programas do PT na televisão.

Como vêm, guardo muitas lembranças de nosso querido Ademir, que me deixam muito feliz, desde os tempos em que se atracava a enfrentar 56 horas de ônibus da Itapemerim, apenas para ir visitar a Dona Edilma, lá em Maceió.

Os amigos a gente não pode classificar, colocar ordem. Mas posso confessar a todos vocês que o Ademir foi o amigo que mais me fez sentir sua partida.

## **1994. O sindicalista desabafa**

Ademir atua como previdenciário, funcionário público. Ademir é da direção do Sindprevs/SC. Depois de uma greve, ele desabafa num texto no Boletim do Sindicato, número 79, de 21 de junho. Vive-se no Brasil a “Era FHC”.

### ***O eterno retorno***

Ademir Rosa – Diretor do Sindprevs

*Uma greve intempestiva. Eunuca. Buscou-se o momento fora do tempo pós-plano, sem plano. A greve foi côncavo-convexa. O Brasil é assim: num mesmo segmento você encontra o ritmo alucinante de um olodum e a mortalha dos mendigos de Joãozinho Trinta. A greve é alegria, gerada pela insurreição civil passiva e é lágrima ativa-contida, de muitos de nós que carregamos um pouco de Dom Quixote e o luto das mães nas personagens de Federico Garcia Lorca ou de Acari. O ponto cortado é apenas uma bala perdida no desespero da justiça, intimida-ção. A greve foi uma viagem onde faltou a cobertura, o alojamento, o pensamento e o alimento. Perdurou que nem uma garrafa de naufrago, ao sabor dos ventos e sem praia para aportar e que alguma criança pudesse vir decifrar sua mensagem. A greve foi um eterno retorno ao ventre institucional, que gerou e que gerará filhos incestuosos, parricidas e fundamentalistas. Aviltar protocolo não é fundamental e sim prova cabal de uma seqüela. É a espera. Esperamos. Enquanto isso, vamos à tainha? O litoral tem razões de sobra, menos o*

*dinheiro. Puxamos a rede, fiquemos a vigiar o mar, sejamos matutos, pelo menos uma safra. É a luz da estrela matutina que deverá ser o nosso par. Eu e ela. Ela e nós. Os pescadores do Campeche souberam com paciência, cheia de ciência, conjugar o verbo esperar e o comer. Enquanto isso fomos inoportunos e apressados. É a fome da tainha? Eles vão dizer que faz parte da lei da natureza. O plano nos induziu à conjugação dos verbos. No Campeche as tainhas de abril agora que estão chegando. Para nós essa é a hora: dez horas e vinte minutos do dia 13 de junho, em torno da qual deveríamos começar a vigília-véspera de festa – nesse país onde se mistura tudo.*

## ***O Sindicalista***

Ademir nunca escondeu que sindicato não era sua maior prioridade. Vinha depois do teatro, depois do trabalho, depois dos movimentos sociais de base e até mesmo depois do partido. Isto no entanto jamais impediu sua ação e muito menos diminuiu a importância da sua participação em todo o processo de construção do sindicalismo de luta em Santa Catarina, seja no Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência, seja na Central Única dos Trabalhadores.

Por  
HÉLIO SILVA

Mais que tudo, esse leque de opções no exercício da vida demonstra a pluralidade que marcou toda uma trajetória eivada das profundas contradições que formaram o seu caráter.

Na atuação sindical, impossível era fazê-lo descer do palco e descolar o ator entrincheirado que negava a razão e exaltava a emoção. Impossível era fazê-lo responder com a simplicidade que cada ponto de pauta ou debate exigia – nunca houve resposta ou intervenção que viesse desacompanhada de um generoso gesto.

Essas nuances foram determinantes na formação de um sindicalista que oscilava entre o Quixote das nossas eternas utopias classistas e um Chaplin gestual que encantava as plenárias.

Ademir só não era plural no palco – ali era ele mesmo, pura essência. Quem conseguiu entender essas suas mazelas fez-se rapidamente seu companheiro e amigo. Quem não teve a felicidade de fazer essa descoberta perdeu uma oportunidade ímpar, irrecuperável.

No início dos anos 80, no rastro das lutas desenvolvidas pelos metalúrgicos do ABC, diversos sindicatos de enfrentamento são fundados. Grande parte destes aproveitou a estrutura física que já existia nos clubes e associações de categorias, quase todas de caráter assistencial, transformando-as em aparelho sindical.

Esse processo de transformação nem sempre foi pacífico, pois era justamente nos aparelhos antigos que se abrigavam notórios “pelegos” que

detinham o patrimônio como se fosse sua propriedade particular.

O Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência de Santa Catarina não fugiu desse quadro. Começou a se esboçar como órgão de luta a partir do momento em que alguns servidores venceram as eleições no antigo Clube dos Inapiários e o transformaram na Associação Catarinense dos Servidores da Previdência Social- ACASEPS, numa estratégia traçada de formar a consciência da base na direção da fundação do sindicato.

Ademir inicia então a sua participação nesse processo. Assim, o homem de teatro, que já se debruçara nos movimentos sociais de base, se divide mais uma vez e surge o sindicalista. E ele se encaixa como uma luva numa diretoria que de forma hegemônica era de esquerda, cutista, ligada aos movimentos sociais e cujos membros eram, na sua imensa maioria, de alguma forma ligados ao Partido dos Trabalhadores.

Ademir opta por assumir diretorias culturais, mesmo sabendo que não eram entendidas como prioritárias pelo coletivo dirigente. Inicia um trabalho sistemático de tentar fazer com que cultura e arte fossem absorvidas e usadas como ferramentas de politização de uma categoria anestesiada por anos de regime militar.

Uma das primeiras providências que tomou foi a reativação da biblioteca, conseguindo de imediato a aprovação para a compra bimestral de novos livros. No Boletim, divulgou um levantamento dos autores que dispunham de obras nas nossas prateleiras. A medida tinha o objetivo de estimular a utilização do acervo, num total de 800 volumes, que podiam inclusive ser enviados por malote do INSS para os servidores do interior do estado.

Em dezembro de 1991, trouxe para o Sindicato a proposta de participação no Coletivo Cultural dos Sindicatos, que tinha como tema os quinhentos anos de descobrimento da América.

Essa tarefa de despertar o interesse por cultura nunca foi fácil, mas, de uma maneira continuada, ele sempre conseguiu de alguma forma inserir algo no dia-a-dia da atividade sindical, principalmente ao longo das extensas greves, quando encenava pequenas peças e lia poemas em praça pública.

Mesmo quando por força das contingências assumiu outras diretorias,

o seu foco sempre foi a cultura e a arte, e não era raro vê-lo irritado quando alguém demonstrava desinteresse pessoal ou interferia de forma negativa nas iniciativas propostas para essa área.

A sua implicância era notória, principalmente com a alienação cultural.

Podia implicar com quase tudo, se lhe aprouvesse, mas demonstrava sempre uma facilidade monástica em perdoar as falhas alheias, por maiores que fossem.

Ao mesmo tempo, se deixava convencer com a maior facilidade. Diante de um bom argumento mudava seu voto sem nenhum prurido, e tornava a mudar a cada novo convencimento.

Um democrata autêntico, e que sabia ouvir.

Como sindicalista era transparente em demasia. Não tinha as artimanhas de fazer política, era desprovido da falsidade da dialética política. E isso o tornava extremamente previsível. Franziu antecipadamente a testa quando ia ser crítico, os olhos cresciam e se iluminavam sobre o sorriso quando estava gostando do que ouvia, levantava e abaixava a bainha das calças quando estava ansioso por ver terminada qualquer intervenção desastrosa de um companheiro, olhava ostensivamente para o lado oposto quando não concordava com o que falavam. O blefe sempre lhe foi impossível, assim como a mentira.

O ator incorporado invariavelmente traía o sindicalista.

Este mesmo ator tinha seu maior palco durante as greves. Nesses momentos aparecia um animador com um domínio tão grande de palco que virou peça imprescindível nas grandes mobilizações de rua, seja do sindicato, da Central Única dos Trabalhadores ou do partido.

Onde houvesse um caminhão de som ou um tablado lá estava ele, e mesmo quando não estava escalado para a tarefa não se afastava muito do local – sempre podia faltar voz para o titular!

A sua empatia com a platéia de rua era evidente. Nessas horas esquecia-se da vida, das tarefas diversas, da família, do trabalho, e se entregava à exaustão. As palmas o alimentavam. Tentar substituí-lo para um pequeno descanso era tomado como ofensa e peremptoriamente rejeitado. O palco era seu mundo.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Compôs as diretorias eleitas para os mandatos 1990/1993 e 1993/1996. Em 6 de agosto de 1993, foi eleito por unanimidade coordenador do Sindprevs/SC. Desde a posse, em agosto de 1993, ele estava liberado do trabalho no Centro de Reabilitação Profissional do INSS – CRP, para a atuação sindical.

Só se afastou quando o estado de saúde já não lhe permitia a tolerância que sempre é exigida para o convívio em grupo. Às divergências políticas ainda podia resistir com um pequeno esforço, mas perdera a paciência para determinadas divergências particulares que vinham lhe tirando o sono, e em 13 de dezembro de 1993 pediu para deixar a coordenação justificando que não estava mais conseguindo exercer suas funções políticas. Seu pedido só foi aceito dois meses depois, quando ele então apresentou sua necessidade de licenciamento para tratamento de saúde.

Em 3 de abril de 1995, oficialmente comunicou sua saída da Diretoria Executiva Estadual para seguir seus projetos artísticos e culturais.

Um mês após, em maio de 1995, o Sindicato apoiou a peça *A Estória*, em que Ademir estréia como autor teatral. Os sindicalizados tinham direito a meia-entrada. O texto foi definido pelo próprio Ademir como “intimista e socialista”, e narra o sedutor encontro entre um homem (interpretado por Édio Nunes) e uma mulher (interpretada por Ademir).

A peça teve a direção de Carmem Fossari, figurinos e cenografia de Fátima Lima, sonoplastia de Washington Ferreira, iluminação de Gilmar Cordeiro e maquiagem de Aluizio Vieira.

Afastou-se da atividade sindical para cumprir um destino que já tinha traçado para si fazia muito tempo, mas nunca deixou de ser um ativista de base.

Após sua morte, a Assembléia Estadual Geral do dia 5 de dezembro de 1997 aprovou a sugestão da diretoria executiva do sindicato de fazer com que o Complexo Esportivo e de Lazer de Ponta das Canas, uma das suas bandeiras de luta, passasse a se chamar “Ademir Rosa”.

O complexo, que compreende quadras de esporte, salão de festas, quiosques com churrasqueiras e um camping com completa infra-estrutura para os filiados do Sindprevs/SC, foi inaugurado em 25 de julho de 1998, com

a presença de sindicalizados de todo o estado.

No dia 7 de novembro de 1997, a Câmara dos Deputados já aprovara por unanimidade o Projeto de Lei nº 297/97, do Deputado Pedro Uczai (PT), do qual eram signatárias as lideranças de todos os partidos e encampado por cineastas, atores e atrizes catarinenses, que denominou de Ademir Rosa o Teatro do Centro Integrado de Cultura.

Era consenso o reconhecimento do seu talento e da sua luta na defesa dos artistas e da cultura catarinenses.

No Sindicato não fora diferente.

### O amigo sindicalista

Não foram raras as vezes em que discordamos em reuniões, plenárias e assembléias. No entanto, quando não conseguia convencê-lo das minhas argumentações, sentia nele um respeito inequívoco pela minha posição, quando não uma descarada decepção por eu não ter tido a capacidade de mudar a sua convicção. Durante todo o tempo em que convivemos nunca foi capaz de me dirigir sequer uma palavra mais áspera.

Ao longo dos anos, esse respeito mútuo e amizade se solidificaram e, principalmente da parte dele, se evidenciaram em atitudes diversas.

Fazia questão de deixar bem claro que “estava ali para o que viesse”. E realmente estava.

De certa forma nos tornamos confidentes, da vida sindical e da vida privada. E como duas “marocas” desfilamos nossas alegrias e angústias durante os anos de convivência.

Ademir era um apreciador das coisas simples. Gostava mesmo era de cachaça, de peixe frito, de vocabulário mané, de pirão de farinha, de conversar de cócoras, de coçar o dedão do pé.

Gostava de viajar, de ver novos locais e pessoas. Era um observador atento dos costumes e descobria coisas que os demais mortais não viam.

Viajamos pelo interior do estado algumas vezes. Tinha conhecidos em todo lugar e adorava as intermináveis conversas após as reuniões,



sempre regadas por um copo cheio, para umedecer a verve, e um petisco barato para não doer no bolso.

Adorava desviar a rota para rever um amigo perdido numa cidade vizinha qualquer. Numa ocasião, de volta para casa, resolveu me levar para visitar um militante petista, produtor de vinho, escondido numa colônia agrícola na serra. Após os abraços, o homem começou a nos oferecer produtos para degustação, abrindo uma a uma cada pipa armazenada.

De nada adiantou a minha relutância – não muito enfática – e após algumas horas de riso solto a realidade se abateu sobre esses dois viajantes na forma de duas imensas dores de cabeça, companheiras fiéis montanha abaixo. Jurou com os dedos entrelaçados e elevando as mãos juntas para o céu que “nunca mais” beberia daquele jeito.

– Nunca!

Mas como qualquer mortal, passada a ressaca, capitulou na primeira oportunidade. Ele gostava de constatar essa sua fraqueza. E ria dele mesmo, como se falasse de outra pessoa.

Aliás, esse riso solto o acompanhou sempre. Mesmo nas costumeiras crises de implicância, a que se dava direito como catarse diária, o bom humor que se seguia resultava renovado.

Enquanto os outros ainda se mordiam, ele voltava ao riso. Aprendi logo a não morder essa isca sempre tão bem lançada e isso me deu a oportunidade de observar de longe e de me extasiar com essas situações.

Só não ria de duas coisas: dentista e avião. Os dois lhe causavam um pavor alucinante.

De avião não queria nem sequer conversa. Não acreditava no sucesso do vôo de quem não batesse asas e dizia que, por princípio, todo avião subia destinado de forma invariável a cair. Se alguns não caíam, isso só confirmava a regra – eram a exceção.

Preferia ir de Florianópolis até Maceió com um Chevette velho, de caráter e de freios duvidosos, do que embarcar naquele “sarcófago metido a pombo”.

Era assunto fora de questão: jamais, em nenhuma hipótese, nem na mais remota hipótese, alguém o veria subir em um avião!

- Assunto encerrado!

E cumpriu esse juramento, deixando de participar de inúmeros congressos e plenárias nacionais somente por esse motivo. Só participou daqueles eventos que lhe ofereciam a alegada segurança total do transporte terrestre.

Medo igual, só de dentista. Escolheu a mim como o profissional que lhe daria assistência. Sempre desconfiei que não era por confiança na minha capacidade, e sim por outros motivos - que fui aprendendo a detectar ao longo de nossa convivência. Comigo ele se sentia à vontade para faltar às consultas por qualquer motivo e fazia questão de esquecer de remarcá-las. Sempre chegava com um pequeno atraso e quando se sentava na recepção do consultório sempre o fazia de forma silenciosa, para que ninguém fosse alertado para sua presença. Se fosse "descoberto", começava a suar de imediato e sugeria que a consulta fosse transferida devido ao seu próprio atraso. Se isso não desse certo - e nunca deixei que desse -, ele de imediato mudava a tática: passava a puxar assuntos diversos tentando me envolver e protelar o início do trabalho. Quando finalmente todos os argumentos se extinguíam, lhe restava um choro fingido com testa franzida e um olhar de condenado a pedir clemência. Por último, arregaçava a calça jeans até os joelhos e fechava os olhos, conformado como uma Maria Antonieta a oferecer o pescoço.

E enquanto a guilhotina descia a lâmina, invariavelmente vinha a per-



Ademir à vontade no ônibus. Avião, jamais!

gunta:

- Mas pra que fazer isto? Pra quê? Pra quê?

Prazer era o futebol. Achava-se um craque, um Gerson reinando no meio campo. O uniforme era sempre cuidado, como um figurino para o palco. Afinal, o ator aqui também estava presente.

Mas tinha um futebol resumido simplesmente a uma imensa vontade. Era "bonzinho". Reclamava de todos, não aceitava nenhum tipo de bronca e se negava a ser substituído – a ponto de se sentar sobre uma bola até que desistissem da desafortunada substituição. Depois do jogo, como sempre, ria acompanhado de um copo cheio até a boca.

Esquecia as discussões e os xingamentos do campo com uma facilidade espantosa. Aqui, de novo, enquanto os outros ainda se mordiam, ele ria e achava graça de tudo. Afinal, o jogo já tinha acabado. Só voltaria a ser Gerson, o implacável, num próximo jogo.

- E como titular! Titular!

Este humor, às vezes inconseqüente, era uma constante. Fazia coisas inusitadas e conseguia ser sempre diferente. Num Congresso Nacional da CUT nossa delegação se hospedou numa escola. Como somente um vestuário estava em condições de uso, combinamos com as mulheres tomar o banho em grupos separados: primeiro as mulheres e depois os homens. Quando chegou a vez dos homens, todos já debaixo dos chuveiros, algumas das companheiras, de farra, entraram gritando nos banheiros. Diante do espanto e com o susto, de forma instintiva, todos cruzaram as mãos na frente, protegendo-se.

Mas não ele, eterno palhaço: cruzou as mãos protegendo a bunda!

- Socorro, ataque de sapatão!

E ria, desavergonhadamente.

No mesmo congresso, o alojamento era na sala de aula, com colchonetes distribuídos lado a lado num dormitório coletivo. Numa noite, após os trabalhos e após os habituais tragos noturnos, eu e ele resolvemos nos deitar. A maior parte da delegação já estava adormecida e nos deitamos um ao lado do outro para fazer o mesmo. Minutos após chegou



Unidos Futebol Clube do Campeche estreado uniforme novo.

uma congressista, que pensando que todos já estavam de olhos bem fechados, pôs-se a trocar de roupa. Não imaginava que, na escuridão, dois pares de olhos maravilhados acompanhavam cada peça removida. A nudez completa se estabeleceu no exato momento em que um dedo se enfiou entre minhas costelas com tal força que me pus sentado e não consegui conter um grito alto de dor e raiva. Denunciado o *voyeur*, a silhueta nua sumiu entre as cobertas, diante da minha vergonha. Ao meu lado, escondido sob o cobertor, absolutamente silencioso e inocente, ele ria para dentro, se sacudindo sem parar.

A vontade de matá-lo, de forma extremamente dolorosa, nunca morreu dentro de mim.

### O amigo

Quando o câncer o pegou pela primeira vez, tudo levava a crer numa vida regrada e limitada aos cuidados com a saúde, que fora tão agredida.

Nada mais falso. Após o susto voltou às suas atividades com uma força igual. Não alterou costumes de forma tão radical que lhe alterasse a forma, e na proporção que os exames confirmavam a sua recuperação, aos

poucos ressurgiu o crítico áspero, o amigo fiel, o prazer pelo palco, e até mesmo o Gerson dos gramados. Até os goles, ainda que mais contidos, começaram novamente a marcar presença.

Quando um problema de saúde semelhante me acometeu um filho, Ademir já era um conselheiro curtido na própria experiência e me ajudou muito a compreender que a luta tem de estar calcada numa fé imensa para que possa almejar algum êxito. Acompanhou cada passo de nossa caminhada em busca da cura e exultou quando ela foi confirmada.

Tenho certeza de que a nossa vitória o encheu de energia para a sua própria caminhada, pouco importando o desfecho ao final do caminho, porque este é contingência da vida, e não das doenças.

Essa solidariedade com o ser humano, seja nas situações individuais ou coletivas, compunha com a reconhecida generosidade traços marcantes de caráter.

Quando me preparava para viajar aos Estados Unidos, compondo uma delegação nacional da CUT num intercâmbio com a central americana, reservadamente me “obrigou” a receber um valor em dinheiro como ajuda sua, particular, para fazer frente às despesas ocasionais.

– A gente não tem que viajar sempre nesta dureza de cão. Isso é pra gastar! Não sonhe em me retribuir com qualquer espécie de presente! Não é este o objetivo. É pra gastar!

Trouxe de lá uma garrafa da melhor tequila mexicana e o presenteei. Ofendeu-se, me xingou com todos os verbetes possíveis, gesticulou farpas, virou as costas, suou, relutou.

Mas depois bebeu tudo – com um prazer imensurável, confessou rindo.

Esse imponderável amor ao trago foi responsável por passagens inesquecíveis. Certa ocasião, já doente, tarde da noite, me telefonou com a língua um tanto desconexa. Estava em casa sozinho e resolveu tomar um golinho de vinho. Os goles tinham se multiplicado e duas garrafas de vinho estavam tombadas vazias sobre a mesa. Escondê-las antes que a companheira Edilma chegasse da universidade não constituía problema, mas...

– Ela conta todas as garrafas. Vai descobrir e vai me matar de tanto

falar. Tô fodido!

E lá fui eu, saído do quentinho da cama, sorrateiro e rápido, providenciando duas garrafas novinhas para enganar a Edilma.

– Vamos abrir uma pra tomar um golinho?

Saí cuspendo fogo, jurando que ia contar tudinho para ela. E ele, bêbado, ria.

– Óiôió!

Acompanhei toda a trajetória da doença, do primeiro dia após a cirurgia até os momentos finais de sucessivas drenagens e internações hospitalares. No meio desse processo, acompanhei os momentos de esperança, de certeza da cura, de comemorações, de alegria imensa pelo mal superado.

Foi uma convivência rica, no que pudemos nos dar. O riso e o humor sempre permearam todo o nosso relacionamento. Trocamos cultura, discutimos a vida e a morte, rimos dos outros e de nós mesmos, confidenciamos, choramos as decepções, comemoramos as vitórias.

Impressionante é constatar que não fui o único. Ele teve um número enorme de pessoas com as quais dividiu os mesmos atos e dividiu as mesmas emoções. Era uma cobra de vidro a se dividir em pedaços vivos para cada amigo, com dezenas de braços para abraçá-los como se fossem únicos. Fomos amigos, integralmente, no tempo de que dispusemos, até que ele se foi.

Em abril de 1997, ainda inebriado por uma presença teimosa que negava a partida, escrevi para a Página Quatro do jornal do Sindicato o texto que segue.

Foi uma morte anunciada.

Todos sabiam, mas deixavam passar ao largo como se assim, na surdina, se conseguisse afastar a ameaça que rondava, à espreita.

Afinal, quem seria tão poderoso para derrubá-lo? Ele levantaria do leito e, novamente impávido, partiria numa cruzada de novos desafios.

Seria assim, com certeza, como sempre ocorreria.

Mas não foi.

A tocaia fora bem armada e ele se foi, apesar da imensa luta.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Menos mal que sua missão foi cumprida, mas para nós, que sempre esperamos mais dos amigos, a morte soou quase como uma traição, como se ele tivesse trocado de partido, nos deixando a ver navios.

Aos poucos, e somente aos poucos, vamos poder tragar esse gosto amargo da saudade que já se prenuncia dolorosa.

Ademir era sorriso e raiva, garra e docilidade, compreensão e irredutibilidade.

Era um ser polêmico, que não nos deixava ter nunca a certeza de estar adiante ou atrasado no tempo em que viveu. Sem dúvida, porém, foi um paladino, seja do romantismo ultrapassado, seja da antevisão dos novos tempos.

A clareza ficava mais reservada aos amigos. Estes conseguiam, com enorme facilidade, discernir o sábio do sério, o intransigente do maleável, o forte do frágil, e descobrir-lhe então o ser luminoso e transparente. Foi um privilégio compartilhar de sua intimidade, dividir seus segredos, projetos, idéias e risos.

Aliás, o riso lhe era franco acompanhante. Sabia rir até das desgraças, suas e alheias, e divertia-se às gargalhadas com as mazelas da vida política brasileira.

Sociólogo, profissão tão em alta neste país tupiniquim, soube ser sério e competente, aliando sua ampla visão da sociedade às necessidades individuais dos pacientes que lhe eram destinados, sempre angustiado com a falta de recursos e de estrutura.

Militante petista de carteirinha, de barba e de chinelo, era presença constante nas plenárias, mesmo quando alguma doença o puxava pelos braços.

Tinha uma especial predileção pelas chamadas causas perdidas, que faziam-lhe faiscar os olhos. Não foi sem motivo que tantas vezes usou da arte para contribuir com a luta dos trabalhadores sem terra.

Sindicalista, sempre provocava do riso à reflexão nas assembléias da categoria. Sempre teve uma visão de base, mesmo como dirigente, o que lhe trouxe algumas incompreensões.

Nuances de personalidade forte lhe permitiam os erros e os acertos com a naturalidade que é permitida aos humanos.

O mais curioso é que ele era um ser de extremos: guerreiro nas causas sociais, no partido e no sindicato, e de uma docilidade extravagante no relacionamento humano.

Mais que isso, um covarde na cadeira do dentista, a suar arregaçando a perna das calças e a gemer de forma teatral, como a pedir clemência ao algoz.

Mais medo, só de avião, um verdadeiro pavor, os olhos arregalados ao ouvir casos de vôos turbulentos. Nunca entraria numa máquina destas, era assunto fora de questão.

Ademir fez da vida um grande palco e encenou cada ato com maestria, com ética, com sinceridade. Errando ou acertando.

E foi o palco a sua grande razão de viver, e a sua força até os últimos momentos.

Em novembro, comício para as eleições à prefeitura, encenou a derradeira peça. Esquálido, emoldurado por panos e trapos que não lhe disfarçavam a cor e a magreza, desfilou um vozeirão com emoção de adeus, na suspeita de que sua luta estava sendo perdida. Não fui o único a chorar.

Semanas antes me havia devolvido o livro *A Vida é Sonho*, peça de Calderón de La Barca, no qual destacara a última fala do príncipe Segismundo: "Mesmo não sendo sonho, o sonhá-lo basta; assim cheguei a saber que a felicidade humana, ao fim, passa como sonho, e hoje quero aproveitá-la no tempo que me durar, pedindo, de nossas faltas, perdão, pois, de peitos nobres, é natural perdoá-las".

Na vida como na arte.

Adeus, companheiro. Valeu!

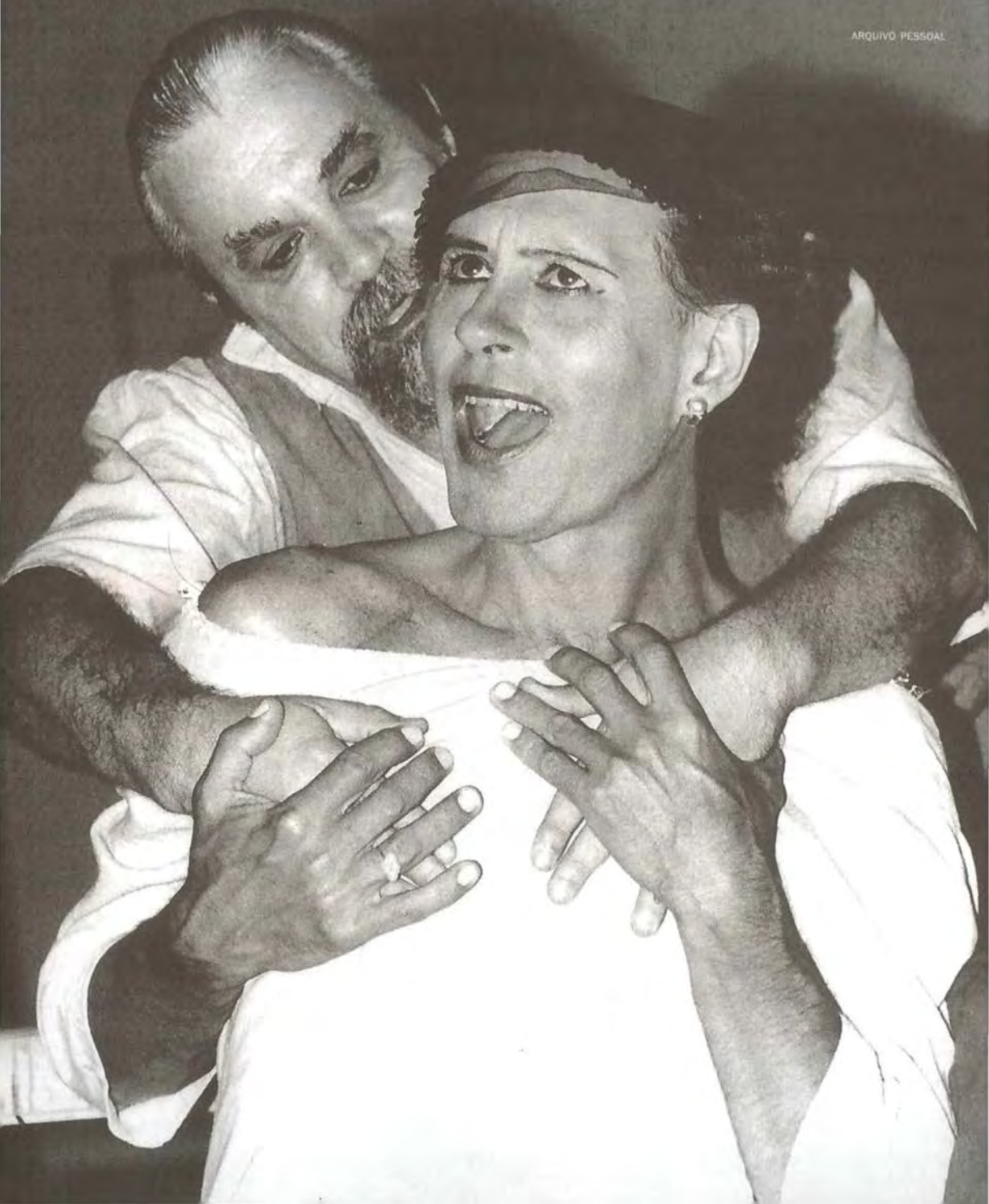
O resto são segredos, confidências, que ele não me autorizou a contar. Pelo menos até hoje.



## **A Estória**

1995. Ademir está vestido de mulher, sentado num banco de praça. A mulher, Ademir, dialoga com um homem. É *A Estória*, peça escrita e interpretada por ele, na companhia de Édio Nunes, no palco e com direção de Carmen Fossari. Foi um momento de trabalho conjunto entre dois grupos de teatro, o Armação e o Pesquisa Teatro Novo, da UFSC. E é Ademir que fala da experiência, em entrevista ao Jornal do PT Municipal de Florianópolis. “O texto que eu sempre escrevi foi o texto engajado, do movimento. *A Estória* foge um pouco para falar sobre a solidão de cada pessoa e sua experiência solitária diante dos acontecimentos, além de fazer uma crítica ao deplorável estado da cultura no país. Acho que o grande mérito do texto é a simplicidade. Escrevi em duas tardes e interpreto uma mulher que conversa sobre a mediocridade do dia-a-dia com um homem. Estreamos no CIC em janeiro (1995) e vamos voltar no TAC, no início de junho. Depois a proposta é levar o texto para locais diferentes, onde as pessoas não têm acesso ao teatro, como na Penitenciária, por exemplo.”

Ao lado, Ademir e Édio Nunes em *A Estória*. Texto do próprio Ademir, com direção de Carmen Fossari,



## ***Memória emotiva: Ademir Rosa na pele feminina***

Por  
CARMEN  
LÚCIA  
FOSSARI

Para uma parcela dos leitores desta obra memorialista sobre Ademir Rosa, acredito que o título evoque todo o carinho que a memória do Ademir ainda hoje suscita.

Tendo convivido com ele na área do teatro, usarei, para enunciar este artigo, um fragmento de um método de que os atores e atrizes fazem uso quando criam as personagens que irão interpretar.

Trata-se de um estudo que se transformou em Método, de um russo do início do século passado, Constantin Stanislavsky, de tal forma que, ao ter que interpretar uma cena cuja emoção da personagem não coincida com a emoção da vida real do ator, ele busca algum fato que lhe cause uma emoção, cuja gradação seja equivalente, e a utiliza na representação daquela cena que seu personagem está a suscitar.

Pois bem, que memória emotiva poderia ter um ator tão visceral, que amava os textos de cunho social forte e relevante, quando sentado numa cadeira ao lado de outro notável ator, seu grande amigo Édio Nunes, quando a diretora, neste caso eu, lhe pede que coloque as mãos sobre o hipotético útero e sinta a possibilidade da maternidade?

Ao olhar de espanto, o ator lançou-me a seguir o olhar inquieto, quase a contragosto, mas Ademir Rosa era um ator que se entregava aos desafios... recomeçamos os ensaios para que ele deixasse seu corpo másculo, disponível que estava à personagem feminina, compor uma mulher, na dosagem exata, do universo feminino e as suas angústias de personagem a refletirem suas circunstâncias vivenciais.

Na verdade, o primeiro desafio nasceu tão logo nos reunimos os três, Ademir, Édio e Carmen, em torno do belo texto *A Estória*.

*A Estória*, um dos belos textos dramatúrgicos de Ademir Rosa. Queríamos encenar o texto do Ademir, através de uma co-produção dos grupos teatrais Armação e Pesquisa Teatro Novo.

Era um momento especial na vida do Ademir, que houvera feito algumas



intervenções cirúrgicas, o que ampliava ainda mais sua sede de viver.

Intenso, e neste intenso seu texto, beirando ao Teatro do Absurdo, retaliando a falta de entendimento entre um casal, que se encontra numa praça e ali contam histórias de estórias de suas vidas. Em plano de fundo indelével, a situação de um país onde o capitalismo selvagem faz a sua festa diária. Considerem esta última afirmação parte do subtexto!

Proposição feita e aceita, Ademir faria o papel da Mulher.

Ademir, sempre intenso.

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Isso poderia parecer tão improvável, não soubera que a paixão é irmã de todos os feitos sonhados.

Iniciando o verão de 1995, ensaiávamos pelas manhãs com duas pausas sagradas, uma para conversarmos sobre a vida, amizades comuns, algumas lutas, sendo que uma delas já relatarei, a outra pausa era para que o então disciplinado ator realizasse os lanches que prazerosamente dizia terem sido preparados por sua esposa, Edilma, tudo no afã da plena recuperação do “nosso” Ademir.

Bem, das lutas a que me refiro, são as lutas políticas. Sempre lutamos por democracia, questões públicas, de educação, saúde, embora por caminhos distintos, diria paralelos.

No ano de 1976, período difícil, ditadura militar, um patrimônio arquitetônico, uma veia visceral da memória do florianopolitano, o Trapiche

Ela, a  
personagem  
mulher, na  
epiderme de  
Ademir.

ARQUIVO PESSOAL



do Miramar, na época, aparelhado como o Primeiro Teatro de Arena de Santa Catarina, assim transformado por algumas pessoas lúcidas da cidade, Mauro Júlio Amorim, Sérgio Lino no início da década, este último contando com o apoio do grupo que dirigia o Teatro Estudantil Catarinense – TECA. Pois que, depois de alguns anos com apresentações teatrais, sob a égide de modernização da cidade, a Prefeitura Municipal de Florianópolis decide demoli-lo, para tornar mais amplas as vias de trânsito.

Tal decisão era arbitrária, fato de que até hoje a cidade se ressentia, e vinha acompanhada de uma velada censura àqueles jovens que ousavam, através do teatro, gritar contra o silêncio imposto pelo regime autoritário.

Ao saberem da iminente demolição, acorreram ao jornal O Estado Ademir Rosa, Vera Collaço e eu, e unimos nosso protesto, resultando em matéria de desagravo no jornal, mas não impedindo a demolição daquele coração da alma ilha.

Depois foram as lutas pelas diretas e tantas outras...

Retornando aos nossos ensaios, ali descobri o menino Ademir coabitando seu ser, ao falar do seu time de futebol, suas aventuras nos bastidores teatrais. Conhecia bem o Ator da Rebeldia, diria sagrada rebeldia que alia o cidadão ao artista, tão rara ontem e hoje!

Conhecia um olhar que no palco varava a platéia de tanta vida, que insuflava seus personagens, mas ali conheci e fiquei amiga da pessoa Ademir e tive o prazer de ver a pessoa Ademir surpreender uma vez mais como ator, interpretando uma personagem feminina.

Um dia, no palco, olhei para a cadeira onde “ela” estava sentada, tomei-me de susto. Uma cena em que Édio chegava por trás de um banco e surpreendia a Mulher para quem contava histórias e vice-versa. Eu a grafei, sem erros.

Pois agora via a Mulher, a Personagem, a postura feminina de sentar, as mãos sendo manuseadas com precisão e delicadeza. Ela, a personagem, na epiderme de Ademir, era aquela mulher ouvindo uma estória, enquanto lixava as suas unhas (diga-se, de passagem, unhas curtíssimas do ator, mas que driblava com maestria tal realidade).

## **1º ATO** Fragmentos de uma trajetória

Nascera a Personagem de Ademir, completamente oposta da maioria de suas sempre brilhantes interpretações, esta igualmente brilhante, só que totalmente inusitada, ali naquele ensaio, ainda sem figurino, sem maquiagem, viveu a sua personagem. Depois chegou a Fátima Lima com figurinos incríveis, o maquiador.

A temporada de *A ESTÓRIA DE ADEMIR ROSA* foi no espaço do MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA.

O público sentava em bancos, como se estivesse numa praça pública e com certeza se extasiava com aquelas interpretações do Ademir e do Édio.

A doçura daquele olhar, na personagem feminina, de um ator usualmente tão eloquente, apenas confirmava o que a minha intuição de diretora do espetáculo sinalizara. Ademir era suficiente Ator para interpretar qualquer personagem. Seu corpo e sua alma ficavam nesta entrega absoluta que só os verdadeiros artistas o permitem, a um quase se anular pelo outro, quase um seu duplo, mesmo que emocional, física, racionalmente seja seu oposto, é a Persona que conclama esta energia a si.

Ademir, que havia dado vida como escritor à vida literária, agora dera também, através de sua memória emotiva, vida à sua personagem feminina.

E qual teria sido a MEMÓRIA EMOTIVA do Ademir Rosa?

Com sua vivência de olhar arguto, mas totalmente sensível, ele lembrava das mulheres que via na rua a caminharem aos seus trabalhos, colegas, atrizes, mulheres do povo de vida dura, mas gestuais delicados, delicados como a possibilidade infinita de produzir vida.

Édio e Ademir,  
grandes amigos no  
palco e na vida.

ARQUIVO PESSOAL





## ***Ademir Einstein, ator do coração alegórico***

Por FÁTIMA LIMA Máscara de Einstein: língua para fora, olhos esbugalhados, cabelos ouriçados. É assim que a gente encarava Ademir, seu rosto naquele cartaz do Grupo A de Teatro, dia após dia do primeiro ano em que ele já não estava mais com a gente. Ou estava? Em vários momentos daquele ano inspirei profundamente olhando para o céu, conversando em minha mente com um autodeclarado ator ateu que virou anjo. Foi assim que suportamos a falta de quem nunca desejou estar ausente.

Ademir é, sem dúvida, o ator mais completo com quem trabalhei durante quase três décadas de cena teatral. Voz potente e tecnicamente colocada; disciplinado e criativo nos ensaios; leitor voraz de textos de e sobre teatro<sup>1</sup>; e dono de um corpo que, mesmo já doente, não se deixava vencer e até mesmo se excedia por pura vontade e já quase nenhuma força nos palcos que percorremos em seus três últimos anos de vida. Um corpo que desafiou os médicos que ele angustiava em nome de seu único vício, o de interpretar. Esse precioso vício, nos últimos anos, se tornou a saúde de seu corpo, que nos legou a energia de quem possui a certeza – por mim compartilhada, embora, sem dúvida, ele a ostentasse muito mais do que eu – de que arte é vida. Esse corpo dolorido e machucado a que Ademir recusou o abandono do teatro. Esse corpo que desafiava tudo e todos com a arrogância própria do ator que sabe que não há opção possível fora da expressão humana do artista. É isso que o corpo de Ademir foi, é isso que Ademir continua sendo.

Uma memória. Em agosto do ano de seu falecimento, em Salvador da Bahia, um público de cerca de mil pessoas, totalmente encantado, cantou, dançou e chorou as cenas finais do último espetáculo que Ademir encenou e que tive a honra de dirigir. Naquele momento, minha pele se eriçava sinalizando a presença viva do ator cujo corpo havíamos depositado na calma de um cemitério-jardim, meses antes.

<sup>1</sup> Seu acervo foi doado pela esposa, Edilma Guimarães Rosa, à Biblioteca do Centro de Artes da UDESC.

Ali, naquele galpão lotado com estudantes de arte de todo o Brasil, entendi que Ademir morreu, mas ainda se fazia presente. Ali, Ademir me fez compreender que a morte não é o fim.

Enquanto ainda suportava aquele corpo, Ademir foi a voz que ocupava ouvidos infantis das escolas públicas para quem ele, por convicção ideológica, fazia questão de se apresentar, às vezes pagando para isso, no *Gambá que Não Sabia Sorrir*. Ademir foi o duplo do torturado vampiro que colou na visada dos privilegiados espectadores da leitura dramática de *Quatro*, na

Ademir fotografado pelo autor Márlcio Silveira da Silva. Segundo o próprio Ademir, a foto era para espantar a doença.

MARLIO SIVEIRA DA SILVA



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Casa de Teatro do Grupo Armação. Ademir foi dramaturgo e a sensual companheira de Édio Nunes, ambos na pele das personagens de seu texto intitulado simplesmente *A Estória*, que cenografei numa sala do Museu de Arte de Santa Catarina, dirigido por Carmen Fossari. Sua presença humana e cênica foi, em todas essas encenações, a atitude corajosa que transbordava da fragilidade do corpo. Mas há algo além do corpo de ator de Ademir.

Algo que incomodou um professor burocrata – mas encantou outro, sensível – quando cursamos a Especialização da Udesc juntos e ele cismou que escreveria um artigo sobre teatro e política em prosa de cordel. Algo que irritou um colega ator talentoso, porém jovem demais para entender que o teatro vai além de uma pretensa profissionalização, além da promessa de muita fama e pouco dinheiro. Algo que está além das possibilidades vocais e corporais do corpo do ator. Algo que existe antes do ator. Algo que está aquém da voz e da gestualidade.

Outras memórias. O corpo de Ademir arcado sob o peso da dor, samban-

do muito mal e cantando maravilhosamente bem um fragmento de *Vivo Numa Ilha*, que ensaiávamos na sala de Cenografia da Udesc. Nos ensaios, Ademir fugindo dos telefonemas da sua desesperada Edilma, que me rogava fazê-lo retornar imediatamente para casa e para o tratamento. Atores e músicos do Grupo A espremidos num pequeno quarto de hotel de Fraiburgo, na véspera da estréia de *O Trem da História*, no encontro da Pastoral da Terra do ano de 1996, para realizar o último ensaio: o

*O Gambá que Não Sabia Sorrir*: Ademir em cena com Marcelo Perna, em 1994. Montagem do Grupo A com direção de Fátima Lima.



corpo de Ademir não conseguia se levantar da cama depois de contrariar todas as demandas médicas e enfrentar a viagem para protagonizar esse espetáculo. Ademir de pé, amparado pelas costas por mim para que, literalmente, não desabasse durante sua última apresentação teatral no comício final da campanha do PT para a Prefeitura de Florianópolis. Assim era o corpo de Ademir nas suas derradeiras experiências teatrais.

Mas, como disse, há algo além daquele corpo, algo que a gente só encontra num coração alegórico. Corações alegóricos não morrem porque, de certa forma, já estão mortos. Perpetuam-se naquela espécie de território primordial do que não se ensina, nem se aprende nem nas faculdades de teatro, nem nas arenas das artes cênicas. É algo que fica quando o corpo se vai, porque já existia antes de o corpo surgir. Algo que sempre esteve presente, algo que vem antes da presença. Algo inapreensível, mas imediatamente perceptível. Algo que faz Ademir estar aqui e agora, sem que a gente precise tocá-lo. Ele não precisa ser fisicamente visto, nem ouvido: basta uma espécie de

ARQUIVO PESSOAL



Romaria da Terra, 1996: Ademir, com o Grupo A de Teatro, em Fraiburgo.

memória não lembrada, uma memória que toma para si mesma a tarefa de resistir e nos fazer lembrar. Algo que remanesce, ano após ano, ao esquecimento da imagem que insiste em não se deixar apagar. É isso que Ademir foi, é isso que ele continua sendo.

Não devo ser a única que, quando hoje faz teatro, conversa secretamente com Ademir. Não devo ser a única que pressente Ademir em cada gesto expressivo do ator. Não devo ser a única que evoca Ademir quando se depara com um problema cênico que parece sem solução. Não devo ser a única que dedica a ele pesquisas e artigos sobre teatro. Enfim, não devo ser a única pessoa de teatro que, naquele instante histórico imediatamente antes da estréia, troca com ele, secretamente, a primeira fala do diálogo: “Merda, Ademir!”

Enfim, não devo ser a única que recorre aos abismos infundáveis que Ademir, generosamente, nos deixa vislumbrar, sempre por perto, sinalizando trilhas e atalhos quando precisamos escapar da gravidade miserável de concepções tacanhas do teatro e da arte. Tenho certeza de que não sou a única – e este livro é a prova disso – que sabe que Ademir está vivo em cada gesto de ator honesto e em cada criação cênica original desta ilha cheia de bruxas.

Pois há uma estranha e fantasmagórica população ilhoa que está, exatamente agora, reunida em alguma pedra misteriosa à beira do mar que meu amigo transformou em palco. Ali se encenam, numa imensa alegoria teatral, os sonhos que Ademir segue interpretando, mesmo após a perda de seu corpo. Ali acontece a mais deslumbrante representação teatral jamais vista por nossos pobres olhos, que, de resto, são apenas olhos do corpo, nada comparáveis ao coração alegórico de Ademir Rosa.

Em tempo: Ademir, este ano levarei você para outra alegoria. O carnaval da Passarela Nego Quirido nos espera. Vou ver se encontro alguém que nos ensine a sambar!

## 1995. Sempre estudante

Ademir está cursando pós-graduação na Udesc. Como aluno, sua postura continua irreverente, questionadora. Ele quer entregar a monografia de forma diferente, fugindo da rígida metodologia acadêmica. Um dos trabalhos que entrega é uma espécie de monólogo-cantoria. Alguns versos, datilografados, dizem assim:

### *“Terra de Animação”*

(A saga de uma brasileira camponesa, arrendatária, que encontra no MST e na alegoria do teatro de animação suas fontes de sobrevivência. Dedicado a todas as trabalhadoras rurais brasileiras.)

*Tenho filhos.  
Nasceram entre uma safra e outra.  
O produto sadio vigorou.  
Está vigente.  
Aquele que fez o parto  
Dizia e diz que só a lua e o sol  
São eternamente iguais.  
Eternamente.*

*Quiseram me tirar a terra,  
Me fazer de fantoche.  
A classe unida berra.*

TEATRO EXPERIMENTAL UFSC



Grupo Fórmula Arte

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Ademir  
estudante na  
peça *Sedimenta-  
ção Movediça da  
Sociedade*, nos  
anos 70, com a  
mesma irreve-  
rência que  
mostra em  
1995, na pós-  
graduação da  
Udesc.

*Tenho como arma o deboche.  
Só me falta comer no Campeche  
Uma anchova à escabeche.*

*Desterro (Fpolis), dez. 1995*

ARQUIVO PESSOAL



## ***Dom Quixote sobre o Moinho Acadêmico***

- Janine, assim realmente não vai dar para ter filhos!, Ademir exclamou alto. Era uma disciplina de especialização em Teatro-Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina. Os professores Valmor Beltrame (Níni) e André Carreira dividiam a discussão sobre o livro *Era dos Extremos - O Breve Século XX*, do historiador Eric Hobsbawm, sinais da contemporânea pós-modernidade. Os novos tempos, descritos por este pensador da nova era, apontavam mudanças sombrias que haviam começado a despontar nas quatro décadas anteriores, pois estávamos em 1995, com a incerteza no futuro resultante dos acontecimentos políticos e econômicos da época. O fim do funcionalismo público era uma das coisas às quais Ademir se referia. Afinal, ele era um servidor do INSS.

A afirmação de Ademir era esta: um funcionário público desempregado por força dos ditames da pós-modernidade não poderia procriar. Raciocínio claro, numa perspectiva obviamente masculina. Só que a constatação gritada fez com que a turma de pouco mais de vinte alunos respondesse com uma retumbante gargalhada. E, eu como protagonista da informação, a quem não cabia o personagem, lugar de Edilma, mulher de Ademir, fiquei calada e cheia de sorrisos amarelos.

Aliás, a idéia iniciada na discussão do livro de Hobsbawm ficou tão presente em Ademir que em novembro daquele ano, nas aulas de Improvisação Teatral, com a professora Márcia Pompêo, criamos e encenamos nossas obras, e ele novamente deu o ar de suas gracinhas. Funcionário Público na Era da Pós-Modernidade era o personagem dele. Um sujeito atormentado e cheio de trejeitos amalucados caracterizava o papel. A defesa da manutenção do funcionalismo público não era apenas uma tentativa de garantir a estabilidade de seu emprego. A questão era ideológica. Para um dos fundadores do PT, o primeiro ano do governo Fernando Henrique Cardoso, com suas ameaças, ou pior, promessas de privatizações, era o moinho de vento contra o qual Dom

Por  
JANINE  
KONESKI  
DE ABREU



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

Quixote e todos os Sanchos Panças da verdadeira esquerda deveriam lutar.

*Dom Quixote de La Mancha*  
*Te procuro: quero ser seu par.*  
*Me lança ou leve na pança.*  
*És um mascarado, vem sempre*  
*No atalho recuperar a terra.*

Eis a prova da ânsia quixotesca de meu colega. Esse é um trecho de um trabalho de aula. Em versos ele fez o que deveria ser uma monografia para a disciplina de Teatro de Bonecos.

Mas o Ademir era assim, cheio de sínteses hilárias. O resumo da política ou do momento social só poderia resultar em brincadeira, não por irresponsabilidade, pois disso não havia nada nele, mas pela brincadeira, pela diversão. Isto sim era o Ademir.

Que o dissesse Gilmar Cordeiro, único exemplar do sexo masculino de nossa turma junto com Ademir e com quem formava uma dupla quase inseparável, do tipo pausa/trabalhos sempre unidos. E era Gilmar quem garantia a estabilidade dessa amizade, pois ele sofria por ela, já que o Ademir nunca o poupava ou, melhor, vivia aprontando das piores com o amigo. Sempre era o Gilmar o culpado de alguma coisa, se isso rendia uma piadinha. Gilmar era o Oliver Hardy na vida do também magro Ademir. Que fique claro que Gilmar não era uma vítima na mão da turma, ele não faz o tipo. Ele era apenas amigo do Ademir e isso tinha um preço!

Tirei o seguinte trecho de um protocolo que produzi para a disciplina A Peça Didática de Bertolt Brecht, ministrada pela professora Ingrid Dormien Koudela: "O Ademir pegou a Janine pelo pescoço. O Gilmar reclamou que o Ademir o empurrou", a delação do colega aconteceu em jogo simples: dois grupos, cada um com uma charada para que a outra turma o decifrasse. Personagens eram criados em ambos os con-

juntos, mas apenas o Ademir resolveu brincar de pega-pega com direito a empurrões nos meninos e puxões de cabelo nas garotas. Mas nada pouco justificável no comportamento de um garotão de 45 anos.

Qualquer uma das outras dezessete garotas que fizeram aquele curso conosco pode confirmar que alguns bons risos aconteceram durante as poucas aulas de trabalho de corpo. A avantajada altura de Ademir e sua magreza auxiliavam seus já naturalmente desajeitados gestos. Eu, jornalista por formação e profissão, e pata-choca por genética, sofria nos momentos dos exercícios. Professor para cá, eu para qualquer outro lugar, além de estar num lugar no qual até a primeira parte do curso era apenas uma curiosidade: teatro na minha vida, apenas no colégio, pouco conhecia do novo ofício. Todos os colegas eram atores, já tinham atuado,

O comediante Ademir em *O Inspetor Geral*.



ARQUIVO PESSOAL

## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

iluminado, produzido, escrito, e eu apenas assistido. De nossa turma, era o Ademir um dos grande atores. André dizia “Prestem atenção no pé, pois isto é importante para o ator”, e eu pensava que nem tinha certeza de que meus dois pés tocavam o chão. Era nessa hora que o Ademir me socorria, não que ele me desse conselhos, pois eu olhava para ele e via que a genética também não o havia ajudado e ele estava fazendo qualquer coisa diferente do que havia sido determinado, ou estava numa pose para lá de esquisita. Aí eu pensava: “Então tá!”

Afora isso havia as observações pouco ortodoxas acaso acidentalmente esbarrasse em um corpo feminino obviamente, pois se o encontrão fosse no Gilmar lá iriam alguns impropérios. A situação ficava um tanto pior nos momentos de compartilhar exercícios. E havia alguns complexos como o verme mole, nome dado pelo professor André, quando um aluno deita em cima do outro de costas e quem está em cima deve deixar o que está embaixo conduzi-lo. O professor tentava levar tudo seriamente, missão impossível a ser desenvolvida pelo grupo. As risadinhas vinham de todo os lados. Mas, no caso do Ademir, só podia complicar mais, pois as garotas se viravam para fazer o trabalho, mas para acompanhar o Ademir, em geral, só sobrava o Gilmar. O que para ele era imperdoável. Se acontecesse de alguma das garotas compartilhar um dos exercícios com o Ademir isto viria acompanhado de algumas piadinhas maliciosas. Mas era o Ademir. Eu mesma, confesso, esbravejei algumas vezes para ele: “Nem ouse!”, “Olha essa mão boba!”, “Sai daí!!!”, “Não faz!!!!”, “Pááááááraaaaaa!!”.

Peço para que você não pense que ele era um homem daqueles inclinados a atitudes machistas, ou seja, o vulgarmente conhecido galinha. Nada disso! Ele tinha muito estilo, e quando se tratava de mulher ele era quase o Chico Buarque. A situação feminina o afligia em alguns momentos, o perturbava em outros. Além de depois das aulas encher o carro de garotas e distribuí-las em casa - com ou sem a Edilma na direção, mas sempre com o Gilmar espremido em algum canto do Monza ou do Chevette. Incomodava-o situações em que ele nos via metidas

com os homens. É bastante vívida a indignação dele após uma descoberta. Uma de suas conhecidas, cujo nome não lembro, e não o diria se o lembrasse, havia apanhado de seu namorado/noivo/marido. Ela própria havia contado a ele. Sua brabeza com a situação era tanta que tinha vontade de bater também na moça. Claro que ele não faria isso! Mas era impossível justificar a situação a Ademir ou dizer que a garota poderia ter sido pega de surpresa, poderia ter sido a primeira vez(?). Ele simplesmente não entendia como uma mulher poderia se deixar agredir por um homem que diz a amar. E isso foi uma lição. Como uma mulher pode se deixar agredir?

Aliás, de mulher o Ademir entendia. No final de 95 ele e Édio Nunes protagonizaram *A Estória*, texto de Ademir e direção de Carmen Fossari. Édio fazia o papel masculino. Também não consigo imaginar ele de mulher, pelo menos não em uma caracterização que funcione. O Ademir encenou a mulher. Ele estava lindo. Tinha os olhos grandes e maquiados, ficavam perfeitos, mesmo que isso custasse muitas horas do maquiador, pois Édio lembra que ele tinha pavor de qualquer coisa que se aproximasse de seus olhos. Um chapéu e um vestido quase nas canelas completavam o figurino. Os personagens, dois namorados, se encontravam num banco de praça. Durante a conversa dos pombinhos inicia-se o inevitável amasso, devidamente desestimulado pela moça, que depois começou a abrir a retranca. Foi aí que vi um dos mais fantásticos trabalhos de ator. Enquanto o namorado passava a mão ao longo do tronco da garota e se detendo em seus seios, ela/Ademir começa a ficar excitada. E não sei se os espectadores do sexo masculino podiam perceber, mas o gestual e até os gemidos emitidos por Ademir eram a perfeita encarnação de uma mulher naquela situação.

Assim como fez um trabalho acadêmico em versos, devidamente aceito pelo Níni, também queria que sua monografia de conclusão da especialização fosse um produto artístico. O tema foi debatido informalmente na turma: uns contra, outros a favor. Quando a discussão

chegou a escalas acadêmicas mais elevadas, até um calouro de Artes Cênicas fazendo exercícios no solo podia ouvir o “não”. E isso foi um motivo de muito tereteté para o Ademir e para muitos de nós. “Mas, como num curso de artes não se pode utilizar de meios artísticos nos trabalhos de final de curso?”, “Isso é a ditadura da Academia!” E por aí as coisas iam...

### **Rosa sem graça**

Desde o início do curso, em 21 de março de 1995, eu sabia que o Ademir tinha retirado parte do estômago devido a um câncer, assim como ele sabia que minha mãe tinha morrido três dias antes de as aulas começarem. Nossa amizade começou daí. Nunca tinha pensado nisso, amizades se iniciam de formas inusitadas... Regularmente ele fazia exames e tudo ficava bastante tenso. Nesse meio tempo não apenas eu, mas vários outros colegas, pois ele era muito respeitado por ser quem era e amado pelo mesmo motivo, tentávamos animá-lo. E ele consentia. Eu contava histórias de gente que nunca mais havia recebido visitas indesejáveis dessa doença e ainda esplanava algo sobre minha crença espírita. Essas eram conversas muito pouco acadêmicas. Mas, diz Caetano, que também não é cientista: “De perto ninguém é normal”.

Um dia, já próximo ao final das aulas, em 1996, ele me mostrou mais um exame dos vários que fazia, se não me engano um de sangue. O resultado ele já sabia que não estava normal. Eu gravei os índices descritos ali e mais tarde perguntei à minha irmã médica o que significava aquilo. Ela me disse que havia sinais do retorno da doença e eu nunca mais falei sobre esse exame com ele. Como se pode conversar com uma pessoa sobre a perspectiva do sofrimento novamente, ou encarar com um amigo uma possível sentença de morte? Conversamos após o novo diagnóstico do médico dele sobre o fato de o câncer estar ativo novamente, mas aí a esperança é uma droga, a gente fica quimicamente dependente dela. Ele deixou de ir à

universidade quando a doença se fez sentir. Não nos encontramos mais e também não fui visitá-lo. Eu simplesmente não queria vê-lo. Não por medo de ver o corpo dele sofrendo, mas não queria ver a alma dele temendo e, muito menos, correr o risco de dar a ele mais alguma esperança. Ou, como disse a sábia Edilma: "Não fosse vê-lo doente, não tivesses coragem, né?" É, não tive. Nem para ir ao velório, nem ao enterro.

Mas há algo precioso em mim que Ademir deixou. Ele foi meu primeiro amigo homem. Sempre tive boas amigas, aliás, ótimas amigas, mas nunca tinha tido amizade com homens. E o Ademir me mostrou a heteroamizade!

E cometo mais um pecado autoplagiando uma matéria que fiz para o jornal A Notícia no dia 4 de março de 1997, quatro dias depois de ele ter ido embora:

"O último texto escrito por Ademir, *O Que a Vida Fez de Mim, de Nós*, termina da seguinte forma:

'Já esperei minha vida toda pelos outros. Vou caminhando sozinho. Até o fim de minhas forças. Até o limite do horizonte. Boa noite.'  
Boa noite, amigo!"

## ***Lembranças de um “ator garimpeiro”***

Por VALMOR  
NÍNI BELTRAME

Conheci Ademir Rosa em 1978, numa apresentação de *Um Grito Parado no Ar*, texto de Gianfrancesco Guarnieri, na montagem do Grupo Armação e com direção de Paulo Rocha, justamente quando eu começava a fazer teatro e não tinha condições de dialogar com ele sobre aspectos conflitantes que envolvem nossa arte, principalmente “as crises” do teatro. Nessa época ele já era um ator experiente, trazia na bagagem a atuação em cerca de sete espetáculos e quase uma década de trabalho.

No entanto, desse primeiro encontro ainda guardo lembranças importantes que pautaram nossas seguidas conversas posteriores, prosas que se estenderam até o ano de 1997, oportunidade em que ele era aluno no Curso de Pós-Graduação em Teatro – Especialização, no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Quero aqui, neste pequeno espaço, abordar duas questões que me parecem cruciais e revelam um pouco o pensamento deste ator: suas idéias sobre uma das tantas crises vividas pelo teatro e, ao mesmo tempo, a atualidade do seu pensamento.

Nós, artistas de teatro, estamos habituados a ouvir das pessoas que nossa arte está em crise; ou que o teatro é uma arte que vive em permanente crise. Tais comentários, muitas vezes, revestem-se de um tom negativo. Mas essa talvez seja uma das qualidades mais importantes dos homens e mulheres que praticam essa arte. Porque, ao questionarem o sentido da arte que realizam e do seu próprio fazer, criam as condições para que a arte do teatro se reveja, se renove e se atualize.

Nos anos 70 e início dos 80, nosso teatro era engajado politicamente. Isso se evidenciava na escolha da dramaturgia, no compromisso de apresentar teatro para populações que jamais tinham tido acesso à arte e no despojamento quanto aos recursos técnicos utilizados. Vivíamos sob a ditadura militar e isso não era possível esque-



FOTO: PAULO AFONSO MATTOS

cer. O desafio que nos impúnhamos era o de fazer “um teatro situado num tempo histórico, porém fundamentalmente poético”. Essas palavras de Hector Grillo, diretor do Grupo Galha Azul, da cidade de Lages, do qual eu fazia parte na época, eram uma premissa do trabalho para muitos grupos de teatro e principalmente para nós, do Galha Azul.

Com o fim da ditadura militar, diversas crises nasceram ou resurgiram, e uma delas diz respeito à função social do teatro. Iniciada de modo visível, já há mais de um século, aqui no Brasil essa crise se agudizou a partir dos anos 80 e 90. A idéia, antes comum, de que a obra de arte tem a função de contribuir para transformações positivas da sociedade passou a ser substituída pela concepção de obra de arte como mercadoria. Muitos artistas criam tendo como referência o gosto do público. Pressionados pelas necessida-

*Curto Circuito*, de 1985, de Timonchenco Wehbi. Isnard Azevedo dirigiu o espetáculo do Grupo O Dromedário Loquaz. No elenco: Waldir Brazil, Ademir Rosa, César Refosco, Zica Vieira, Gilberto Silveira, Tânia Kuhnem, Silvio Mantovani e Marjorie Costa.



## 1º ATO Fragmentos de uma trajetória

des de consumo e de sobrevivência, muitos produzem o que é mais facilmente digerível pelo mercado.

A idéia de artista como alguém que, com seu trabalho, também é agente que contribui na transformação da sociedade, como alguém que defende ética e ideologia, é cada vez mais abandonada, vista como romântica, e até antiquada. Hoje, um bom número de artistas descarta a visão de que a arte é permeada por valores éticos e humanos e assume a obra de arte como um produto de consumo a ser vendido, comercializado. Certamente essa não é uma crise que pertence exclusivamente ao teatro, mas também a todas os outros campos artísticos.

É importante destacar que as idéias de Ademir foram bastante lúcidas e atuais em relação a esse problema. Ele partilhava com o pensamento de muitos artistas que acreditavam e ainda acreditam que

Parte do elenco  
de *Curto  
Circuito*.



FOTO: STUTZ

em todos os lugares há pessoas necessitando de algo diferente, algo mais humano, que só pode acontecer na relação pessoal e direta, como a que propicia o teatro. Algo que não se encontra nas produções massificadas. Essas pessoas gostam de manifestações criadoras que falam dos desejos, dos sonhos, das emoções, das sensações, da vida dos seres humanos. E para Ademir, falar disso pressupunha expressar uma posição diante da vida, e tudo isso é permeado por questões éticas, estéticas e poéticas. Essa foi sua posição, da qual jamais abriu mão.

O segundo aspecto a ser abordado é sobre o ofício de ator, sua área de conhecimento. A presença de Ademir Rosa em cena era inconfundível, e isso se manifestava na sutileza como realizava as ações no palco, na força do olhar, na clareza dos gestos, no modo como pisava no chão, na voz que criava para cada personagem. Percebia-se

FOTO: PAULO AFONSO MATTOS



Cena de *Curto Circuito*, com Waldir Brazil.

o desejo de comunicação que não era apenas o da personagem com o espectador, mas o de um ser humano procurando dialogar com outro ser humano. Para Ademir, comunicar aquilo que o texto literário dizia já não era suficiente: havia algo mais a ser dito. Ao mesmo tempo ele representava para as pessoas, e não para si mesmo, com a clareza de que estava ali fazendo o que mais gostava e sabia fazer: representar.

No palco, seu olhar era o de quem tinha a coragem de mirar fundo e demoradamente nos olhos das pessoas presentes na platéia. O olhar cumpria um duplo movimento, o de mostrar a personagem e de mostrar-se e entregar-se para a cena. Era a busca permanente em aproximar a personagem do público alimentada pelo olhar captado na platéia. Esse alimento ele colhia tanto nos olhares que desviavam do seu próprio olhar quanto dos que o recebiam. Aí também residia seu compromisso com a recepção do espetáculo no seu sentido mais amplo. Ademir queria que as pessoas compreendessem seus espetáculos não apenas com a razão, mas que se comovessem, que partilhassem das dores, das alegrias e das gargalhadas das personagens que representava.

Sua permanente busca por fazer o melhor em cena era outra característica evidente em seu trabalho. Sempre inconformado com os primeiros resultados, não cessava de garimpar, de cavar fundo para encontrar o que considerava o melhor. Isso me lembra um pequeno trecho do livro *O Ator Invisível*, de Yoshi Oida, ator japonês que hoje trabalha com Peter Brook na França, quando conta que, ao sair do seu país para vir para o Ocidente, um célebre escritor lhe aconselhou: “Nunca desista no meio do caminho. O mais importante quando procuramos pedras preciosas é cavar com determinação até que elas apareçam. Se continuamos a cavar no mesmo lugar, numa hora nós as encontramos” (OIDA, 1999, p. 77). Ademir era esse velho garimpeiro, obstinado em oferecer o melhor. Por isso mergulhava fundo dentro de si mesmo até encontrar a melhor pedra, a mais reluzente, a mais preciosa, para nos oferecer como seu trabalho de ator.

## **1996. Eleições em Florianópolis**

Comício. Segundo turno das eleições na disputa pela Prefeitura da Capital Catarinense. A Frente Popular, tendo como candidato a prefeito Afrânio Boppré, do PT, enfrenta Angela Amin, do PP. Ademir lê *O Trem da História* no comício. Está bastante abatido pelo tratamento contra o câncer. Mais uma vez, presente.



# 2º ATO

**Ademir, nas próprias palavras**



## **Ademir, nas próprias palavras**

1995. Ademir dá entrevista ao Jornal do PT de Florianópolis. Ele fala sobre seu início no teatro, sobre a militância no Partido dos Trabalhadores e sobre sua visão de uma cultura transformadora. No mesmo ano, escreve o texto *Teatro didático de Bertolt Brecht na preparação do ator: minha experiência em Florianópolis*.

Nas próximas páginas, podemos conhecer um pouco mais de Ademir Rosa através de seu próprio olhar.

### ***Ator-militante ou militante-ator?***

Com mais de 25 anos de teatro na bagagem, principalmente o “teatro engajado”, como se costumam chamar as apresentações que envolvem o cotidiano das pessoas e que mostram a realidade do povo em manifestações públicas, o ator Ademir Rosa, 45 anos, é um exemplo de união entre a militância partidária e a paixão pelo teatro, pelo texto, pela interpretação e pelo público. Em cima de um caminhão, interpretando a saga dos migrantes expulsos das grandes cidades, ou na pele de uma mulher que expõe seus sentimentos a um estranho num banco de praça, Ademir, que é formado em Sociologia e já fez algumas pequenas aparições no cinema em personagens de curtas-metragens, tem muita história para contar. Nesta entrevista ele fala um pouco dessa trajetória, da relação entre política e cultura e da necessidade de reavaliar métodos e linguagens.

#### **O que surgiu primeiro na sua vida, o ator ou o militante?**

Ademir: Primeiro veio o ator. Comecei fazendo teatro em 1970, participando de uma organização do SESI chamada “Grupo Social”. Promovíamos passeios, festas e recreações. Surgiu a proposta de agitar o meio



## 2º ATO Ademir, nas próprias palavras

cultural, e o teatro foi a opção. O SESI contratou uma diretora e montamos vários trabalhos. De lá para cá o teatro sempre esteve na minha vida. Até 1980, fiz dez peças, uma por ano.

### **E a militância política surgiu com o PT?**

Ademir: Nasceu o PT em 1980. Eu sou um dos remanescentes, um dos pioneiros das reuniões do PT em Santa Catarina. Particpei da direção. Na época, a militância me fez parar um pouco com o teatro. Era tempo de construção do partido, de agitação política. Fora o trabalho normal, que também roubava tempo. O teatro ficou uns tempos de lado.

Ademir em cena do espetáculo sobre a vida de Lula, em 1989.



ARQUIVO PESSOAL

### **Quando o PT surgiu, a questão cultural já estava presente nas discussões?**

**Ademir:** O partido tinha as discussões básicas, mas não tinha envolvimento cultural. Não tinha propostas e nem debates sobre o assunto dentro do PT, havia apenas atividades espontâneas aqui e ali. Em 1982, na primeira eleição que disputamos, em âmbito estadual, a participação cultural foi pequena. No resto do país alguns artistas marcaram presença. Em 1985 as coisas também foram parecidas. Já em 1989 houve um engajamento maior, na campanha de Lula contra Collor. Houve maior empatia dos artistas com a proposta do candidato do PT. Aqui em Santa Catarina montamos uma peça sobre a vida do Lula, que foi apresentada em várias cidades e foi muito gratificante.

### **Qual é a sua posição diante da noção de “cultura utilitária”?**

**Ademir:** A cultura não pode ser vista como mero utilitário. Acho que num primeiro momento até foi importante mostrar as propostas do partido pela via cultural. Os artistas têm penetração na população. Mas depois das eleições sempre volta a discussão interna sobre a vinculação com produtores culturais de maneira geral. Começamos com propostas muito tímidas para esta área. Com a derrota do Lula em 89 houve um refluxo, ficou permanente a cobrança da necessidade de debates mais aprofundados. Ainda somos muito inibidos... Nas décadas de 70 e 80 as mudanças vieram rápido e agora parece mais difícil mudar. Nunca se pensava que a cultura poderia transformar a cabeça de alguém. Mas é um engano. Pode-se fazer leituras incríveis através da literatura, da poesia, do teatro, da música. O PT deve se deter a isso, deve trabalhar a questão cultural como

*“Nunca se pensava que a cultura poderia transformar a cabeça de alguém. Mas é um engano. Pode-se fazer leituras incríveis através da literatura, da poesia, do teatro, da música. O PT deve se deter a isso, deve trabalhar a questão cultural como prática diária, ou a gente vai acabar virando qualquer outra coisa como qualquer outro partido. Precisamos ser diferentes.”*

## 2º ATO Ademir, nas próprias palavras

prática diária, ou a gente vai acabar virando qualquer outra coisa como qualquer outro partido. Precisamos ser diferentes.

### **Em 1986 o PT Estadual criou uma linguagem diferente com o “Armazém Estrela”. Como foi a experiência?**

Ademir: Tínhamos que fazer o programa de TV do partido e tínhamos que ser diferentes. Eram só dois minutos na telinha e disputávamos as eleições com cartas já marcadas pelos candidatos dos outros partidos. Nos reunimos na minha casa e bolamos a idéia de fazer um comerciante – que seria o âncora – para o desfile dos candidatos. Daí surgiu o armazém e eu era o dono. Só que para ter voz ativa no programa a Justiça Eleitoral exigia que a pessoa fosse candidato. Acabei me candidatando a deputado estadual, com número e tudo, mas não fiz campanha e nem votei em mim. Recebi uns 400 votos, por incrível que pareça.

Ademir era o dono do Armazém Estrela, que marcou época nos programas de TV do PT.



### **E o “Armazém Estrela” deu certo?**

Ademir: Foi legal. Cada dia era uma história diferente e, apesar de não termos muita estrutura e equipamentos, o público gostou. Era uma linguagem nova. Em Santa Catarina temos gente interessada em discutir. A questão está em você, na iniciativa. Como o PT é um partido diferente, ele precisa detonar essa discussão. Existe uma lacuna aberta, e nenhum partido está fazendo isso. O PT faz grandes manifestações sobre problemas sociais, mas culturalmente não está ocupando o espaço que poderia estar. Acho que é no alimento do espírito que a cultura proporciona que o PT deve se envolver. Não podemos continuar sempre com as mesmas palavras de ordem. A cultura e a discussão são maneiras novas de reavaliar, descobrir novas formas de mostrar a luta, a vida. As outras possibilidades já estão quase esgotadas. Às vezes se promovem atividades, e as próprias pessoas do partido não se interessam.

### **O que você sente como ator, interpretando a realidade cotidiana do povo, como na Romaria da Terra, por exemplo, quando fez um migrante expulso das cidades?**

Ademir: O que fica legal é a valorização, a identificação. As pessoas chegam e falam, ou apenas sentem “eu já vi alguém assim, eu sou assim, minha família vive assim”. A emoção é muito legal de trabalhar. É um teatro para as pessoas terem uma visão maior de mundo, para mostrar o possível da realidade. É o tipo de trabalho que eu faria sempre. Não a dominação, mas a interpretação que faz pensar e raciocinar sobre os fatos. Já fiz muito trabalho assim, de rua, nos locais de trabalho, de militância, escrevendo textos e atuando.

### **A cultura deve ser um agente transformador?**

Ademir: Dentro da visão de transformação de mundo, com certeza. O PT nasceu da necessidade de um partido que pudesse agir nessa transformação. Moramos num país onde o poder sempre esteve na economia, e com a cultura não foi diferente. Para atingir a cultura acessível, precisa

mudar o fazer. Precisa produzir culturalmente em todas as áreas. O estímulo partidário para a questão cultural sempre foi pouco promovido. Isso precisa mudar.

**Fale sobre seu último trabalho.**

Ademir: Minha última peça, *A Estória*, é uma experiência como autor e ator ao mesmo tempo. O texto que eu sempre escrevi foi o texto engajado, do movimento. *A Estória* foge um pouco para falar sobre a solidão de cada pessoa e sua experiência solitária diante dos acontecimentos, além de fazer uma crítica ao deplorável estado da cultura no país. Acho que o grande mérito do texto é a simplicidade. Escrevi em duas tardes e interpreto uma mulher que conversa sobre a mediocridade do dia-a-dia com um homem. Estreamos no CIC em janeiro [1995] e vamos voltar no TAC, no início de junho. Depois a proposta é levar o texto para locais diferentes, onde as pessoas não têm acesso ao teatro, como na Penitenciária, por exemplo. A montagem é uma união dos grupos Armação e Pesquisa Teatro Novo, da UFSC. A direção é da Carmen Fossari, e meu companheiro de cena é Édio Nunes.

## ***Teatro didático de Bertolt Brecht na preparação do ator: minha experiência em Florianópolis***

O fazer, o estudar, o entender, o assistir teatro é uma grande perseguição. Pelo menos para uma coletividade. Para mim isso aconteceu a partir de meados de 1970, aqui mesmo nesta ilha, que um dia chamou-se Nossa Senhora do Desterro, agora Florianópolis. Foi com o texto de Dias Gomes, dramaturgo baiano, com extensa obra para teatro e televisão, e internacionalmente conhecido, quando da versão para o cinema do texto teatral *O Pagador de Promessas*, ganhando a Palma de Ouro do Festival de Cannes, em 1963. O nosso trabalho foi *O Santo Inquérito*, montado pelo grupo de teatro do Serviço Social da Indústria – SESI, com direção de Odília Carreirão e um elenco quase todo de estreantes. Portanto, são vinte e cinco anos, dezenove textos montados; alguma experiência com o teatro de rua; participações em curtas e médias metragens no cinema e no momento alguns projetos como ator e interesse em exercitar a dramaturgia.

Por  
ADEMIR ROSA  
(1995)

Hoje estou aqui para me ater exclusivamente a uma dessas montagens. Tentarei resgatar uma experiência prática, vivenciada do início ao fim, ou seja, desde as primeiras reuniões, passando pelas discussões preliminares, formação do grupo, escolha do texto, elenco, direção, ensaios, apresentações abertas ao público e críticas.

Penso que primeiro devo fazer a contextualização política e cultural do nosso país e da própria cidade, “hóspede do ilustre convidado Bertolt Brecht”. A maneira foi inusitada, pois pensar em montar e produzir um trabalho logo em cima de uma peça didática foi visto com algumas reservas por exatamente duas ou três pessoas, que por sinal hoje estão no magistério superior, aqui na capital, ou província, como chamou a prof. Doloris Almeida (PEIXOTO, 1987, p. 167). De qualquer maneira, Brecht já em 1968 “esteve de passagem pela Ilha” com o pessoal do Grupo Oficina da Cidade de São Paulo, quando da montagem do seu *Galileu, Galilei*. Para a província, aquilo foi a grande alavanca, a ousadia maior no fazer

## 2º ATO Ademir, nas próprias palavras

teatro. Foi acima de tudo um acontecimento, não apenas uma peça de teatro apresentada para uma platéia que, com certeza, via pela primeira vez um grupo de vanguarda interferindo estética e culturalmente na vida brasileira.

De 1969 a 1981, quando O Dromedário Loquaz – grupo local constituído para a montagem de Brecht – foi fundado, passaram-se doze angustiantes e sonhadores anos. O AI-5, de 13 de dezembro de 1969, foi o “golpe no golpe”, como diz o sociólogo Ianni (1974). Mesmo que mais nada acontecesse no país em termos de intervenção dos militares na vida pública e privada dos brasileiros, só esse ato serviria de instrumento para criar marasmo, medo, perplexidade, refluxo, desterro, exílio voluntário ou forçado, nas artes e nos artistas brasileiros.

Se entendermos a intervenção ao movimento sindical, popular, estudantil, político, a repercussão foi bem maior e as conseqüências funestas e funéreas. E com Mário Quintana, poeta gaúcho, poderíamos, cheios de esperança, afirmar: “E estes que aí estão/ Eles passarão/ Eu passarinho”.

O país parou? Absolutamente. Com bandeira a meio pau e cheio de cobradores nas portas dos teatros, como retrata o texto teatral *O Grito Parado no Ar*, de Gianfrancesco Guarnieri, continuamos a luta. Leitura dramática, apesar de ser uma saída, foi dramático. Tenho certeza de que já li em algum jornal ou revista que nesse período contabilizaram-se aproximadamente 450 peças semi ou totalmente censuradas. Nós mesmos tivemos integral ou parcialmente inviabilizadas as montagens dos *Fuzis da Senhora Carrar*, do próprio Brecht, e a *Torre em Concurso*, de Manoel Joaquim de Macedo. Afora alguns recados diretos dos censores da Polícia Federal, que obrigatoriamente assistiam a um ensaio geral antes da estréia dos espetáculos e que tinham poder de permitir ou não a realização de determinada cena ou do próprio espetáculo como um todo.

A ditadura cerceou a liberdade, mas não conseguiu chegar às nossas entranhas, à nossa utopia e sonho. Continuamos a nos reunir. Já conseguíamos respirar um ar mais arejado, apesar dos cheiros dos canhões e do choro intermitente de pessoas que perderam seus dentes e entes, ou

que foram “seqüelados” pela atrocidade dos embalsamados e seus pares.

Em 1978, quando apresentamos e deixamos *Um Grito Parado no Ar*, percebíamos que o país tinha mudado e até já discutíamos qual poderia ser o nosso futuro presidente civil.

Começava uma fase na vida dos brasileiros conhecida como abertura política ou de reconquistas pelos direitos da sociedade civil, que vinham de forma lenta e gradual, assegurando, dessa maneira, o controle dos aparelhos do Estado pela ditadura. Exemplo foi a anistia aos cassados e desterrados. Em 1984, o Congresso Nacional chegou a votar e derrotar a Emenda Constitucional, em que se restituía o voto direto para a escolha do presidente da República. Frustração dos setores progressistas brasileiros, tivemos que assistir à eleição, via indireta, pelo Congresso Nacional em 1985, de Tancredo Neves, que acabou sendo José Sarney, pois o titular morreu sem ficar um só dia no poder, mesmo tomando posse.

Voltamos ao nosso umbigo: estava mais do que na hora de termos uma dramaturgia referencial e, para tanto, Brecht era ao mesmo tempo um mito e uma provocação. Optamos por ambos. Se já havíamos recebido um encontrão da censura, por que insistir? Com certeza a conjuntura política colaborou para reunir um grupo de pessoas e botar na roda novamente *Os Fuzis da Senhora Carrar*, já vetado integralmente. Nossa postura de sociólogo também fez recrudescer essa vontade de ousar. Sociólogo naquela década encarnava oposição; depois de duas, virou símbolo sexual e presidente social-democrata.

A ebulição política com o surgimento das greves no ABC (região industrial de São Paulo, formada pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano) e a conseqüente criação do Partido dos Trabalhadores nos remetem ao sonho do poder e da transformação. Mãos, corações e mentes em Brecht, autor que representava, acima de tudo, a alegria e a possibilidade da nossa verdade.

Desencadeava-se a primeira reunião, em mais uma tentativa de aglutinar os interessados para discutirmos e, quem sabe, montarmos um trabalho na área teatral.



Era uma tarde de sábado, dessas bem gostosas, cheirando ao crepúsculo do inverno, com a primavera já toda assanhada, mostrando suas primeiras cores e flores, deixando para trás o mofo do frio e a deselegância do vento sul. Alinhados estávamos com o tempo atmosférico.

Alguns chegaram na hora marcada, outros não, e poucos nem apareceram. Entre esses últimos, o diretor, já previamente escolhido. Ele não veio, e a sua ausência provocou a decisão: "Ao invés dos 'Fuzis', por que não uma '*Importância*'?", diz de um canto do salão nobre do Teatro Álvaro de Carvalho um rapaz recém-apresentado. Surpresa? Claro, e das grandes, pois em pouco tempo a reunião estava tomando outro rumo. Estávamos todos de "*Acordo*". O mesmo Brecht, só que diferente. Para a maioria, a mudança soou como princípio de confusão. Explicações dadas acerca da trajetória do autor, fomos em frente. Reuniões marcadas e acontecidas, e o contorno de um novo grupo teatral se delineando.

Na realidade, pouco ou quase nada sabíamos sobre Bertolt Brecht, mas a procura de novas linguagens era, mesmo que inconsciente, uma determinação latente. Brecht, ouvíamos dizer, era um dos autores mais representados em vários estados brasileiros, menos em Santa Catarina, e nunca na Ilha. Continuava sendo uma questão de honra encená-lo. Ainda mais em se tratando de um homem declaradamente de esquerda, encaixando-se naquele perfil político tão desejado por um grupo de teatro que queria buscar novos caminhos estéticos e lutando no plano da sociedade civil pela liberdade democrática e por uma sociedade livre.

Lembro que alguém, numa das reuniões, falou em tom de pergunta se a obra de Brecht era panfletária e sua arte era meramente utilitária. Pedimos um aparte e já taxamos que aquilo era uma observação de direita ou de alguém infiltrado que estava ali por interesses escusos. Como vimos, já valia um pouco de tudo, inclusive de paranóia.

Peça didática, Teatro Épico, distanciamento? Francamente... aliás, vivíamos numa província e aqui, provavelmente, apesar de termos duas universidades, nada ou muito pouco se falava sobre Brecht e seu método. As universidades pouco transgrediam os jardins dos *campi*. Mas nessa altura

pouco importava se os “Fuzis” não fossem acionados, pois tínhamos já fechado o “Acordo”. Brecht continuava sendo nosso “hóspede”. Particularmente fui contemplado e pudemos continuar navegando.

Novo texto, nova direção: assim Isnard de Azevedo é introduzido à cena em Florianópolis. Era arquiteto, professor universitário, funcionário público, natural de Porto Alegre, conhecia em sua cidade natal montagens e parte da dramaturgia do autor, principalmente quando aluno da Escola de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Diz ele, numa entrevista à professora Doloris Almeida, de Literatura Estrangeira da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 1986: “A tentativa de encontro com o momento, o estímulo ideológico, buscando o engajamento político com a realidade social imediata, Brecht como padrinho de ensinamento, fazendo proposta”. O espetáculo fora criado com base na citação de que “existem muitos objetos num só objeto”. Assim, com apenas quatro atores, montou-se a peça em que “existem muitos atores num só ator”. Isnard perseguiu durante todo o seu trabalho novos espaços cênicos, visando com isso que o público contatasse uma nova forma de imagem cênica. Tudo particularmente muito estimulante, e continuamos de “Acordo”.

A dramaturgia, o método, a poética de Brecht, durante a preparação do espetáculo, passaram ao largo. Discutíamos pouco, fazíamos o solicitado. Lembro que grande parte dos exercícios era no sentido da sensibilização e em algumas ocasiões falou-se de Grotowski. Socorri-me do curso de licenciatura e especialização em Ciências Sociais, para descobrir aquele “admirável mundo novo”. Paralelo ao fato de que de vez em quando ouvíamos falar em um teatro sem emoção, distanciamento, crítico, reflexivo, com isenção de suspense, nós estávamos emocionados pelo contorno que ia criando nosso trabalho... Quando se optou pela citação oral dos nomes que a ditadura acabara de matar no Brasil, em vez de fotos nas cenas V e VI, chegávamos ao clímax da emotividade. Hoje tenho a impressão de catarse. Brecht já era para mim um companheiro de trabalho.

A montagem do Dromedário, via Isnard, ganha abrasileiramento: em

cena seu lado lúdico e divertido. Fernando Peixoto diz que “qualquer trabalho teatral em torno de Brecht carrega um alto grau de complexidade, onde entram os mais diversos fatores, desde os elementos especificamente teatrais até as substâncias ideológicas de uma visão do mundo, combinados todos para conseguir efeito conscientizador no público”.

A proposta da direção e do grupo como um todo era pesquisar “tanto a forma cênica, como as técnicas de representação, expressão e escolha de textos”, conforme entrevista dada por um dos elementos do grupo ao jornal O Estado em 2 de outubro de 1981. Anos depois descobri que as peças didáticas de Brecht são exercícios para a formação de grupos, a partir de perguntas comuns. Estávamos certos na trajetória, tanto que o grupo continua atuando até hoje.

Com este trabalho, fomos um dos precursores da inovação de espaço cênico e da linguagem teatral aqui na Ilha. Aproximou Brecht de nós, do meio cultural, o que provocou diversas formas de reação. A mais pública veio através de uma crítica que saiu no mesmo jornal O Estado, no dia 18 de outubro de 1981, onde se lêem coisas do tipo “porém, as idéias transformadoras de Brecht determinaram apenas o surgimento de um teatro épico, que serviu de contraponto ao teatro dramático, no qual o ator colocava seus discursos panfletários contra a injustiça social, criando com a competência de um gênio obras-primas da dramaturgia do século”; e mais: “e o material de Brecht serviria para que os teóricos discutissem o conceito de afastamento, do qual procuro me afastar, preferindo a emoção pura do consciente”. A professora Doloris Almeida, em seu artigo já citado, diz que “manifestações reacionárias e incompetentes deste calão também são aspectos da província”. Segue dizendo: “pessoalmente recorde da satisfação em ver Brecht encenado e justamente naquele local – Casa da Alfândega. A escolha de uma peça didática era justificada pelo momento histórico. Fiquei surpresa pela encenação. Os efeitos distanciadores inteligentemente alcançados pelos diversos recursos já descritos, o ‘choque’ provocado pela leitura das notícias do dia, etc., contrabalançavam com a inusitada (a meu ver) identificação exagerada do

ator com o destino do oficial, provocando emoção e empatia, levando a um desequilíbrio na compreensão racional do 'ensinamento'. Mas este senão era recuperado no final com ato de grafiteagem".

Daquele outubro de 1981 aos nossos dias, lá se vão quase quatorze anos. Quantos textos de Brecht montados na Ilha? Que me consta, uma tentativa feita pelo grupo de teatro dirigido por Vera Collaço – *O Casamento do Pequeno Burguês* – e mais nada. Será que suas citações estão longe de nós e o nosso grau de cultura não permite outros trabalhos? É o "distanciamento" que afasta os grupos de Brecht, ou é o seu pensamento, que está por trás em tudo aquilo que fez, que provoca este isolamento, esta frieza ou mesmo desprezo? Seu teatro está ultrapassado; as razões para montá-lo são débeis; ou as encenações não têm mais o inusitado; ou ainda que as razões estão localizadas na platéia, que quer assistir a espetáculos que falam mais do sonho, com a emoção pura. Estará Brecht numa categoria inatingível, aguardando um pós-modernista para encená-lo, colocando-o na berlinda, como um poeta dramático que sofre com a avalanche do neoliberalismo, que tornou o mundo mais avançado tecnologicamente, mas aprofundou a injustiça social? Por outro lado, percebe-se que o sonhado mundo socialista de Brecht está minado, sucateado e com pouco poder de fogo dos comunistas, que se repetem enfadonhamente, com medo de reverem suas posições.

Em 1998 serão dez anos do nascimento de Brecht e, quem sabe, neste centenário reagiremos de outra forma e, movidos por este sentimento, faremos em qualquer lugar desta cidade uma celebração ou um ritual para comemorarmos tão inusitada data. Sua obra encerra cinquenta e um textos dramáticos; quem sabe no ano da graça de 1998 nós precisaremos ser mais didáticos do que foram as suas peças, as que provocaram sempre as reações mais emocionais, por paradoxal que seja.

### Bibliografia

IANNI, Otávio. *O colapso do populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

O ESTADO. Florianópolis, 2 out. 1981.

O ESTADO. Florianópolis, 18 out. 1981.

PEIXOTO, Fernando. *Brecht: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro; Paz e Terra, 1974.

PEIXOTO, Fernando et alii. *Brecht no Brasil: influência e experiências*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

# 3º ATO

O Autor



## **Ademir: autor**

Nas próximas páginas, Ademir nos mostra sua face de autor.  
São seis peças escritas por ele:

*A Estória (1990)*

*Os Lobos (1992)*

*O Dia em que os Porcos Comerão Sal (1978)*

*Fragmentos (1991)*

*O que a vida fez de mim, de nós (1996)*

*Terra de Animação (1995)*

Sua dramaturgia é, assim como ele, intensa. Fala por si.  
Boa leitura! E bom espetáculo a todos!





# **A Estória**



## ***A Estória***

*A cena se passa numa praça de uma cidade média . Está sentado um homem de meia idade, lendo um jornal e se distraíndo, observando crianças jogarem futebol. Entra uma mulher mais nova de idade. Pára e fica olhando como quem procura algo, ou esperando alguém.*

**H** – Precisa de ajuda?

**M** – Não. (Silêncio)

**H** – Perdeu algo?

**M** – Não. (Silêncio)

**H** – Espera alguém, alguma coisa?

**M** – Sim. (Silêncio)

**H** – (Distrai um pouco). Ele deve ter se atrasado.

**M** – Provavelmente. (Silêncio)

**H** – Quem sabe ele não fez de propósito?

**M** – (Dá um passo adiante). Ele costuma ser pontual. (Silêncio)

**H** – Os dias nunca são iguais. A gente não toma banho duas vezes num mesmo rio, já dizia Heráculo.

**M** – Para mim isso não tem a menor importância. (Silêncio). O senhor é filósofo?

**H** – Leio a vida de alguns homens, mas os filósofos são os meus preferidos, principalmente aqueles mais destemidos. Aqueles contemplativos confesso que li poucos, o suficiente para desgastá-los.

### **3º ATO** O Autor

**M** – Mas o senhor encarnou mais os contemplativos, pois, ao que me parece, passa o dia todo aqui, nessa praça, olhando, perguntando... o senhor é meio contraditório.

**H** – Quem lhe disse que sou contraditório? Só pelo fato de estar sentado aqui não significa que estou sendo incoerente. Ao contrário, em última análise, pensar já é um exercício dinâmico.

**M** – (Silêncio. Olha o relógio, faz menção de ir embora, hesita, fica). Preciso telefonar com urgência.

**H** – Tem um orelhão logo ali na esquina; tenho uma ficha aqui. (Procura nos bolsos e encontra). Pegue... não precisa me devolver. Quer que segure a sua bolsa enquanto telefona?

**M** – Obrigada, mais vou levá-la comigo.

**H** – Não sou nenhum ladrão não... moro aqui próximo da padaria... venho diariamente aqui nesta praça. Gosto de ler e ver as crianças jogarem futebol. Por sinal, não tem nenhum com pinta de craque, mas são crianças bonitas... só o goleiro é que é meio exibido... vem todo paramentado. Tomou um frango ontem. Tiraram ele do gol e colocaram na ponta esquerda. Resmungou, chorou, mas hoje voltou para o gol. Parecia um passarinho voltando ao seu ninho. Parecia contente demais. São todos muito engraçados. (Pausa). Essa conversa não deve sensibilizá-la. Como diz minha filha: "Tá em outra", quer dizer, em outro. De qualquer forma, torço para que consiga ligar.

**M** – Obrigada. (Sai. Ele volta a ler o jornal. Ela volta)

**H** – Foi bastante rápida. Falou com ele na certa!

**M** – Liguei para a minha casa, falei com mamãe.

**H** – Parece bem responsável.

**M** – Só avisei que vou me atrasar um pouco. (Silêncio)

**H** – Tem filhos?

**M** – (Pausa). Dois. Por que o senhor quer saber?

**M** – Apenas curiosidade, nada mais. Não quer sentar um pouco? Tenho jornal aqui, isso pode ajudar os minutos a passarem mais depressa. Ou, então, aproveita para ver as crianças jogarem futebol.

**M** – Não aprecio jogos. (Pausa. Mais simpática). Prefiro ver o jornal.

**H** – Então fique à vontade. Coloque a bolsa aqui. (Ela senta bem na ponta do banco). Deixa que eu seguro esse seu embrulho.

**M** – O senhor não é nenhum tarado?

**H** – (Ri). Por doces e bala queimada, só. Agora ficou mais tranqüila? Sexualmente sou muito respeitador.

**M** – O senhor é católico?

**H** – Só apostólico, romano não. O suficiente é acreditar em Deus. Tenho muita fé nele. Rezo todos os dias. Confesso que às vezes esqueço, principalmente quando bebo uma cerveja.

**M** – Bebe costumeiramente?

**H** – Quando faz calor, bebo uma cervejinha. Quando faz frio, gosto de um conhaquinho.

**M** – Então é um alcoólatra?

**H** – Absolutamente, é apenas um hábito, não um vício. Entende a diferença? Não sou um escravo da bebida. Para a senhora ter uma idéia, quase todos na minha família já freqüentaram o AA (Orgulhoso). Eu nunca.

**M** – Quer dizer então que é o único santo da família?

**H** – Minha mulher brincava comigo dizendo isso também.

**M** – Brincava por quê? Morreu?

### **3º ATO** O Autor

**H** - (Silêncio). Não, fugiu com um rapaz, mais novo do que ela.

**M** - Sim, mas ficou por isso?

**H** - Nunca mais tive notícias dela.

**M** - Gostava muito então, é o que está me parecendo.

**H** - Muitíssimo.

**M** - Faz muito tempo?

**H** - Quarenta semanas.

**M** - Quase um ano então. (Pausa). Por que o senhor conta em semanas?

**H** - Acho que se fosse em dias sofreria mais. Prefiro sofrer quarenta semanas do que duzentos e oitenta dias. Assim parece menos tempo.

**M** - Mas o que aconteceu? Era algum conhecido da família? Quem?

**H** - Não sei, nunca o vi. Não sei do credo, da cor, escolaridade, profissão.

**M** - Mas eles se conheceram onde? No cinema, teatro, em alguma festa? O senhor sabe onde foi pelo menos?

**H** - (Silêncio). Não.

**M** - (Insistindo). Mas onde então?

**H** - Foi num ponto de ônibus.

**M** - Num ponto de ônibus? Pegaram o mesmo ônibus, ele deve ter pago a passagem dela e por aí foram...

**H** - Não, ele chegou no ponto, ela estava sentada lendo um jornal no banco defronte ao ponto, começou a perguntar a ele uma série de coisas, até que resolveu me ligar dizendo que ia se atrasar um pouco. Sempre foi muito responsável.

**M** - Lamento que isso tenha ocorrido com o senhor, que parece ser uma

pessoa preocupada com os outros.

**H** – Só não fui preocupado com o outro.

**M** – Ela fazia o quê?

**H** – Era, como se diz, dona de casa. Mas na verdade isso nunca teve muito cabimento, pois ela sempre contribuiu para a previdência na profissão de costureira. Pelo menos legalmente, não podia ser considerada apenas dona de casa. Sustentou-nos durante o período em que estive desempregado. (Fica triste e cabisbaixo. Explode). Mas o que sempre quis foi ser atriz de teatro.

**M** – Atriz de teatro? Que formidável. Representava muito em casa?

**H** – Bastante. Tanto assim que acabou fugindo com um mocinho.

**M** – Acho que o senhor não deve ficar zangado. As melhores atrizes sempre terminam suas carreiras nas suas companhias de origem. Ela volta. Ela voltará.

**H** – A senhora conhece a história das companhias de teatro, atrizes, para afirmar isso?

**M** – Já trabalhei em teatro também, quando era ainda adolescente. Se o senhor tem esperanças, não deve perdê-las. (Pausa). O senhor me parece ponderado também, bom se o mundo fosse.

**H** – (Pausa, mudança de tom). A chuva não deve demorar a cair. Pelo jeito é chuva grossa. Bem, pode ser vento também... faz muito tempo que os céus prometem uma tempestade para a nossa região. Fica ruim para a senhora, pois com este atraso, acaba tomando um banho inesperado.

**M** – Sim.

**H** – De qualquer maneira, a minha modesta casa está à sua disposição. Pode esperar lá até a chuva passar.



### **3º ATO** O Autor

**M** – Muito obrigada! (Pausa). Parece que a chuva vai ficar para outro dia.

**H** – Como sabe? É vidente ou trabalha no serviço de meteorologia?

**M** – Nem uma coisa nem outra. Trabalho como autônoma.

**H** – Vende livros, vídeos, seguros?

**M** – Como adivinhou? Sim, faço seguro de vida.

**H** – Então não vai me oferecer nenhum plano?

**M** – Hoje não estou trabalhando.

**H** – Tá certo, tem todo o direito. Mas se quiser conversar sobre seu trabalho, posso apresentá-la também a meus vizinhos. Já sabe, vai me encontrar diariamente aqui, lendo o jornal. Sempre pela manhã. Será um prazer.

**M** – O senhor está com alguma doença?

**H** – Absolutamente, mas se a senhora só vende seguro para quem está doente eu trato de me convencer que tenho, não uma, mas dezenas... a senhora sabe, o nosso país é muito rico em moléstias.

**M** – Penso que o senhor não entendeu.

**H** – De qualquer forma, pelo menos já descobri o que a senhora faz na vida profissionalmente.

**M** – Isto tem alguma importância?

**H** – Claro. Estamos aqui conversando há algum tempo e de repente isso deveria ser a primeira coisa que deveríamos saber.

**M** – Acho muito estranho; não faz sentido. Se quisesse o assaltar, por exemplo, não iria ficar perguntando o que o senhor faz ou deixa de fazer. Iria logo o assaltando.

**H** – Falando nisso, faz tempo que...

**M** – O quê? Que não assalta ninguém? (Assustada).

**H** – Não, um monte de coisas...

**M** – (Pausa). A impressão que passa é que o senhor às vezes não bate bem com as bolas.

**H** – Já dei mesmo muitas cabeçadas na vida, senhora. Agora chega.

**M** – (Pausa). É, os primeiros pingos de chuva começam a cair... preciso ir.

**H** – (Insistindo). Não, não vai. A chuva passa... chega mais, eu lhe empresto esta capa. A senhora precisa se cuidar, é nova, muito bonita, além disso está esperando alguém, deve ser importante. Se quiser ir lá para casa, depois que a chuva passar a senhora volta...

**M** – (Evita que ele coloque a capa sobre ela). Muito obrigada! A chuva é pouca, não vai molhar quase nada.

**H** – Mas se ele aparecer, será desagradável para ambos. (Querendo agradá-la). Posso ir até o bar buscar uma bebida forte, um conhaque, por exemplo. Protege contra resfriado.

**M** – Como buscar bebida? O senhor sabe se eu bebo?

**H** – Se não sabe, devia saber... todos bebem. Também posso buscar algo para comer, um sanduíche.

**M** – (Determinada). Não estou com fome.

**H** – (Incisivo). Mas a ansiedade provoca a fome, e daí até a desnutrição é um já.

**M** – O senhor é um tanto que trágico. Devia ser um bom contador de casos.

**H** – Nesses dias de chuva o bom é comer bastante, beber demais e contar estórias. Fiz muito isso quando era professor.

**H** – É por isso que faz tantas perguntas!

### **3º ATO** O Autor

**H** – Acho até que fiz até muito poucas. Não sei o seu nome, o dos seus filhos, onde mora. Se é casada, idade, naturalidade, um monte de coisas que normalmente as pessoas perguntam.

**M** – (Pausa, caminha). Professor também foi a profissão de meu pai. Agora está aposentado.

**H** – Eu não estou.

**M** – Então continua na ativa?

**H** – Não.

**M** – Deixou de dar aulas?

**H** – Sim, deixei.

**M** – Faz o quê, então?

**H** – Nada.

**M** – Nada? Vive de quê?

**H** – De contar estórias.

**M** – Isso não é profissão de ninguém.

**H** – É a minha. Conto estórias reais, de filmes, invento outras...

**M** – E o senhor ganha alguma coisa? Algum dinheiro?

**H** – Quando me dão, eu ganho, caso contrário... penso que no outro dia posso ganhar.

**M** – E trabalha em que lugar? Aqui mesmo nessa praça?

**H** – Normalmente sim, mas comecei a trabalhar na igreja, quando um dia o padre se atrasou. Durante a espera ninguém falava nada, ninguém dava qualquer satisfação para ninguém. Resolvi então subir no púlpito e me apresentar para aqueles que não me conheciam, pois certamente algumas pessoas ali acharam que eu era o novo padre que estava para chegar.

**M** – Contou uma história verdadeira ou inventou alguma?

**H** – Para ser sincero, contei toda a história da vida de Che Guevara.

**M** – E a reação do povo na igreja?

**H** – De início ficaram um pouco incomodados. Isso é natural, afinal...

**M** – Verdade, pois aquilo não é lugar para provocação. Poderiam reagir contra o senhor.

**H** – Me parece que consegui aguçar muita curiosidade.

**M** – O senhor é socialista?

**H** – O fato de saber e contar a história de Che não significa necessariamente que eu seja um socialista. A história de Che já faz parte da história do mundo. Mas penso que sim. Só isso.

**M** – “Só isso” não é uma resposta.

**H** – Se a senhora me disser que é uma capitalista e dizer “só isso?”, eu não vou perguntar “só isso?”. Vou acreditar que a senhora realmente o é.

**M** – Mas os socialistas nunca me convenceram.

**H** – Aposto que nunca deu uma chance aos socialistas. Hoje está fácil fazer um discurso contra os socialistas. Qualquer moribundo faz.

**M** – (Relembrando comovida). Meu pai conta que meu irmão mais velho vivia dizendo que também era socialista.

**H** – Por quê? Hoje defende os capitalistas?

**M** – (Silêncio. Mesmo clima da fala anterior). Não defende nada, não teve defesa. Como era pequena demais, guardo uma vaga lembrança dele... meus pais é que até hoje estão inconsoláveis... tinha só 19 anos de idade.

**H** – Desculpe... entendi tudo... é repugnante o que fizeram com tanta gente... lamento a tragédia que se abateu sobre a sua família.

### **3º ATO** O Autor

**M** – (Tentando se recompor). Voltando à igreja. E o padre, quando chegou, encontrou a igreja num burburinho?

**H** – A questão envolveu tanto as pessoas que quando o padre chegou não tinha mais espaço para ele. Só restava votar. Àquela altura já tínhamos resolvido fazer uma eleição, uma espécie de plebiscito.

**M** – Ele teve que se posicionar também? Votou contra ou a favor?

**H** – Houve algumas abstenções. Pode ser algum voto dele sim.

**M** – E o senhor voltou a aparecer normalmente mais na igreja depois do acontecido?

**H** – Quando alguém passa por aqui sempre me diz que o bispo mantém um padre de plantão para qualquer eventualidade. (Ri)

**M** – Certamente não gostou da brincadeira.

**H** – Numa certa manhã, o padre que deveria estar na igreja naquela hora passou por aqui e lembro que pedi a ele que me confessasse, pois achava que iria morrer naquele dia. Ele ficou assustado, mas como não lembrava quem eu era...

**M** – Foi embora sem dar atenção? A igreja muitas vezes não gosta de se ver importunada.

**H** – Só ficou mais preocupado quando fingi que desmaiei... daí ele pediu ajuda à senhora que estava passando e me botou sentado de volta no banco.

**M** – Não lhe fez pergunta alguma?

**H** – Sim, perguntou se eu acreditava em Deus, se era casado, se trabalhava, e outras mais. Respondi que se Deus existisse que me levasse, pois estava sofrendo muito. Como viu que eu estava ruim mesmo, passou a me confessar. Depois tirou da pasta uma hóstia e me fez engolir. Só que

junto veio um pedaço de barata amassada e comecei a cuspir sem parar. O homem se assustou e começou a gritar pela polícia dizendo que eu estava lhe assaltando. Foi muita mentira, pois jamais assaltaria alguém... sou um homem de bem com a vida, como a senhora já deve ter observado.

**M** – E ficou por isso mesmo?

**H** – O padre correu, tropeçou numa pedra e caiu feito um doido. Tiveram que socorrê-lo. (Ri). Em seguida, a polícia veio para cima de mim, mas como me conhecem dessa praça me deixaram em paz. O padre está se convalescendo numa clínica fora da cidade. Queria que ele morresse para deixar de ser besta.

**M** – O senhor foi brincar com gente que não conhece e deu no que deu.

**H** – Depois disso, já fui visitá-lo. Para entrar no quarto tive que dizer que era um jornalista. Foi tudo muito engraçado, pois ele achava que eu era um jornalista famoso. Quando lhe disse que era um jornalista que trabalhava para um jornal de bairro, ficou irritado. Só fez bocejar o tempo todo e resmungar em latim.

**M** – Perguntou primeiro o que para ele?

**H** – Por quanto tempo os fiéis ficariam privados do seu pastor. (Imitando o padre). Me respondeu dizendo que “quem mandava na vida dele era Deus e só Ele é que poderia revelar o tempo”. Perguntei como estava a igreja de Jesus e ele me disse: (Imitando o padre) “Precisamos de umas reformas, pinturas”, e reclamou que as comunidades não dão mais a atenção necessária e que o procuram na hora da morte. Estava ressentido com a cidade.

**M** – Você lembrou do episódio que o levou ao hospital?

**H** – Mas era o que eu queria. Quando comecei a falar sobre o ocorrido, na hora ele soltou um palavrão.

**M** – (Curiosa). Qual foi? Diz.

**H** – Na verdade, foram dois. Viado e filho da puta.

**M** – Em latim?

**H** – No mais puro vernáculo.

**M** – E você, como reagiu?

**H** – Como qualquer jornalista... a distância. Ele em seguida pediu desculpas pelos palavrões e quase se ajoelhou aos meus pés pedindo para não publicar aquele deslize. Disse que somente Deus é que tem o direito de julgá-lo.

**M** – Deve ter sido, no mínimo, engraçado!

**H** – Engraçadíssimo, pois neste momento, entrando a freira para trazer-lhe o lanche, flagrou-o naquela posição. Ouvi a freira deixar escapar um grito de horror e dar meia volta. Foi tudo muito rápido e digno de um filme de pastelão.

**M** – Mas o senhor perturbou um bom bocado a vida desse padre.

**H** – Me confidenciou dizendo que há dois meses, quando encontrou aquele mendigo na praça, sua vida desandou. No final da visita, me coloquei à sua disposição para qualquer serviço, principalmente relacionado à assessoria de imprensa da igreja. Me despedi dele prometendo fazer-lhe uma visita, não mais na condição de jornalista, mas sim como um fiel, preocupado com a sua saúde.

**M** – O senhor parece que tem algo de místico, consegue envolver demais as pessoas.

**H** – Tenho que procurar alguma coisa para fazer, senão acabo me matando... lembra daquela cena do filme (Tenta lembrar o título), foi emocionante... ela abandonando a casa com mala e tudo, sabendo que aquele seu gesto provocaria uma tragédia... depois lembro o filme... o importante era o clima...

**M** – Conta, vai, já tem o clima.

**H** – O marido dizendo que se enforcaria se ela fosse embora... e o amante do lado de fora no aguardo, com o carro ligado... o marido entrando dentro de casa preparando a corda na sala, jurando ser seu ato um dos momentos mais lúcidos de sua vida, mas ela ali, pacientemente...

**M** – Mas esta é uma cena banal.

**H** – Como pode o suicídio ser considerado como uma cena banal? Por favor, tenha mais sensibilidade com as coisas do ser humano... é a morte, é muito próxima... sabe que poderiam incriminar a mulher... ele iria para a cadeia por cumplicidade... por não socorrer a vítima.

**M** – O senhor é todo dia assim provocativo?

**H** – Tenho que indignar as pessoas, pois no geral são muito passivas.

**M** – Quer dizer que a vítima hoje fui eu? Adeus.

**H** – Como, adeus? Não me contou nenhum caso, nenhum filme, gostaria que pudesse deixar alguma lembrança sua para mim, por mais simples que seja.

**M** – Que tipo de lembrança?

**H** – Uma foto... pode ser de seus filhos. Pode ir embora, mas deixe algo para mim. Repito. Eu preciso muito.

**M** – Absolutamente, isso é um absurdo, um desaforo mesmo. Onde já se viu ficar com uma foto de meus filhos, se não tem a menor intimidade com eles, não os conhece. Acho mesmo que o senhor é louco e como tal deveria ser internado.

**H** – Por favor, não me fale nesta palavra. Os loucos iriam rir da minha cara. Eles não acreditariam. Já pensou que situação... por que a senhora não pensa em outra hipótese?

**M** – Ao senhor não cabem hipóteses.

**H** – Logo eu, um dos seres mais comuns do planeta, e a senhora vem e



### **3º ATO** O Autor

me diz uma barbaridade dessas.

**M** – Nunca na minha vida perdi tanto tempo com tanta loucura.

**H** – Melhor do que perder tempo com frescura.

**M** – Não me passa pela cabeça ficar nem mais um minuto aqui.

**H** – Mas quem sabe a senhora me diz o que espera aqui. Tudo pode ficar mais fácil... pois hoje, sendo feriado, o ônibus só vai passar perto das oito horas da noite. Portanto, tem muito tempo pela frente.

**M** – Quem lhe falou que é o ônibus que espero?

**H** – (Pausa). Vamos combinar uma coisa?

**M** – (Pausa). O quê?

**H** – Vamos mentir um pouco um para o outro?

**M** – Minha religião e educação não permitem.

**H** – Faz de conta que não tem nem uma coisa nem outra.

**M** – Isso é contra os meus princípios.

**H** – Nós poderíamos inventar uma boa estória. Dizer, por exemplo, que estamos apaixonados um pelo outro. (Ela leva um choque)

**M** – O quê? Apaixonados?

**H** – Sim, tem algo mais banal do que isso, duas pessoas se apaixonarem?

**M** – (Pacientemente). Veja bem, acompanhe o meu raciocínio. Não entre na sua loucura, siga a minha racionalidade. Eu cheguei aqui faz pouco mais de uma hora, o senhor se mostrou muito cortês, gentil mesmo. Começou a falar de sua vida, perguntar da minha, contou as desventuras do seu casamento e agora que anoitece e não passa mais ninguém por aqui, me vem e faz esta proposta: (Repete) “Poderíamos dizer que estamos apaixonados um pelo outro”. E ainda diz: “é coisa banal”. Olhe, francamente, não

sei mais o que fazer. Não sei se o denuncio à polícia ou desapareço de vez.

**H** – Não tem sentido algum, nem uma coisa nem outra. Alias, cá entre nós, a polícia não faz sentido algum.

**M** – Só o senhor que acha.

**H** – Absolutamente. Um amigo meu, policial há quinze anos, conta uma história, no mínimo, engraçada. É uma história de dois policiais que vão trabalhar certa noite num prostíbulo, longe da cidade. Havia naquela semana rumores de que um perigoso assassino se escondera na casa da amante, em pleno prostíbulo. Um dos policiais era muito temido pelo seu destemperamento, pelos maus-tratos aos presos, etc., etc. Os policiais sabiam que o assassino estava lá e igualmente o assassino já tinha sentido o cheiro dos policiais. Nada mais natural pressentir que algo de ruim ou de violento iria acontecer naquela noite. Dito e feito. O assassino rendeu os dois policiais, fez eles se travestirem de prostitutas e fez o inverso com as putas, ou seja, vestiram elas de policiais. Imaginem só a cara dos homens. Não sei se levaram eles para os quartos. Sei que as prostitutas não se apresentaram aos seus comandantes no dia seguinte, nem registraram qualquer anormalidade.

**M** – O senhor trata de não contar essas estórias para muita gente, senão pode acabar preso.

**H** – Os outros policiais sabem que foi verdade e acham muita graça. Alguns juram que pagariam para ver de novo as caras dos dois. Aliás, hoje eles são conhecidos como dois putas policiais. (Ri gostosamente)

**M** – Não sei onde o senhor vai buscar tanta graça onde me parece só haver desgraça.

**H** – É que estórias de padre e policiais acabam sempre em desmoralização. Sabe por quê? Posso lhe dizer.

**M** – O senhor está querendo me convencer mais uma vez com suas estórias

### **3º ATO** O Autor

satânicas.

**H** – Jamais me passou pela cabeça semelhante coisa. Apenas me aproprio das estórias que os outros me contam, nada mais.

**M** – A quantos contou a mesma ladainha?

**H** – A meus pais, separadamente, porque eles não vivem juntos.

**M** – Mas na sua família todos são separados? É você de sua mulher, é seu pai de sua mãe...

**H** – Meu filho mais velho está se separando, só estão aguardando nascer o filho.

**M** – O senhor é muito complicado.

**H** – Absolutamente... eu sou um azarado. Sabe, no fundo, acho tudo engraçado e filosófico, é claro.

**M** – Isso não é nada filosófico.

**H** – Meu pai se separou de minha mãe quando ele era funcionário público e depois de vinte anos de casados. Coitado, era semi-analfabeto. Ela queria que ele fosse militar, piloto de aviação... como chegar a pilotar um desses aviões modernos... era viajar demais. Era um circo desses bem pobres, com o leão caíndo de fome, dentes velhos, sem nenhuma força muscular. Mas a moral da estória era que o circo tinha um macaco bicha. Inacreditável, mas era verdade. Não podia ver um homem. O dono do circo dizia que desde que a macaca começou a voar alto demais, sim, voar literalmente, pois galgou a condição da maior trapezista do circo, que o macaco caiu no desespero e por inconformismo ou revolta, como queira, se tornou o primeiro macaco bicha de que se tem notícia na história do reino dos animais. Meu pai chegou em casa e não contou tempo, pediu a separação.

**M** – Mas qual a relação dessa estória do macaco com a separação de seus pais? Por acaso seu pai também se tornou um homossexual?

**H** – A relação é que meu pai tornou-se impotente para sustentar as alegorias, as viagens de minha mãe. (Sussurrando). Ela era viciada em maconha, só maconha. Chá também, mas coisa leve, só isso. Mas o velho até hoje continua ativo, está pensando em se casar novamente. Já disse a ele que deveria pensar melhor, que...

**M** – Mas quem é o senhor para dar conselhos a alguém. Muito menos a seu pai. Não consegue sentar sua própria poeira.

**H** – Mas tenho uma virtude, que é a de esperar a hora certa, o momento exato de atrair. Não tenho pressa alguma. Poderia lhe dizer mesmo que nunca tive qualquer manifestação nesse sentido. Sou um homem absolutamente tranqüilo.

**M** – Mas se alguma mulher aparecer aqui, em qualquer hora, qualquer dia, o senhor não hesitará em convidá-la para sentar, ler jornal, tomar co-nhaque, ir até a sua casa, como fez comigo.

**H** – É o mínimo da sociabilidade do ser humano, nada mais do que isso.

**M** – Até quando posso acreditar nessa estória toda?

**H** – Até onde lhe convier. (Um momento de aproximação entre os dois. Há um gesto de mão, olhar rápido, um sorriso matreiro, um silêncio comprometedor. Fala seguinte meio desgastada). Certo dia, numa tarde de inverno, dessas sonolentas, parecendo mesmo que nem terminaria aquele dia, a noite não fazendo nenhum gesto para se aproximar... talvez porque deliberadamente estaria propensa a não sacrificar os moradores com o frio natural da madrugada. E eu sentado nesse mesmo banco, quando de repente aparece entre aquelas duas árvores um vulto. (A cena é feita pelos dois intérpretes. Aqui “viverão” uma outra situação)

**M** – O senhor não viu minha coleção de ratos por aqui?

**H** – Mas minha senhora, coleção de ratos? Talvez esteja enganada... faz muitos anos que não aparecem ratos em nossa cidade. Desde a época dos

interventores.

**M** – Mas eu tinha na minha casa guardados... são todos bonitos, não são como esses ratos de esgoto. Até banho tomam... têm nome, é o Alex, Patrício, Cris, Mauricinho, me separei do meu marido por causa deles. Prefiro mil ratos do que aquele insignificante homem que tinha lá em casa. (Cena normal)

**M** – Mas que estória esquisita a dela. Poderia ser mais atraente, falar de outra coisa mais agradável pelo menos.

**H** – Mania de vocês mulheres ficarem reclamando dos homens. Isto é coisa dos homens ficarem reclamando de mulheres.

**M** – (Volta cena paralela). Os ratinhos eu trouxe de minha cidade. Sou moradora nova. Estou adorando este lugar. Deveria vir antes para cá. As pessoas são muito gentis... mas me parece serem excessivamente solitárias.

**H** – A senhora está um pouco exagerada. É que, o lugar sendo tranqüilo, a primeira impressão que passa é esta. A senhora sente, por favor.

**M** – Não posso, meus ratinhos já deveriam ter comido às três horas... como já passam das cinco, devem estar com muita fome. Vou sair para procurá-los.

**H** – Pouco vai adiantar, como já é quase noite, fica impossível. Amanhã a senhora os encontrará, com certeza.

**M** – O senhor fala com tanta convicção. Parece até íntimo deles.

**H** – O que adianta se desesperar? Além do mais, se não voltarem, o que importará uns roedores a menos no mundo?

**M** – (Aborrecida). Mas é o que me resta na vida.

**H** – A senhora não acha muito pouco, demasiadamente pouco? Acho que um conhaque lhe faria bem.

**M** – O senhor está me oferecendo bebida?

**H** – E da boa. Conhaque francês. Legítimo. (Tira do bolso uma garrafinha). Ajuda a espantar a noite fria. Beba! (Hesita, mas bebe). Só não dê aos ratos, isto é bebida para homens.

**M** – Primeira vez que bebo. É suave... é muita gentileza sua. Agora posso procurar meus ratos a noite inteira. (Sai. Volta a cena normal)

**M** – A noite parece mesmo que vai ser mais longa e fria. Me dê mais um pouco desse bom conhaque.

**H** – Mas a senhora não vai procurar rato algum. Apenas espera alguém.

**M** – Não importa. Eu quero o conhaque ... antes que ele termine. O senhor já tomou demais.

**H** – A garrafinha é bem pequena, não dá para embebedar ninguém. Nem as mulheres.

**M** – Nem os ratos.

**H** – Parece estar um pouco mais sensível, mais afável. Será consequência da bebida ou será o medo dos ratos que lhe deixou assim?

**M** – Nem uma coisa nem outra, apenas... (Demonstrando uma radiante ansiedade)

**H** – Apenas o quê? (Pausa). Deve ser por causa da proximidade do horário do seu ônibus. É natural estar radiante diante do inesperado. (Ela calada, apenas “passando” ansiedade). Gostaria de lhe dizer que foi um prazer tê-la conhecido, apesar do pouco tempo. Me parece bem determinada. Pena que eu não seja um rato e tenha a senhora à minha procura... desculpe o mau gosto do exemplo... nessas ocasiões sempre ou quase sempre me atropelo... me passe a garrafa, por favor! Muitos casais se amarão sob suas cobertas geladas, outros não chegarão em casa, ficando nos bares, trocando suas ilusões e desesperadamente se apegarão no afã de escapar da

### **3° ATO** O Autor

solidão. (Pausa). Vou sair e buscar um pouco mais de conhaque. Me aguarde, pois volto. (Sai)

**M** – Buscar mais conhaque significa que vai me oferecer mais bebida... absolutamente... mas devia lhe perguntar se tinha dinheiro. Essa bebida deve ser cara. Coitado... tão bem intencionado... acho que vou ao seu encontro... mas ele pode me interpretar de uma maneira que... mas será que voltará? Se imaginasse como sofro nessa solidão. E essa luz do dia que acaba assim de repente, se eu gritar por socorro, o que adiantaria? (A luz começa a cair em resistência). Mais uma louca, vão dizer... e se ele chegar na hora do grito... outra confusão para cima dele... mas ir ao seu encontro pode me exigir demais. (Ruídos de carros, ônibus, escolas de samba, isso sob luz caindo. A partir daqui as vozes de ambos, pois ele já está de volta, ficam superpostas, mas audíveis, indo assim até o final da cena)

**H** – Como escureceu rápido demais!

**M** – Foi você quem demorou muito.

**H** – Encontrei uns amigos, bons de copo. Sinto muito tê-la deixado esperando.

**M** – Nessa escuridão senti medo.

**H** – Por que não fugiu?

**M** – Para aonde iria?

**H** – Para qualquer hotel.

**M** – Você tinha dinheiro para a bebida? Pegue a minha parte. Aceite.

**H** – Como aceitar? Você é minha convidada. Pague outra qualquer dia desses.

**M** – Vou convidá-la a ir na minha casa.

- H** – Me encontrará sempre por aqui. De preferência durante o dia.
- M** – Chame um táxi.
- H** – Toma mais um pouco de conhaque.
- M** – Segure a bolsa, abra-a e pegue minha luva, lembrei agora que trouxe.
- H** – Então segure o cálice.
- M** – Trouxe um cálice?
- H** – É de cristal... se cair no chão... adeus bebida...
- M** – Como sua mão tá quente.
- H** – Deixe ver seu rosto... tá bastante quente também.
- M** – Quer emprestada uma luva? (Silêncio). Posso lhe pedir uma coisa? (Silêncio). Conte uma estória para mim? Da mais bonita que você possa imaginar.
- H** – Mas você tem que voltar para sua casa?
- M** – Telefono dizendo que vou me atrasar.
- H** – Minha estória pode não ter fim.
- M** – Não estou interessada no fim, quero apenas que você comece.

**FIM**





# **Os Lobos**



## ***Os Lobos***

**1.** Tô doente!

**2.** (Só ri)

**1.** Tô doente!

**2.** (Rindo mais alto, e subitamente pára)... Também, comendo desse jeito!

**1.** Há dias que estou doente. (Pausa). Você não faz nada nunca... vai acabar me deixando morrer à míngua.

**2.** (Forçando o velho a beber). Então beba. Beba muito até fazer com que a doença morra de cirrose (Começa a brigar) e aí você se vê livre dela, fica bom pra toda vida, pronto pra durar muito. (O professor é jogado longe). Viu só... apanhou bastante. Merecia mais!

**1.** (Exausto). Apanhei foi por causa do seu fedor e da minha dor. Nós dois não merecíamos isso!

**2.** Meu fedor é a minha couraça. (Ri alto)

**1.** E a minha desgraça. Vou rogar uma praga bem forte a você. Que venha muita gente pra cá hoje e que você seja visto como um bicho no zoológico, e disso você não passa mesmo.

**2.** (Ao mesmo tempo debochado e satisfeito. Deita-se). Apesar de não haver nada de lógico, considero minha fome satisfeita e tratarei de me cobrir, pois a noite não espera por ninguém. (Pausa longa). Não vai deitar, professor?

**1.** Vou embora. Vou te denunciar. Você também está doente e não quer se tratar. Vai acabar virando um mostro. Vão te qualificar como uma figura pré-histórica.

**2.** Falta coragem para duas coisas. Primeiro é para você sair daqui e a

outra é pra você me denunciar.

**1.** (Caminhando meio tenso). Já mostrei coragem demais vindo até aqui. (Pausa). Escuta, tô ouvindo vozes. (Aflito). Faça silêncio! Temos que nos esconder, seja onde for. Venha comigo. (Faz gesto para o 2 aproximar-se. Este permanece imóvel). Anda, venha!

**2.** Vou coisa nenhuma, tás é viajando, seu azarado, lazarento, gente aonde, de onde? Quem tem coragem de vir até aqui, só nós dois mesmo (Afrescalhado) ou então algum caçador de veados. (Deita-se novamente)

**1.** Minha doença é curável, tratável, sabe, miserável. Agora você é um mulambo pobre, que não se ajuda, pensa que levar essa vida é a coisa mais normal do mundo... (Começa a recolher algumas roupas que estão no varal). Vou recolher as minhas, você que pegue as suas. Falido.

**2.** Dois. Dois falidos! E de mais a mais não pedi a tua opinião pra nada. Desde que te conheci sempre tive mais iniciativa do que tu. Sou eu quem sempre dorme e acorda primeiro. Faço fogo, café, pesco, me preocupo com um monte de coisas e você não tá nem aí. (Levanta-se mais rude). Tem mais, essa foi a terceira briga nossa em dois dias, seu velho diabo. Nesse ritmo brigaremos sete vezes em cinco dias.

**1.** ... ou então a gente acaba se matando um ao outro antes. (Silêncio)

**2.** (O velho continua recolhendo as roupas). Pode deixar as minhas aí. Cuida só da sua, ouviu bem? (Pausa). Agora quero ver se durmo um pouco.

**1.** Bem sabes que essas roupas, da forma como estão aqui, podem denunciar a gente pra toda a cidade.

**2.** A denúncia por si só não me assusta... ademais essa gente anda tão apática, insolente mesmo. Mais da metade, se nos descobrirem aqui, devem apenas nos ignorar. Pra mim é um grande negócio essa indiferença. Torço pra que fique assim mesmo.

**1.** Você tem que perceber que o que eles têm é o medo de se contagiarem. Nada mais. (Pausa). Quero logo é sair dessa.

**2.** Ninguém sabe o que nós temos. Nem nós, na real.

**1.** Nada disso importa, o certo é que essa doença não pode continuar, não pode se alastrar, por isso nós temos que continuar aqui, isolados, até melhorarmos.

**2.** Amanhã vou-me embora, deixo você aí apodrecendo... velho fresco, tem medo de tudo, até da própria sombra.

**1.** Tá bom, eu fresco e você podre. Podre e bêbado.

**2.** O carnaval tá chegando e quero mais é me divertir.

**1.** Fedorento como tu andas, não sei qual vai ser a tua turma.

**2.** Vou sair no bloco de sujo. (Ri à vontade)

**1.** Rindo assim dessa maneira vai acabar chamando a atenção de alguém.

**2.** É, acho muito bom termos companhia à noite. Seria ótimo, pois faz tempo que...

**1.** Não do jeito que nos encontramos.

**2.** Faz seis meses que não uso o sexo... você então deve fazer décadas.

**1.** (Orgulhoso) Freqüento clínicas... é claro, às vezes custa um pouco... mas sempre consigo...

**2.** Consegue o quê? Consegue nada, nada de coisa nenhuma. Seria um milagre, uma generosidade da natureza.

**1.** Consigo sim (Tem uma pequena crise nervosa). Porras... consigo... olha aqui, seu merda, doente, eu consigo trepar com uma mulher... elas são muito carinhosas comigo... as prostitutas... elas são muito sensíveis, nunca posso reclamar. Elas me fazem bem. Sempre me socorro a elas. Fique sabendo disso, seu carente, morto-vivo.

### **3º ATO** O Autor

**2.** (Debochado). Fale mais baixo. Gritando dessa maneira vai acabar chamando a atenção de alguém.

**1.** Você fica me desprezando o tempo todo, fala coisa que não deve, que não sabe. És um perfeito orelhudo.

**2.** (Ameaçador). Olha, não tô a fim de brigar novamente. Farei isso só se você me provocar muito. Mesmo doente, deu pra sentir que ainda estou forte. Por favor, deixa eu fazer a digestão primeiro. O franguinho tava uma delícia.

**1.** (Amigável). Quem disse que eu quero brigar, longe disso. Sabe, a gente podia discutir menos, brigar menos... acho que melhorariamos rápido... vou tentar dormir um pouco também. Boa noite pra nós.

**2.** (Levantando-se). Agora sou eu que não quero... vou sair.

**1.** (Contendo-o com um gesto). Mas sair a essas horas, com toda essa escuridão?... Vão acabar matando você... fique... a noite não é eterna (Implorando). Cara, deixa de ser encrenqueiro, vá descansar. Isso é absolutamente necessário.

**2.** Vou me esconder em outro lugar... ninguém gosta de doentes... vou procurar alguma erva.

**1.** Erva, pra quê? Vou com você!

**2.** Nada disso, deixa de ser pegajoso... nós nos encontramos por acaso e não é agora que devemos continuar juntos. Cada doente em sua casa. Já disse que vou sair à procura de erva, qualquer uma serve.

**1.** Mas eu não posso ficar aqui sozinho. Você não vai fazer isso comigo, ou vai?

**2.** Preciso ir. Vou agora. Tô necessitado.

**1.** (Loucamente). Então eu quero ficar chapado com você!

**2.** Nós já estamos chapados faz algum tempo.

**1.** Pois eu que sempre fui um moralista, nacionalista, agora aqui, metido com um homem sem princípio algum... só querendo se chapar, brigar, se embriagar e ainda por cima me deprime e reprime o tempo todo. Franca-mente, não vejo a hora de me mandar.

**2.** (Sensibilizado) ... pois daqui a pouco a gente pode se amar... quem sabe eu consiga fazer um milagre (Parte em direção ao sexo do velho, que se esquivava) ... o mundo ainda apresenta algumas surpresas...

**1.** (Reagindo). Imbecil... ainda por cima é partidário desses ditados infames, sem criatividade, sua bicha louca. (Pega um pedaço de madeira). Fica aí na tua. Se você der um passo na minha direção eu te mato.

**2.** (Quebrando o clima da cena). Então vamos fazer um fogo porque o frio está aumentando. (Grita). Ao fogo!

**1.** (Silêncio). Acho perigoso porque pode pegar fogo em tudo, você é muito desastrado. (Som de sirene, falas inaudíveis. Ambos vão em direção à platéia. Recomenda-se fazer toda essa cena com um misto de pastelão e pantomima. Escrachar). E as nossas roupas, as panelas, as garrafas. Vão encontrar a gente já. Deve ser a polícia!

**2.** Torço para que sejam aqueles dois detetives que no começo do século foram até a Espanha atrás de um engenheiro.

**1.** Estás redondamente enganado. Que Espanha nada homem, naquela época nem tinha avião!

**2.** (Professoral). Avião tem desde o tempo de Santos Dumont!

**1.** Acho que vou me arriscar.

**2.** Quem não arrisca não petisca.

**1.** Por favor, pára com esses ditados horrorosos... invente outros, coloque



essa idéia pra funcionar, pelo menos uma vez na década. (Pausa). De qualquer forma, se acontecer alguma coisa, eu não vou te denunciar. Disso pode ficar tranqüilo.

**2.** Tranqüilo eu posso ficar. Agora, eu queria saber como é que eu posso ter certeza de que você não vai denunciar. Em todo caso, acho muito bom, porque professor de história jamais pode ser um acalguete. Vai, se acontecer você morrer não vai fazer tanta falta assim. Coragem, determinação. Faz de conta que é um pênalti que você vai bater. (Interpreta a cena). Olha a colocação do goleiro primeiro, depois escute o apito do juiz (Apita), feche os olhos e vai pra bola. Chute. Pode ter a certeza de que vai dar certo.

**1.** Deixe de frescura, a coisa é séria. Qualquer coisa que aconteça trate primeiro de avisar minha família. (Passa um papel). É esse o endereço. Não perca, seja hábil.

**2.** (Pausa, outro ritmo, mais relaxado). Mas que tia velha preocupada com a família, meu Deus. Não vais me dizer ainda que tens avô, avó, bisavô. (À platéia). Por que será que esses atores de teatro morrem tão tarde? Vamos, vamos, acho que foram embora. Vamos sair daqui... teatro, para ser teatro mesmo, tem que ser representado no palco. Aqui é a platéia, não vamos misturar as coisas. Eles pagaram ingresso para nos ver representar no palco, com iluminação, figurino, direção, etc. Daqui a pouco começa a sair gente. (Grita para a produção). Ô da produção! Feche bem a porta do teatro. Sair só após terminar a peça, e depois de muitos aplausos aos artistas.

**1.** Você vai primeiro, que é mais pé-de-chinelo.

**2.** (Desmunheca). Não sei por que as bonecas têm que ser pau-pra-toda-obra. Urgentemente precisamos dar o nosso grito do Ipiranga. Já!

**1.** Bom local pra gente se esconder fomos arrumar. (Voltam lentamente ao palco. Chove)

**2.** É a chuva... fina... parece daquelas intermináveis.

**1.** Estamos aqui há esse tempo todo e só agora, com a chuva, que nos deparamos que não temos um abrigo. Vamos ter que nos virar, construir qualquer coisa que nos proteja. (Rapidamente começam a armar uma barraca com pedaços de paus, panos, lonas). Não vai dar para fazer o fogo. Mais uma noite às escuras.

**2.** Você tem tanto medo assim?

**1.** É que fui criado na cidade, onde dificilmente faltava energia. Aqui estamos vivendo numa situação adversa.

**2.** (Dócil). Você é muito frágil!

**1.** (Reage). Frágil o...

**2.** Não diga palavrão, isso não convém à situação, e é ruim pro seu coração.

**1.** Fique sabendo que eu nunca fui professor de boas maneiras, mas sim de história universal. Modestamente reconhecido como um ótimo mestre!

**2.** Deve ter estudado a vida dos grandes homens.

**1.** ...é, e agora estou aqui, praticamente encurralado, sem chances e junto a um louco, faminto, doente, muito pior do que eu. Parece um beco sem saída.

**2.** Mas você tem a chance de sair... vã... é por ali, ou se preferir pode ser por lá. Há pouco podia ter pego uma carona com alguém, com a polícia.

**1.** (Pausa). E essa chuva? Vontade não me falta, mas como ir embora assim, a estas horas!

**2.** (Afirmativo e orgulhoso). Só volto pra casa curado. (Olha-se num pequeno espelho de mão). Assim, bem bonito, com os cabelos pintados de uma empresa multinacional, com uma carteira de identidade nova, situação regularizada junto à Justiça Eleitoral, anistiado dos impostos atrasados da prefeitura, uma conta bancária com direito ao cheque ouro, associado à ADVD, enfim, um cidadão em paz consigo mesmo...

### **3° ATO** O Autor

- 1.** (Silêncio. Pra sua intimidade). Amanhã eu não gostaria de me acordar!
- 2.** (Meio que gozando do velho). Tã bom, deixo você dormir até bem tarde. Se aparecer alguém, peço que faça muito silêncio. Combinado? (Sério, tem um gesto solidário com o velho, cobrindo-lhe com o cobertor)
- 1.** (Silêncio). Você não entendeu. Alias, você não entende nunca. (Pausa) Estava pensando no...
- 2.** No?
- 1.** Isso mesmo, no suicídio.
- 2.** (Voltando à linha da gozação). No suicídio... com essa idade? Absolutamente, o suicídio é pra gente jovem, eu, por exemplo. Me acho perfeitamente em idade de me suicidar... agora você não, já pensou... ninguém dará a mínima pra você... os jornais, as rádios, ninguém noticiará, portanto ninguém ficará sabendo de nada sobre o ocorrido (Entusiasmado-se), no máximo sua família lamentará a pouca aposentadoria e mandará rezar a missa do sétimo dia (ênfatisa), na véspera, como geralmente acontece, que é pra ir esquecendo logo sua figura. O contrário ocorrerá se for um jovem. Aí sim, todo mundo comentará... haverá festa, rolará cerveja e, em conformidade com a mídia, até uma viagem promoverão dando ao vencedor o direito de escolha para qualquer capital. Isso tudo com acompanhante, exigindo-se, é claro, que a mãe não seja possessiva ou então que a tia não seja uma velha zelosa demais. Tudo isto patrocinado por um grande traficante, que certamente, de fachada, possui lojas de discos, vende carros e comercializa roupas para senhoras. Na última primavera a câmara de vereadores agradeceu-lhe com o título de cidadão honorário, pelos grandes serviços prestados à cidade. Claro, isso tudo com os protestos dos poucos votos da oposição. (Pausa. Encarando-o). Agora falando sinceramente, largue desta besteira homem...
- 1.** (Boquiaberto). Isso você decorou de algum texto de teatro, não pode ser seu. Devia até levar um nome, ter um título. É bom demais. O cara sente

até vontade de viver mais uns cem anos. Só tem um porém, corre o sério perigo de ver levar boa parte da juventude ao ato coletivo do suicídio. Tem que refazer esta última parte.

**2.** Fiz bem o discurso? O convenci pelo menos?

**1.** (Resoluto). Não a ponto de me tirar a idéia.

**2.** (Aporrinhado). Quer dizer mesmo então que vai se matar?

**1.** Provavelmente!

**2.** Como provavelmente? (Decidido). Então eu te acompanho nessa.

**1.** (Explode). Ô meu! Vê se respeita pelo menos a minha morte ... deixa eu morrer em paz, cacete, será que até nessa hora tu me aporrinhas ... não tem jogo do Avaí hoje não?

**2.** Tô com a minha mensalidade atrasada, não posso entrar.

**1.** O Jairo quebra o teu galho! (Silêncio. Começa a se despir, é um ritual. Pega a garrafa de álcool e "toma um banho").

**2.** (Gozando o velho). Vai dizer que será com álcool? Por que não usas gasolina? Aí eu acreditaria. E as suas roupas como ficarão? Por que você não queima primeiro tudo o que é seu, depois, sim, se suicida. Fica bem mais racional, não acha professor? Senão vai acabar sobrando pra mim, como sempre acontece com essas encenações.

**1.** (À platéia). Peço a todos para que não acendam cigarros, porque este é um gesto muito solitário e que eu não gostaria de compartilhar com ninguém. Portanto, não seria bom porque o teatro poderia pegar fogo e sempre convém evitar os aborrecimentos. Eu como ator vou me virar caso se confirme a minha intenção do suicídio. Como sei o texto e o enredo da peça, só pediria este favor aos senhores. Para tranqüilizá-los, a produção do espetáculo providenciou um carro da guarnição do corpo de bombeiros, através de ofício enviado agora no começo da noite, endereçado ao

### **3º ATO** O Autor

soldado Adílio Braz. (Mostra o ofício, distribuindo junto com o 2 cópias à platéia)

**2.** Desiste dessa idéia homem, se nós estivéssemos montando um texto de Shakespeare, tubo bem, sem dúvida, mas o texto é do...

**1.** (Delirando) ... Romeu e Julieta, Otelo, Macbeth, Rei Lear... que tragédia, (Desmunhecado). Todo homem deveria se apossar de um espírito assim...

**2.** Depois eu que sou a bicha, o homo.

**1.** (No mesmo clima do delírio). Passados tantos anos depois da morte de Shakespeare, ninguém mais conseguiu escrever comédias, dramas como aquele fenômeno inglês, imoral, o autor mais representado no mundo.

**2.** Então por que, ao invés de se matar, você não monta um grupo de teatro?

**1.** (Desmunheca à la Nestor de Montemar, caso não consiga pode ser como o Abelardinho mesmo). Aí mesmo é que vou ter mais motivos para dar cabo à minha vida. (Aqui mais sóbrio). Veja bem... tudo caro, o público pouco aparece, a maioria que vem são parentes ou amigos. Tenho inúmeras dificuldades para decorar um texto, diretores de teatro nesta cidade são poucos, estão todos envelhecendo... uma loucura... uma loucura...

**2.** É, você tem razão, além do que já lhe falei: para se cometer o suicídio, o companheiro precisa de respaldo. Agora você, com uma família dessa...

**1.** (Começa a se vestir novamente. Lava o rosto numa bacia). Meus filhos iriam enlouquecer ao saberem desta minha intenção.

**2.** Quer dizer que vai desistir? Ótimo, muito bom, pois o melhor mesmo pra nós seria nos aventurarmos um pouco mais em vida.

**1.** (Com um pouco de desespero). Mas o que tem sido a vida até agora, senão um exercício de aventura, um salto no escuro. Sabe, a gente pode se dar por feliz porque ainda estamos lúcidos, todos os dias tentamos rasgar um pouco da cortina, da solidão, em busca do prazer, de algo que

nos tire do desespero. Não dá é pra compreender como você vê tudo isso como se estivéssemos vivendo numa situação de inteira normalidade. Francamente, não sei onde você arranja tanta desculpa, tanta mentira pra poder suportar. Mais um passo e você vira um mentecapto. Isso mesmo, um perfeito louco.

**2.** Acho que agora consegui chegar onde você deseja. Pra ficar mais racional, pra funcionar tudo muito melhor, nós dois, por exemplo, podemos nos vestir de palhaços e anunciarmos à cidade que deveríamos, todos nós, voltar a ser alegres. Colocamos essas máscaras assim (Colocam máscaras de palhaços em seus rostos), de cabeça para baixo e todos pensarão que, além de palhaços, somos loucos. Não é um capricho de idéia? Não é assim que podemos resolver a nossa situação?

**1.** Você tenta resolver tudo pelo mais fácil, achando que nada precisa ser pensado. Pra ti o cérebro das pessoas é perfeitamente dispensável.

**2.** Em muitos casos acho questionável... não é o seu caso, é claro.

**1.** É, mas a alegria, ela tem que ter um porém de contagiante, de envolvente. Não pode vir assim por decreto. Me parece que ninguém cai mais nessa de bobo alegre. (Enfatizando e retirando a máscara). Além do que, nós estamos doentes e o melhor seria escondermos nossa doença de todos.

**2.** Se você acha melhor assim, assim será melhor. É uma simples constatação. Um a zero pra você. É um placar minguado. Daqui a pouco eu igualo. Meu gol será como a primavera de Praga, um domingo no parque, como a tropicália, o Teatro do Oficina e do Arena, a queda de muitos muros. Será também contra a imbecilidade da mídia, da média merda... (Pausa. No mesmo tom). Liga um pouco o rádio, bem baixinho, quero ouvir música.

**1.** O rádio está com a pilha fraca demais! Posso assoviar alguma coisa, como fazia a meus filhos quando eram pequenos?

**2.** Vou sair pra comprar uma caixa!

**1.** Está tudo fechado, só amanhã.

**2.** (Resmungão). Falta pilha, açúcar, comida, água, música... Agora o que tem demais é você com a sua repressão. Parece querer mandar em mim a toda hora (Imita o 1). "Não faz isso, não vai ali, olha aquilo lá..." Tudo isso é uma merda, não vejo graça em nada, em nada mesmo, ouviu? Resta o quê? Restam dois decadentes. É isso mesmo. Não gostou? Somos dois decadentes se escondendo das pessoas, dos outros, do mundo. Agora me pergunto: pra que isso? Até quando? Quantas luas já se passaram sobre as nossas cabeças? Foram dezenas e nada aconteceu. (Tom ameaçador). Olha, amanhã mesmo eu me mando, vou te deixar sozinho. Se quiser alguma coisa, um recado, comida. Daqui a uns três dias eu volto... se é que volto. Agora tá decidido mesmo. Foda-se eu, você e o mundo. Vou-me embora amanhã cedo.

**1.** Para aonde você vai?

**2.** Ao médico!

**1.** Mas o médico falou que não lhe atende mais, que você não acata as recomendações dele, que já cansou de lhe dar remédios mas você não toma. Aliás, nem juízo você toma. O médico está perdendo tempo com você.

**2.** Eu vou por você, quero que você fique bom!

**1.** Mas isso é impossível, não existe procuração nesses casos. Ô, cara, te orienta, piorou novamente, é? (Passa-lhe uma garrafa). Tome só um gole. Depois que acabar o espetáculo você toma mais.

**2.** Não quero, pode beber você!

**1.** (Meio puteado). Agora não quer, é? Só pra me fazer pirraça, tá louco pra tomar, eu sei. Vá, eu deixo. Beba tudo, quanto você quiser.

**2.** Só bebo quando tenho vontade, quando me dá na telha, do contrário, não.

**1.** (Em transe). Vamos beber nós dois, bebemos todas, até nós ficarmos curados e aí bebermos novamente todas, para comemorarmos a nossa volta ao mundo dos sádios e dos sádicos.

**2.** (Mais calmo). Baixa esse fogo, homem. Você não iria dormir também? Há pouco estava até deitado, só foi eu falar em sair que já ficou todo ouriçado.

**1.** Do meu sono quem sabe sou eu!

**2.** Então amanhã nós vamos pescar. Aproveitamos e tomamos um banho de água salgada, que é pra curar nossas feridas.

**1.** Já imaginou como tudo acabará. Você é pusilânime demais, não imagina o que nos restará.

**2.** (Rompante). Vai querer novamente confusão, é? Bicho encarnado você, hem? Porras, te manda, me deixa só! Me parece que você não percebe que não estamos mortos, que um monte de coisas ainda tem sentido. Tome-mos a iniciativa. Lustramos nossos sapatos. (Começa a lustrar seus sapatos). Assim fico gente grã-fina, astuta, pronto para ir a um grande prêmio. Isso é apenas uma pequena demonstração de que a vida tem sentido, tem eixo. Vou deixar esses sapatos aqui, bem guardados, de sorte que não peguem poeira. Agora, faremos uns exercícios. (Começa a fazê-los). Me acompanhe, vai.

**1.** (Tentando acompanhá-lo). Também poderia fazer um belo discurso sobre a vida. Mas sei que ela não precisa de discursos, de ladainha. Antes de tudo ela é um curso natural. Não precisa de justificativas e nem de justificações. Tô gostando desses exercícios, deveríamos fazê-los diariamente. Ajuda a passar o tempo e nos dá mais energia.

**2.** Sempre fiz muito exercício. Bebia pouco, quase nada de álcool. Tô conservado. (Continuando com os exercícios). Parece que estamos saindo da rotina.

**1.** Por que a gente não descobriu isso antes?

**2.** Porque você só sabe dizer “não”. Toda vez que falo uma coisa, você diz



um monte de “não”. Nega tudo, cacete. (Pausa). Agora tá bom, amanhã nós faremos mais. Devemos nos cansar o menos possível. Caminhamos um pouco. Capriche na respiração.

**1.** Gostaria de continuar fazendo mais. Foi pouco.

**2.** Então faz, pombas. Depois de descansar faça o que lhe vier na cachola, algo de saudável pra nós, como, por exemplo, uma aula sobre história universal. Isso você deve fazer muito bem. Além do que, serve para fazer um exercício de memória.

**1.** Mas isso não interessa a você e há muito que deixou de ser prazeroso pra mim. Você sabe muito bem que estou em outra. (Vai parando com os exercícios)

**2.** Sabe que agora poderíamos bater umas fotos pra gente recordar daqui a alguns anos. Vai lá, pegue a sua máquina. (O velho começa a tirar algumas fotos dele). Isso, assim, agora daqui. Quem não gostaria de estar aqui com a gente? Pense bem. Tirar fotos não é para qualquer um. Vai, tira mais algumas. Agora eu, bem forte, como se estivesse trabalhando, comendo muito e feliz da vida... foto bem realista. Agora é você quem vai ser fotografado. Pode ser a última de sua vida, ou as últimas. Assim, fica bem durinho, agora relaxa, faz uma careta, mande um beijo, pra mim não, pra tua mulher. Depois nós vamos revelar e mandaremos à sua família, com dedicatória e tudo. (Continua sacando fotos). Queridos familiares, estou bem, a vida vale a pena, mesmo no isolamento, ainda agora que encontrei a companhia desejada deste homem destemido, valente...

**1.** ... vestígios de algumas gerações marcadas pelo sonho, pela utopia.. (Pausa mais longa). Até que eles gostariam de ter notícias minhas. O difícil vai ser aceitarem nessa condição.

**2.** Infelizmente não poderei mandar nenhuma a meus familiares, pois estão todos espalhados por este mundo de Deus e do diabo... a maioria, diga-se de passagem, está com o diabo. Você, por exemplo, com quem acha que eu

vivo mais?

**1.** Nesses últimos dias é comigo!

**2.** Sim, mas você vai certamente guardar alguma boa recordação. Não é possível eu te passar a idéia de um vado, bicho de outro planeta ou coisa que o valha.

**1.** (Tomando um café). Ainda bem que você safa um café pra gente de vez em quando. Eu não sei fazer nem isso. Na real mesmo, sempre dependi muito das mulheres. Apesar de reconhecer que isso não é correto.

**2.** Pra fazer um café, lavar uma louça, não precisa de mulher. Acho isso até uma covardia.

**1.** Tudo que você acabou de falar é verdadeiro. A maioria dos homens são histéricos, uns bilolas, quase todos sem um pouco de graça. Meu pai sempre dizia que detestava os homens medíocres. São tantos, penso eu.

**2.** Sim, mas por que estamos falando nisso agora? Tá me cheirando à falta de assunto.

**1.** É que você nunca me falou sobre isso: se namorou, transou alguma mulher, se foi casado, teve filhos... fale sobre as mulheres.

**2.** Mas assim na bucha? Não tenho nada a declarar.

**1.** Porras, não custa nada. Não é obrigado a falar. Fale outro dia, pronto. Não vamos brigar por causa disso. Talvez um dia você fale.

**2.** (Intimista). Mulher pra mim sempre foi uma coisa desnecessária, secundária mesmo. (Relembrando e fazendo a cena com a mulher do "diálogo"). Mas claro que já pintou e foi bom. Era uma mulher da minha idade, tinha dois filhos, muito bonita, gostava bastante de chuva, vivia querendo fazer amor na chuva. Por ela sua casa devia ser construída pelo orvalho forte ou por alguma garoa leve. Dizia que no íntimo servia como pretexto para que acordada pudesse amar mais. Por um determinado tempo teve

### **3º ATO** O Autor

um marido, que fugiu com outra e depois se suicidou. É uma história banal, de traição, só que neste caso com um fim trágico.

**1.** Ela se interessou por você?

**2.** O bastante para se iludir, pois eu gostava mesmo era de outra.

**1.** Também acabou tragicamente?

**2.** Viajou e não voltou.

**1.** Quer dizer que continua esperando?

**2.** Não tenho pensado sobre isso. Nunca mais pensei. Deixei de pensar.

**1.** (O velho começa a caminhar em torno do terreno, como que estivesse matutando alguma idéia. Olha o terreno de vários ângulos). Sabe de uma coisa?

**2.** ... de uma eu sei... agora se você me perguntar de muitas eu já me complico.

**1.** (Continua matutando a idéia). Falando sério...

**2.** Se for muito sério, acaba virando cômico.

**1.** Por que a gente não cerca isso de vez? Passamos uns arames neste quadrado aqui e só entrará quem nós quisermos (sai e volta com arame farpado). Tá aqui. Podemos amanhecer com uma bela de uma cerca e um chão de terra só pra nós. Não achou boa a idéia? Me ajude no trabalho. Só assim podemos ter direito à propriedade. Depois legalizamos.

**2.** Se você começar a fazer a cerca, eu derrubo toda no outro dia.

**1.** Mas eu vou começar. Gostei, sempre fui um homem de iniciativa. Não é porque estou doente que vou parar no tempo. Estou aqui por uma contingência, nada mais.

**2.** Então por que não deixa esta terra pra outros?

**1.** Mas isso nos dará mais respeitabilidade. Quem passar por aqui vai ver que tem gente que gosta de cuidar de seu quintal.

**2.** (Atordoado pelo que está ouvindo). Você enlouqueceu de vez, é? Não estou acreditando. Tenho que ficar bom o mais rápido possível. Escuta, você não quer mais sair daqui? Então, fique quanto tempo você quiser. Você acha que construindo uma cerca, plantando um coqueiro, criando galinha, vai ficar bom? Vai acabar mais louco. (Pega o espelho). Se olhe no espelho, faz quanto tempo que você não se enxerga? Dois séculos, por baixo. (Pausa). Comece a fazer a cerca e depois cave sua sepultura. Prometo que jogo três pás de terra no seu corpo quente.

**1.** (Tranquilo). Se você me ajudar vai mais rápido.

**2.** Já disse que não o ajudo.

**1.** (Começando a cerca). Não me importo mais pelo que você fala. Já estou adivinhando que nós vamos ficar por aqui mesmo.

**2.** Tô pagando pra ver. Quero mais é a minha liberdade.

**1.** Liberdade de ir e vir... esta eu conheço bastante.

**2.** Parece que está contente. Isso é bom, é um avanço.

**1.** Aponte outra saída (A cerca começa a ganhar contorno). Depois de pronta vou pintá-la de branco. (A noite cai. O velho continua trabalhando enquanto o outro adormece. Amanhece. A cerca está pronta)

**2.** (Acordando) Acabou de fazer a cerca, não foi? Pois você vai ver como vou cumprir aquilo que disse ontem à noite. (Mete os pés numa estaca e derruba parte da cerca). Parte da promessa tá cumprida.

**1.** (Meio não acreditando no que vê. Aturdido). Mas nem um bom-dia você me deu e já faz este estrago todo. Seja mais prudente. Sei que você fez isso porque sabe que não posso fazer nada contra você. A cerca é nossa.

**2.** Telefone pra polícia, pro ouvidor, pro padre, fica bonito.

**1.** Me faltam forças para um monte de coisas, até pra isso... tome alguma coisa, come um pão. (Dá um pedaço do seu). Dê um bom-dia à natureza.

**2.** É que eu sonhei um monte de coisas... foi terrível. Sonhei não, aquilo me deu a impressão de trator passando sobre minha cabeça. Acho que foram essas batidas de seu martelo... me incomodaram o bastante, o suficiente para que meu saco dê pancadas. (Bate com a mão dando socos na própria cabeça). Ela está me parecendo inchada, grande. (Simula um telefonema para a polícia). Você merece é uma cadeia (de dedo em riste), uns dias no xilindró. Alô, é da polícia? Quem fala aqui é o Modesto, morador daqui mesmo... como? Sim, falo de um orelhão... queria fazer uma denúncia sobre uma ocorrência que um vizinho meu fez alguns dias atrás e vocês não tomaram providência alguma até agora... o nome dele é Macário, já tem mais de 70 anos, e acho que merecia pelo menos mais respeito por parte das autoridades... agora não sei disso, se ele estava em cima da ponte naquela hora, só sei que ficou muito magoado por dentro... me disse que estava cheio de hematomas, era como se estivesse lá. Sim, foi uma cena comovente. Ele me contando que estava... foi a forma dele ficar solitário com seus companheiros... mas seu delegado, o caso é o seguinte: tem um vizinho nosso, sim, um vizinho comum que há dias denunciou a vocês a construção de uma cerca num terreno baldio... não, não é uma família, são dois homens, meio estranhos eles são. Acho que estão querendo se apossar. Isso não pode, não tem lei que cubra um crime desses, ou tem? Parecem dois andarilhos, com uma barraca montada em cima. São dois vagais... tem um que deve ser meio boneca... isso, prendam também a boneca. Depois podem dar de presente a um soldado da companhia... desculpe, seu delegado, é que sou meio brincalhão assim mesmo. Não me leve a mal... sim, mas o senhor derruba hoje ou amanhã... nem hoje, nem amanhã? Mas como pode ficar uma coisa assim ilegal? Só com ordem judicial... tá bom, vou falar com o juiz então. (Pausa). Viu, só tá faltando ele, o juiz, assinar o termo de despejo. Logo, logo isso aqui volta a ser um território livre... nem meu, nem seu, nem de ninguém, pronto. (Ardiloso). Ficou com medo, não foi? Com receio de que eu iria lhe entregar.

**1.** O seu coração não iria permitir que isso acontecesse. No fundo você me elegeu seu ídolo, ou quase isso. Você dará quantos telefonemas eu quiser, daqui pra frente, inclusive pro juiz, pedindo pra ele reconsiderar a decisão. (Pausa, muda de tom). Você faz tudo isso pra me chamar a atenção. Duvido que em sã consciência iria telefonar pra polícia. Nem aqui, nem em parte alguma. (Pausa maior). Porras, nem um diabo de um bom-dia você me deu hoje, parece que acordou azedo. Tomara que pinte uma boa razão para nós sairmos daqui hoje.

**2.** Jogar no bicho, por exemplo. Existe coisa mais excitante... a cada dia aquela expectativa de ganhar no mole (Desmunheca), na verdade é o único mole que me atrai (Sobressaltado). Vai, telefona pra alguém, chame o 145 ou CVV, que do outro lado da linha estarão milhares de pessoas da mesma forma que você, que nós, com os mesmos problemas e as mesmas ansiedades, e você não tem nada para dar-lhes, a não ser retribuir os meus problemas e as mesmas ansiedades. Às vezes em dobro. (Voltando à linha da gozação). Sentiu só o peso da carga dramática, da força das palavras, do poder da comunicação?

**1.** Por que você não foi ser ator de teatro quando jovem? Quem sabe hoje eu já estaria livre de você. Tem todas as ferramentas... interpreta bem, tem boa dicção, trejeitos, coisas todas essas indispensáveis a um iniciante de teatro. (Pausa). Faz um café pra gente?

**2.** Falta pó.

**1.** Faltando pó, aqui, nesta cidade? Há tempo que deixou de faltar pó. É só procurar, deixar de ser preguiçoso.

**2.** Não é preguiça, é a doença.

**1.** É, com o trabalho desta noite, só sei dizer que fiquei mais cansado. Vamos fazer os exercícios?

**2.** Pode ser! Enquanto isso a água ferve. (Começam os exercícios). Tá zangado comigo, eu sei, depois ajeito o estrago que fiz. Bem que poderias acabar

de vez com o isolamento e fazer uma ligação pra algum.

**1.** Tenho uma idéia mais original. Subirei numa árvore e vou botar a boca no trombone. (Sobe)

**2.** Faz assim, grite pro carteiro passar por aqui, pelo menos uma vez por semana. Diz que estamos ansiosos por notícias... ou que alguma alma boa nos traga frutas tropicais ou então que algum guerreiro destemido da Idade Média, que tenha sobrevivido até aqui, nos faça companhia. Vai, peça qualquer coisa, menos é claro, o impossível da vida.

**1.** (Fazer toda a cena seguinte num ritmo forte e gradativo). Vou falar mal do governo.

**2.** Porras, mas isso não tem nada de original. Isso é repetitivo. Até o governo fala mal dele.

**1.** Então vou chamar todo mundo de filho da outra.

**2.** Não faz isso, rapaz. A igreja vai te excomungar. Ela vai pensar que todo mundo é filha da santa.

**1.** Já sei. Vou me concentrar muito e dar um grande peido daqui.

**2.** Não. Tudo menos isso. Deixa pra seção de amanhã. Os exaustores não estão funcionando, apesar da promessa do electricista há um mês. Se você peidar, isso aqui vai ficar insalubre, e aí a platéia pode pedir os 30% de desconto.

**1.** Tenho outra idéia. Já sei, vou imitar uma cantora lírica.

**2.** Tens sorte porque o pai dela é um sujeito muito calmo.

**1.** (Completamente desmunhecado). Mas que homem castrador, cruces... já me arrependi faz horas. Por que desde pequenina não fui morar com o Nezinho? Se arrependimento matasse, eu já seria uma defunta. (Semidesmaia)

**2.** (Reanimando-o) ... Olha aqui, faz o seguinte: suba mais um pouco e veja se você consegue ver alguma vizinha trocando de roupa. Vamos partir pra sacanagem mesmo. (Simula que pega um binóculo e joga para o velho. Este segura e começa a “viajar”)

**1.** Rapaz, que coisa de louco... parece que está vindo um monte de gente pra cá. Bem lá longe, no fundo, vejo senão alguns pescadores lá na Praia do Cagão, no Estreito, de que tanto falas. A impressão que tenho daqui é que estamos num avião... eu e o Ademir, ele de comissário de bordo e eu de piloto – dois homens corajosos. (Imitando um comandante de avião) Atenção, torre, aqui aeronave PT. (Quebrando a cena). Por que todo avião tem PT?

**2.** Já me contaram que é porque muita gente desse partido vive nos ares mesmo.

**1.** Cuidado! Sempre tem um petista na platéia. Ele pode não gostar e é capaz de pedir um aparte.

**2.** (No mesmo clima). Não há motivos para temores. Acabaram-se os espaços para o radicalismo. Vivemos a euforia da democracia.

**1.** Sabe que me deste uma ótima idéia. Daqui deste palanque improvisado vou virar uma espécie de porta-voz dos oprimidos e explorados, um Robin Wood ecológico. Aqui ou daqui defenderei aqueles que são vítimas dos crimes cometidos contra a natureza... humana.

**2.** É, acho bom politizarmos um pouco isso. (Começam a pintar os seus rostos). Podemos propor a criação de uma CPI a favor da sobrevivência. Desça daí, vamos fazer uma passeata, nós dois faremos um documento, pode ser uma carta de princípios...

**1.** ... meios e fins também. Sim, porque neste país as cartas só têm os princípios.

**2.** Então temos que achar um meio para que as cartas possam ter um fim.

**1.** Eu, como professor, vou ser o redator.



### **3º ATO** O Autor

**2.** Eu, como funcionário, vou exigir mais salário.

**1.** Tá muito boa a brincadeira, mas francamente... não temos mais idade para a rebeldia. A minha geração foi boêmia. Tinha o gosto da noite, desconhecíamos as ruas...

**2.** Em compensação farejávamos todos os bares...

**1.** ... e as mulheres. Sabe que depois de olhar um pouco pra nós, do jeito que nós estamos, dá vontade de mandar uma carta a um dono de circo. É verdade, a qualquer um que queira adotar dois palhaços. Só precisa é ter um pouco de paciência conosco. Claro, é um bar que não fecha para o almoço. Porque nesta cidade tem um monte de coisas que fecham ao meio-dia. Eu mesmo já vi restaurante com uma placa dizendo "Fechado para o almoço". É, mas falando em bar tem um porém: esse tem que servir bebidas que não nos deixem de ressaca.

**2.** (Cumprimentando-o). Gostei, valeu o comercial. Só assim pode ser que consigamos um patrocínio pra ajudar a pagar nossas despesas. Faz outro. Pode ser de qualquer refrigerante. Da coca-cola, do Box 32... claro, depois vamos lá e cobramos a conta. Tem que ser num sábado pela manhã. Se eles não quiserem pagar, nós botamos no ar.

**1.** (Demonstrando cansaço). Vou é descer daqui. Estou cansado. Este diretor poderia é arrumar uma outra saída pra esta cena. Convenhamos, botar a gente trepado numa árvore... fui muito prejudicado por esta "solução cênica".

**2.** Não pode ficar falando assim não. Afinal, nosso diretor é um homem augusto. Um homem respeitável, venerado. Ou você já esqueceu o hino à bandeira nacional... (Canta). Salve, lindo pendão da esperança! Salve, símbolo augusto da paz! Não é demais? Existe um reino maior do que este aqui na Terra?

**1.** Sim, o Reino Unido.

**2.** Eta homem bom este.

**1.** (Arriando-se). Por que a gente não acaba com esta peça logo? Já estou me aporrinhando.

**2.** (Caricatural). Tudo bem, até concordo. Mas tem uma questão muito importante. Estamos aqui há um tempão, o público veio nos prestigiar, a imprensa cobriu, etc., etc. Agora pergunto? Qual a mensagem que vamos deixar?

**1.** Mensagem? Como assim?

**2.** Não te faz de inocente não. Eu pergunto qual o conteúdo, a mensagem mesmo. Tem que ter a mensagem. O que a gente não pode é ficar aqui este tempo todo sem deixar uma esperança, uma palavra de conforto, de otimismo, de amor à vida...

**1.** (Insurgindo-se). Tás falando sério mesmo? Agora sou eu que não acredito. Isso não tem cabimento. Dizem que tu faz teatro há tanto tempo e ainda sai com essa. Francamente... olha aqui, seu paspalho, quem tem que dar a receita é o médico, o farmacêutico, o dentista... ao teatro está reservado o compromisso do testamento de muitas andanças. Da nossa, da minha pelo menos. O teatro cumpre a função de espantar o fantasma da mediocridade da vida. (Pausa, com malícia). Confesso que faltou uma sacanagem, uma cena mais ousada...

**2.** (Alimentando o erotismo) ... pois é, teatro sem mulher é dose, apesar de que no texto original tinha, mas tiraram.

**1.** Quem ousou?

**2.** Foi o próprio autor, depois de consultar pelo menos metade desta cidade.

**1.** Mas que camarada inseguro.

**2.** É sempre assim. Demora um tempão pra escrever, um outro tanto pra reproduzir e ainda engaveta outros seis meses.

**1.** Isso é que podemos chamar de (Soletando) ta-lento. Mas de qualquer maneira, nesta hora que estamos aqui, já produzimos o suficiente para...

### **3º ATO** O Autor

**2.** Uma hora não, porque eu cheguei aqui às quatro horas da tarde. Você é quem se atrasou. Nem se maquiou direito... é, eu te dedei mesmo, muito estrela.

**1.** Você não tem netos nem filho, mas veja bem. Quantos papéis nós dois "vivemos" aqui neste meio tempo, isso sem ter que ficar fazendo laboratório... senão seria mais um "grito parado no ar". (Dá o grito. Emotivo). Agora o difícil pra mim mesmo é quando estas luzes se apagam e tudo volta a ficar igual, tudo volta à mesmice. O prazer da vida de um artista de teatro é representar a doce alegria alienante de um papel, seja ele um professor, carteiro, militar, um padre, enfim, qualquer outro ser humano comum. (Cúmplice). Fica complicado quando a gente precisa ser nós mesmos. Acho que é por isso que todos desejam ser artistas, representar, cumprir outros papéis. Será que isto é que faz o artista ser irreverente, polêmico, às vezes ingênuo? (Num crescente) Porque o artista não precisa de coerência, isso cabe aos políticos, às mulheres, aos procuradores. Loucos eles são, os artistas. Porque como explicar de uma maneira convincente que um homem subindo num palco qualquer, dali a pouco está ele representando, por exemplo, um bêbado, sem jamais ter tomado um gole de qualquer bebida.

**2.** (De vez em quando um barulho forte "rasga a cena"). Você está falando tão bem dos artistas, mas eu conheci uns muito medíocres, que viviam na porta do teatro com uma espécie de um feixe na mão. Passaram muito tempo sendo medíocres na vida e no palco. Uns chegaram até a fazer vários cursos, mas voltaram à porta do teatro, porque nos palcos não cabem canalhas de todo o tipo. Divertiam-se no carnaval, quando quase todos nesta cidade vivem uma espécie de esteria coletiva. Coitados, pensam que são alegres... vivem tentando... desconhecem a felicidade.

**1.** (Decepcionado e gozando). Porras, me esforço um montão, o cara capricha na iluminação, a platéia atenta, nem respirava enquanto eu dizia o texto e você vem e me fala assim dos artistas. Cortasse meu barato todo. Que é isso, cara! Pobres diabos têm em todo canto, em todas as profissões.

Decepcionado por quê? Os artistas não fariam uma exceção. Vamos levantar esse astral. Continuaremos a peça... faremos sessões às 10, 14, 16, 18, 20... claro, paramos para o almoço.

2. (Entrando na gozação). E de madrugada, que faremos?

1. Dormiremos um pouco e recomporemos as nossas forças.

2. Pra mim o sono sempre vem de dia.

1. Tá difícil pra conciliar... quem sabe nós dividimos este texto, e pelo menos o final a gente diz juntos. Vou começar. Se não ficar bom a gente inverte a ordem... já cedi demais, quero é seguir em frente, abrir janelas, colher os ventos, afastar as tempestades, não proibir os rios de ter quantos peixes quiserem ali se procriar, sabendo que grandes ondas invadirão suas margens tranqüilas, desabitadas no inverno e frenéticas no verão, tendo só a lua como espã, oculta, quieta, viajando sua trajetória no espaço. De quando em quando nos viramos as costas, como que num sinal de completa desaprovação. Por tudo de desagravo que cometemos... somos na verdade uma arma apontada para nós, para todos, incessantemente, sem trégua, sem água, sem descanso. Por isso fecho, desfecho, retrocedo, calculo o momento, atrás, voraz, permitindo por vezes um avanço e, quando muito, cago, vago, para enfim (Solenes) ... dar o primeiro passo a caminho da eternidade e sair desse teatro para entrar em qualquer bar dessa cidade. Obrigada e boa noite (Blackout. O bar está composto, nesta última cena, com figuras como a maricota, as bruxas do Cascaes, personagens do boi-de-mamão, pernas de pau. Os dois adentram o bar) ... é o fim, de nós.

**FIM**



**O dia em que  
os porcos  
comerão sal**



## ***O dia em que os porcos comerão sal***

*Três pessoas são presas, recolhidas por um policial e entregues ao delegado de um distrito policial.*

*Chegando ao distrito (delegacia), vê-se o delegado telefonando.*

*Os personagens são uma prostituta, um pederasta e um vagabundo.*

**DELEGADO** (Ao telefone) – Manda dar três porradas na cara e tá acabado. É uma ordem superior e pronto! Se ele diz que com porrada se resolve, com porrada então se cuida. Olhe, e quanto ao caso do assistente, amanhã resolveremos e já pode deixar três carros à disposição para irmos ao aeroporto buscar o pessoal que chega do Panamá. (Pausa). Não, pode ir somente dois, porque um eu quero pra ir passar antes na chácara e buscar uma carta que foi esquecida em cima da mesa. (Pausa). Tudo bem, agora eu vou pra casa, já são quase nove horas. Amanhã nos veremos. É, acabou de chegar umas três merdas (Olhando para os presos), que vieram feder ainda mais este ambiente. Pode deixar comigo que vou dar-lhes um “refresco” e depois saio. (Olhando pra mulher). Tem, tem uma... dela eu cuido pessoalmente. Parece meio assustada, mas é das boas. (Ri alto e escandalosamente; desliga o telefone).

**DELEGADO** (Sério) - Qual foi a desses três?

**SOLDADO** – Boa noite, Delegado... (Adiantando o pederasta) – Este é um pederasta... foi preso por viadagem, digo, por vadiagem... (Adiantando o vagabundo), esse foi preso por estar desenhando mulheres nuas nas paredes do Banco do Brasil, e essa donzela, por tirar as calças e mostrar aos transeuntes às 7 horas da noite atrás do prédio da alfândega. Enfim, seu Delegado... três maragatos... gente desqualificada.

**DELEGADO** – Quer dizer que vieram dar trabalho a um delegado de polícia na hora que este está saindo de plantão, não foi?



### **3º ATO** O Autor

**SOLDADO** (Segurando o pederasta pelo antebraço) – Esse aqui diz que delegado e merda pra ele é a mesma coisa. Diz ele que merda ainda dá pra aproveitar...

**DELEGADO** – Você falou isso, foi boneca? Como é o nome desse pederasta?

**BICHA** – Falei não, seu Delegado!

**SOLDADO** – Falou sim... e disse mais, seu Delegado, que a polícia é toda corrupta!

**DELEGADO** (Agressivamente) – Acho que você deve estar confundindo sua mãe com a polícia!

**BICHA** – Não põe a minha mãe no meio não, seu Delegado (O Delegado levanta-se e acerta uma porrada no pederasta. O vagabundo levanta a bicha que está meio tonta)

**DELEGADO** – Esse é o começo. (Dirigindo-se ao soldado). Busca mantimentos pra gente na mercearia do Anacleto. Manda botar na conta da Secretaria de Segurança.

**VAGABUNDO** (Falando baixo) – O que é que você falou?

**VAGABUNDO** (Gaguejando) – Fa... fa... lei na... na... nada.

**DELEGADO** – Você falou em festa? (Vira-se). Vai ter sim e das grandes.

**VAGABUNDO** – O senhor tá provocando muito a gente. Nós somos pessoas decentes.

**DELEGADO** – São decentes e estão aqui, na Delegacia!

**MULHER** – Mas o senhor também está!

**DELEGADO** (Fala debochando) – Olha, ela fala (Vai dirigindo-se a ela), essa galinha fala (Endurecendo os gestos e as falas). E vai falar mais ainda, tá sabendo?

**MULHER** – O senhor devia nos respeitar!

**VAGABUNDO** – Essa é a nossa viração!

**DELEGADO** – Mas viadagem, vadiagem, prostituição devem ser respeitados? Desenhar mulher nua, logo no Banco do Brasil, merece alguma consideração? (Vira-se). Tem mais é que levar porrada mesmo!

**BICHA** - Assim como tem governadores, secretários, etc., tem nós, seu Delegado!

**VAGABUNDO** – É uma questão de pirâmide social!

**DELEGADO** – Acho bom pararmos por aqui e começar a anotar essa merda de ocorrência!

**SOLDADO** (Entrando, demonstrando ter ingerido alguma bebida alcoólica. Traz uma garrafa de cachaça e dois maços de cigarros). Pronto, seu Delegado, a cachaça e os cigarros!

**DELEGADO** – E os fósforos?

**SOLDADO** – Mas o senhor pediu? Só trouxe os cigarros e a cachaça!

**MULHER** (Retirando da bolsa uma caixa de fósforos, oferece ao Delegado)  
– Pode usar!

**SOLDADO** (Tentando passar a mão na mulher) – Olha que puta gentil!

**DELEGADO** – Tira a mão dessa mulher, soldado! É uma ordem! (O soldado continua tentando pegar a mulher. Delegado furioso). Soldado, considere-se preso! Considere-se preso, imbecil!

**SOLDADO** (Já embriagado) – O senhor tá brincando ou tá querendo botar moral na frente dessa gentinha? O senhor sempre come as mulheres presas, por que eu não posso? Por que só o senhor? Por que só o Delegado?

*A partir deste momento, o Delegado e o soldado passam a agredir-se fisicamente. Os três presos recuam a um canto da delegacia. A luta torna-se mais violenta. Os presos começam a reagir emocionalmente. Quando os dois envolvidos na briga caem ao chão, os presos avançam e, num rápido gesto, dominam os policiais. Os presos passam a ter o domínio da delegacia. Blackout. A cena volta com o Delegado preso e colocado numa cela fora de cena. O soldado aparece ainda vestido parcialmente como militar (Só de camiseta). Sente-se uma maior descontração por parte dos presos.*

**BICHA** (Fazendo gesto de quem se livrou de algo) – Estamos livres dos tiras, livres dos tiras!

**MULHER** – Com ou sem tira, eu me dou inteira!

**SOLDADO** (Dirigindo-se à bicha) – Sai de cima desse balcão, cara de mijo!

**BICHA** (Bem alegre) – Somos a maioria e a maioria aqui no espaço governa! A rapadura vai ter que ser repartida pra todos. Neste espaço, todos os aparelhos serão nossos, pra nós!

**SOLDADO** – A dificuldade de manejar a nossa máquina não vai ser fácil!

**MULHER** – Nossa máquina, por quê? (Toca o rádio do presídio)

**VOZ NO TRANSMISSOR** – Aqui sargento Hulb. Alguma alteração na rotina?

**BICHA** (Correndo para o rádio e bem abichado) – Até o momento tudo em ordem. As crianças já estão dormindo!

**SARGENTO HULB** – Delegado, estou estranhando sua voz!

**BICHA** – Não se preocupe, sargento, sou delegado, mas não sou de ferro! Boa noite, sargento.

**SOLDADO** – Daqui a duas horas vem nova chamada. É sempre de duas

em duas horas. Da próxima deixa que eu atendo, sua bichona!

**VAGABUNDO** – Soldado cumpre ordens. Quem vai falar sou eu!

**MULHER** – Por que mulher não mexe em telefone de polícia? A minha mãe é igual à de vocês!

**VAGABUNDO** – Acontece que não existe delegada de plantão hoje! (Pausa)

**BICHA** – Quero dormir! Que horas são?

**VAGABUNDO** – Por que você quer saber? Bicha não dorme, repousa!

**MULHER** – São vinte pras dez. É, a estas horas, estava já com uns trocados no bolso; mas estou aqui trancada, dentro de uma delegacia com três homens e não podendo sair. O que é pior! Pois se sair, vou presa. Engraçado que dentro da cadeia eu estou livre!

**SOLDADO** – No outro quarteirão tem mais dois presídios, grandes como este aqui!

**VAGABUNDO** – Me passa um cigarro, soldado, com o fósforo!

**BICHA** – Ele não é mais soldado, é civil igual a nós!

**SOLDADO** – Igual a você, bicha louca? (Passando o cigarro para o vagabundo)

**MULHER** (Para o soldado) – Me dê um também, Décio. (Soldado dá o cigarro, o vagabundo acende e a bicha coloca o cinzeiro na frente da moça). Esse cigarro é forte demais. Apenas quebra o galho. Amanhã terei um melhor!

**BICHA** – Sabe, Zélia, cigarro bom tá pra ser feito. Por isso não fumo! (Ouve-se barulho de um motim, com tiros, gritos. Todos escutam atentos e toca o rádio transmissor. Voz no transmissor). Delegado, Delegado, motim nos presídios 3 e 4. Estamos nos deslocando pra lá. É difícil a situação. Contato permanente. Câmbio.

**VAGABUNDO** (Atende o transmissor) – Mensagem recebida. Estamos atentos.

### **3º ATO** O Autor

**MULHER** - Décio, onde tem café?

**DÉCIO** - No armário atrás da mesa!

**BICHA** - E a cachaça, vai sair?

**MULHER** - Devemos deixar pra outra hora, Zé Luís!

**VAGABUNDO** - Papel higiênico, sabonete, onde encontro, Décio? (Sai da cena)

**DÉCIO** - No próprio banheiro! (Batem na porta. Batidas vão aumentando)

**DÉCIO** (Soldado, que está só de calça militar) - Quem bate?

**VOZ** - É uma visita!

**SOLDADO** - Só amanhã pela manhã!

**VOZ** - Mas é urgente!

**SOLDADO** - Não posso abrir, cumpro ordens!

**VOZ** - Não está acontecendo um motim nesse presídio?

**SOLDADO** - Não, é no outro quarteirão à esquerda!

**VAGABUNDO** (Entra rápido assustado) - Quem era? A polícia?

**BICHA** (Zé Luís) - Não, era um visitante!

**VAGABUNDO** (Aliviado) - Porras, ainda bem!

**MULHER** (Zélia) - Que horas são, Amaro?

**VAGABUNDO** (Amaro) - Você está tão preocupada com as horas! Porra, nós estamos aqui, isolados, presos de uma situação que precisa e vai ser resolvida e você fica enchendo o saco, perguntando que horas são?

**MULHER** (Zélia) - Estou apenas querendo saber das horas, porque estou querendo dormir. Estou muito cansada. Com todos esses motins na cida-

de, hoje não vai render nada. Então preciso dormir, é o que me resta!

**ZÉ LUÍS** (Bicha) – E se os homens batem por aqui? Você não fica conosco, não ajuda empurrar os balcões pra detrás das portas, apagar as luzes, dificultando as ações deles? Não enxergas que mais um é sempre mais um? Se os homens entrarem aqui nós vamos apanhar feitos cachorros e nem sabemos se vamos sobreviver. Você já pensou nisso? É preciso estar atentos e dividir tudo. Os balcões, as ações, as luzes, os fósforos, as dificuldades! (Toca o telefone três vezes e o próprio Zé Luís atende). Alô! Sim! O Delegado já foi, pois estava com doença em casa. Quem fala? De Montevideu? Primo dele e está vindo para cá? Sim, dou o aviso. Fugindo? As abelhas pegaram ele? Africanas ou americanas mesmo? Sim. É. Boa noite!

**ZÉ LUÍS** – É pra telefonar pra casa do secretário e avisá-lo que vem vindo um primo dele fugido do Uruguai.

**DÉCIO** – Deixa que eu aviso. (Vai ao telefone e completa a ligação. Enquanto isso, Amaro distribui café)

**AMARO** – Acabou o café. Precisamos fazer, porque não sobrou pro Décio.

**ZÉ LUÍS** – Deixa que eu faço! (Toca o rádio transmissor)

**VOZ NO TRANSMISSOR** – Sargento Hulb falando. De quantos soldados o senhor dispõe no momento?

**DÉCIO** – Nenhum. Só está aqui eu e o Delegado. O Delegado está registrando uma ocorrência rotineira.

**VOZ NO TRANSMISSOR** – É, mas por aqui a maré subiu. Já controlaram mais da metade do presídio. Pegaram o Diretor e o Delegado como reféns. Câmbio.

**DÉCIO** – Agüenta firme, sargento, que pelo menos por aqui tudo em ordem! Somos a ilha de paz num oceano em revolta. Boa noite.

**ZÉLIA** (Pausa) – Acho que a gente devia quebrar esta merda desse rádio!

Pelo menos ninguém encheria o saco.

**AMARO** – Daí a desconfiança seria total. Acho que não deveria ser quebrado.

**DÉCIO** – Mesmo porque logo mandariam a equipe técnica para o reparo. Deixa tocar à vontade. Um dia ele ficará mudo e não servirá pra nada, pra coisa alguma! (Pausa)

**ZÉ LUÍS** – Vamos jogar cartas?

**ZÉLIA** – Estou topando, pelo menos passa o tempo.

**DÉCIO** – O café eu busco. (Enquanto isso, os três preparam a jogatina. Décio volta com o café e as xícaras. Começam a jogar. Silêncio próprio do jogo. De repente, ouvem-se tiros, gritos. Ambiente tenso. A partida é “batida”. Rádio transmissor toca. As luzes apagam-se e voltam a acender. Há um pânico momentâneo e, quando as luzes voltam a se acender, o rádio não funciona. Atenção redobrada dos quatro personagens)

**ZÉ LUÍS** – É pior se ele não funcionar. É preciso usar as armas!

**ZÉLIA** – (Dá uma porrada com a mão no aparelho e, instantes depois, ouve-se o chamamento)

**VOZ NO TRANSMISSOR** – Falando Sargento Hulb. Mais motins na cidade. Agora são os do leste, perto da Universidade. Acreditamos numa trama internacional, liderada pelos comunistas. Câmbio.

**DÉCIO** (Bem calmo) – Perfeitamente, sargento. Por aqui continua tudo normal. Acabamos, agora, de jogar canastras. Isso é para o senhor sentir a nossa tranqüilidade. Sugiro para o senhor procurar a sua segurança pessoal. Câmbio.

**VOZ** (Embargada) – Mas, soldado, pra deslocar até aí, corro muito perigo. Prefiro num momento desses, nunca visto, fugir para outro lugar mais seguro. Deus conserve o senhor em tranqüilidade. Boa noite!

**AMARO** (Pausa) – Não temos comida, gente. Pior é que a estas horas não

existe nada aberto e com a situação do jeito que está é difícil sair às ruas!

**ZÉLIA** – Eu vou buscar alguma coisa pra comer. Custe o que custar, mas saio!

**ZÉ LUÍS** – Você acaba colocando todo nosso trabalho fora. Você não vai sair!

**ZÉLIA** – Eu vou sair e pronto. Afinal, sempre fui uma mulher independente. E não é num momento deste que vou tomar partido de sua falação.

**ZÉ LUÍS** – Problema não está na sua fome, mas sim na nossa sobrevivência. É preciso alguém ficar vivo!

**ZÉLIA** – Mas vivo, com fome, não dá pra caminhar. Só à água ou café ninguém resiste. (Caminha em direção à porta. Zé Luís com toda força a contém, chegando a derrubá-la)

**ZÉ LUÍS** – Sua idiota, você tem que perceber que as nossas vidas estão em jogo e se você sair vai ser bem pior. Chega de pensar em sua liberdade individual, que não existe, no seu estômago, na sua ida ao armazém, enquanto nós três ficamos pensando a que horas eles entrarão e por onde entrarão. Um preso como você não pode dar-se ao luxo de sair por aí e comprar um pão com manteiga. Um preso tem mais é que lutar por seus companheiros, não pelo seu pão com manteiga.

**ZÉLIA** – Cago pelo que tu falou! (Toca o rádio transmissor. Ninguém atende, até ouvir do outro lado uma voz de alguém sufocado)

**AMARO** – Alguém está sufocado.

**ZÉLIA** – É o povo.

**DÉCIO** – Pode ser alguém se suicidando.

**ZÉLIA** – Ou sendo suicidado.

**DÉCIO** – Deve ser o Diretor ou o Delegado do presídio que estão como reféns e os companheiros botaram no ar.



**AMARO** – Acho melhor agüentarmos um pouco mais, pessoal. Amanhã de manhã vai ser outro dia e nós veremos outras pessoas. Poderemos sair e ver o sol derretendo a neve, as janelas com um novo brilho, limpas de dar gosto; veremos a macaxeira se derretendo em nossas bocas, como água; mas pra isso é necessário confiarmos em nós, sabermos que uma luta não se faz sem brigas. É que nem uma partida de canastra, em que pra haver um vencedor alguém tem que bater. Isso tudo é para dizer que só com dedicação e disciplina de luta é que conseguiremos que alguém saia daqui com a certeza de que o pão com manteiga vai ser comprado e por nós comido. Não podemos nos dar ao luxo de entre nós haver pancadaria. Nossos inimigos são outros.

**ZÉLIA** (Falando baixo e se referindo ao Zé Luís) – Porras, esse cara só me enche o saco, só vive me aporrinhando, já não basta lá fora, quando além de tudo era meu rival, pegava meus homens.

**DÉCIO** – Não sei se seria de todo ruim se pensássemos em ligar para o secretário e confundirmos a situação dele, que já é delicada.

**ZÉ LUÍS** – Como assim, confundir?

**DÉCIO** – Perguntando se uma fuga nossa, aqui do presídio, não seria melhor? Bem entendido, uma fuga como soldado, já que pelos cálculos deles, este presídio aqui também já está tomado.

**AMARO** – O mais difícil é encontrarmos ele em casa a estas horas, com toda sua dificuldade.

**ZÉLIA** – E onde acha que poderemos encontrá-lo?

**AMARO** – A esta altura do campeonato, o vôo charter deve estar lotado!

**DÉCIO** – Não, eu proponho telefonar pro secretário. A Zélia poderia transmitir o aviso, colocando-a a par de toda a situação, ou pelo menos lhe dando uma “satisfaçãozinha”. Só assim ele não se aventaria de tocar-se para cá, e assim resolveríamos uma questão importante.

**AMARO** – E, além de tudo, lhe daria uma apressada se caso pensa em fugir.

**ZÉLIA** (Amigável) – Ô, Décio, você não sabe qual o código dele? Liga pra gente, chegue mais, é meio urgente.

**DÉCIO** – Só que não completarei a ligação, só ligo e mais nada. Minha voz poderia ser reconhecida. (Toca o transmissor)

(Zélia atende, antecipando a mensagem)

**AMARO** – Acho melhor não fazer isso. Vai ser loucura. (Voz chamando. É o secretário)

**SECRETÁRIO** – Soldado, soldado, como vai indo a situação? Nós temos que resistir, apesar de terem caído os presídios de Leste a Sul. Temos que resistir. Câmbio.

**SOLDADO** – Falando soldado III. Situação calma por aqui. Peço mais informações sobre os acontecimentos, já que parece que estamos isolados. Câmbio.

**SECRETÁRIO** – No momento não há tempo para conversarmos sobre isso. Após a ordem restabelecida, então poderemos conversar com mais tranquilidade. Ok? Câmbio.

**SOLDADO** – Secretário, não há condições de mandarem uns pães e café, porque é difícil sair a estas horas, mesmo porque não encontraremos nada aberto? Câmbio.

**SECRETÁRIO** – Providenciarei o suficiente para três dias? Ok? Boa noite. (Abraços e muita alegria entre os “presos”)

**ZÉ LUÍS** – A resistência está cada vez melhor!

**AMARO** – Pelo menos de barriga vazia não vamos ficar.

**ZÉLIA** – Porras, café quente e pão às duas da manhã, com a gente morrendo de fome e frio, é sonhar demais.

### 3º ATO O Autor

**DÉCIO** – Acho que deveria é ter pedido mais armas, mesmo porque todo investimento no final desta luta vai ser feito aqui, neste presídio, porque de resto tá tudo já tomado.

**ZÉ LUÍS** – Uma tocada (Faz gesto de quem está telefonando) pros presídios do Sul e do Leste, colocando-os a par da situação aqui, seria interessante, não acham?

**ZÉLIA** – O problema de ficarmos isolados não é uma boa, pois quando dermos conta será tarde. Uma jogada destas que o Zé Luís está propondo eu apóio.

**AMARO** – Esse investimento que você diz, o que é, afinal?

**DÉCIO** – Todos os presídios não estão tomados? Ou pelo menos não é a idéia que fizemos? Pois bem! A tarefa dos ratos será segurar pelo menos o que resta, que é este presídio aqui, para depois, quem sabe, minar os que estão em revolta. Aqui seria o futuro QG. (Tocam as sirenes e ouve-se som de um carro em alta velocidade)

**ZÉ LUÍS** – Parece que a hora H chegou.

**DÉCIO** – Acalmem-se, que pode ser o rapaz que vem trazer o pão!

**ZÉLIA** – Mas que padeiro, porras? A estas horas?

**DÉCIO** – Os mantimentos para a resistência. (Risos) (Estão dois a dois juntos nas janelas. A visão é prejudicada. Somente quando se aproxima alguém é que a tensão se dilui)

**DÉCIO** – É o soldado com os mantimentos.

**AMARO** – Coloque a calça, porras, a calça de soldado!

**DÉCIO** – Cacete, ia esquecendo.

**AMARO** – Um novo homem, só amanhã depois do sal. (Décio vai até a porta e atende a pessoa que traz os pães). Obrigado, muito obrigado!

**ZÉLIA** (Pegando do Décio a sacola com pães) – Porras, Décio, estou esfo-meada. Deixa que eu distribuo!

**ZÉ LUÍS** – É o que podemos chamar de apropriação indevida dos bens públicos.

**AMARO** – Nesse ritmo, vamos chegar à conclusão de que somos todos uns corruptos.

**ZÉ LUÍS** – Mas todo corrupto é um bem alimentado!

**ZÉLIA** – Corrupto não fede que nem a gente. (Estão todos nesse momento servidos ou servindo-se. Ajeitam uns copos, uns tomam primeiro, depois comem o pão, dando a idéia de uma distribuição equivalente à fome. Outra idéia é dada pela solidariedade que transparece ao expectador)

**AMARO** – Pior se a gente se acostumar com essa de corrupto. É só telefonar que as coisas chegam fácil, não?

**ZÉ LUÍS** – É o que podemos chamar de um crime perfeito!

**DÉCIO** – Quem cometeu crime? Nós ou a necessidade?

**ZÉ LUÍS** – Nunca poderemos dizer que a corrupção é uma necessidade. Acredito que seja uma questão cleptomaníaca. Biológica.

**AMARO** – Mas o capitalismo não é uma questão biológica, é histórica.

**ZÉLIA** – Histórica e carregadinha de contradições. Por exemplo: nós aqui presos e livres ao mesmo tempo. Não é engraçado? Por que não livres de uma vez?

**ZÉ LUÍS** – Ou, então, presos de vez.

**DÉCIO** – Porras, a paranóia está bem viva, Zé.

**ZÉ LUÍS** – Incorporada ao nosso cotidiano. Está mais atenta do que funcionário do SPC.

### **3º ATO** O Autor

**AMARO** (Pausa) – Depois da hora do lazer, temos é muita coisa séria. Que horas são? Já deu três horas, Décio?

**DÉCIO** – Faltam sete minutos.

**ZÉLIA** – Preciso fumar. E muito. Dormir também seria bom.

**ZÉ LUÍS** – Vai começar a se engraçar de novo, é?

**DÉCIO** – Acho que também vou batalhar um cochilo. Podemos fazer um rodízio, que acham? Ficam dois dormindo e dois acordados. Podemos distribuir o que temos de armas e... Espera aí... acho que será preciso mais um acordado, pra ficar junto ao transmissor. (Assim que termina a palavra “transmissor”, este volta a funcionar. Décio “voa” em cima deste). Merda, quem será a estas horas?

**AMARO** - Calma aí, porra!

**ZÉ LUÍS** – Porras, não agüento mais. Dá vontade de sair dessa merda e explodir a cabeça de quem cruzar comigo.

**AMARO** – Deixa de histerismo, porra louca! Quem vai te estourar a cabeça sou eu, se você não calar esta merda desta boca.

**VOZ NO TRANSMISSOR** - Falando Sargento Hulb. Câmbio.

**SOLDADO DÉCIO** – Boa noite, sargento. Falando aqui soldado III.

**VOZ NO TRANSMISSOR** – Precisamos da relação das ocorrências até o presente.

**ZÉLIA** – Este viado não tinha outra hora pra pedir isto não?

**AMARO** – Dê rápido, Décio.

**SOLDADO DÉCIO** – Sargento, lá vai. Somente três prisões por viadagem, digo, vadiagem. Prendemos uma prostituta de nome...

**ZÉLIA** – Meu nome de guerra era Sandrinha.

**SOLDADO DÉCIO** – De nome Sandrinha, um pederasta e um malandro. É somente isso. Sim, movimento baixo. Deve ser por causa do frio. Tenho sim, uma garrafa cheia. Acho melhor quebrar, porque a inspetoria deve a qualquer momento chegar por aqui. Sim. Sargento, e os outros presídios, como estão?

**AMARO** – Peça todas as informações possíveis!

**VOZ** – Situação indefinida. Ninguém recua. Hoje embarca mais gente do Panamá pra cá. Até amanhã o movimento deve terminar. Fiquem guardando os postos aí de vocês. Soldado, uma pergunta. Em quantos vocês são aí?

**DÉCIO** – Por que, sargento? Precisa de reforços?

**VOZ** – Ao contrário, você é que deve estar precisando.

**DÉCIO** – Por enquanto não, acho melhor investir nos presídios em revolta.

**VOZ** – O QG deve estar a estas horas esquematizando toda uma mobilização para o presídio aí, porque o senhor deve saber que é o único que ainda não foi tomado. Qualquer outra informação lhe passo, ok?

**DÉCIO** – Ok. Boa noite, sargento! (Desliga e os três outros riem e começam a relaxar, enquanto Zé Luís deita-se. Décio vai até o café e toma um gole. Volta)

**DÉCIO** – É, o QG está armando esquema pra agüentar pelo menos esta merda aqui.

**ZÉLIA** – Nós temos é que também esquematizar a nossa defesa. (Pausa). O Zé já dormiu, de tão cansado. (Estoura uma bomba. Zé Luís semidormindo sobressalta-se. Correm os três para as janelas e portas. Silêncio)

**AMARO** – As noites são sempre longas!

**ZÉLIA** – É... são muito longas e frias!

### 3º ATO O Autor

**AMARO** – Pode ser um ato de solidariedade!

**DÉCIO** – Ou então um ataque mesmo. Da direita.

**AMARO** – Mas já descobriram que tomamos isso aqui?

**DÉCIO** – Mas não podiam saber. Ninguém saiu daqui e não falamos com outras pessoas, a não ser pelo rádio.

**ZÉ LUÍS** (Apontando para o Décio) – Você falou com o rapaz que trouxe os pães. (Encarando Décio). Você contou alguma coisa, Décio? Você nos traiu?

**DÉCIO** – Não, porra, espera aí, não entreguei ninguém, nunca faria isso.

**ZÉ LUÍS** – Você vai ser o primeiro a morrer, pode ficar certo!

**ZÉLIA** – Agüenta, Zé, com essa paranóia. Mania de ser perseguido.

**ZÉ LUÍS** – Não, Zélia, não é paranóia não. Acontece que eu sempre vivi assim, amedrontado, mascarado, botando pra correr ou sendo perseguido, e com a mania de ficar espiando uns aos outros, acabamos nisso, nesta podridão. Você não acha que tenho direito de desconfiar de alguém?

**ZÉLIA** (Tentando ser amável) – Zé, a barra é outra. A gente não ouviu nada da conversa dos dois, do Décio com o rapaz, eles nem chegaram a conversar.

**ZÉ LUÍS** – Mas não vimos os gestos. Os gestos são importantes, são passados de pai pra filho, sem que outros saibam.

**AMARO** – Certo, Zé, vamos lhe dar um voto de confiança, mas aqui ninguém pode ficar vigiando uns aos outros, senão vira stalinismo. A luta não se dá vigiando as pessoas; elas, as lutas, estão em outro plano, são entre grupos, entre classes, para ficar mais claro, entendeu?

**ZÉ LUÍS** (Tomando um copo de café, bem rápido, sem tempo de respirar). Apesar de todas as nossas desconfianças, eu só queria que a gente organizasse para o que der e vier.

**ZÉLIA** – Mas nós não estamos fazendo outra coisa, senão nos organizando!

**ZÉ LUÍS** – Porra, eu sei, agora se fica um cara como o Décio aqui conosco, que pode botar tudo pras cucuia, somos obrigados a conviver assim? Eu não concordo.

**AMARO** – Você nem ninguém aqui pode concordar com isso, mas, por outro lado, você não pode provar nada disso que estás levantando.

**DÉCIO** – Mesmo porque não dei nenhuma pista, porras!

**ZÉ LUÍS** – Sabe, o que estou querendo é que a gente resolva esta situação, de uma vez, só isso!

**DÉCIO** – Olha, seu porra louca, agora (Partindo em direção a Zé Luís) quem vai rebentar sua cabeça sou eu. Tá pensando o quê? Quer fazer sua guerrinha particular, faz, vai lá pra dentro e faz o que quiser, porras, agora aqui nesse momento, nós vamos batalhar essa luta até o final, até nós sabermos que haverá um vencedor e um perdedor. Fiquem sabendo que fui um policial, dava porrada, matava e era tudo "legal", fazia tudo em nome da lei, da ordem, do bem-estar das famílias, e sei também que uma sociedade precisa de policial à medida que existam donos, de tutores, aqueles que comandam as terras, as fábricas, as escolas, os gabinetes, onde o povo apenas trabalha. Não pensem que o policial sempre existiu e sempre existirá, essa é uma noção falsa, boba, cretina, que nada esclarece, apenas nos amedronta.

A nossa meta não pode incluir policiais e nem deve, pois só assim estaremos juntos, passando por cima desse odor, desse valo que se chama América Latina, desta merda, deste quarteirão que não nos deixa sair e respirar o sol novo que vem vindo aí, que nem meus avós, nem meus pais, nem eu, mas que nossos filhos saberão tirar partido e fazer muitas plantações de milho em pleno solo do Ceará e da Nicarágua, fazendo disso uma terra sem fronteiras, sem donos, sem tutores.



**AMARO** (Pausa) – Foi mais além do que eu imaginava.

**ZÉLIA** – Democracia pra mim já estava bom.

**AMARO** – Mania essa de mulher se contentar com pouco.

**ZÉLIA** – Muitas vezes é preferível qualidade em lugar de quantidade.

**AMARO** – A maioria não pensa assim. Aliás, a maioria não pensa. Tem gente que pensa pela maioria. Igual na Itália. Mussolini pensava pelo povo italiano.

**DÉCIO** (Já refeito do discurso) – Só que o fim que ele teve eu não queria. Assim. (Faz o gesto do enforcado, dependurado de cabaça pra baixo).

**AMARO** – Foi a justiça do povo. O povo julga Mussolini. (Vai ser simulado um julgamento. Amaro é Mussolini e Zélia é a sua companheira. Décio e Zé são povo)

**ZÉ LUÍS** – Senhor Mussolini, o senhor sabe que seu fim está próximo, e o povo italiano assim o deseja?

**DÉCIO** – Sr. Mussolini, o senhor sabe que, em nome da segurança nacional, o senhor levou nosso povo à miséria, enquanto a Fiat crescia e financiava cemitérios?

**DÉCIO** – Ao invés de matarmos Mussolini, enforcando-o, não seria melhor botarmos ele pra trabalhar? Precisamos plantar trigo. O pior castigo para esses tipos é fazer com que trabalhem. É a tortura maior que poderemos oferecer aos ditadores.

**ZÉ LUÍS** – Devemos matá-lo de uma vez. Só assim nos livraremos dessas múmias mais cedo.

**DÉCIO** – O papa mandou pedir clemência para o ditador!

**ZÉ LUÍS** – Diga ao papa pra ele continuar a conversa com Deus!

**DÉCIO** – Diga ao papa pra não encher mais o saco do povo!

**ZÉ LUÍS** – Diga ao papa que a empresa Vaticano S/A está perdendo almas e ganhando muito dinheiro!

**DÉCIO** – Diga ao papa que ele é o ditador dos católicos!

**ZÉ LUÍS** – Além de latinos, somos católicos. Temos dois ditadores.

**DÉCIO** – Os povos não perdoarão os ditadores!

**ZÉ LUÍS** (Enquanto isso, como pano de fundo musical, ouvem-se multidões em alvoroço, som de escolas de samba) – O nosso povo ficará sem o seu grande pensador, ficará sem aquele que puxava a corda pro lado que mais lhe interessava e pro lado que entendia melhor pra Fiat. Pois esta corda agora, Sr. Mussolini, servirá para deslocar a sua cabeça de seu corpo. Ela foi a sua vida e a sua morte.

**DÉCIO** – O senhor promoveu nesses últimos quinze anos o aumento do PIP, quer dizer, População Infinitamente Pobre, e decorou nossas casas e nossos estádios com as mesmas cores e modelos. Foi um governo da Unidade, uniu pobres e ricos em benefício dos últimos. O povo julga Mussolini, Lombardi. (Fazem uma pequena passeata com os dois mortos) (Essa cena poderá ser feita também da seguinte maneira: com os dois amarrados, mostrados ao público, que os julgará). (Batem na porta e acenam. Volta com toda a normalidade anterior ao julgamento. Os quatro procuram se acomodar em seus lugares, ou seja, os três “presos” se amotinam por detrás das “aberturas” e o soldado pensa em como atender. Voltam a tocar na porta com mais força)

**SOLDADO** – Quem bate?

**VOZ** – É o sobrinho do Secretário.

**SOLDADO** – Mas o que você quer aqui a estas horas? Seu tio não está aqui não.

**VOZ** – É que perdi minha carteira com documentos onde se encontrava o endereço do tio. Então estou recorrendo ao senhor, que deve saber onde ele mora.

### **3º ATO** O Autor

**SOLDADO** – Vou anotar e lhe trago em seguida. Aguarde por favor. (Escreve e volta). Está aqui. Pegue um táxi logo em seguida à direita e em 15 minutos estará por lá.

**VOZ** – Obrigado pro senhor e boa noite!

**SOLDADO** – Boa noite. (Pausa)

**ZÉ LUÍS** – Porras, quem era?

**DÉCIO** – O sobrinho do Secretário, aquele que telefonou do Uruguai. Perdeu os documentos e endereço, daí lembrou-se aqui da delegacia.

**ZÉ LUÍS** – Esse viado tinha que perder os documentos... e o pior é que todo mundo sabe onde ficam os presídios, parecem cachorros, conhecem pelo faro.

**AMARO** – São tantos nesta cidade que o cara sai de casa pra ir na farmácia e acaba entrando numa delegacia.

**ZÉLIA** – Eu, por exemplo, fui mais vezes presa do que propriamente entrei numa farmácia.

**DÉCIO** – Farmácias e delegacias são coisas distintas e, portanto, inconciliáveis.

**ZÉLIA** – Mas geralmente quem mais vai à farmácia mais vezes também vai à delegacia. Eu sou regra, não a exceção.

**DÉCIO** – A regra sempre tem exceção.

**ZÉ LUÍS** – Já perceberam que estão filosofando?

**AMARO** – A filosofia é necessária.

**ZÉ LUÍS** – O cigarro também é.

**DÉCIO** – Feijão é mais necessário do que o cigarro, o futebol, a filosofia.

**AMARO** – Só o feijão constrói!

**ZÉ LUÍS** – Pronto, o Amaro sintetizou. Filosofou e comeu feijão ao mesmo tempo.

**ZÉLIA** – Não se pode fazer duas coisas ao mesmo tempo. Só a Santíssima Trindade conseguiu.

**ZÉ LUÍS** – Essa juntou três. É dose pra mamute.

**AMARO** – No Brasil não se costuma dizer mamute, é elefante mesmo.

**ZÉ LUÍS** – Engraçado que nós temos uma massa de tomate chamada Elefante.

**AMARO** – O que tem a ver tomate com elefante?

**ZÉLIA** – Por que elefante gosta de tomates?

**DÉCIO** – Eu não sei se isso é verdade?

**AMARO** – Deve ser, porque o tomate vem do elefante!

**ZÉ LUÍS** – Ué, o tomate é cagado pelo elefante? O que é afinal?

**ZÉLIA** – Já comemos feijão, agora a massa de tomate... é, tá melhorando.

**AMARO** – Só tá faltando a cozinha.

**ZÉ LUÍS** (Se dirigindo à Zélia) – Tem gente que já está se sentindo em casa.

**ZÉLIA** – Essa casa eu rejeito, abomino.

**AMARO** – Tome o fósforo. (Entrega a Décio)

**DÉCIO** – Deixa que acendo o fogão.

**AMARO** – Eu abro a lata de tomates.

**ZÉLIA** – Tá todo mundo delirando.

**AMARO** – Deve ser a fome.

**DÉCIO** – A fome é coisa séria. Geralmente vem à noite.

### 3º ATO O Autor

**AMARO** – Geralmente vem de dia.

**ZÉ LUÍS** – Podemos generalizar: “Geralmente vem de dia e de noite”.

**AMARO** – A fome é uma constante.

**DÉCIO** – De noite e de dia.

**ZÉLIA** – Falando em fome, estou com ela e não abro.

**DÉCIO** – É melhor não continuarmos falando.

**ZÉLIA** – O melhor mesmo é comer.

**ZÉ LUÍS** – Mas comer sem comida?

**AMARO** – É muita força de vontade, não acham?

**DÉCIO** – Está uma confusão general, como diriam os espanhóis.

**ZÉLIA** – Estamos com fome e sem comida.

**AMARO** – Comamos pão com manteiga.

**DÉCIO** – Acho melhor ir racionando, não sabemos o dia de amanhã.

**ZÉ LUÍS** – Mas amanhã, de qualquer maneira, nossa situação se resolverá.

**AMARO** – Por bem ou por mal.

**ZÉ LUÍS** – Não tem esse negócio de bem ou mal, é questão de vida ou morte.

**DÉCIO** – É questão de pura filosofia. De política. (Pausa). Seria bom ligar pro presídio que fica perto da universidade, não acham?

**ZÉLIA** – Sempre achei que deveríamos ter um contato com eles.

**AMARO** (Orgulhoso) – As nossas armas são suficientes.

**DÉCIO** – Suficientes elas nunca são. Por hora quebram o galho.

**ZÉ LUÍS** – Você, Décio, que conhece bem este presídio, poderia ir armando

um esquema de defesa melhor.

**AMARO** – Já são quase quatro e trinta.

**ZÉLIA** – Daqui a pouco o sol aparecerá e o dia vai clarear.

**DÉCIO** – Ou então uma nuvem escura maior cobrirá nossas vidas.

**ZÉLIA** – Liga pra lá, vai Décio. (Vai até o aparelho e chama pelo código o presídio)

**DÉCIO** – Aqui fala presídio B, localizado ao Sul desta cidade. Gostaríamos de saber da situação atual deste presídio. Câmbio.

**VOZ** – Aqui comando G. Atravessamos a América e cá estamos libertando mais um presídio. Temos três reféns e não os libertaremos enquanto não tivermos certeza de que todos os outros presídios não forem libertos. Câmbio.

**DÉCIO** – São quatro e trinta da manhã, qual o prazo que os senhores darão?

**VOZ** – Até as oito horas desta manhã!

**DÉCIO** – Mas nos restam poucas horas!

**VOZ** – Queremos também tantos aviões quantos foram necessários, para mandarmos tudo embora.

**DÉCIO** – Não estou entendendo.

**VOZ** – É fácil, seu jumento. Queremos aviões para limpar nossos quintais, nossas casas. É isso!

**DÉCIO** – E se esse presídio aqui também for tomado?

**VOZ** – Vai facilitar todo o nosso plano.

**DÉCIO** – Acredita que vocês também poderão exercer influência aqui?

**VOZ** – Nossa preocupação, no momento, é resolver nossa situação.

**DÉCIO** – Companheiro, negócio seguinte: vamos falar às claras. Aqui estamos também amotinados. Precisamos nos compor melhor.

**VOZ** – Contato, só o necessário.

**DÉCIO** – E os outros presídios?

**VOZ** – Sem contato, cortaram os fios.

**DÉCIO** – Pela manhã nossas vidas se ajeitarão.

**VOZ** – É o que esperamos, companheiro!

**DÉCIO** – Até a próxima!

**AMARO** – Os fios foram cortados?

**ZÉLIA** – Os nossos?

**DÉCIO** – Os únicos que continuam ligados são os nossos. Continua contando normalmente o presídio que fica localizado perto da universidade.

**ZÉ LUÍS** – Engraçado, por que isso? Logo o que fica perto da universidade!

**ZÉLIA** – Universidade e polícia sempre se deram bem.

**AMARO** – Mas é claro que eles deixariam alguns interligados!

**ZÉLIA** – Quando amanhecer, poderão fazer algum contato daqui!

**DÉCIO** – Vamos cortar os fios?

**ZÉ LUÍS** – Devemos é quebrar os aparelhos!

**ZÉLIA** – O aparelho não é necessário?

**ZÉ LUÍS** – Por que não? Assim eles não poderão contatar.

**DÉCIO** – Mas eles não entrarão aqui!

**AMARO** – Vão apenas tentar!

**ZÉLIA** - Estão mais bem armados!

**AMARO** - Estamos mais bem preparados!

**ZÉLIA** - Isso é o que você pensa.

**DÉCIO** (a **ZÉ LUÍS**) - Me dê um cigarro.

**ZÉ LUÍS** (Entregando o cigarro) - Só tenho um agora.

**ZÉLIA** - Guarda pra comemorar!

**AMARO** - Devemos preparar as armas. Onde está o restante delas, Décio?

**DÉCIO** - Além dessas das gavetas, tem mais na sala ao lado. São todas novas.

**ZÉ LUÍS** - E munição?

**ZÉLIA** - Tem na sala ao lado, também. (Amaro sai e vai até a sala)

**ZÉ LUÍS** - Vamos cortar os fios agora, Décio?

**DÉCIO** - Tô achando que está muito escuro ainda. Deixa amanhecer!

**ZÉLIA** - Deve ser pior, Décio.

**ZÉ LUÍS** - A noite foi feita pra conspiração.

**ZÉLIA** - Sai e vá cortar, Décio. É só passar uma faca e pronto.

**DÉCIO** - E os fios caídos? Alguém desconfiará, os guardas, pelo menos.

**ZÉ LUÍS** - Cortamos de um poste ao outro e puxamos os fios aqui pra dentro. (Décio sai pra cortar os fios. Toca o rádio transmissor)

**ZÉLIA** - E agora, Zé?

**ZÉ LUÍS** - Deixa que eu atendo!

**ZÉLIA** - Temos que chamar o Décio, antes dele cortar os fios.



### **3º ATO** O Autor

**AMARO** (Entrando) – O que houve, Zélia? Onde foi o Décio?

**ZÉ LUÍS** – Temos que chamar o Décio ou então alguém de nós atende esta merda. (O rádio continua a chamar pelo soldado)

**AMARO** – Deixa ele tocar à vontade. Depois falamos pro Décio ligar pro Secretário ou pro sargento que vive ligando pra cá.

**ZÉLIA** – Mas ele foi cortar os fios!

**AMARO** – Atende então, Zé! (Zé vai atender)

**ZÉ LUÍS** – Alô! Boa noite!

**VOZ** – Aqui volta a falar o Secretário, boa noite. Como estão as coisas, soldado? Por que esta demora em atender?

**ZÉ LUÍS** – Estava percorrendo a prisão!

**VOZ** – Me responda, como estão os trabalhos?

**ZÉ LUÍS** – Tudo bem, normal.

**VOZ** – Qualquer alteração você pode ligar aqui pra casa, OK?

**ZÉ LUÍS** – Sim, Sr. Secretário. Boa noite!

**AMARO** (Comemorando) – Você se saiu muito bem, Zé.

**ZÉLIA** (Abraçando Zé) – Belo soldado!

**AMARO** – Acho que mereço uma promoção.

**ZÉLIA** – A general, que tal?

**AMARO** – General não se faz da noite pro dia.

**ZÉ LUÍS** – Só de março pra abril. (Entra Décio com o fio nas mãos)

**ZÉ LUÍS** – O Secretário telefonou assim que você saiu.

**DÉCIO** – Por que então não me chamou?

**ZÉLIA** – Como encontrar você nessa escuridão?

**ZÉ LUÍS** – E o Amaro estava lá dentro. Só restava eu de homem aqui. Tive que atender.

**DÉCIO** – Você atendeu? Porras, não deverias! Poderias esperar até que eu cortasse os fios e voltasse. E agora?

**ZÉ LUÍS** – Forcei a voz. Acreditamos que ele não desconfiou.

**DÉCIO** (Que está meio nervoso) – Perguntou o quê?

**ZÉLIA** – O de sempre. (Tentando imitar a voz do Secretário). Boa noite, soldado. Como vão as coisas? Por que esta demora em atender? (Dá risadas)

**DÉCIO** – Já são quase cinco horas?

**ZÉ LUÍS** – Passam 10 minutos!

**AMARO** – Deve estar clareando. (Olhando pela janela). No inverno as noites são mais longas. No verão os dias são maiores!

**ZÉLIA** – Me dê os fios, vou guardá-los!

**AMARO** – Poderão servir pra alguma coisa!

**ZÉ LUÍS** – Na certa servirão.

**DÉCIO** – Já serviram!

**ZÉLIA** – Vamos ligar pro comandante G? Acho oportuno.

**ZÉ LUÍS** – Oportuníssimo!

**DÉCIO** (Que faz a ligação) – Aqui presídio localizado perto da universidade. Precisamos saber de notícias, companheiros!

**VOZ COMANDO G** – Não evoluíram em nada nossas conversações. De avanço sô o fato de que quatro policiais passaram pro nosso lado e existem comentários de que os plantadores de alho não estão entregando

### 3º ATO O Autor

seus produtos pras empresas, em nossa solidariedade.

**DÉCIO** – Por aqui é grande nossa ansiedade. Pela manhã resolveremos nossa luta.

**VOZ** – Seria importante resistir, pois provavelmente poderemos nos ajudar mutuamente.

**DÉCIO** – Não podemos prometer nada, companheiro. Só luta e muita disposição. Estamos organizados e isso é o mais relevante. A organização.

**VOZ** – Sim, é o mais relevante. A organização.

**DÉCIO** – É, os plantadores de alho parece que aderiram!

**AMARO** – Os padeiros já poderiam também!

**ZÉ LUÍS** – Padeiros já têm experiência com massa!

**ZÉLIA** – A massa precisa de forma! (Em tom de deboche)

**ZÉ LUÍS** – As massas são amorfas!

**AMARO** – Discurso de integralista!

**ZÉLIA** – O precioso discurso liberal latino acredita que é preciso dar forma às massas!

**AMARO** – Os nossos padeiros darão!

**ZÉLIA** – As massas devem procurar seus destinos!

**ZÉ LUÍS** – O destino é se aprontar para o choque!

**DÉCIO** – Quem faz a ligação elétrica é o electricista!

**TODOS** – Precisamos de electricista!

**ZÉLIA** – Os electricistas sabem que o choque do negativo com o positivo nos dará uma luz nova!

**DÉCIO** – Luz essa que vai clarear nossas vistas e nossos estômagos! (Pegam os fios e simulam uma ligação entre dois extremos. Temos agora um discurso de Chefe de Estado)

**ZÉ LUÍS** (Enquanto se postura para discursar, Amaro se porta como assessor. Os dois outros são povo) – Prezados amigos de... (Esquece o nome do lugar. É socorrido pelo assessor, que sopra no ouvido o nome da cidade). Perdoe-me, mas as viagens, as inaugurações, as audiências têm me deixado muito atarefado, por isso acredito que esse laborioso e ordeiro povo de “Exposto às Circunstâncias” deve compreender esse pequeno lapso, neste momento grandioso, onde integramos esta cidade ao restante do país e também, por que não dizer, ao restante do mundo. Se me desculpem pela brincadeira, mas se na hora que o presidente dos Estados Unidos puxar a descarga, para descer seu cocozinho, nós aqui em “Exposto às Circunstâncias” poderemos perfeitamente escutar o desenrolar do acontecimento. Não é maravilhoso, amigos, escutar a descarga do cocozinho do presidente de uma grande nação? Devemos muito isso ao esforço do governo do Estado, que não mediu esforços para puxar a descarga (Aplauso isolado de assessor), digo, de integrar “Exposto às Circunstâncias”. Acreditamos que estamos dentro da política dos Direitos Humanos, com a instalação desse terminal telefônico. Agora convido o povo para uma belíssima churrascada em homenagem ao orelhão. (Aplausos. Tocam na porta. Os quatro se distribuem de forma mecânica. Dois para as janelas. Um para a porta e um ao fundo. Voltam a bater forte)

**VOZ** – Soldado!

**DÉCIO** (Vai até a porta) – Boa noite, cabo!

**VOZ** – O Secretário telefonou pra câ novamente e não consegue ligação. Algum problema?

**DÉCIO** – Não sei o que possa ter ocorrido. O telefone está no mesmo lugar, ninguém mexeu.

### **3º ATO** O Autor

**VOZ** – Alguém pode ter cortado os fios!

**DÉCIO** – Mas quem?

**VOZ** – O Secretário pediu para olhar isso. O senhor tem alguma lanterna aí?

**DÉCIO** – Tenho uma, podemos ir ver. (Vai pegá-la e depois saem)

**AMARO** – A estas horas ainda precisa lanterna?

**ZÉLIA** – Já está quase claro!

**ZÉ LUÍS** – Amaro, não dá pra ver quando os dois estiverem vindo para cá?

**AMARO** – Não, não dá.

**ZÉLIA** – Devemos é contatar o comando G!

**AMARO** – Podemos ligar, eu sei o código.

**ZÉ LUÍS** – Não vai adiantar expediente algum, ligar pra ele!

**ZÉLIA** – Acredito que não teremos tempo pra quase nada, se o Décio voltar.

**AMARO** – Mas o Décio vai voltar!

**ZÉ LUÍS** – Pode ser que já descubram a trama lá fora e o Décio pode ser liquidado.

**ZÉLIA** – Eles não vão matar sem antes descobrir tudo!

**ZÉ LUÍS** – Muitas vezes é preciso matar pra descobrir! (Nesse momento os três pegam nas armas e começam a manejá-las, dando o sentido de preparo para a luta. Essa cena se fará com absoluto silêncio e só “passará” para o público o barulho provocado pelos gatilhos das armas e da colocação das balas. Décio entra rápido, provocando uma pequena alteração)

**DÉCIO** (Entrando um tanto nervoso) – Por enquanto não desconfiou que fomos nós que cortamos os fios!

**ZÉLIA** – Onde ele está?

**ZÉ LUÍS** – Foi pra casa do Secretário?

**DÉCIO** – Foi primeiro dar uma volta pelo pátio, ver se encontra algum guardião ou alguma pista dos fios!

**AMARO** – Depois vai ao Secretário e vem pra cá com ele!

**DÉCIO** – É, não vai dar outra coisa!

**ZÉ LUÍS** – A estas alturas do campeonato, quero saber quem dá o primeiro tiro!

**AMARO** – Eu me habilito!

**ZÉLIA** – Acho que as mulheres poderiam acender o estopim.

**ZÉ LUÍS** – A cabeça do Secretário, deixa comigo.

**DÉCIO** – Não, a do Secretário é minha. Desde que não me foi dada a promoção que prezo a cabecinha daquele tira.

**ZÉ LUÍS** – Cabeça de tira deve ser oca.

**DÉCIO** – A bala passa direto, não se choca com nada. (Décio pega uma arma, que já está sendo por ele escolhida)

**ZÉ LUÍS** (Pega um papel e frua com o dedo) – Assim, não tem nada. Igual a lagartixa, não sai sangue.

**AMARO** – Vocês acham que a gente vai perder esta luta?

**DÉCIO** – O que eu acho é que precisamos construir em breve nossa verdadeira história.

**ZÉ LUÍS** – Os historiadores irão abordar nosso problema como sendo a história dos presos revoltados...

**AMARO** – Os sociólogos dirão que a sociedade está doente...

**ZÉLIA** – E, portanto, precisa de remédios. (Faz um gesto fascista)

**DÉCIO** – Os psicólogos farão um congresso e chegarão à conclusão de que os presos são uns desajustados mentais.

**ZÉ LUÍS** – E o Estado vai achar isso um problema policial. Vai construir centros sociais para anestesiá-los os bairros.

**AMARO OU TODOS** – E quem vai achar que é um problema social? (Toca o transmissor. Zé Luís atende)

**VOZ** – Aqui comando G. Foi descoberto o motim de vocês, companheiros. Nossas negociações continuam na mesma. Estamos preparados para a luta. Estamos organizados. A Liga dos Ferroviários está neste momento fazendo uma manifestação por aumento salarial e isso demonstra que o movimento avança!

**ZÉ LUÍS** – Não esqueçamos que já estão conosco os produtores de alho e os quatro policiais. Nós aqui estamos conscientes de que só vamos resolver a situação com a ajuda das armas. Sim! É a maneira mais prática e a única que existe. Diálogo só serve para masturbação. A nossa causa não pode diluir-se em diálogo.

**VOZ** – Esperamos que a confraternização seja no almoço. Boas pontarias, companheiros. (Desliga)

**DÉCIO** – Agora temos certeza de que os tiras descobriram!

**ZÉLIA** – Agora temos certeza de que a cobra vai fumar!

**AMARO** – Não pense que as coisas são mecânicas e a razão pode prevalecer!

**ZÉ LUÍS** – O homem sempre resolveu seus problemas!

**DÉCIO** – Só o homem cria problemas!

**ZÉLIA** – O homem é a negação do esperma!

**AMARO** – A guerra é a negação do homem! O homem nega a guerra!

**ZÉ LUÍS** – Os meninos ajudam nas guerras!

**DÉCIO** – Vocês sabiam que houve guerra em que só meninos lutavam contra exércitos de adultos?

**ZÉLIA** – É porque os adultos já tinham morrido. Já tinham sido mortos!

**DÉCIO** – Todos os meninos deveriam participar das guerras, empunhar as armas!

**AMARO** – Zé Luís, não existem guerras justas?

**ZÉ LUÍS** – Existem guerras exatamente porque não existe justiça!

**ZÉLIA** – A justiça, Zé Luís, sempre está com o Estado!

**AMARO** – E o Estado é constituído pelos homens?

**DÉCIO** – Que tipo de homens, Zé Luís?

**TODOS** – Ditadores, interventores!

**AMARO** – Que falam sempre em nome do povo!

**ZÉ LUÍS** (Portando-se como ditador) – Tudo é feito para o bem geral das nossas famílias e do nosso povo!

**DÉCIO** – Nossas famílias e nosso povo nunca foram consultados sobre qualquer assunto!

**ZÉLIA** – Devemos ter habilidades para ver nossos inimigos! Tudo ficará mais fácil a partir disso! (Ouvem-se barulhos de automóveis, de homens falando, mas são inteligíveis suas falas. Sirenes. Esses ruídos vão se aproximando. Os atores falarão concomitantemente ao barulho de suas falas, a partir de Décio, quando este diz: “Todos os meninos deveriam participar das guerras, empunhar as armas”. Podem repetir quantas vezes for necessário. Silêncio e luzes em resistência. Cada ator com sua arma)

**VOZ DO SECRETÁRIO** (Com megafone) – Soldado III. Sabemos de todos os



### 3º ATO O Autor

planos que, neste momento, afetam nossa cidade. Viemos aqui porque acreditamos que a sua índole de policial ainda não foi abalada totalmente. Procuramos, nesse momento difícil, o melhor para as nossas famílias. Vamos conversar. Se for constatada uma loucura do grupo, internaremos você numa clínica particular, tudo por conta do Estado. Você, seus amigos e até o Delegado, que deve estar com os senhores, pois até o momento não foi encontrado.

**DÉCIO** – O Delegado está preso e incomunicável!

**SECRETÁRIO** – Mas o Delegado não se revoltou também?

**DÉCIO** – Foi simplesmente desarmado e preso!

**SECRETÁRIO** – Mais uma vez... pense na sua família, nos seus filhos, no amor que você deve ter por eles!

**DÉCIO** – É por eles que estou aqui!

**SECRETÁRIO** – A polícia agora vai ser diferente em tratar os presos. Vamos construir grandes reformatórios e clínicas de recuperação.

**DÉCIO** – Vão fazer dessa cidade um grande reformatório. (Amaro se apodera do megafone)

**AMARO** – Não queremos reformas. Queremos é o presídio por inteiro!

**SECRETÁRIO** – Mas, meu filho, assim vamos ter que usar a força. Evidentemente só o fizemos em última necessidade. (Zélia se apodera do megafone)

**ZÉLIA** – Nós usaremos armas para as primeiras necessidades. Para comer, morar e vestir!

**SECRETÁRIO** – Não vai me dizer que existem mulheres na rebelião?

**ZÉLIA** – Na hora de prender, o senhor não via o sexo.

**DÉCIO** (Com o megafone) – Nossa luta não discrimina sexo e nem pode. É

uma luta de homens na sua concepção mais geral!

**SECRETÁRIO** – Mas essas mulheres estão perdendo cada vez mais a vergonha. (Suplicando, sério). Moça, se entregue, se liberte dessa selvageria. Prometo que arrumo uma faculdade para você frequentar. Tão bonito uma moça cursando, por exemplo... Serviço Social. É tão digno fazer o bem sem olhar a quem!

**DÉCIO** – Secretário, o senhor saia da cidade ou vai ter que se abrigar, agora!

**SECRETÁRIO** – Soldado, nós não aplicaremos mais a lei de segurança da cidade caso se entregarem em 15 minutos. É o tempo maior que podemos conceder. Caso contrário, vamos usar a força.

**DÉCIO** – Nós já resolvemos, não vamos ceder em nada nossas posições!

**SECRETÁRIO** – O radicalismo é a pior desgraça do ser humano e de uma nação!

**DÉCIO** – Ser radical é pegar o homem pela raiz!

**SECRETÁRIO** – Soldado, sua família está pedindo para o senhor abandonar sua luta, que poderá ser ingloria!

**DÉCIO** – É uma mentira. Mais uma, por parte de vocês. (Amaro pega o megafone)

**AMARO** – As nossas famílias atacam vocês pelas costas, renderão vossas armas e vossas cabeças!

**SECRETÁRIO** (As armas dos quatro estão engatilhadas. Só a de Décio que não está em sua mão, pois segura o megafone) – Peguem o Delegado como mediador. Ele saberá dirigir o problema com brilhantismo!

**DÉCIO** – O Delegado é nosso prisioneiro!

**SECRETÁRIO** – Que tal o bispo da cidade, servindo aos interesses das partes?

### **3º ATO** O Autor

**DÉCIO** – Da igreja só queremos o ouro!

**ZÉ LUÍS** (Com o megafone) – Perdemos nosso tempo. As lutas políticas não podem terminar em conciliações!

**SECRETÁRIO** – O nosso povo pede paz, meu rapaz. Atenda ao nosso povo!

**ZÉ LUÍS** – Secretário, como podem falar pelo povo? Vocês outorgam o direito de falar sempre em nome do nosso povo. O povo é inimigo de vocês.

**SECRETÁRIO** – O povo sempre está conosco. É um erro seu, meu rapaz!

**ZÉ LUÍS** – Secretário, primeiro que não sou seu rapaz; segundo, acredito que sua linguagem viciou. O povo é seu, eu sou seu, o país é seu. Tudo o que é nosso, é de vocês!

**SECRETÁRIO** (Pausa) – Vou caminhar com uma bandeira branca. Vou desarmado. Vamos acabar com isso de vez.

**ZÉ LUÍS** – O senhor está se suicidando. Não vamos recuar um palmo em nossos planos. Não devemos explicações a ninguém, principalmente aos nossos adversários. (Ouvem-se tiros esparsos. Rajadas de metralhadoras, etc. Esse tempo deve ser o hábil para indicar o começo da luta. Blackout)

**FIM**

# **Fragmentos**



## ***Fragmentos***

### **CENA 1**

*Acordes de música de circo, entra um palhaço e faz a introdução para o início do espetáculo.*

**PALHAÇO:** Respeitável público, pela primeira vez não estamos aqui para brincadeiras, apesar de nossas roupas de palhaços. O fundo musical alegre é só para dar ritmo à cena, pois o encanto mesmo fica por conta do enredo, do diretor e dessas mulheres que tanto prazer causam à espécie humana neste final de século. Alguns diriam que já foi o tempo em que deram prazer e que hoje em dia perderam o *élan* vital (Comentando com a platéia), "igual à seleção canarinha, que não encanta o mais apaixonado torcedor". (Tom normal). Tudo é uma lâstima e um caminho sem volta, a não ser que você faça de conta que tudo não passa de um sonho rebuscado de alguns delírios e gozos. O que sobra ainda é o picadeiro e o artista. Aumente a música e façamos ver a todos que somos felizes. Troque o fundo musical e chegaremos mais perto do público, desse espetáculo que é a realidade.

Sei que não temos aqui presente uma Edith Piaf, um Duke Erlington, Pinguinha e seu Carinhoso, Tom Jobim com suas musas e músicas, Caetano, Luiz Melodia cantando Estácio, ou mesmo parte da nossa ilha que Gil já cantou. Luiz Henrique sabia que Itaguaçu não estava pra peixe e se mandou; Neide Maria sempre rindo porque acredita... Aos artistas sempre é bom tê-los... seja aqui ou acolá... nunca é tarde para vivermos com a poesia. Façamos neste espaço armadilha, para decolarmos em direção à ira desses monstros apegados em nossos corações. (Pausa). Um minuto que eu já volto, isto é, se o enredo me permitir.

**CENA 2**

*Um homem aparentando uns cinqüenta e cinco anos, sentado isoladamente num canto do palco. Luz de penumbra nele. Abre a fala e começam a entrar vários atores em cena, continua sobre ele a luz de penumbra, cada ator entrou vestido com roupa de noiva, mendigo, padre, freira, gari, estudante, etc.*

**HOMEM:** Conta-se, isso era meu avô que dizia, que havia um país onde as crianças nunca cresciam, as árvores sempre tinham um mesmo tamanho, o diretor da escola nunca mudava, o médico se aposentou e não veio ninguém para o lugar dele, a onça não atacava e não era atacada, o dinheiro não circulava, as paredes tinham sempre as mesmas cores, não nascia ninguém e ninguém morria, até mesmo as flores não se destacavam, a não ser no finalzinho da primavera, quando chegava o calor e a temperatura nunca alcançava mais de trinta graus centígrados, suportável para todas as idades. Nem era um paraíso, onde o pecado inexistisse e a moral morasse ao lado, mas um lugar infinito, inacessível, pois tudo levava a crer que quem estava dentro não saía e quem estava fora não entrava. Nem mesmo havia embaixadas, que seria uma forma de contato com o mundo exterior. A água da chuva era toda filtrada pelas enormes tubulações que serviam de mananciais para abastecer a população, que por medo ou dificuldade de acesso consumia muito pouco dessa água, pois muitos acreditavam que, pelo fato de ser abundante, bem não poderia fazer. Os animais viviam muito pacificamente e irreconhecíveis, mesmo em períodos de privações. Conta-se que um aventureiro conseguiu chegar até a fronteira e observou que nem os bichos faziam amor, num claro desrespeito à sua própria natureza. Nessa sua empreitada não conseguiu ver nenhum ser humano. Quis fazer um movimento para desvendar aquele mistério, mas não foi feliz, pois um pássaro condor conseguiu agarrá-lo e, segundo conta a lenda, hoje o estrangeiro trabalha para a bicharada em torno de sessenta horas sema-

nais, sem carteira assinada e desamparado de qualquer benefício social.

... isso é um pouco de nossa estória, que por uma falta total de memória, (Muda de tom) tudo aqui sempre foi meio doidinho, (Tom normal) deixamos de apresentar, quem sabe, alguns lances ou algumas aventuras que nos dessem mais prazer ou mesmo gosto para continuar viajando e enriquecendo nossas lições, construindo parte daquilo que já ouvimos de alguma canção popular. Antes nada será como (Entra uma canção instrumental). Algumas outras estórias do meu avô são sempre muito lembradas através dos artistas, principalmente de circo e teatro. Quem sabe nós teremos chance de ver belas fábulas nos palcos e nos picadeiros das cidades do mundo inteiro. Que não tenhamos a sorte ou o destino dos bichos e dos homens daquele país a que meu avô vivia se referindo... (Sussurrando) eu disse ferindo...

### **CENA 3**

*Abre a luz. O homem de cinqüenta e cinco anos agora é o diretor da peça inacabada. Os quatro personagens, à medida que dizem suas falas, vão se descaracterizando de seus personagens.*

**DIRETOR:** Acabou-se, acabou-se de acabar, vamos todos embora, cada um para sua casa, nada de barzinhos ou encontros políticos. Se possível para o ventre materno, pois agora é inverno. (Sai)

**1. ATOR:** Vamos fazer uma festa?

**2. ATOR:** Pela fresta?

**3. ATOR:** Acho melhor fazer a revolução!

**4. ATOR:** (Afetado) Nem que a vaca tussa.



**1. ATOR:** Já basta a revolução de sessenta e quatro!

**3. ATOR:** Aquilo não foi uma revolução, foi um golpe militar, um golpe dos gorilas. Nos roubaram o poder em nome da moral, da propriedade, da tradição e deixaram um lastro de sangue e corrupção.

**4. ATOR:** Não é que rimou! A lindinha sabe também fazer poesia com desgraça.

**2. ATOR:** Sinceramente que gostaria de voltar a fazer um teatro mais realista, que representasse o dia-a-dia da gente. O tema poderia ser qualquer um, como, por exemplo, "o dia em que atravessamos o oceano".

**1. ATOR:** Seria muito complicado. Primeiro que alguém teria que fazer o papel do Lindberg, claro que se a travessia fosse de avião. Se fosse pelo mar mesmo, então teríamos que trazer os mares, os oceanos, a estrela, os ventos, os peixes...

**4. ATOR:** Poderíamos encenar um pic-nic, com direito a churrasquinho e tudo. Eu faria o papel do guia do roteiro.

**2. ATOR:** Mas tão fugindo da conversa, o tema é secundário. Nós temos que indicar a escola teatral primeiro; embasar nossa temática dentro de uma linha teórica. É isso!

**1. ATOR:** Tô fora de qualquer escola. Quero fazer teatro, teatro livre, sem compromisso com ninguém. Não quero teatro engajado, engasgado, quero teatro, muito teatro, sem adjetivo, sem frescura.

**4. ATOR:** Sem frescura é muito difícil!!!

**3. ATOR:** Como podemos ficar quase um ano ensaiando uma peça, que me desculpe a ausência do diretor, que nem peça era e agora nos deparamos com quatro atores e um diretor ao léu, sem beira nem eira, mas não podemos desistir não. Não podemos entregar um ano de trabalho ao vento. Todas as palavras ditas ao longo do ano estão ressoando ainda aqui nesse teatro. Alguém tem que resgatá-las. Pensem bem. Esse alguém so-

mos nós. É nossa obrigação. Por isso tenho uma proposta clara e objetiva (Pausa e um princípio de silêncio). Proponho ensaiarmos agora sobre um tema atemporal. Sim, um tema onde o central da peça seja a merda. Pode ser até com este título. Sim, muita merda... é isso mesmo, essa coisa mágica, essa palavra que nos move e nos dá força na vida e no palco. Ensiarmos a merda o mais realista possível, pois só assim não vamos ficar imaginando que o tempo passou e não serviu para nada. Pode ser até uma merda de revolução, uma merda de país, uma merda de esperança, mas que assim o seja. (Aplausos dos outros três atores. O diretor reaparece no centro da cena)

**DIRETOR:** Já falei que acabou tudo. Recomeçaremos quando vocês decorarem o texto e perceberem o sentido do enredo.

**4. ATOR** (Pensativo) – Por que aqui tudo tem que acabar em merda, hem? (Pausa). Vou ser grafiteiro... se pelo menos não dá ibope... dá polícia.

**2. ATOR** (Meio desanimado) – Vou fazer uma peça de teatro infantil... tem público garantido, não precisa decorar texto, e o enredo a gente já conhece!

**DIRETOR:** O teatro como qualquer outra atividade econômica precisa da participação, da iniciativa. (É interrompido por um aparte pelo palhaço da cena 1)

**PALHAÇO:** Senhores, me permitem um aparte? Nós estamos aqui apresentando uma homenagem, ou melhor, uma solidariedade ao teatro, que tem sofrido muito, principalmente pela boca de meia dúzia de afoitos. É gente do norte, do sul, do leste, do oeste e gente que tá com a peste. Portanto, nesta noite, vamos dedicar nosso trabalho à Companhia Teatral do País Brasil. Vocês me perguntarão se haverá bailarinos, palhaços, trapezistas, enfim, os elementos do circo, que é a origem da Companhia, desde a sua criação mais de quinhentos anos atrás. (Dizer ânus e indicar o atrás). Antes de entrar no mérito do texto, também homenagearemos todos aqueles que colaboraram com nossa Companhia, como, por exemplo (Citá-los pelos países de origem), o espanhol, o francês, o holandês, o

inglês, o português, o japonês, enfim, todos que viraram nossos clientes, assistentes e fregueses. Nossa homenagem não será do tipo Revista, porque a cantora está adoentada e os bailarinos torceram o pé. Temos muitos anos de história, pois a Companhia é a mais antiga do Brasil. Só não é anterior ao descobrimento porque não conseguimos marcar as passagens antes da turma do Cabral. Mas assim que descolamos a primeira nau, aportamos neste porto seguro e não deu mais pra voltar. Alguns casaram, outros se suicidaram e o saldo da viagem vamos fazer qualquer dia desses. Por enquanto lamentamos o pouco auxílio oficial dado à Companhia Teatral do País Brasil. Obrigado! (Sai. Três atores fazem a próxima cena)

**1. ATOR:** Com os espanhóis vieram a coragem e a paixão pelo mar. E, claro, o azeite de oliva primeiro era para lubrificar as negras escravas quando estavam no cio. Como foi bom para ambos.

**2. ATOR:** As construções dos teatros nas capitais da Amazônia, o charme da zona sul no Sudeste e a viadagem do Sul são *made in France*.

**3. ATOR:** O tempero, a música, a tecnologia, o comércio e os cassinos são coisas da Companhia Holandesa, como também os engenhos, diques e o carrossel, esse é um pouco mais contemporâneo... é da copa de 1974.

**1. ATOR:** Toda e qualquer abertura brasileira advém de um tratado inglês com Portugal. Começa aí a correr o sangue azul dos ingleses neste torrão abençoado por Deus. Sempre fomos e somos superiores nos mares e nos males.

**2. ATOR:** Japão respeita muito o Brasil, não os brasileiros. Toshiba, Toshiba, Toshiba...

**3. ATOR:** Enquanto isso, em Portugal, consta-se que se arrependimento matasse... ai, Jesus!

**1. ATOR:** Tio Sam sempre imaginou uma América para os americanos. Não somos nada daquilo que falam contra nós. Se em alguns momentos tudo não passou de pequenos excessos, o importante é que o Brasil tem

mantido suas fronteiras desde o descobrimento. Falei. (Entra um ator com ar bem cerimonial)

**2. ATOR:** Penso que nosso problema vem desde o tempo da monarquia. Por isso resolvê-lo também é um dever do rei. (Entram dois atores imitando cegos e bem debochados)

**1. ATOR:** Não sei por que tiraram o reil

**2. ATOR:** Foi o café.

**1. ATOR:** Foi o tabaco.

**2. ATOR:** Foi a borracha.

**1 E 2. ATOR:** Fomos nós, o Brasil do cruzeiro.

**1. ATOR:** Dos cruzados e dos mil-réis.

**2. ATOR:** Mil réis?

**1. ATOR:** Um rei não pensa no seu povo.

**2. ATOR:** O povo tem rei na cabeça.

**1. ATOR:** De cabeça pra baixo.

**2. ATOR:** Chama o Figueiredo.

**1. ATOR:** Pra quê?

**2. ATOR:** Não sei, chama.

**1. ATOR:** Mas porra, pra quê?

**2. ATOR:** Pra emprestar o seu cavalo. Eu também volto pro campo.

**1. ATOR:** Não tem sentido... depois de construirmos tantas pontes, estradas, viadutos, creches, cieps, Diário Catarinense, Classificados... Voltar pro campo não é o melhor negócio!

**2. ATOR:** Foram os militares que tiraram o Brasil da miséria do campo, pra

### 3º ATO O Autor

fazer o Brasil da miséria da cidade!

**1. ATOR:** Dom Pedro II não honrou a monarquia, não seguiu a tradição dos Bragança e Orleans, entregando o Brasil a dois medíocres marechais alagoanos, sem dinheiro no banco.

**2. ATOR:** O Brasil era Alagoas!

**1. ATOR:** Se passamos o maior período da história com a monarquia, desde 1808, por que trair a causa? Foram Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Teresópolis, Petrópolis, Santo Amaro da Imperatriz... que vergonha ter entregue pros militares... Agora não vamos nem conseguir empatar com os civis.

**2. ATOR:** Nem civil, nem militar, nem monarquia, mas aquele que queria casar o Brasil das aquarelas, dos campos, com o Primeiro Mundo.

**1. ATOR:** Se voltar a monarquia, restaura-se o Brasil varonil, das coroas, das festas, das ligações harmoniosas do campo com a cidade... da plebe com os grandes clubes. O Brasil do Clóvis Bornay. Só os pobres de espírito não poderão usufruir, no raiar do século XXI, a nova nação emergente, rumo ao... (Entram homens das cavernas)

**1. ATOR:** Invadiremos as cidades.

**2. ATOR:** Construiremos muitos palanques.

**3. ATOR:** Voltaremos para as igrejas católicas, onde deceparemos os santos mal vestidos.

**1. ATOR:** Nossos ancestrais podem ficar tranquilos nos seus sonos eternos, nossas estirpe e nossas espadas rasgarão o céu e o solo para construirmos aquilo que os inteligentes e soberanos ditarem.

**2. ATOR:** Que nada possa interferir na ordem natural das coisas. Primeiro Deus, depois o homem e finalmente vem o resto.

**3. ATOR:** Precisamos construir os caminhos que levem aos sonhos, ao delí-

rio da juventude.

**1. ATOR:** O futuro da juventude é com a pátria, com a família. (Urubus sobrevoam a palco). E na escola descerão como que de pára-quedas os nossos professores e as nossas verdades. (Roncos de motores, som de quebra de vidros, peidos. Atores carregam uma enorme bandeira branca, que ocupa todo o palco. Há nela a inscrição "Você será o próximo". Saindo 1 ator, ficando o 2 em cena).

**1. ATOR:** Nada disso te parece razoável? A tua vontade tá presente nesse momento solene. Esta bandeira branca é mais que um símbolo. É a ordem estabelecida. Não te revolte. Não, não se mexa, eu te explico tudo. Os teus valores não me interessam. Nada disso há de remover-me. Peço mais o teu silêncio, mais tarde tu vai compreender e até alegrar-te. Vai alegrar-nos. O começo não é difícil, o mais fácil vem depois. A queda é consequência da altura, se Sócrates perverteu a juventude, nós temos que interromper, sangrar, expurgar e por que não... excomungar. (Gesto de fuzilamento ou similar). Nada dará certo se houver titubeio e desrespeito a qualquer princípio. (Vai manipulando o outro ator até deixá-lo com ar de besta, de débil mental). Pode ficar em pé porque só falta a consagração. Daqui a pouco haverá pouco prazer e tudo virará uma só cor e um só desenho. Não pense em nada, muito menos na terceira pessoa do plural. Só interessa aqui o absoluto, e o absoluto é a nossa vanguarda. Dispara teu pensamento na direção daquela porta e raciocina como alguém que não está interessado na sua vida. Percebe como aquela mulher com quem tivesse relação não mais anda à vontade? Veja só o sangue e a água que não dão conta de limpar todo aquele pecado. Aproveite este momento inusitado e respire fundo, como se esse fosse teu último ato em vida. Estarás amparado pelos anjos e subirás ao céu em forma de carneiro, nosso bichinho de estimação. Vamos seguir esta trilha, sem percalços, pois nada na vida tem começo, meio e fim. Pertinho de nós aquela estrela indica que a Lua já não faz parte do nosso sistema. A Terra deverá reinar sozinha, deixando finalmente o sol apodrecer cabisbaixo, depois dessa aventura inexplicável de que-

### **3º ATO** O Autor

rer ser o centro no universo. Na Terra reinará, em alguma parte dela, em algum continente, em algum país, uma geração que conhecerá o valor da bandeira, da disciplina, da vontade e do Espírito Santo. Amém! (Blackout)

#### **CENA 4**

*Cena de duas mulheres numa sala de aula. Muito charmosas e irreverentes. Estão no quadro escrevendo.*

**1. ALUNA:** O mundo é rico.

**2. ALUNA:** O Brasil é rico.

**1. ALUNA:** O Paraguai é rico.

**2. ALUNA:** A Serra Leoa é rica.

**1. ALUNA:** Quero sair com o mundo.

**2. ALUNA:** Mundana!

**1. ALUNA:** Será que o Brasil é transável?

**2. ALUNA:** Instável!

**1. ALUNA:** E o Paraguai, pra que serve? Prum casamento legal, pruma transação?

**2. ALUNA:** Contravenção.

**1. ALUNA:** Serra Leoa tem cultura assemelhada?

**2. ALUNA:** Assexuada.

(Entra o professor com o globo terrestre na mão)

**PROFESSOR:** Bom dia. Estudaram bem a lição? Fizeram seus deveres, onde estão seus caprichos... (O professor é fanho ou tem problema de fôlego nas falas. Por exemplo: ele começa falando normal e não consegue ir até

o final no mesmo tom. Fica observando o diário de classe). Estamos indo para as provas finais e nada de vocês melhorarem seus conceitos. (Deparando só com as duas alunas). Sim, onde estão seus colegas, começamos o ano letivo com 25 alunos e hoje só vocês duas? E o restante, todos se julgam sabichões, ou que rumo tomaram? (Pausa). A tarefa de hoje é sobre alguns países pouco conhecidos, como, por exemplo... Serra Leoa, na África, o Brasil e o Paraguai, na América do Sul. (O professor sempre girando o globo)

**1. ALUNA:** Começamos pelo Brasil, teacher?

**PROFESSOR:** Aqui não se fala inglês, moça!

**2. ALUNA:** Moça? Faz tempo, mestre.

**PROFESSOR:** Recomendo que piadas de mau gosto fiquem lá fora!

**2. ALUNA:** O senhor tem algum desgosto, professor?

**PROFESSOR:** Não lhe interessa. Vamos ao que...

**1. ALUNA:** O que mais o agrada no Brasil?

**PROFESSOR:** Quem deve responder são as senhoritas.

**1.e 2. ALUNAS:** Estamos inseguras... somos da geração mais nova, sacou? (O professor, hesitando muito, responde)

**PROFESSOR:** Na verdade, tenho lido sobre esse país... minha filha tem algumas fotografias e um vídeo com imagens do carnaval, é uma festa popular promovida por um consórcio japonês, alemão, americano. Eles têm muito petróleo, mas gastam pouco. Deve ser porque sua costa marítima é extensa e quase toda a população mora encostada ao litoral. Tenho a impressão, pelo que consegui aprender, de que o mais generoso no Brasil fica por conta do seu povo. (As duas caem na gargalhada)

**1.e 2. ALUNAS:** Cruzes, professor, e a Mata Atlântica, a Floresta Amazôni-



ca? (Falam isso com gestos obscenos. O professor não vê)

**2. ALUNA:** Parece que o senhor não vê televisão!

**1. ALUNA:** A reclamação é geral, dos cruzados aos cruzeiros.

**PROFESSOR:** Sugiro que falemos do Paraguai, país encostado no Brasil! (As duas alunas fazem um giro no corpo)

**2. ALUNA:** Fica pra que lado?

**PROFESSOR:** Não importa o lado.

**1. ALUNA:** Minha mãe já esteve lá na lua-de-mel dela.

**2. ALUNA:** Aposto que não tinha aquela ponte que liga o nada a coisa alguma.

**PROFESSOR:** Vocês estão muito irreverentes hoje, como se diz no Brasil... muito saidinhas. Mas voltando a falar no Paraguai... Na lua-de-mel tua mãe voltou impressionada com o quê?

**1. ALUNA:** Não seja indiscreto, professor.

**2. ALUNA:** Diga a ele, vai. Mata a curiosidade dele.

**1. ALUNA:** Com o tamanho do videocassete. (Com o gesto)

**PROFESSOR:** Passemos imediatamente à Serra Leoa. Em que continente fica este país? Qual a sua capital? (As duas mudas). Nunca ouviram falar em Serra Leoa? Qual a semelhança que tem o Brasil com o Paraguai? (As duas mudas. Vão se retirando ao som dos afoxés, e a fala do professor começa a ficar ininteligível). Qual oceano que os banha? É país vizinho da África do Sul? A mortalidade infantil é baixa? Seu povo é alegre? Respondam em um minuto ou estão as duas reprovadas em conhecimentos gerais, suas burras! Querem o quê? Estão pensando que isso aqui é um shopping center, suas pilantrinhas, moderninhas...

## **CENA 5**

*Entra o ator travestido de Chico Xavier, descendo uma rampa. Gestos obscenos e caminhada rápida. Hino do Flamengo. A condução da cena é sem diálogos. O ator travestido se posicionará como se estivesse para gravar um programa de televisão. A cena comportará câmeras, iluminação adequada, maquiadores, muita movimentação. Um padre estilizado está só em cena. O clima final desta cena é de um cabaré, muita fumaça, bebidas, mulheres, etc.*

## **CENA 6**

*Esta cena terá um diálogo do padre da cena anterior e uma freira.*

**FREIRA:** O bispo pede que encaremos com mais seriedade nosso espírito religioso.

**PADRE:** Devemos ir ao presidente da República.

**FREIRA:** Preparemos o concílio.

**PADRE:** Não me dá vontade de ir fazer mais nada para este bispo.

**FREIRA:** Mas ele sabe a bíblia de cor.

**PADRE:** Pede mais dois chopps.

**FREIRA:** Não fica bem para uma mulher e freira pedir bebida.

**PADRE:** Mesmo em outra cidade você tem seus receios e recatos. Aqui ninguém sabe que você é freira!

**FREIRA:** A prudência sempre convém...

**PADRE:** Vamos dançar.

### **3° ATO** O Autor

**FREIRA:** Não.

**PADRE:** Por quê?

**FREIRA:** Você me agarra muito.

**PADRE:** Sempre fui meio taradinho mesmo.

**FREIRA:** Não pode ver um rabo de saia que fica todo...

**PADRE:** Na verdade eu não posso ver é um rabo.

**FREIRA:** Tira o crucifixo.

**PADRE:** Incomoda tanto assim?

**FREIRA:** Tira o crucifixo.

**PADRE:** Onde vou colocar?

**FREIRA:** Aqui, ó.

**PADRE:** Não entra... Pede mais um chopps.

**FREIRA:** Vamos fugir para o Brasil?

**PADRE:** Não... prefiro continuar padre.

**FREIRA:** Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

**PADRE:** No Brasil já tem padre demais, além de ter uma igreja muito avançada.

**FREIRA:** Você não gosta de índios?

**PADRE:** Sim, meu amor!

**FREIRA:** Então aproveita, faz um curso de antropologia e junta sua função de sacerdócio e estudioso.

**PADRE:** Ouvi falar que não existem mais tribos, que a maioria dos índios foi morta ou está na capital, Brasília.

**FREIRA:** Telefone para a Funai.

**PADRE:** Só se você for comigo para o Brasil!

**FREIRA:** Nosso Senhor jamais suportaria essa traição, e lá no Brasil eles dizem que Deus é brasileiro.

**PADRE:** A estas alturas já deve ter se naturalizado paraguaio ou colombiano.

**FREIRA:** Melhor pra ele era se naturalizar albanês, ou qualquer país do Leste.

**PADRE:** Pede uma cachaça,

**FREIRA:** Não estamos ainda no Brasil.

**PADRE:** Mas é pra me acostumar.

**FREIRA:** Você acaba ficando bêbado! Tá falando coisas sem nexo!

**PADRE:** O quê? Sexo? Quero.

**FREIRA:** Não diga isso, estás muito pecador.

**PADRE:** Errada tá a bíblia.

**FREIRA:** Você acaba desempregado.

**PADRE:** Agora com a abertura do Leste, nossos empregos estão garantidos. O SINE tá aceitando inscrição de padres para a Albânia e a Comunidade dos Estados Independentes.

**FREIRA:** Quero que tudo vá para o inferno.

**PADRE:** Eu também? Não, minha nossa senhora, eu te darei o céu meu bem. (Carinhoso)

**FREIRA:** Temos que voltar pra casa.

**PADRE:** Vamos passar antes num motel?

**FREIRA:** Mas, padre Augusto, por que não num hotel?

### **3° ATO** O Autor

**PADRE:** Tô morto de tesão.

**FREIRA:** Mas padre, eu não agüento mais também.

**PADRE:** Que dia é hoje? Domingo?

**FREIRA:** Não! Vamos ter um filho?

**PADRE:** Pra quê?

**FREIRA:** Pra ver se ele peca menos que nós.

**PADRE:** Devolva meu crucifixo. Deixa eu levá-lo.

**FREIRA:** Te encontro depois da missa atrás da sacristia.

**PADRE:** Não posso, amanhã viajo para o Brasil.

**FREIRA:** Sozinho?

**PADRE:** Sim. Quando arranjar um emprego lá, mando as passagens. Até breve, meu amor!

**FREIRA:** Aprenda a língua. Entre na escola!

**PADRE:** Vou para o Parque Nacional do Xingu.

**FREIRA:** Não esqueça as vacinas.

**PADRE:** Tenho medo de injeções.

**FREIRA:** Dizem que não dói. Lá tem as vacinas de múltipla eficácia.

**PADRE:** Dê um beijo nas gurias. Não te mete com padres. Vou pedir exílio.

**FREIRA:** Nós precisávamos casar antes.

**PADRE:** Mando uma procuração.

**FREIRA:** Nós vamos ser excomungados. O papa não vai nos perdoar.

**PADRE:** Quando ele aparecer lá no Brasil, peço-lhe desculpas. No Bra-

sil tudo é mais fácil e desculpável!

**FREIRA:** Que Deus o tenha.

**PADRE:** A nós todos! Vou primeiro procurar algum colégio para ministrar umas aulas de latim. (Blackout)

## **CENA 7**

*Num gabinete do diretor do colégio com três alunos.*

**DIRETOR:** Aqui neste colégio só freqüentam alunos de bem!

**1. ALUNO:** Mas nós não fizemos nada de anormal, apenas faltamos aulas ontem!

**DIRETOR:** O que estavam fazendo?

**2. ALUNO:** O professor de latim deu a maior força para nós. Disse que em seu país todas as festas sempre têm música e teatro. E todos se divertem.

**DIRETOR:** O que vocês têm que fazer é uma atividade mais cívica. E de mais a mais vocês devem ficar sabendo é que não autorizei coisa nenhuma. A festa ficará por conta da direção. Sob a minha, ouviram? (Pausa). Então quer dizer que este padre estrangeiro é que está fazendo a cabeça de vocês? Devo ter uma conversa séria com ele. Aqui no nosso colégio pessoas de outros países não têm direito a nada, a não ser ministrar as aulas e procurar cumprir com seus devidos deveres de mestre. Quem são os alunos que estão participando? Quantos são? Qual é a mensagem da peça? Tem alunos e alunas juntos?

**3. ALUNO:** Tem mulheres e homens, mas é tudo a mesma coisa!

**DIRETOR:** Como a mesma coisa? Deve ter sexo, maconha, cocaína, pois isso vocês conhecem muito bem. (Pausa). Como é o nome da peça, dessa palhaçada que vocês querem fazer? (Silêncio geral)

**1. ALUNO:** O dia em que não veio a menstruação de Dona Leninha.

**DIRETOR** (Sobressaltado): O quê? Resolveram homenagear agora minha esposa, seus marginais, cambada de viciados.

**2. ALUNO:** Nós não tivemos essa idéia, é só para chamar a atenção do público. A peça tem uma mensagem muito séria.

**DIRETOR:** Estão querendo dizer o quê? Que minha mulher não é?

**2. ALUNO:** Mas não fui eu quem sugeri. O nome foi por consenso. Vários opinaram. Mas a peça mesmo é sobre revolução, é uma peça política.

**DIRETOR:** Sim, então vocês deveriam morar em outro país... em Serra Leoa, no Paraguai... Lá vocês poderiam se sentir muito à vontade, falando dessas coisas. (Pausa). Onde vocês estão ensaiando? Devo repetir que, se quiserem fazer o teatro, que façam muito longe daqui, pois está decidido que nesse mesmo horário haverá uma missa campal. (Black-out)

*Sala de um centro cívico. Dois meninos no intervalo do ensaio de uma peça de teatro. Bem moleques.*

**1. MENINO:** Espero que não dê nenhum problema com o diretor.

**2. MENINO:** Eles devem estar passando por maus bocados.

**1. MENINO:** Este diretor é um gorila. Devia é morar em qualquer outro país da América Latina.

**2. MENINO:** Será que ele vem pra cá assistir ao ensaio?

**1. MENINO:** Se a gente tivesse certeza disso, devíamos é tirar as calças na frente dele.

**2. MENINO:** O teu peru é muito pequeno, deixa que eu mostro o meu.

**1. MENINO:** Tu és virgem ainda!

**2. MENINO:** Pergunte para tua irmã, ela sabe direitinho. Comi ela na garagem lá de casa.

**1. MENINO:** (Alterado). E eu comi a tua na sacristia, quando nós estávamos no cursinho para a primeira comunhão.

**2. MENINO:** Seu viadinho!

**1. MENINO:** (Começam a brigar). Viadinho és tu, te quebro a cara de novo. (Aparecem em cena duas meninas e suas mães)

**MÃES:** Parem com essa briga, seus moleques. Eu vou contar pro teu pai. Façam as pazes, já.

**2. MENINO:** Foi ele quem começou.

**1. MENINO:** Mentira, foi ele. Falou que comeu minha irmã na garagem. (Chora)

**MÃES:** Na garagem? É verdade?

**2. MENINO:** E ele disse que comeu a minha na sacristia. (Chora)

**MÃES:** Na sacristia? É verdade?

**MENINAS:** (Chorando). Eu nunca mostrei a minha perseguida pra menino nenhum.

**MÃES:** (Histéricas) Agora parem de chorar e cada um para sua casa. Vão estudar que é o melhor que vocês fazem.

**MENINOS:** Estou com dor de dente, mãe.

**MÃES:** (Puxando as orelhas dos meninos). É só falar em estudar que logo aparece dor de cabeça, dor de dente, gonorréia...



### 3º ATO O Autor

**MENINOS:** Ai, mãe, dói.

**MÃES:** Dói porque você não presta, seu capeta. Além disso, deve estar muito suja. Orelha limpa não dói.

**MENINAS:** Bem feito.

**MENINOS:** Enfia o dedo e tira confeito. (Levam uns tapas das mães)

**MENINOS:** Suas galinhas.

**MÃES:** Quem, eu galinha?

**MENINOS:** Não. Elas, esses piços. (Meninas caem na choradeira)

**MENINAS:** Eles nos chamam de piços e ainda somos nós que apanhamos! A senhora é uma boba... não sabe educar seus filhos. Vou fugir de casa. Vou morar em Garopaba com meu baby, sua tarada. Vou contar para o pai que a senhora está namorando com o... (As mães colocam a mão sobre a boca das meninas e abafam o som. Saem todos)

### CENA 8

*Praça pública. O vento é forte, desfolhando um monte de papéis de cima do banco. Um homem começa a instalar um telescópio. Há curiosos, mas não se aproximam.*

**CIENTISTA:** (Confiante ao olhar no instrumento instalado). Que paisagem exuberante, me lembra alguma coisa da Itália... dos meus antepassados, dos vinhos, da polenta e da azurra. (Aparece uma curiosa, está reticente. Olha)

**MULHER:** Mas poucos acreditam neste aparelho. Ele já foi malvisto pela igreja, e deixou muitas famílias enlutadas. A de Giordano Bruno que o diga.

**CIENTISTA:** (Insistindo com a mulher). Estou absolutamente convencido de que o homem evoluiu. Observe mais.

**MULHER:** (Olhando). Me nego a revelar qualquer coisa que você diz e vê através desse aparelho obscuro.

**CIENTISTA:** Gostaria de provar algo à humanidade. Alguma fórmula ou constelação nova. Penso até que poderia me tornar um cientista conhecido. (Aproxima-se um casal de jovens). Vejam senhores... aproximem-se mais do objeto, examinem... é revelador, totalmente puro.

**MULHER DO CASAL:** Deve estar contaminado de vírus, senhor. Todos mexem nisso!

**CIENTISTA:** Absolutamente, senhora. Apesar de barato e revolucionário, são poucas as pessoas que dele se aproximam.

**MULHER DO CASAL:** O que se vê aí, senhor?

**HOMEM DO CASAL:** (Debochando). Dá para assistir a uma briga de galos?

**CIENTISTA:** Por quê? O senhor está interessado em alguma parte do galo?

**MULHER DO CASAL:** O senhor tem que se habituar a ter boas maneiras, principalmente com os leigos.

**CIENTISTA:** Ouso sugerir à senhora que nada de mau vai lhe ocorrer caso sua curiosidade transcenda a mesquinhês dos ditadores.

**HOMEM DO CASAL:** (Irônico). Sua máquina deve interessar aos socialistas.

**CIENTISTA:** Minha máquina não decide o regime de governo, mas digolhe que não serve aos egoístas.

**HOMEM DO CASAL:** Deve então ser algo próximo dos anarquistas. Escreva aí em baixo: Bakunin vive. (O casal sai ironizando)

**CIENTISTA:** (Tom explicativo). Não existe nada mais natural do que um olhar, um simples olhar. Cheguei cedo ainda nesta praça, mal tinham saído os pri-

meiros raios do sol. Ainda se via a lua toda branca. Ia se apagando na medida em que o sol surgia. Nenhuma nuvem ou avião. Barulhos só dos pássaros e dos galhos secos que pareciam prenunciar alguma dor. Vimos o padre, depois que a missa acabou, com suas poucas beatas. Um casal jovem atravessou a praça e desapareceu carregando um pacote debaixo do braço. Me pareceu que o casal tinha pressa, mas não vimos qualquer ameaça.

Os primeiros padeiros e o farmacêutico abriam suas portas. Nenhuma tensão. Parecia que todos aqui nesta praça eram pessoas tímidas ou calmas. De repente poucos se aproximam desse nosso invento. Acabou a curiosidade ou acabou o quê? Não conseguimos atrair o mais desavisado dos homens, a não ser esse casal que nós não sabemos se está nos entendendo ou está morto. Foi o que pensei em perguntar-lhes. Se estão mortos, não têm o direito de fazer qualquer pergunta, porque ninguém vai dar-lhes a menor das pelotas.

Estou ficando aborrecido, ferido. Preciso fazer alguma coisa! Vou falar com o prefeito, deputado, dentista, sindicalista, enfim... ninguém se debruça. A olhada é de graça e na praça. Quem sabe chega alguém que goste de teatro. Mas os atores que estão desempregados não deverão perder seu tempo olhando para a paisagem. Esse aparelho só deve servir mesmo é para os cientistas. O homem do povo tem outras atenções e preocupações. Que alguém traga uma sugestão. Decerto nem criança temos aqui. Não temos nada melhor para mostrar a essa gente, além do nosso intento e invento. Desgraçados aqueles que fazem a nossa desgraça. (Pausa). É necessário paciência... devo voltar amanhã... mais cedo ainda.

**MULHER:** (Ironizando). Quem sabe junto com as galinhas.

**CIENTISTA:** E traga o seu galo. Se ele não quiser vir, dê-lhe um chute nos bagos.

**HOMEM:** O senhor é um destemperado, mal-educado.

**CIENTISTA:** E o senhor é uma criança, que não tem nada de viva. Deveri-

am lhe dar as chaves da cadeia seu carrasco. (Para outro homem que passa). O senhor não quer ver o novo?

**3. HOMEM:** Estou com pressa, vou comprar ovos.

**CIENTISTA:** Se não encontrar, frite os seus. (Pausa). É sempre assim. Cada qual com sua razão, com suas mentiras e conveniências. (Há uma mulher que passa). A senhora, por favor, venha cá, veja o inusitado. Não discriminamos religião, sexo, idade, cor ou escolaridade.

**3. MULHER:** Vou ao veterinário fazer uma consulta para o meu cachorro.

**CIENTISTA:** Aproveite o receituário para o seu marido. (Pausa). Todos aqui são indiferentes. Não me devem nada e ficam assustados quando lhes dirijo a palavra. Para onde irão esses mortais, além da padaria, floricultura, veterinário e da igreja? Lugar mais estranho, só tem paranho. Vou deixar esse aparelho aqui. Assim, quem sabe a espontaneidade vença o tédio. “Eu sou um escravo dos meus hábitos”, já dizia Galileu. Definitivamente, a perseverança não é uma lei da natureza. Aqui tudo vira retórica.

**4. HOMEM:** Vamos dar comida aos porcos, nessa porcaria. (Saindo)

**CIENTISTA:** O homem aqui não ajuda o homem. Que lugar absurdo! (Susurrando para a platéia). Eu falei surdo? Mudo? (Blackout)

## **CENA 9**

*Som circense. Entra o palhaço da cena 1.*

**PALHAÇO:** Todos nesse momento devem estar pensando que o espetáculo terminou. Não é verdade. Ele tem que continuar, pois até aqui o que se fez foi apenas um laboratório, onde pouco mais de meia dúzia de atores sabi-

### **3º ATO** O Autor

am de antemão o texto. Foi fácil para eles. O difícil é sair desse laboratório. Nós pensamos que tudo isso nos dá um grande prazer... se foi debochado, escrachado, demorado, malcriado... marque, embarque conosco na travessia. Se você sofre de tensão nervosa, bexiga caída, prisão de ventre, diarreia, ejaculação precoce, nós não vamos curá-lo... nosso propósito é um só: continuar o espetáculo. (Blackout)

#### **CENA 10 – FINAL**

*Sugere-se nesta última cena que a poesia seja musicada com a participação do elenco em bloco, ou seja, feita por um ator em forma de poesia “pura”.*

Não tem cobra, nem jacaré  
O gostoso mesmo é quando dá pé  
Pileque é pra se tomar, moleque  
Feijão é pra se comer, João  
Abra esse olho, caolho  
Abra esse olho, caolho  
Eu peço bis, diz  
Se o vento levou o véu  
Sacode a poeira, morena  
Não dê vez ao freguês  
Seja ele inglês, francês ou português

Puxe mais uma  
Cheire bem esse lenço  
Se produza, cruza, abusa  
Que a nossa alma acusa  
Pileque é pra se tomar, moleque  
Feijão é pra se comer, João  
Abra o olho, caolho  
Abra o olho, caolho  
Eu peço bis, diz.

**FIM**



**O que a vida fez  
de mim,  
de nós**





## ***O que a vida fez de mim, de nós***

*Casa modesta, pouca luz, venta forte. Sala vazia, som de música regional instrumental. Folhas velhas e penas de galinha. O casal de irmãos entra em cena sorrateiramente, como se desenhasse uma surpresa aos pais. É uma tragicomédia.*

*A sua Mãe é a esperança encarnada na preocupação com a casa, comida, saudade dos filhos, do único neto, com a falta de chuva e, é claro, com a doença e o futuro de todos os familiares.*

*O Filho, que desde os seus 19 anos está na cidade de médio porte, tem um pequeno comércio. Casado, tem um filho, tipo que leva a vida numa rotina muito grande, quebrada uma vez por ano quando visita os pais. Tem próximo de 30 anos de idade.*

*A Filha, que foi mais cedo para a cidade, trabalha como doméstica, babá, chegando a ser casada com um militar. Hoje é comerciária. Vive modestamente. É mais politizada, inclusive participava em movimentos de igreja, partido político.*

**FILHA** (Chega à casa dos pais e acende a luz. Percebe que pouca coisa mudou em casa. Apenas o fogão a gás mudou de posição e o bule do café de barro é novo) – Mamãe... papai... onde anda esse pessoal?

**FILHO** – Trabalhando... é o que sempre fizeram na vida. Trabalhar, trabalhar e num sábado ou domingo descansar.

**FILHA** – Mas mandamos avisá-los que chegaríamos às dez horas. Sempre nos esperaram.

**FILHO** – Devem chegar logo. Deixaram janelas e portas abertas. Devem estar por perto, em algum vizinho.

**FILHA** – Ou foram comprar alguns mantimentos. Papai deve ter sentido a falta de alguma coisa, ou pode ter ido jogar um carteadão.

**FILHO** – Enquanto esperamos, vamos fazer um café. A viagem foi ruim, e o ônibus demorou mais que o previsto. Deve ser também por causa disso que eles pensam que a gente não viria mais.

**FILHA** – Essa empresa devia colocar uns ônibus mais confortáveis. Afinal, são mais de seis horas de viagem e quase a maior parte em chão de terra batida.

**FILHA** – Papai pediu para chegarmos o mais cedo possível e foi o que fizemos. Vou tomar um banho.

**FILHA** (Com o ar preocupado) – Engraçado, ele nunca falou nisso antes.

**FILHO** – Anda meio aborrecido com a igreja. Contou que não se entendeu com o **PADRE** da última vez que esteve com ele.

**FILHA** – Conversa esquisita essa. Deus me livre. Maus presságios. É católico demais. (Entra o Pai, que vai logo abraçando os filhos)

**PAI** – Como foram de viagem? Pensei que não chegariam mais. Sua Mãe já deve estar chegando. Foi até o posto telefônico.

**FILHA** – Ligar pra quem?

**PAI** – É que o Ernesto foi para o exército e já se passou mais de um mês e não temos notícias dele. Vamos ver se vem neste final de semana também.

**FILHA** – No exército é assim mesmo. Eles costumam penalizar os recrutas sempre que podem. Parece ser uma coisa normal. É bom vocês irem se acostumando com isso.

**PAI** – Sua Mãe está muito preocupada. Às vezes sinto que quer chorar. Digo a ela que ele não foi o primeiro a ir embora de casa. Ela diz que alguma coisa lhe avisa que este não voltará. Deve ser a idade, penso eu, que mistu-

rada com saudade... mas deixamos essas coisas pra lá. E você, minha Filha, como está? Não trouxe sua amiga junto? Estávamos no aguardo. O quarto inclusive já está pronto, esperando por ela.

**FILHA** – Ela não vai vir mais. Quebrou o pé, na brincadeira do recreio, com seus alunos. Vai ficar de molho uns trinta dias, de pernas pro ar.

**FILHO** – E a mamãe sempre pensou assim de nós também. Mas estamos aqui todo ano. Nem que seja para darmos nossos votos de felicidades nesta data de aniversário.

**PAI** (Pensativo) – Não sei bem da razão, mas costumamos valorizar demais essas datas, essas reuniões. Tudo bem, sabemos que precisamos fortalecer esses laços, mas às vezes acho que exageramos. Um dia tudo isso vai virar lembranças. (Amargurado). Sabe que no fundo fico pensando no porquê dessa nossa insistência todo ano. Isso aqui não muda nunca e pior é que parece que já está virando obrigação.

**FILHA** – Absolutamente, papai. A gente sempre está ansiosa para que chegue esta data. O senhor está ouvindo muita gente e não devia. (Alterada). Já lhe disse que devia sair mais, ir mais à cidade, ler jornais, procurar seus velhos amigos.

**FILHO** – Só não dê essas crises suas na frente da mamãe. Ela pode voltar a brigar com você. Lembra da festa passada?

**PAI** – Ela não ficou mais furiosa com você, foi graças ao neto, ao seu Filho. Senão teríamos muita confusão e na certa um começo de desunião.

**FILHO** – Ela pode não perdoar por você não ter trazido o menino este ano. Se você contar o motivo, não sei não. Tens que arrumar uma outra história, porque senão a velha vai ter um ataque na certa.

**FILHA** – Ele quis ficar por lá. A colônia de férias parece que atrai, nesta idade, mais do que esta colônia. Os colegas vão todos pra lá, correm, brincam de futebol, ouvem música, ele gosta muito.

**PAI** (Brincando) – Qualquer dia vão internar a Filha em qualquer colônia também. Tome juízo.

**FILHO** – Falando em tomar, bebamos o quê?

**PAI** – Um licor? De que sabor?

**FILHO** – Pra gente é indiferente. Eu prefiro mesmo é aquela pinguinha da vizinha.

**FILHA** – E a Beatriz, papai, continua com seu sonho de atriz?

**PAI** – Sua Mãe falou que ela arrumou um caso sério. Parece que vai casar.

**FILHA** – Nunca soube o que quer da vida. Gostaria de poder assistir ao seu casamento, seja com quem for e onde for.

**FILHO** – Aquele sempre foi um mistério. Dá pena.

**PAI** (Resignado) – Não sei por que você fala que dá pena da Beatriz. É verdade que ultimamente ela tem errado mais do que acertado. Mas isso é a cruz que ela tem que carregar.

**FILHO** – Certa ocasião me escreveu contando que para breve teria uma novidade para contar.

**PAI** – Parece que o noivo é estrangeiro. Colombiano.

**FILHA** – Tenho uma amiga que diz que colombiano, boliviano, brasileiro, chileno é tudo igual. Estrangeiro pra ela são os suecos, dinamarqueses, holandeses, finlandeses...

**FILHO** – Eu não falo do que não conheço.

**FILHA** – Mas essa amiga é estudada. E mais do que isso, é muito viajada. O marido dela é jornalista. Foi correspondente em vários países.

**PAI** (Pouco ressentido) – Não gostaria de vê-la morando longe.

**FILHA** – Se for bom pra ela, que vá correndo. Aqui ficamos nós, para pegar-

mos as sobras.

**PAI** – Você quer dizer, pegar a rala da mandioca?

**FILHO** – Nem tanto. Não exagera. Já fomos os melhores em muitas coisas. Apenas hoje ocorre que não somos mais reconhecidos.

**FILHA** – Nem por nós mesmos. (Segue olhando-se num espelho grande. Segue o ritual, tateando sua silhueta, seu rosto)

**PAI** – Vamos, vamos sair um pouco. Quero mostrar-lhes o quintal. Tá muito bonito tudo por aqui. Plantei mais frutas; tá um pomar que dá gosto de ver.

**FILHO** – Vamos esperar a mamãe. Deve chegar logo.

**PAI** – Ultimamente ela tem passado mais tempo na rua do que dentro de casa. (Mãe chega com pacotes e cansada). Mas acho bom, pois pelo menos ela se distrai.

**MÃE** – (Abraçando os filhos). Meus filhos. Já quase um ano sem nos ver. (Para a Filha). Sim, e o neto? (Para o Filho). E a Jane, não veio também? Já sei, foi ao médico. Não gosta de viajar. Aquelas velhas e inúteis desculpas. Já fizeram o café? Deixa eu preparar um.

**FILHA** – O Eduardo quis ficar na colônia de férias, mamãe. Mandou um beijão para a senhora.

**MÃE** – Mas tenho saudades dele. Você devia ter trazido ele de qualquer jeito.

**FILHA** – Mas não houve maneira de arrancá-lo de lá. Já é o segundo ano consecutivo que ele vai com seus amigos para a colônia de férias.

**MÃE** – E você? (Abraça novamente o Filho). Não veio de carro?

**FILHO** – Vendi o meu e não tive como comprar outro.

**MÃE** – Trabalhe mais. Acorde mais cedo. Procure atrair mais fregueses.

**FILHO** – Faça isso sempre. E se acordar mais cedo ainda do que estou, não

### **3º ATO** O Autor

terei nem uma hora de sono, com certeza. Mas não posso me queixar. Tô bem de saúde e tenho como vir todo ano aqui. Tá bom.

**PAI** (Olhando os pacotes) – Gastou mais do que o normal. Mas isso não tem nenhum mal.

**MÃE** – Tenho aqui uma carta da Beatriz. Tô louca pra ler.

**PAI** – Falou com o Ernesto? Ele vem quando?

**MÃE** (Triste) – Falei com o sargento e ele me disse que ficará detido por duas semanas.

**FILHO** – Mas o que esse guri fez?

**MÃE** – O sargento disse que ele está muito revoltado. Quis botar fogo na cantina. Foi o que o sargento me disse. Além disso, reclamou bastante da comida.

**FILHA** – Mas isso de reclamar da comida não é motivo de ir para a cadeia.

**MÃE** – O sargento ainda me disse que ele poderia ficar mais de um ano preso.

**PAI** – E nós que pensamos que poderíamos reunir a família, pelo menos uma vez no ano.

**FILHO** – Ano passado faltou só a Beatriz.

**MÃE** – Este ano tem até gente da família presa.

**FILHA** – Ele está detido mamãe, não preso. É um guri também, tem que relevar. É o impulso da juventude, nada mais que isso.

**PAI** – Para nós não há diferença. Ele não está aqui e para mim é grave, me magoa.

**FILHA** – Podia ser pior. Por exemplo: estar preso por ter roubado ou matado alguém. Vocês nunca pensam numa hipótese pior.

**FILHO** – Será que precisamos dramatizar tanto? Daqui a pouco isso vira um teatro dramalhão. Ligamos a rádio. (Liga). Ouçamos uma música. (Puxa a Mãe para dançar)

**MÃE** – Já estou sem jeito, Filho. A coluna está cheia de bico de papagaio.

**FILHO** (Dançando com o som mais alto) – Não importa o jeito, o que vale é o feito. Vamos dançar um pouco. Vai, desenferruja essas cadeiras... assim, dois pra lá, dois pra cá; agora dois prá cá, e dois pra lá. Ficou bonito. Ainda tá boa. Papai precisa levá-la para dançar mais, só quer sair só. A velha ainda tem lenha pra queimar.

**PAI** - Deixa eu ler a carta, já estávamos esquecendo. (Enquanto Mãe e Filho dançam, a Filha e Pai lêem a carta. Fazem gestos que passam a idéia de que estão torcendo para ela. A música e a dança param)

**FILHA** – Gente, a Beatriz vai se casar mesmo.

**PAI** – E é pra já.

**MÃE** – Quando?

**FILHO** – Onde?

**PAI** – Daqui a vinte dias.

**FILHA** – Diz ela que vai ser tudo muito rápido.

**MÃE** – Rápido por quê? Deixa eu ler a carta.

**FILHA** – Mãe, ela já é de maior.

**PAI** – Tomara que tudo saia bem.

**FILHO** – Vamos todos à cerimônia. É a chance dela.

**PAI** – É a nossa chance.

**FILHA** – E nessa data vai coincidir que o Ernesto já estará fora da detenção.



### 3º ATO O Autor

**MÃE** (Botando água na fervura) – Mas não sei se irei. Vocês sabem que ando muito doente.

**FILHO** – Esta festa de casamento vai lhe fazer bem, mamãe. Olhe, vamos poder viajar todos juntos, coisa que nunca fizemos antes. É uma grande e única oportunidade que teremos.

**FILHA** – Como é o nome dele?

**MÃE** – Acho que esqueceu de dizer. (Procurando na carta). Não diz o nome. Estranho isso.

**PAI** – Espero que ele tenha.

**FILHA** – Lógico, não é, Pai? Ela não vai se casar com um jumento. O lapso fica por conta do entusiasmo, da ocasião.

**MÃE** (Ressentida) – Mas pra se casar com aquela... só mesmo um asno.

**FILHO** – Não falemos assim. Pode ser muito bom pra todos, principalmente pra ela. Quem sabe assim ela lembre um pouco mais de nós, de vocês dois, principalmente.

**MÃE** (Possessa) – No mínimo deve estar grávida.

**FILHO** – Hoje em dia fica grávida quem quer, aliás, quem... Existem muitos recursos para evitar. Recursos antes e depois.

**MÃE** – Que Deus a leve, se ela embestar de tirar a criança. Jamais poderia perdoá-la.

**FILHA** – Mas por que ficar criando esses juízos antes de vê-los? Muita paranóia. Nossas cabeças estão cheias de sapinhos, grilinhos. A festa vai estar melhor do que possamos imaginar. Assim, ó, fervendo. Vamos beber mais um trago, mais um licorzinho caseiro. Vai, papai, pegue outro sabor. (Pausa). Alguém de nós sabe o nome da capital da Colômbia? Acho que nenhum de nós. Não é La Paz...?

**FILHO** – Capaz. A gente devia se preparar para conversar com o noivo.

**PAI** – Só quero aprender a dizer sim em colombiano. Pra mim já é o suficiente. Mas vejo sempre na televisão que na Colômbia tem muita cocaína.

**FILHA** (Fazendo gesto) – Aqui também está cheio.

**FILHO** – O rapaz deve ser trabalhador, honesto, como nós.

**MÃE** – Somos os últimos. Mesmo assim nosso Filho mais novo está preso.

**FILHA** – Apenas detido, Mãe. Tem diferença.

**MÃE** – Já falei que pra mim não tem nenhuma. Ah, essa loucura que não vem.

**FILHA** (Como que não escutando a segunda frase) – Mas tem, minha Mãe.

**PAI** – Isso também não quer dizer que ele virou um desonrado, desonesto. Só porque se chama Ernesto. (Com orgulho). Ele ainda será um engenheiro agrônomo. Cuidará de nossas terras; fará produzir mais e melhor; saberá distinguir os legumes ruins dos bons, assim como as verduras, as hortaliças, os licores dos odores. Estou muito feliz e não posso ser diferente na frente da minha gente.

**FILHO** – Mas da última vez que estive com ele, me falou que gostaria de ser pára-quedista. Mudou de idéia?

**MÃE** – Fiz ele mudar. Pára-quedista é profissão para os netos, bisnetos de Santos Dumont, não para os meus. Oh, céus...

**FILHA** e **FILHO** – Onde ele fixou essa idéia de viver no ar, de aventura, de viver com o perigo? Por esses céus nem passa avião.

**PAI** – Deve ser influência da televisão. (Todos vão ao café)

**FILHA** – A imagem aqui é boa, Mãe?

**MÃE** – Pergunte ao seu Pai. Não perde a transmissão de nenhum carnaval. Fica todo agitado.

### **3º ATO** O Autor

**PAI** – Ansioso, nada mais.

**MÃE** – Fica pra ver todos os bailes, até pela manhã.

**PAI** – Não é verdade. Só assisto aos melhores momentos (Faz um gesto simbólico). Depois durmo.

**MÃE** – E delira demais.

**FILHA** (Rompanete) – Gente, vamos fazer um brinde, um aquecimento para a festa. Vivam os noivos!

**FILHO** – Ela será inesquecível.

**FILHA** (No mesmo tom da alegria) – É só daqui a vinte dias e vinte noites.

**FILHO** – Pra mim festa completa têm que estar todos juntos. Não pode faltar ninguém.

**PAI** – É isso mesmo. Só espero que todos os seus filhos ouçam.

**MÃE** – Só gostaria de saber daqui pra frente o que a vida vai fazer de mim, de nós. Às vezes penso só na loucura de todos. Tenho a impressão de que isso é que nos vai salvar.

**PAI** – Não sei da razão de sua preocupação, mulher. Sempre fomos e somos tão pacatos. Nossos filhos estão todos na cidade. O que mais nós queremos? Vive a todo momento com loucura pra lá, loucura pra cá... porra, dá um tempo, meu.

**MÃE** – Mentira, tem um na cadeia. (Sai)

**PAI** – De qualquer maneira, a cadeia fica na cidade também.

**FILHO** – Pai, deixe de brincadeira. A Mãe já falou várias vezes em loucura. Isso aqui está ficando tão estranho. É como se de repente entrassem aqui outras pessoas e pronto, zonearam tudo. (Pausa). Calma. (Entra Mãe)

**FILHA** (Abraça sua Mãe) – Mamãe está muito preocupada. Deixemos que

ela curta isso. Pensemos todos que os próximos dias vão ser só de alegria. Vamos fazer do casamento da Beatriz não apenas uma cerimônia, mas uma grande celebração, um verdadeiro culto à família. Um acontecimento com merecimento.

**MÃE** – Olhando pra vocês, a impressão que passa é de uma rotina absoluta, apesar das últimas notícias da cidade me deixarem intranquila. Vocês não temem nada?

**PAI** – Temer o quê?

**MÃE** – De tudo ficar incontrolável?

**PAI** – Gente, temos que ir preparando a festa. Qual será a nossa roupa? O

**PADRE**, qual vai ser convidado? Será aqui ou na cidade? Prefiro que seja lá, só assim saímos um pouco daqui.

**MÃE** – Se não casar na igreja, Beatriz vai cair na boca do povo e da pior espécie de povo, aquele que vive fofocando, aquele que parece não ter mais nenhuma opção, que vive fuçando desgraças alheias. Parecem porcos com fome.

**PAI** – Temos que avisar a família.

**MÃE** – Já vou avisando ao senhor (Dirigindo-se ao marido) que nada de ir para a zona depois da festa. Senão eu também vou. Pra onde vocês forem eu também vou. Já está avisado.

**PAI** – Ainda é muito cedo para pensar nisso. Pelo menos vamos fazer uma festa de despedida do noivo, não é, meu Filho? Ah, e festa de noivo, mulher não entra.

**FILHO** – A zona daqui já acabou faz horas.

**MÃE** – Seu Pai é que de vez em quando fala em dar umas voltas. No seu tempo de solteiro a gente já sabia onde ele iria parar.

### 3º ATO O Autor

**PAI** – Festa de pobre e de roceiro era ir no sábado para a zona. Não havia mal nenhum. A gente encontrava todo mundo lá. Até casamento saiu de lá.

**MÃE** – E o mundo tá cheio de filhos bastardos, incomodados, tarados.

**PAI** (Num gesto repreensivo aos filhos que estão bebendo) – Vocês param de beber, comam alguma coisa pelo menos. Senão vão ficar alterados logo, logo.

**FILHO** – Vou fritar uns torresminhos que é pra forrar o estômago (Acende o fogo e faz a fritura) e não incomodar o meu trago.

**FILHA** – Que cheiro bom desse torresmo. Vamos aproveitar e fazer uma feijoada bem enjoada?

**FILHO** – Apele pro seu bom senso. Hoje é dia de galinha com polenta bem nojenta.

**MÃE** – Vou sair e telefonar novamente pro sargento.

**PAI** – Aproveita e leve um quilo de alimento “praquele” perebento.

**FILHO** – Mãe, vá até a vizinha e compre uma galinha.

**PAI** – Minha Filha, não dê palpite errado, pois o galinheiro fica aqui ao lado.

**FILHO** – Papai, traga o azeite bem quente. Esta lata tá no fim, do mundo, seu Raimundo. (Abraça o Pai)

**FILHA** – Olhe o que eu trouxe para a senhora, mamãe: um porta-retrato.

**MÃE** – Um porta-retrato falado?

**FILHA** – Um simples local onde a senhora possa colocar sua foto preferida, de preferência sem ferida.

**PAI** – Como a gente é animado, como estamos diferentes. É notória a mudança de um ano pra outro. Imaginamos se aqui estivessem o neto, a nora e os dois filhos. (Pausa)

**FILHO** – Mas que rompante de nostalgia. Só faltou lembrar da titia.

**MÃE** – E os calçados, alguém lembrou? Temos que fazer um casamento sem aborrecimento.

**PAI** – Não vamos nos deixar levar pela mais pura emoção, isso é uma contradição sem razão. Botemos os pés no chão.

**FILHA** – Só a Beatriz, a ex-atriz, para criar uma alteração desse jeito no nosso comportamento. Quanto custa um casamento?

**MÃE** – Vou esquentar o feijão que estava pronto, esperando vocês três de uma vez.

**PAI** – Vou colocar uma música erudita senão a comida fica dita por não dita. (Enquanto os quatro dançam, aparece a Filha Beatriz confessando-se com o Padre. A cena contrapõe o gesto solidário da família pela causa comum. Pano de fundo, uma música de Astor Piazzola, ou Caetano Veloso cantando Mano a Mano. Sai Beatriz, e a família vai ao almoço. Se produzem para tal. As falas dos personagens daqui em diante ficam inaudíveis, só destacando-se a última palavra)

**FILHO** – Passe o arroz com cogumelo, seu Mello.

**PAI** – Não tenho mais pecados do que todos vocês juntos, suas topeiras cidadinas.

**MÃE** – Minha vontade é arrebentar os teus focinhos. Você que só quer pedir mais comida, todos os dias. Vá à merda.

**FILHA** – Tô com saudades de meu filho, seu neto.

**PAI** – Não li mais nada nos jornais, nem um livro brasileiro.

**FILHO** – Meu comércio tá cheio de concorrente malcriado.

**MÃE** – Daqui a pouco tem um jogo que não mais me emociona.

**PAI** – Gostaria que asfaltassem essas nossas estradas para acabar com a poeira, com a lama e a bosta posta.

**FILHA** – Quando voltar, vou levar um presente para esse filho ausente.

**MÃE** – A comida acabou. Vamos todos lavar a louça, me ouça. (Uma voz anuncia que tem um telefonema no posto, para alguém da família). Deixa que eu vou. Primeiro tiro esta touca louca. (Tira da cabeça). Agora vou pronta. Comam a sobremesa que está no quarto. É surpresa essa imensa vida pequena. Sua cor é violeta, puxando para cinzenta. Até que enfim vou sair de casa. Estou confiante. Guardem a louça no armário e depois estendam o pano no varal. (Sai e volta). Vou trazer notícias. Me esperem. A comida tava boa? Não reclamem. Amém.

## **SEGUNDO ATO**

### **O CASAMENTO**

*A Mãe se purifica. Realiza o sonho e é o encontro com a sua verdade. Catarse. É a sua orgia, o carnaval; é a felicidade e seu encontro com o deus da festa, Dionísio. Encerra também a figura da Mãe tradicional, conselheira, de pecadora, de ardilosa. É uma espécie de rebuscar o sentido da vida, da contradição com o seu ser aparente. É a transparência trágico-cômica. O Padre é a esquizofrenia latente. A cena comporta outras alegorias. A família assiste à cerimônia sentada e comportada, aparentemente. O Padre, finalmente, toma seu lugar no altar.*

**PADRE** – Que demora desse noivo, meu Deus! Deve estar trepando por aí, ou então se masturbando.

**FILHO** – Seu Padre, pelo menos a noiva e sua família já chegaram. A bem da

verdade, o senhor também se atrasou um pouco.

**PADRE** – O senhor quer saber o motivo do meu atraso? Quer saber mesmo? Pois eu simplesmente estava cagando. E caguei muito. Uns três quilos no mínimo.

**MÃE** – A continuar com esta sua malcriação toda, seu Padre, nós vamos nos retirar. (Dirigindo ao Pai). Não tinha um outro Padre para casar a Beatriz?

**PAI** – Foram conversar com o que cobrava mais barato e deu no que deu.

**PADRE** – Nada disso. Todos os padres cobram igual. É a tabela, meu senhor. Quer ver? Eu lhe mostro, seu pagão.

**PAI** – Como pagão? Fui batizado na Igreja Católica Apostólica Romana quando tinha 7 anos de idade. Isso que o senhor está dizendo não é verdade.

**PADRE** – Aquele Padre que lhe batizou não era um Padre, mas sim um vigarista.

**MÃE** – Que culpa tem meu marido se a igreja já naquela época não fiscalizava seus padres? Acho que viviam todos bêbados.

**FILHO** – Sem contar que as freirinhas também pouco tinham de censura.

**PADRE** – Mas mesmo assim vou casar sua Filha. Pode ficar descansado. Mesmo não sabendo quem são vocês e quem ela é. Assunto encerrado. (Toma um gole de vinho bem grande)

**PAI** – Minha Filha vai se casar porque eu e minha mulher consentimos.

**PADRE** – E principalmente porque arrumou um noivo. (Entra a Filha “acompanhada” do noivo. O vestido deixa as costas todas de fora)

**MÃE** (Não se contendo) – ... minha Filha!

**PAI** (Não se contendo) – ... minha Filha!

**CORO DA FAMÍLIA** – Beata... beata.... beata Beatriz.



**PADRE** – Agora que já exorcizaram seus demônios, espero que se acalmem e partamos direto para o desenlace. O que me deixa preocupado é o fato da Igreja estar vazia. A não ser a família da noiva, mesmo assim me parece que um filho está detido, preso mesmo, no quartel do exército, por tentativa de envenenar toda a comida do batalhão. Verdade ou mentira?

**FILHA** – Bom se fosse verdade, ótimo se ele consumasse o fato.

**PADRE** (Aos noivos) – Como vão vocês? Certamente se chegaram até aqui é porque estão preparados para a vida a dois. Quero antes tudo (Dirigindo-se a todos) dizer que a comunhão é optativa.

**MÃE** – Eu faço questão.

**PAI** – Eu fecho questão.

**FILHO** – Quem serão as testemunhas. Seremos nós?

**PADRE** – Deus. Deus será a única testemunha. Pergunto: e preciso mais alguém?

**FILHA** – Mas todos somos católicos, por que não podemos? Ou será que tem algum ateu? Compreendeu?

**PADRE** – É só o que falta. Desta forma não deveriam nem vir aqui se casar. Querem saber de uma coisa? Ateu aqui só o meu. (Faz um gesto apontando para o seu sexo). Vamos ao que interessa porque tem gente com fome, não é mesmo? (Dirige-se aos noivos). Você é a Beatriz e o senhor, o Seu Pablo? Idade de ambos.

**NOIVA** – Vinte e quatro completados recentemente.

**PADRE** – E o noivo? Trinta e dois incompletos. Muito bem. Família presente? Da noiva sim e do noivo não? (Grita). Por que não? Qual a explicação?

**FILHA** – Senhor Padre, posso falar uma coisa?

**PADRE** – Se for pertinente, sim.

**FILHO** – Gostaria de fazer uma oração pelos noivos e também pelo nosso irmão que se encontra detido no quartel do exército, porque, segundo dizem, quis infernizar a vida dos outros na hora do almoço. Era pra ele estar hoje aqui conosco, mas...

**MÃE** – Minha vizinha disse que ele deve estar cheirando muita maconha...

**PADRE** – E fumando muita cocaína.

**FILHO** – Ainda há tempo dele chegar para a cerimônia. Não precisa de oração pra ele. Rezamos só para os noivos.

**PAI** – E pelas nossas famílias.

**MÃE** – Esse noivo nem mostrou a cara para a sua família. Devia ter o mínimo de consideração, diria mesmo de educação.

**PADRE** – Desavenças deveriam ser deixadas para fora. Esta é a casa de Cristo, sem risco.

**MÃE** – Mas hoje os inquilinos somos nós.

**PAI** – Deixa Jesus junto conosco, mulher. Prestamos atenção, é o melhor que fazemos então.

**FILHO** – Deixa o Padre acabar com a cerimônia do casamento.

**MÃE** – O coitado nem começou e todo mundo dando palpite, quando deviam ficar calados, cambada de tapados!

**NOIVA** (Agitada) – Isso mesmo, mamãe. Tô com a senhora e não abro. Nem nos casamos ainda, né, Pablito? Te amo tanto que esqueço que estou na igreja. (Tenta beijar o noivo. O Padre a contém)

**PADRE** – A noiva deve ler um trecho qualquer da bíblia.

**NOIVA** (Soltando um gritinho nervoso) – Seu Padre, quem preparou alguma coisa foi minha irmã. Ela é quem freqüentou muito a igreja. Anda, seu Padre, estou ficando nervosa, não vejo a hora de estarmos a sós, não é, Pablito?

Peça pra ela ler. (Puxando a irmã). Vai, leia uma coisa porreta, sua careta.

**PAI** (Intercedendo) – Minha Filha mais velha (aponta) é também do mesmo sangue dessa aí que vai casar. Deixa ela ler, seu Padre.

**PADRE** – Depois o noivo vai ler também o seu trecho. O quê? Não sabe ler?

**NOIVA** – Ele só sabe contar. E o que é suficiente, gente.

**PADRE** – Como casar com um analfabeto em pleno raiar de um novo século. (Para a noiva). Você ficou louca?

**FILHA** – Esse problema diz respeito só à noiva e à sua família, ouviu, Seu Padre?

**MÃE** – E ele ainda nem fez o sermão. Imagina, vai querer saber o número de filhos que os dois terão, a frequência (Faz o sinal de trepar) por semana...

**PADRE** – Chega. Cale-se.

**TODOS** – Como sabe de onde o noivo é?

**PADRE** – A igreja tem sua rede de informantes. É a R.B.F. Isso mesmo. R.B.F. Rede dos Brasileiros Fudidos. E digo mais: fudidos e mal pagos, muito mal pagos. Lixem-se também.

**FILHA** – Acho que a igreja devia ser dirigida por leitões mais meigos.

**PADRE** – Só quem não falou aqui foi o noivo, que é o mais interessado (Faz um gesto obsceno) na coisa. Vou passar a palavra pra ele. Fale, meu filho. Exorciza-se dessa família. Seja você mesmo antes que essas abelhas mal vestidas e mal nutridas te levem ao casulo. Deus te dá a palavra.

**NOIVO** (Interpretado por qualquer outro) – Quero dizer a todos que estou louco para conhecer o irmão mais novo, esse que dizem estar preso. Digo mais, que estou sentindo uma liga meio mágica com esse cunhado. Pode ser coisa da minha cabeça, de eu estar aqui numas, mas que estou botando fé, estou. Não quero falar mais porque senão vou banalizar tudo. Desculpe-

me, ia esquecendo: acredito muito em Deus, na América e nos oceanos que banham suas terras. E viva os deserdados do continente.

**PAI** – O homem é politizado. Tomara que traga uns conselhos para seus fedelhos.

**MÃE** – Esse discurso é antiimperialista. Tô na pista.

**FILHO** – Será que vamos ter um político na família? Um de esquerda. Deve ter ligação com o pessoal do PT, espera pra ver.

**PADRE** – Lembre-se que a igreja é apolítica. (Pausa). Só quando precisamos de algumas reformas, contamos com a generosidade de nossos empresários diários. Que Deus os guardem.

**FILHA** – Seu Padre, retornemos à cerimônia do casamento. Já está ficando tarde e estamos quase impacientes e até mesmo quase já inconscientes.

**PADRE** – Seja pelo pedido da família, seja pela vontade de Deus, casamos os seus.

**MÃE** – Parece que esse religioso agora não vai dar uma de gostoso e vai finalmente realizar a coisa sagrada que tanto me agrada.

**PADRE** – Numa reverência ao nascimento do nosso salvador, porque casar significa vida, tragam seus presentes, mesmo os ausentes, a fim de alegrar e dar boa-vinda aos nubentes.

**FILHO** – Tenho aqui uns...

**PADRE** – Cada qual faz uma declaração no ato da entrega do presente. Diga você. (Dirigindo-se à Filha)

**FILHA** (Com ironia) - Tenho aqui uns coelhinhos de pelúcia, que é para este casal ter muitos filhos e reproduzir a espécie humana, como mandam as escrituras sagradas, que tanto me agradam.

**FILHO** – Aqui está um gravador, que é para registrar o ato sem dor. Trouxe

embrulhado numa toalha branca, que simboliza a paz duradoura.

**PAI** – Isso tá me cheirando a um presente gay, meu Filho. Pensei que irias trazer uma jarra para que o novo garanhão pudesse depositar ali todo o vinho necessário para purificar o sangue que corre em suas veias.

**MÃE** (Surpreendida) – Olhe quem está ali. É o Ernesto. Chegou meu Filho mais novo. Seu Padre, esse é o soldado. O senhor já ouviu falar... venha para cá, meu Filho. Dê um abraço forte. Paramos com esta cerimônia. (Pega o jarro do vinho do Padre). Vamos brindar à chegada do nosso rebento. Sabia que não nos deixaria sem eira nem beira. Agora podemos comemorar e festejar, porque a família está feita e rarefeita. Glória, Jesus. Repetem comigo. Glória, Jesus.

**PADRE** – Assim seja. Podemos reiniciar? O Filho recém-chegado trouxe algum presente ou quer usar este momento para se dirigir aos noivos, quer dizer algumas palavras de encanto, enquanto preparo o momento íntimo desta celebração sem ação?

**FILHA** – O Tinho deve estar cansado. Precisa ir tomar um banho, trocar de roupa, fazer a barba, colocar uma loção, senão pode vir perder a razão. Queria passar esta toalha branca ao Ernesto, mas antes dizer que na nossa família ela representa uma tradição e que agora, nas mãos do Ernesto, é uma forma de mostrá-lo que não existe nenhum ressentimento. (Ernesto cheira a toalha como se estivesse entrando em transe)

**NOIVA** – Meu irmão está com o olfato apurado. Olhe lá.

**PADRE** – Agora que cheirou tudo o que tinha direito, voltamos ao casório.

**NOIVA** – O Ernesto já está sendo treinado para soldado farejador.

**MÃE** – Coitadinho, deve ser a fome. Passou muita lá no Exército. (Abre a bolsa e retira uma espiga de milho). Pegue, meu Filho. Eu não disse, ele está beirando a subnutrição. É este maldito Exército que não poupa filho de pobre, de gente humilde, bem que dizia a finada Matilde.

**PAI** – Você agora vai fazer um discurso político aqui contra as nossas instituições? Já não basta tudo o que aprontamos em relação ao cerimonial? Torço para que não saia no jornal.

**MÃE** – Tudo o que eu disse contra eles ainda não será o suficiente. O mesmo vale para este frade.

**PADRE** – Espera aí, minha senhora: frade não, e sim Padre. São duas coisas distintas e a diferença está na pinta. (Fazendo um gesto másculo de galã ultrapassado)

**NOIVA** – Mãe, peça pro Tinho ir devagarinho para casa. Diz pra fazer as trouxinhas que em seguida irei me despedir dos vizinhos.

**PAI** – O rapaz está sem noção. Entrou na igreja porque viu a porta aberta.

**PADRE** – E deve sair porque a porta continuará assim, aberta.

**FILHA** – As portas das igrejas deviam continuar sempre assim...

**PADRE** – Pelos séculos e séculos, amém. A igreja já voltou ao seu ritmo normal e o resto não faz mal. Ernesto, seja bem-vindo entre os seus e não ligue para o que aconteceu.

**FILHA** – Aquela cervejinha bem gelada te espera na hora em que a luz for apagada.

**FILHA** – Continuaremos contigo, irmão. Nada de mais fizeste, a não ser provocar ira naquele tira.

**MÃE** – O ventre de sua Mãe está atento para qualquer intento, seja seu ou meu.

**PAI** – Palavras de uma Mãe que já gerou filhos e espera desses bacantes que o jantar saia bem antes.

**PADRE** (Aos noivos) – Se depender de mim, a cerimônia está bem encaminhada, só faltando apenas uma leve passada nas últimas orações, com o intuito de lhes preparar seus corações. (Bebe mais vinho)

### **3º ATO** O Autor

**FILHO** – Só o senhor é quem bebe, seu Padre? E nós, simples mortais...? E imorais. Nada mais me convence de que tudo devia se resumir a um só ato.

**PAI** – Ao ato de viver.

**FILHA** – Ao bem viver. Sem dogma, nem pela frente, nem por trás. Pela manhã, de noite, de dia, na privada e na pia.

**PADRE** – Eu, na condição de representante do papa e este no de Deus, exijo uma reserva, neste grande mercado, que é deixar para uma parcela da população, daqueles que queiram desfrutar as delícias das confusões mentais, do odor, da podridão, das trevas, do puro jogo, da parceria, da comunhão, da confusão. É o campo do indiscutível. Quero deixar desde já meu convite a vocês, a esta família tão democrática, que é o antônimo da autocrática. Que pelo menos venham os noivos comigo.

**NOIVA** – É um convite ou um assinte? Casei só para cumprir uma obrigação social. Hein, Pablito, não foi, querido, que tal?

**NOIVO** – Sim, é legal.

**PAI** – Me arvorar no direito de ver o que é bom para minha família. Ainda temos aqui um chefe que sabe o que é bom e o que é ruim. Vamos com calma.

**MÃE** – Você sabia, você sempre soube, nunca mais saberá. Aprenda um pouco neste momento, neste único momento de luz, de lucidez.

**FILHO** – Vou ter pouco tempo para ficar, acho que preciso ir.

**FILHA** – É preciso ir buscar.

**MÃE** – Sempre é preciso buscar. Se o carnaval for amanhã, peça a antecipação. Estamos na igreja, que é lugar de comunhão, assim como a alegoria também.

**PADRE** – Você não vai querer começar o ritual aqui, ou vai?

**NOIVA** – Não seria uma péssima idéia.

**NOIVO** – Todavia, porém, contudo... e o Ernesto?

**NOIVA** – Foi arrumar as trouxinhas. Nem sei se volta.

**PADRE** – Enquanto o Filho não volta, retornamos ao cerimonial de casamento e, como é de praxe, aqui nós comunicamos a quem interessar que a igreja considera, doravante, Pablito e Beatriz como marido e mulher, e ofereçamos um chá como símbolo da felicidade.

**PAI** – Mas chá como forma de felicidade? Explique-se melhor, senhor Padre.

**MÃE** – É mais um dogma. E os dogmas não se questionam. Por favor, sirvam-se deste chá.

**PADRE** – Começaremos pelos noivos. É como manda a tradição. Depois serão servidos os pais.

**FILHO** – Me sirva antes, que preciso comprar a passagem de volta pra casa.

**PADRE** (Serve os noivos e os pais) – Agora é você. (Serve o Filho)

**FILHA** – Compre uma passagem pra mim também. Já estou atrasada.

**NOIVA** – Nós vamos de partida após a festa. Vão conosco, vocês dois. (Reaparece o irmão Tinho). Olha o Tinho de volta.

**MÃE** – Seu compromisso número 1 é com o seu marido. Dê-lhe muito prazer. Tenha muito também, porque o que vem depois é apenas secundário.

**TINHO** – Estou voltando para o quartel, lá pelo menos a qualidade é melhor.

**PAI** – A qualidade. Que qualidade? Onde? No quartel? A do papel?

**PADRE** – Um homem deste tamanho preocupado com a qualidade do papel.

**MÃE** – Tá certo ele. Tá querendo desempenhar melhor o seu.

**PADRE** (Olha o relógio) – Cerimônia longa, a maior de todas.



### **3º ATO** O Autor

**MÃE** – Nada de mais. O que está em jogo é a felicidade de minha **FILHA**, dos noivos. É verdade: estamos todos de partida. Não sei se foi uma cerimônia longa, a maior, como diz o Padre, mas com certeza será a melhor. Hoje não abro mão desta chance que a vida nos deu, me deu. Porque não sei o que ela irá fazer amanhã de mim, de nós.

### **3º ATO**

*Os velhos tomando um café na cozinha. Duas malas na porta da casa. O ritual presente, a vida ausente. Som de viola.*

**PAI** – Nossa Filha Beatriz sempre quis ser uma atriz.

**MÃE** – Acho que foi por causa disso que colocamos, sem saber, o seu nome de Beatriz.

**PAI** – Já falamos um pouco de cada um de nossos filhos.

**MÃE** – Nós esquecemos sempre de nós. Falamos um pouco de nós. Vamos ficando mais velhos e perdemos o gosto por nossas mãos, cabelos, peitos, coxas, pés. Acho que vamos nos tornando inimigos de nós mesmos.

**PAI** – Isso é uma sensação, não pode ser uma verdade. Seria quase sem sentido; por tudo aquilo que construímos, trabalhando duramente, eternamente.

**MÃE** – Agora é como um dilúvio. Estamos de malas prontas para a viagem. Quem serão nossos parceiros nesses quarenta dias e quarenta noites? Se ao menos conseguíssemos um casal de bichos com quem pudéssemos dividir tudo... até as roupas...

**PAI** – ... até as roupas. A vida começa e termina com um pacto. Já li isso e

não foi na bíblia, quero crer. E se fosse, não daria para compreender. Acho que li num jornal.

**MÃE** – A minha cabeça não acredita no que meus olhos vêem. Esse bule de café, duas xícaras e duas malas. E a partida. Nossos filhos prometem coisas que não vão poder cumprir.

**PAI** – Vamos ser mais tolerantes, cumprir nosso dever, nossa obrigação de tornar as coisas mais à vontade.

**MÃE** – Esse apelo é de um Pai muito bondoso que fez um pacto com seus filhos, sem o consentimento da Mãe. Estou nesse momento me sentindo traída.

**PAI** – Você nunca foi traída por ninguém. Vai ver tá querendo me deixar com algo na consciência. Logo agora na hora da viagem? Não há mais tempo para dissimulações ou insinuações.

**MÃE** (Cantarola) – Vamos passear no bosque, enquanto o seu trem não vem.

**PAI** – É melhor dizer, enquanto seu “osc” não vem.

**MÃE** – Vamos esperar por quanto tempo mais? Será um dia, algumas noites ou uma eternidade?

**PAI** – Será o tempo necessário para as roupas ficarem secas e passadas.

**MÃE** – Por que não vamos para outro lugar, longe de tudo?

**PAI** – Você quer dizer abandonar tudo, inclusive nossos vínculos? E nossos filhos, netos e a nossa promessa de ir ao encontro deles?

**MÃE** – Tudo é uma questão de pacto, não é? Gostei tanto que não penso em sair daqui sem fazer um pacto, qualquer um.

**PAI** – Mas você sabe o que vem a ser isso? Pelo menos já ouviu alguém falar essa palavra, o que pode significar na vida de duas pessoas?

**MÃE** – Já. Nosso casamento, nossos filhos, nosso trabalho, acho que isso é um pacto. (Silêncio). Nossa morte pode ser um pacto.

**PAI** (Pausa) – Como assim? Como nossa morte pode vir a ser um pacto? Acho que vai ser um impacto, isso sim.

**MÃE** – Agora é você que não sabe nada do que falou há pouco. Não sabe o que vem a ser um pacto de morte?

**PAI** – Acho que não sei mesmo.

**MÃE** – Será que precisa de alguém para selar um pacto, esse pacto, alguém para testemunhar?

**PAI** – Não sei. Precisa?

**MÃE** – Você não tá pensando em ir até em um de seus filhos e falar sobre isso não, ou está?

**PAI** – Simplesmente nem passa por minha cabeça semelhante assunto.

**MÃE** – Percebo que você não pensou em nada, em assunto algum. Pensar pra você deixou de ser um verbo.

**PAI** (Pausa) – Você está pensando em se matar?

**MÃE** – Pelo fato de sairmos daqui já é um pacto de morte, involuntário, mas é. Queria que ficasse registrado isso em sua memória. Para sempre.

**PAI** – Nossos filhos já saíram faz um bom tempo e ninguém morreu.

**MÃE** – E você não se sente uma pessoa com uma boa dose de impotência. Fale, fale bem aqui no meu ouvido.

**PAI** – Mas é a lei da vida. Uns partem e outros vêm.

**MÃE** – Mas pra cá não vem ninguém. Nesse ano, quem apareceu por aqui? Diga pelo menos um nome da sua família!

**PAI** – Vieram algumas cartas.

**MÃE** – Cartas são prenúncios de muita solidão.

**PAI** – Você tá vendo o esforço que estou fazendo para termos um final de vida mais feliz.

**MÃE** – Sou uma testemunha. Apenas tenho que me convencer primeiro. Sair daqui não é um bom indício. A terra produtiva, essa nossa pequena terra que tanto produziu, deixará para trás apenas uma lembrança. Isso é muito pouco, é insignificante.

**PAI** – Deixaremos para o movimento que luta pelo acesso àqueles que precisam da terra.

**MÃE** – Se isso foi de dentro do seu coração, eu abro mão e doaremos ao movimento. Por que não?

**PAI** – Sei que é um pequeno gesto, mas...

**MÃE** – Você sempre foi uma pessoa muito humilde. Seus gestos são largos demais. Estou orgulhosa de você.

**PAI** – Há bastante tempo que penso assim, só que não tive uma única pequena oportunidade de me expressar.

**MÃE** – E essas malas assim na porta? Estamos esperando o quê?

**PAI** – A partida.

**MÃE** – A iniciativa, você quer dizer?

**PAI** – A viagem, penso que vai ser distante. Pra qualquer lugar, com qualquer tempo. Mas é bom que seja alegre e estimulante. (Black-out. Volta da luz em resistência. Os dois estão num parque de diversões - canoa. Estão se conhecendo naquele momento)

**O JOVEM** – Que divertido, que clima primaveril.

**A JOVEM** – Com você junto, eu perdi o medo. Fiquei mais madura, mais mulher.

### 3° ATO O Autor

**O JOVEM** – Sei que lhe transmito muita confiança. Sou um homem transparente.

**A JOVEM** – É porque você gosta da vida.

**O JOVEM** – Até há pouco tempo, semanas mesmo, eu não teria nenhum motivo para gostar de continuar a viver.

**A JOVEM** – Quer dizer que fui sua tábua de salvação?

**O JOVEM** – Você não foi uma tábua, mas uma floresta inteira.

**A JOVEM** – Eu te amo.

**O JOVEM** – Eu te amo muito.

**A JOVEM** – Não vale adjetivar, só vale amar.

**A JOVEM** – Tem muita gente. Sou tímida, você sabe. Vontade não me falta.

**O JOVEM** – Então deixa comigo. (Avança, no bom sentido). Extravase. Não basta namorar, tem que participar. (Envolve-a)

**A JOVEM** – A gente poderia vir mais vezes nesse parque. Ele é muito bonito, tem várias atrações (Insinua ser ardilosa), emoções.

**O JOVEM** – Você não tá lembrada, mas a convidei muitas vezes pra vir aqui (Insinua ser ardiloso). Você sempre negou. Não sei por quê.

**A JOVEM** – Venha pra mais perto de mim, de nós. Assim, chega mais um pouco pra este lado aqui.

**O JOVEM** – Vou perder o equilíbrio. Posso me acidentar, quebrar o nariz. Quem vai cuidar de mim?

**A JOVEM** – Só assim apressamos nosso casamento. (Beija-o)

**O JOVEM** (Surpreso) – Foi a primeira vez que você falou sobre casamento. Agora não posso mais viver de lamento.

**A JOVEM** – Mas está escrito que nós vamos um dia nos casar. Vai ser o dia mais feliz da minha vida. Pode ficar certo disso.

**O JOVEM** – Onde iremos morar? Aqui na vila, ou na cidade.

**A JOVEM** – Na cidade nunca. Só uma desventura muito grande vai me fazer mudar de idéia.

**O JOVEM** – Que tipo de desventura? Uma aventura não faz mal a ninguém, meu bem.

**A JOVEM** – Um dilúvio, onde teremos que nos refugiar numa barca, igual à estória da Bíblia.

**O JOVEM** – E que tipo de bichos nós vamos escolher para nos acompanhar?

**A JOVEM** – Primeiro quero nossos filhos juntos. E no mesmo plano, você, que será meu leãozinho, meu protetor de tudo e de todos.

**O JOVEM** – E se eu estiver muito velho, com poucas forças ou nenhuma condição de reagir?

**A JOVEM** – A gente faz um pacto de morte. Todos juntos, de preferência de mãos dadas.

**O JOVEM** – É muita ficção para pouca realidade. Já fiz minha opção.

**A JOVEM** – Já sei, vai querer morar por aqui. Diga sim, diga para a minha alegria.

**O JOVEM** – Moro em qualquer lugar, desde que seja com você. Não importa que seja mais abaixo, mais acima, de lado, de frente, de trás. (A cada indicação, corresponde um gesto de ousar mais a relação, o namoro)

**A JOVEM** – Você não percebe que estamos num lugar público, cercados de gente conhecida. Até minha Mãe pode estar nos vendo. Pare com isso, senão acabo com tudo.

**O JOVEM** – Contudo, antes de qualquer decisão sua, quero comprometer mais nossas vidas. Sabe que eu gostaria que a gente se transformasse, agora neste instante, em duas borboletas noturnas, e que ao amanhecer estaríamos em nossos casulos, sob o efeito do sol, que certamente nos brindaria com sua temperatura amena e nos deixaria cheios de preguiça, gostosamente, próprios de nós, seres humanos.

**A JOVEM** – Como você tem lábios. Mas te confesso que o bom era nos transformarmos em um casal de vampiros. E de vampiros desses que capricham em tirar sangue da melhor qualidade. Antes, porém, gostaria de estudar bioquímica, para, ao mesmo tempo em que colher o sangue, ir fazendo os testes.

**O JOVEM** – Seríamos um casal, um casal laboratório noturno. À noite colheríamos o sangue e pela manhã daríamos o resultado.

**A JOVEM** – Justamente. Faríamos o contrário do horário do funcionamento dos laboratórios dos otários de nossa região. Em pouco tempo acabaríamos com a concorrência.

**O JOVEM** – De fato, faríamos ressurgir o interesse por esta espécie em extinção, que são os vampiros. Há muito que se deixou de falar nesses bichinhos, que um dia já foram motivos de grandes pesquisas, de grandes estudos.

**A JOVEM** – Já pensou em ter que trabalhar nossas vidas todas na agricultura, sem o menor estímulo de ninguém? Não agüentaria, eu gritaria.

**O JOVEM** (Pausa) – Mas por que, de repente, esta história de vampiro, de sangue?

**A JOVEM** – Me passou pela cabeça, assim...

**O JOVEM** – Confesse, vai. Você está menstruada, não é mesmo?

**A JOVEM** – Não falo pra você desses negócios. É minha intimidade. Não

precisa ficar sabendo.

**O JOVEM** – Não caso mais com você.

**A JOVEM** – Mas, meu amor, só por causa disso.

**O JOVEM** – Só digo eu. Que mal faz eu ficar sabendo quando escorre um sanguezinho de você?

**A JOVEM** – Nojento, não me fale mais nisso. Não fale comigo sobre isso.

**O JOVEM** – Ficou com raivinha, ficou? Chegue mais próximo. Juro que tudo não passou de um pequeno mal-entendido. Não esqueça de que foi você quem puxou esse negócio de sangue, vampiro. Eu apenas me aliementei de suas idéias, o que, aliás, é um grave pecado pros vampiros: sua matéria-prima é outra.

**A JOVEM** – Vai começar tudo outra vez. Eu saio correndo daqui e você não me encontra nunca mais. Nem no inferno.

**O JOVEM** – Credo cruz, que menina trágica. Nossa conversa começou tão bem nesse parque de diversões e agora parece que está dividindo nossos corações.

**A JOVEM** – Claro, queria conversar como dois adolescentes e você já partiu pra essas coisas de...

**O JOVEM** - ... de vampiro, sangue. Foi tudo você quem começou.

**A JOVEM** – Tudo que falei foi pura poesia. Tá registrado no texto e a platéia bem que ouviu.

**A JOVEM** – Poesia? Só faltou rimar masturbação com coração. Coisa sem nexos, sem...

**O JOVEM** – Sem sexo? (Insinuando). Será que vamos ter que esperar muito tempo ainda? (Tenta inspirar-se). Quantas voltas a Terra terá que dar ao



### 3º ATO O Autor

redor do Sol? Quantas estrelas se esconderão por detrás das nuvens, com algum receio de serem atingidas pelos meteoros?

**A JOVEM** – Só não quero passar por ridícula, por uma menina ingênua, que foi traída por seus sentimentos. (Pausa. Silêncio). As luzes do parque já estão se pagando. É um aviso de que a hora da gente ir embora já chegou. Só quero um dia poder lembrar tudo isso, quem sabe quando formos velhos e tivermos que ir embora de algum lugar, deste lugar.

**O JOVEM** – Se for do parque de diversões, juro que vou lembrar tudo, principalmente se ganhar um beijo agora, aqui, na face, sem disfarce. (Pausa). Me dê um beijo logo, pois estamos felizes. Não importa quem nos aviste e quem achar ruim que despiste.

**A JOVEM** – (Lhe dá um beijo. À medida que vão apagando as luzes, mais intenso vai ficando o clima amoroso entre eles. Reabre o cenário inicial do 3º Ato, quando o casal está de partida)

**MÃE** – Será que a vida não poderia ter nos dado outra chance, ao menos ter nos deixado em paz.

**PAI** – Prefiro falar quando as coisas estiverem assentadas; quando o vento parar de trazer essas mudanças repentinas.

**MÃE** – Nessa nossa idade não dá para se criarem expectativas muito vivas. O máximo é se arriscar ao mínimo.

**PAI** – Façamos de conta que tudo daqui pra frente é uma questão de faz de conta. (Pegando na mala). Esta mala está pesada demais.

**MÃE** – Vou levando só o suficiente para umas três mudas de roupas. Você falou que vamos para casa de nossos filhos. Pouco tenho para onde ir mesmo.

**PAI** – Vamos, o que estamos esperando?

**MÃE** – O ônibus. Nós não vamos de ônibus?

**PAI** – Nós vamos caminhando, até aparecer uma condução. Pode ser o ônibus, uma carona, qualquer coisa.

**MÃE** – É melhor. Só assim posso ir dando um adeus para nossos vizinhos.

**PAI** – Dê um grande adeus a todos. Vamos para o mundo moderno.

**MÃE** – Mas esta é a vida que conhecemos. Você quer recomeçar tudo de novo, pelo visto.

**PAI** – Não quero nada. É a imposição de todos.

**MÃE** – De todos quem? Dos filhos, das noras, dos netos, de quem? Acho que é só tua. Foi tão repentina sua decisão, por quê?

**PAI** – Vamos ficar fazendo o que aqui? Sozinhos, acabando tudo, podemos viver pouco tempo assim dessa maneira.

**MÃE** – E você ainda pensa em viver quanto tempo?

**PAI** – Nós temos tantas vidas quantas eles quiserem.

**MÃE** – Ele quem?

**PAI** – Eles...

**MÃE** – Agora deu pra ficar assim, meio lelé da cuca, falando poucas palavras, me deixando cheia de interrogação.

**PAI** – Chegando lá tenho que arrumar alguma coisa para fazer.

**MÃE** – Faça.

**PAI** – Será que vão me arrumar uma vaga de zelador de prédios?

**MÃE** – Acho melhor uma de maquinista de metrô. Não tem isso lá?

**PAI** – É mais fácil ser zelador. Vou poder dormir todas as noites em casa.

**MÃE** – E eu vou fazer o quê? Já pensaram em alguma coisa. Ou vou ficar dentro de casa esperando de vez em quando alguém bater ou chamar?

**PAI** – Poderias fazer um curso de corte e costura.

**MÃE** – Ótimo, e assim me especializar em consertar cuecas rotas e descosturadas, e você poderia fazer um curso para cuidar de cachorros, de abrir latas, de bombeiro. De bombeiro é bom porque nunca teve medo de altura.

**PAI** – Nós deveríamos, chegando lá, é ver se o clima é bom ou ruim, pois se for muito quente ou muito frio, nós temos uma desculpa para voltarmos.

**MÃE** – O bom é que você tem uma ilusão de que ainda possamos voltar pra cá um dia.

**PAI** – Nem que for para ser enterrado.

**MÃE** – Todo mundo na platéia já sabia que você ia dizer essa frase. Em teatro tem que ser mais criativo, mais original.

**PAI** – Problema do autor. Somos atores e dizemos o que escrevem para nós. A nossa vida daqui pra frente vai ser assim também: vamos fazer o que os outros mandarem fazer.

**MÃE** – Mas nem depois de velhos nós não temos sossego. Acho que depois de certa idade nós poderíamos escolher o texto que quiséssemos.

**PAI** – Falando em texto, quem sabe lá na cidade a gente poderia fazer um curso de teatro e entrar para um grupo. Podemos viajar com a companhia, dar boas gargalhadas, fazer uma peça bem alegre para divertir as pessoas, cobrar ingressos bem baratinhos, não o que se cobra hoje em dia por aí, nesses teatros todos.

**MÃE** – Parece uma criança que acabou de ganhar seu pirulito.

**PAI** – É que já estou incorporando meu novo papel. Nós podemos também ser artistas de circo: palhaços, por exemplo. Um casal de palhaços bem divertidos. Era de matar de inveja a Beatriz, que nunca conseguiu ser atriz.

**MÃE** – Ou então dois loucos. Faremos o texto de improviso todas as noites.

Quem sabe até um dia alguém escreva os textos só pra nós. Teremos um escritor exclusivo.

**PAI** – Enquanto não aparece outro, vamos levando esse aqui mesmo do Ademir, que além de teimoso é um cara insistente. Mas a idéia do louco é boa.

**MÃE** – Mesmo porque se dá bem em todos os lugares.

**PAI** – Temos que cuidar só de um detalhe: não perderemos a razão de nossas vidas. Qual o fim que daremos a tudo isso?

**MÃE** – Daqui a seis meses vamos comemorar nossas bodas de ouro e podemos fazer uma festa e convidar todos nossos amigos, além de filhos, netos. Podemos sair daqui e já ir convidando todo o pessoal.

**PAI** – Todas as idéias são bem-vindas. Juntamos um bocadinho de cada uma e fazemos uma faixa assim: o que a vida fez de mim, de nós. Assinamos embaixo. Eu e você.

**MÃE** – É muita bobagem. (Ouve-se o apito do trem)

**PAI** – É muita coragem.

**MÃE** – Este trem está indo ou está chegando?

**PAI** – Está chegando. Vamos ter que caminhar um pouco mais. (Aumenta o som da chegada do trem. Cada qual vai saindo por um lado do palco, como se se despedindo). Espere, sempre vem alguém conhecido. (O trem vai parando)

**MÃE** – Já esperei minha vida toda pelos outros. Vou caminhando sozinha. Até o fim de minhas forças. Até o limite do horizonte. Boa noite.

**FIM**



# **Terra de Animação**



## ***Terra de Animação***

*A saga de uma brasileira camponesa, arrendatária, que encontra no MST (movimento sem terra) e na alegoria do teatro de animação suas fontes de sobrevivência. Dedico a todas as trabalhadoras rurais brasileiras.*

TENHO FILHOS.  
NASCERAM ENTRE UMA SAFRA E OUTRA.  
O PRODUTO SADIO VIGOROU,  
ESTÁ VIGENTE.  
AQUELA QUE FEZ O PARTO  
DIZIA E DIZ QUE SÓ A LUA E O SOL  
SÃO ETERNAMENTE IGUAIS,  
ETERNAMENTE.

UMA PEDRA  
ESTÁ EM TODOS OS LUGARES.  
NA ÁGORA, NO TÚMULO,  
EM CIMA, EM BAIXO,  
NO CAMPO, NA CIDADE,  
NA VIDRAÇA: É O CÚMULO.

VOU BUSCANDO APRENDER,  
CADA VEZ MAIS ESCAVAR, CRAVAR.  
UM DIA DE SOL, FUGAZ.



CHUVA E ESTRELAS, TRÁS.  
QUEM SABE UM RAPAÇ  
BUSQUE UM SOM PRÓXIMO DA PAZ.

PREFIRO LER UM LIVRO.  
SE TENHO AVÓS? CERTAMENTE TIVE.  
DOM QUIXOTE DE LA MANCHA  
TE PROCURO: QUERO SER SEU PAR.  
ME LANÇA OU LEVE NA PANÇA.  
É UM MASCARADO; SOBE A SERRA,  
PELO ATALHO, COMO ESPANTALHO,  
VEM SEMPRE RECUPERAR A TERRA.

QUE O DIABO É UM BICHO  
ESTIMADO, ANIMADO E ASSANHADO.  
MEU TIO GOSTARIA DE VÊ-LO ENSAIADO.  
ESQUECEU A MÁSCARA TORRENTE, DOLENTE,  
FICOU UM COMUM: UM LEIGO, UM DEUS,  
UM ZEUS, QUIÇÁ SEU PARENTE.

MAS QUANTA RAIZ NESSE TEMPO.  
QUERIA MESMO TRAZÊ-LO, PRENDÊ-LO.  
NÃO QUERIA PERDER A TERRA: O PREÇO,  
O ARRENDAMENTO É UM PENSAMENTO.

JÁ PARTIU-SE A FENDA, FOI-SE.  
NUNCA PENSEI ALÉM DAQUELA CERCA.  
PODERIA SER ETERNA.  
COM ESTA LUVA, ESTA HASTE,  
NA FRENTE, RENTE,  
NO NORDESTE NUNCA FUI MASCATE.

AO LONGE VEJO QUASE QUE  
DIARIAMENTE UMA SOMBRA  
TEM DIAS QUE A GENTE SE SENTE, MENTE.  
AHI UMA COBRA DE VIDRO PASSANDO  
SÓBRIA SOBRE A LAJE: TIRO NO VENTRE.

MINHA MÃO SEGUE A FOTO.  
DE VEZ EM QUANDO É A FESTA.  
PARA QUE SABER DE UM LOUCO?  
QUANDO FALTA LUZ, RELUZ.  
A BESTA FERA CONDUZ.

BUSCAMOS REZANDO, CALADOS.  
TIRAMOS LENÇOS MOLHADOS,  
COLAMOS À TESTA, FESTA.  
É ASSIM O ESPANTALHO.  
PRONTO PRO BOTE,  
NA ROÇA, NO ALHO  
EMOCIONADO BONECO MAROTE.

**3º ATO** O Autor

VIRO AQUILO,  
NÃO QUERO LEMBRAR, QUERO.  
UMA LÁGRIMA, UM MAMULENGO.  
A ALEGRIA DO DIA-A-DIA  
É O VAGALUME TRATANDO  
NA IMENSIDÃO DA MADRUGADA URGIA.

O PRODUTO É O VULTO.  
A FEIRA, COMO QUEIRA,  
BONECOS, BONEQUEIROS,  
PUXAM, ESBRUXAM.  
PRA ONDE INVENTA O VENTO  
LEVANTO O SOM DOS PANDEIROS

UM MEU MENINO,  
QUER PORQUE QUER  
CORRER ATRÁS DA ALMA  
DAQUELE QUE ME EMBRIAGA  
DE BRILHO E DE VIDA CALMA.

POR DETRÁS DO MONTE  
NÃO PRECISA, O SOL SE PÕE.  
VEJO O CHAPÉU, UMA NUVEM,  
POEIRA E CHUVA.  
ARREMESSO O OLHAR  
ENCARO A ENXADA

DECIDO PLANTAR, CONTINUAR  
ANTES DE QUALQUER DÚVIDA.

UMA SANDÁLIA, UMA DÁLIA.  
AS FLORES PROJETADAS  
APROVEITANDO A PRIMAVERA,  
PORQUE O VERÃO, O TROVÃO  
ME BUSCAM, EU BUSCO.  
A PEDRA, O CASCALHO  
A CARROÇA, A PARTIDA  
ME DÁ A IMENSIDÃO DA VIDA.

VOU, MAS VOLTO.  
NÃO SOU MAIS EU.  
QUEM PERDEU?  
DESFIGUREI, VIREI.  
ME PINTARAM, PINTEI.  
SÓ SEI QUE SORRI.  
A BANDEIRA É MEU CAMARIM  
MEU CAMARIM  
É ESTA TRINCHEIRA  
FEITA COM A BANDEIRA.

ESTE PANÔ, CADÊ DONA CANÔ?  
SEU FILHO CANTA, ENCANTA.  
CANTE PARA O MOVIMENTO, NESSE MOMENTO.

TRINCOU, ARRISCOU?  
PERSIGO A CARAVANA,  
QUE UM DIA JÁ CHEGOU  
DE HAVANA, COM GOSTO DE CANA.

PARA ACABAR COM A MURALHA  
QUE ME CEGA A CAMINHADA,  
JÁ NÃO LIGO TANTO A CRUZ.  
PENSO NUM ARIETE,  
QUE CERTAMENTE,  
ATRÓS E SABIDAMENTE  
FARIA UMA GUERRA, UMA FESTA  
CÚMPLICE ESTARIA A MARIONETE.

JÁ QUE AQUI ESTOU, FICO.  
SOU MESMO UMA FILHA  
DAQUELE HOMEM: O ARTÓFAGO.  
COMO SEMPRE PÃO E BRINCO  
COM A MINHA SILHUETA.  
ACABO DORMINDO, SONHANDO  
COM AS RISADAS NO CIRCO  
E NO EMBALO DA SOMBRA  
DO PALHAÇO ZÉ PIRUETA

AGORA DEIXEI DE SER  
NAVEGANTE, ERRANTE.

MESMO ESTRAVIADA, PERSIGO  
OS FIOS DE SUSTENTAÇÃO  
ONDE AS FIGURAS DESSE TEATRO  
SÃO MEUS PARES E  
SABERÃO QUE ESSAS SÃO  
HISTÓRIAS DE ANIMAÇÃO.

MEU TERRITÓRIO, MEU MST.  
CHUPO MANGA, ABACAXI.  
TUDO ISSO É MUITO "BANDADOSO",  
MELHOR QUE TUDO SÓ MANÉ-GOSTOSO.  
JUNTOS FAZEMOS UMA LAGOA DE XIXI.

SÓ QUANDO VEJO A CIDADE  
É QUE CALO, REFUGO.  
CHEGO MESMO A FICAR A NAU  
TRAGO LOGO DE VOLTA  
AS PERNAS DE PAU  
E O BONECO BABAU.

QUANDO O NOVO SENTIMENTO  
SE FAZ PRESENTE, LAMENTO.  
ABRAÇO E ME FAÇO DE LOUCO  
JUNTO MINHA DOR  
AO COMPANHEIRO VENTRÍLOQUO.

### 3º ATO O Autor

SAÍMOS DANDO RISADAS.  
NO NORDESTE, FAÇO, NÃO PEÇO  
UM SUCO DE BERINGELA.  
E LEMBRO DE MINAS GERAIS  
E DO ENDIABRADO BRIGUELA.

EM SANTA CATARINA, PARO  
PENSO NO PROFESSOR NÍNI.  
PUXO, TORÇO PELA MÃO  
VOU LHE DAR DE ANTEMÃO  
UM CAVALINHO DO BOI-DE-MAMÃO.

VEJA MEUS OLHOS.  
BRILHA, ARROJA ESTONTEANTE.  
APESAR DO AÇOITE DO ARAÇANGA  
RUMO BONITO NO HORIZONTE  
TODO ORGULHOSO DO BONECO CALUNGA.

O TEATRO DE ANIMAÇÃO  
TRATOU DE ME INSURGIR.  
DEBAIXO DO LENÇOL, AÇÃO.  
NEM SEMPRE DÁ DE FINGIR.

DE NOITE, DE DIA  
ABRIGO MEUS COMPANHEIROS.  
ÁVIDA NA ALFORRIA

O TEATRO DO MESTRE  
NESTE SEGUNDO SEMESTRE  
QUEBROU MINHA MONOTONIA.

QUISERAM ME TIRAR A TERRA,  
ME FAZER DE FANTOCHE.  
A CLASSE UNIDA BERRA  
TENHO COMO ARMA O DEBOCHE.  
SÓ ME FALTA COMER NO CAMPECHE  
UMA ANCHOVA À ESCABECHE.

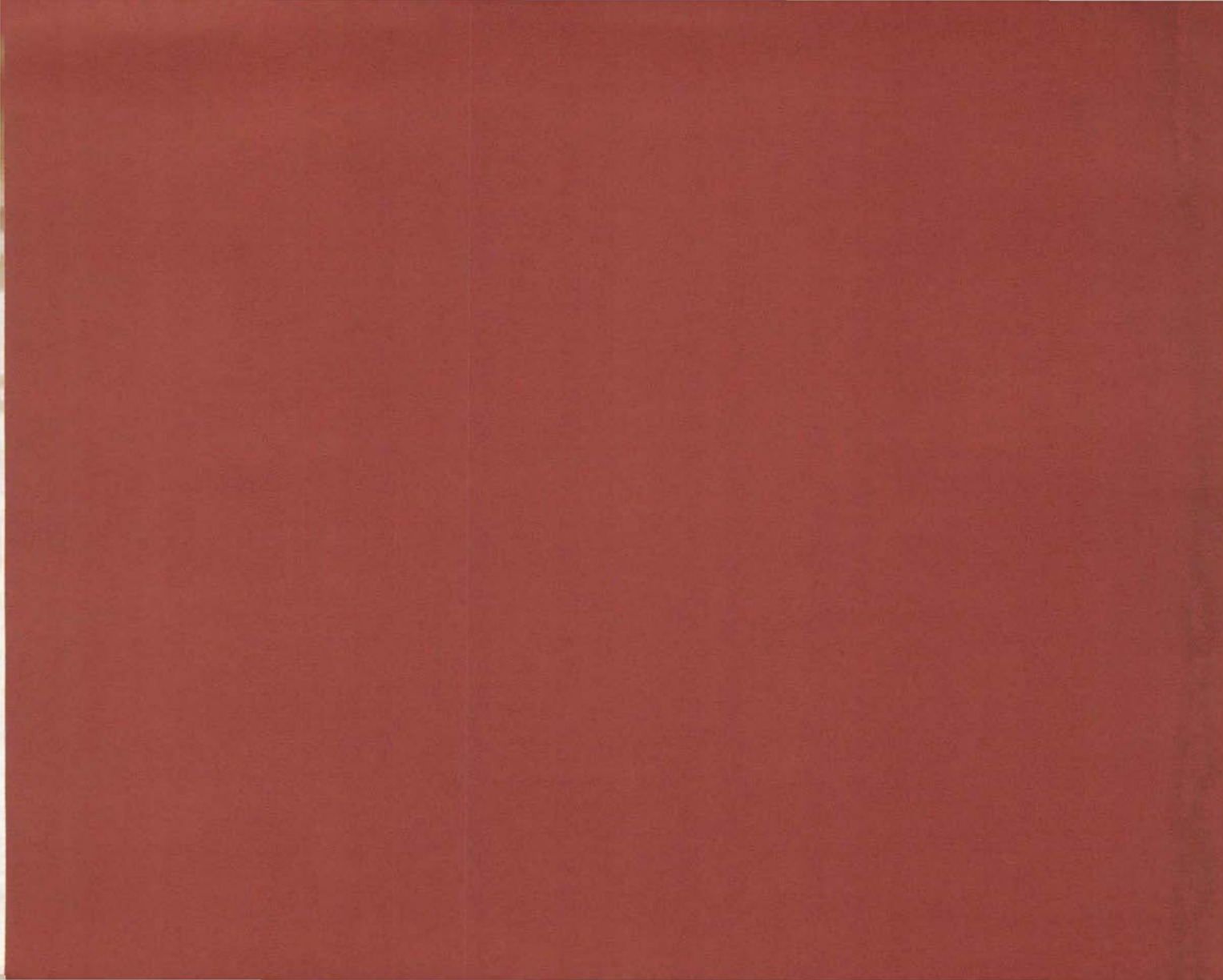
**FIM**





# 4º ATO

**Paixão pela Arte**



## Um ator, muitos personagens

Depois da primeira peça, em 1969, Ademir Rosa não pára mais de atuar, sua grande paixão. Foram 25 peças e seis filmes, tudo registrado numa lista escrita à mão por ele mesmo. Abaixo temos, cronologicamente, o percurso de Ademir no teatro e no cinema.

### Teatro

---

#### **O SANTO INQUÉRITO**

Autor: Dias Gomes – 1969. Direção: Odília Carreirão Ortiga. Grupo de Teatro do SESI/SC.

#### **A CELESTINA**

Autor: Alexandre Royas – 1971. Direção: Luís Costa. Grupo Fórmula Arte.

#### **SEDIMENTAÇÃO MOVEDIÇA DA SOCIEDADE**

Autor: Gelci José Coelho – 1972. Direção: Jason César Carvalho. Grupo Fórmula Arte.

#### **CONTESTADO**

Autor: Romário Borelli – 1972. Direção: Augusto Sousa. Grupo Armação.

#### **ESTÁ LÁ FORA UM INSPETOR**

Autor: J. B. Priestley – 1974. Direção: Jason César Carvalho. Grupo Armação.

#### **QUEM CASA QUER CASA**

Autor: Martins Pena – 1975. Direção: Ademir Rosa. Produção: Projeto Rondon em Campo Alegre - AL.

## **4º ATO** Paixão pela Arte

### **CAMINHO DE VOLTA**

Autor: Consuelo de Castro – 1975. Direção: Augusto Sousa. Grupo Armação.

### **CLITEMNESTRA VIVE**

Autor: Marcos Caroli Resende – 1977. Direção: Augusto Sousa. Grupo Armação.

### **UM GRITO PARADO NO AR**

Autor: Gianfrancesco Guarnieri – 1978. Direção: Paulo Roberto Rocha. Grupo Armação.

### **ORAÇÃO PARA UM PÉ DE CHINELO**

Autor: Plínio Marcos – 1980. Direção: Nelson Santos Machado. Grupo Armação.

### **A IMPORTÂNCIA DE ESTAR DE ACORDO**

Autor: Bertolt Brecht – 1981. Direção: Isnard Azevedo. Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.

### **NÓ CEGO**

Autor: Carlos Vereza – 1983. Direção: Isnard Azevedo. Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.

### **¿QUÉ SE PASA CHE?**

Autor: Carlos Carvalho – 1984. Direção: Isnard Azevedo. Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.

### **CURTO CIRCUITO**

Autor: Timochenko Webbi – 1986. Direção: Isnard Azevedo. Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.

### **INSPETOR GERAL**

Autor: Nicolai Gogol – 1987. Direção: Norton Makoviek . Grupo Armação.

### **OS ÓRFÃOS DE JÂNIO**

Autor: Millôr Fernandes – 1989. Direção: Paulo Roberto Rocha. Grupo Armação.

### **PT 11 ANOS**

Autor: Francisco Veríssimo – 1990. Direção: Ademir Rosa. Grupo independente.

### **O GAMBÁ QUE NÃO SABIA SORRIR**

Autor: Rubem Alves – 1994. Adaptação e direção: Fátima Lima. Grupo A.

### **A ESTÓRIA**

Autor: Ademir Rosa – 1995. Direção: Carmem Fossari. Grupo Pesquisa Teatro Novo / Grupo Armação.

### **KARAKUKERRÁ**

Autor: Mário Santos e Lau Santos – 1995. Direção: Lau Santos. Grupo Neo Bufões.

### **DE NADA, NADA VIRÁ**

Texto de Bertolt Brecht – 1995. Performance com Adriana Rosa, na Galeria do Palácio Barriga Verde / Assembléia Legislativa, durante a Mostra de Pintura Painel/Acrílico sobre Tela do artista plástico Saulo Pereira.

### **ACORDA RAIMUNDO, ACORDA**

Criação coletiva – 1995. Direção Fátima Lima. Grupo A.

### **PIMBA**

1995. Espetáculo Performático. Direção e Roteiro: Fátima Lima e Marcelo Perna. Grupo independente.

### **A SAGA DOS MANÉS**

Autor: Márlío Silveira da Silva – 1995. Direção: Fátima Lima. Grupo A.

### **O TREM DA HISTÓRIA**

Autor: Márlío Silveira da Silva – 1996. Direção: Fátima Lima. Grupo A.

## **4º ATO** Paixão pela Arte

### **Cinema**

---

#### **PRATA PALOMARES**

1971. Direção: André Farias.

#### **PSW - UMA CRÔNICA SUBVERSIVA**

1987. Direção: Paulo Halm/Luiz Arnaldo.

#### **MANHÃ**

1989. Direção: Zeca Nunes Pires/Norberto Depizzolatti.

#### **DESTERRO**

1993. Direção: Eduardo Paredes.

#### **ALVA PAIXÃO**

1994. Direção: Maria Emília

#### **RITINHA**

1995. Direção: Antônio Celso dos Santos.

### **Vídeo**

---

#### **1894 - Um Duelo à Morte em Desterro**

1993. Direção: Raimundo Caruso

### **Televisão**

---

#### **Conexão Catarinense**

Episódio: Vida e Obra de Eglê Malheiros e Salim Miguel.

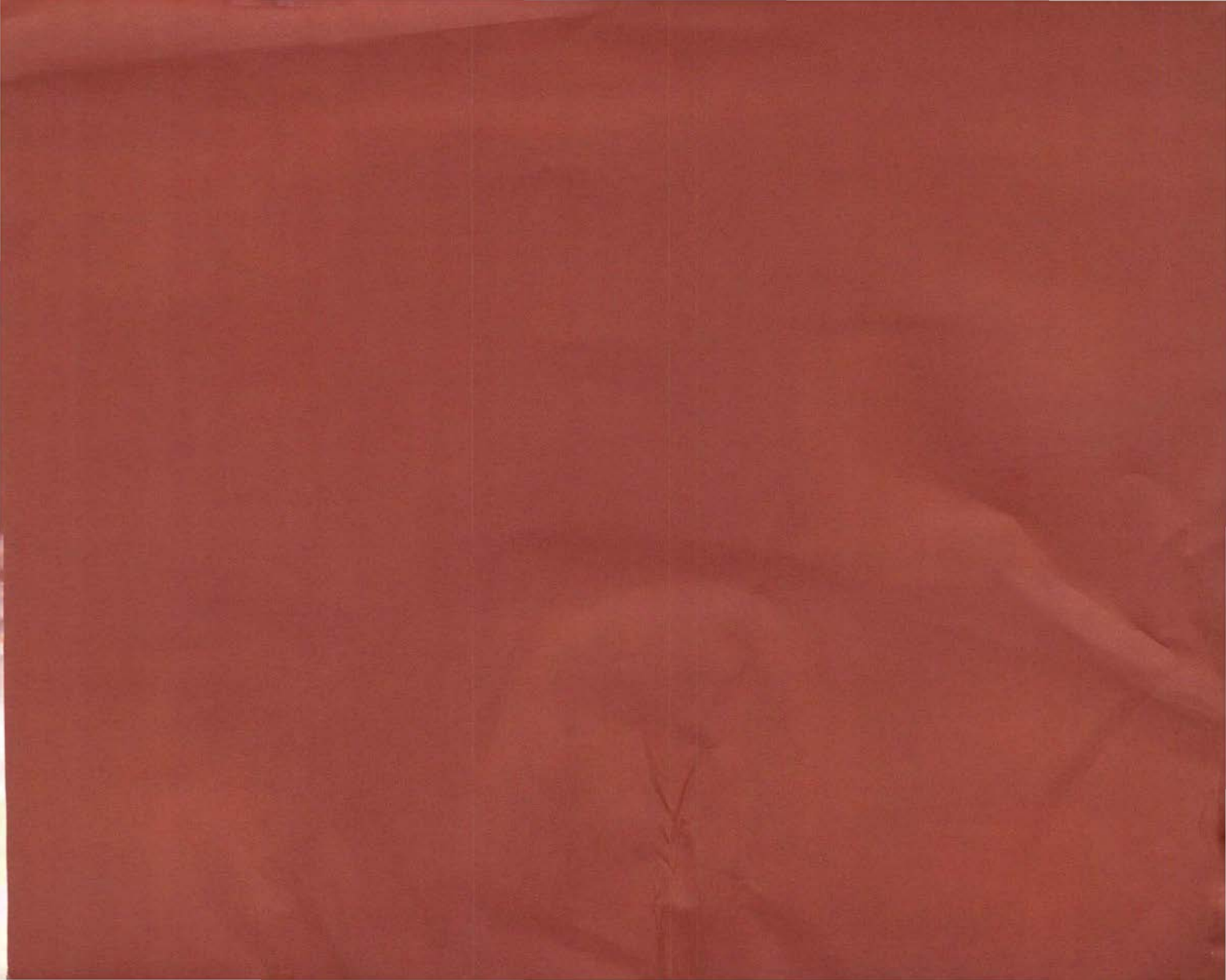
Produção: RBS/TV.

1994. Direção: Maria Odete Olsen

# 5º ATO

**Time do Coração**





## **Na concentração**

Como todo bom jogador, ainda que só na grande vontade de ser um, Ademir não esqueceria jamais da equipe. Estas são as pessoas que escreveram Ademir Rosa – Paixão pela arte, paixão pela vida:

**ANTÔNIO CUNHA** – Diretor de teatro, ator e dramaturgo.

**AUGUSTO SOUSA** – Diretor de teatro e cineasta.

**CARMEN LÚCIA FOSSARI** – Atriz. Diretora de teatro. Roteirista e Dramaturga. Diretora Artística do Grupo Pesquisa Teatro Novo.

**DINOVALDO GILIOLI** – Poeta. Diretor do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis – SINERGIA.

**EDILMA GUIMARÃES ROSA** – Fonoaudióloga e Companheira do Ator Ademir Rosa.

**ÉDIO NUNES** – Ator, Bacharel em Direito e Amigo.

**ELIZABETH FARIAS** – Professora de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e amiga.

**EVE NUNES** – Acadêmica de Jornalismo. Participou de um trabalho de pesquisa sobre o Grupo de Teatro O Dromedário Loquaz.

**FÁTIMA LIMA** – Atriz. Diretora de teatro. Professora do Curso de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

## **5º ATO** Time do Coração

**FRANCISCO VERÍSSIMO** – Autor e ator de Teatro.

**HÉLIO SERGIO SILVA** – Dentista e ex-sindicalista.

**IDELI SALVATI** – Senadora pelo PT/SC e amiga.

**JANINE KONESKI DE ABREU** – Jornalista, especialista e mestra em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

**JOAO PEDRO STÉDILE** – Economista. Coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST.

**MÁRLIO SILVEIRA DA SILVA** – Nascido e criado nos Sacos dos Limões, logo aos 17 anos de idade atravessou as fronteiras da Carvoeira para o mundo através de textos para Teatro. Nesse entremeio, foi que lhe cruzou o caminho a figura inquieta e forte de Ademir Rosa.

**MURILO SILVA** – Professor de Filosofia. Promotor Cultural. Fundador do PT Florianópolis.

**NAZÁRIO BELLI** – Professor.

**PAULO ROBERTO ROCHA** – Arquiteto, autor e diretor de teatro.

**PEDRO UCZAI** – Professor e Deputado Estadual pelo PT.

**PIERO FALCI** – Administrador e ator.

**VAIMOR NÍNI BELTRAME** – Diretor teatral. Professor de Teatro de Animação na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

**ZECA NUNES PIRES** – Cineasta, mestre em História e amigo.

**ZEULA SOARES** – Atriz. Licenciada em Filosofia e Bacharel em Serviço Social pela UFSC. Integrante do Grupo Armação (teatro) e do Grupo de Poetas Livres.

*Ao longo de 2006, foram realizadas algumas reuniões com amigos de Ademir Rosa para relembrar histórias e dar corpo ao livro. Destes divertidos encontros participaram:*

**RONALDO ANDRADE**

**EDSON VIEIRA**

**FLAVIO ROGÉRIO VIEIRA (o psicodélico)**

**PAULO KRIGUER**

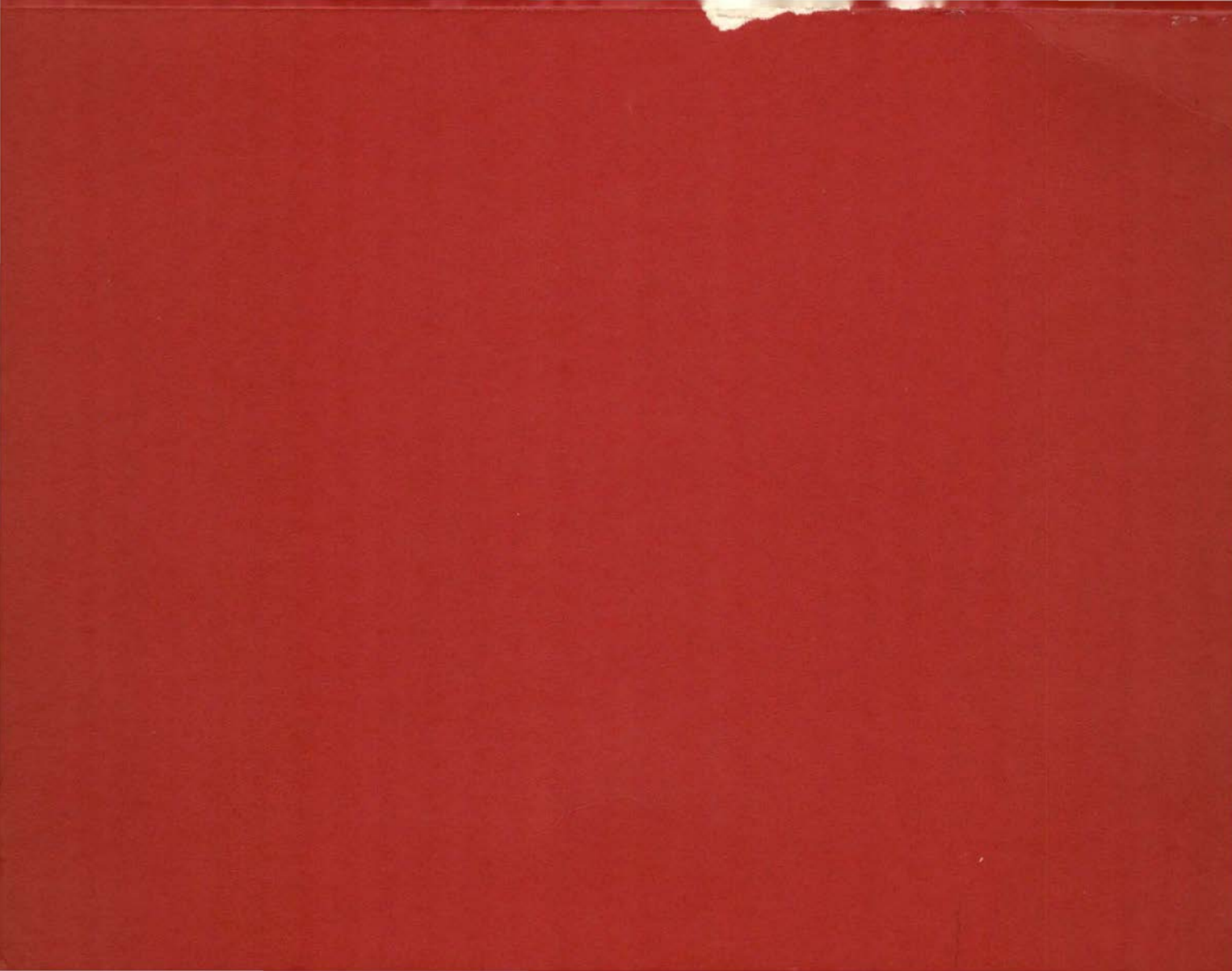
**JOÃO CUSTÓDIO (ZICA)**

**CLAUDETE SEGALIN ANDRADE**

**ARI BELLI**

**JAIME POZI**

Este livro foi impresso em papel  
off-set 75 g (*milo*) e triplex 350 g  
(*capa*) pela gráfica Imprimax.  
As famílias tipográficas são  
Franklin Gothic e Georgia.



Tempo presente. A história de Ademir Rosa exige o uso do tempo presente, assim como um bom texto escrito para o teatro, que, mesmo levado aos palcos em períodos históricos distintos, permanece sempre atual. Este livro é uma construção coletiva que pretende falar de um homem com ideais, sonhos e fé na luta por um projeto de sociedade justa e fraterna que nunca perderão a atualidade. É um livro que não trata da perda, mas da permanência, do carinho e da luta.

Amigo intenso, ator apaixonado, humanista irredutível, militante aguerrido, sindicalista, autor. Filho, irmão, marido, vizinho, medroso, desafiador, bem humorado, filósofo do cotidiano, encenqueiro, defensor da justiça, jogador de futebol do Unidos do Campeche. Vários e um só homem. Ademir está presente. Nem fraco, nem forte. Intenso.



ISBN 856088300-2



9 788560 883004